

Requisito

A FÁBULA ESÓPICA ANÔNIMA:

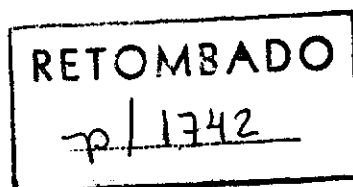
uma contribuição ao estudo dos
"atos de fábula"

71

Maria Celeste Consolin Dezotti

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação da U.N.E.S.P., para obtenção do título de Mestre em Letras (ÁREA DE LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA).

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Moura Neves



0300040122



Araraquara
1988

*A minha professora
Ângela Pezza Cintrão,
mestra por natureza.*

Agradeço à Prof^a Dr^a M. Helena de M. Neves a constante atenção e disponibilidade de que muito me beneficieei durante todo o tempo em que estive sob sua orientação.

Agradeço ao Sr. Rubens Rocha e à sua filha Romana, a solicitude com que se dispuseram a preparar-me a tradução de um artigo do helenista russo Gasparov.

Agradeço, ainda, a todos os amigos que, nos muitos momentos de dificuldades, me socorreram com seus préstimos.

ÍNDICE

página

INTRODUÇÃO.....	1	
<u>Primeira Parte: A FÁBULA</u>		
I. UMA VISÃO DA CRÍTICA DA FÁBULA		
1. Aristóteles e os retores.....	8	
2. Lessing.....	13	
3. Grimm.....	14	
4. A crítica do século XX.....	16	
5. Estrutura e função na descrição da fábula.....	34	
II. A FÁBULA E O DISCURSO		
1. O componente pragmático do modelo de Suleiman.....	37	
2. O componente metalingüístico do modelo de Lima.....	41	
<u>Segunda Parte: AS FÁBULAS ESÓPICAS ANÔNIMAS: A FALA NA FÁBULA</u>		
I. OS EPIMÍTIOS DAS FÁBULAS ANÔNIMAS.....		46
1. Estruturas discursivas do epimítio.....	48	
2. Fórmulas introdutoras de epimítio.....	54	
II. A FUNÇÃO COESIVA DAS FÓRMULAS METALINGÜÍSTICAS.....		59
1. O modelo de coesão textual proposto por Halliday & Hasan.....	60	
2. Marcas lingüísticas de coesão textual das fórmulas introdutoras de epimítios.....	70	
2.1. Marcas de referência e de coesão lexical.....	71	
2.2. Marca de referência.....	74	
2.3. Marcas de conjunção.....	76	
2.4. Marcas de elipse.....	86	
2.5. Um caso particular: Ch 210.....	91	
3. O estatuto paradigmático do epimítio.....	92	
III. A FÁBULA ANÔNIMA E O FABULISTA		
1. A dimensão ilocutória da fábula.....	95	
2. Estratégias de manipulações discursivas.....	98	
<u>Terceira Parte: AS FÁBULAS EM SITUAÇÃO</u>		
FÁBULAS EM SITUAÇÃO: A PRÁTICA DA FÁBULA.....	107	

	<u>página</u>
1.Hesíodo.....	108
2.Homero.....	111
3.Heródoto.....	114
4.Aristófanés.....	117
5.Platão.....	119
6.Aristóteles.....	120
CONCLUSÃO.....	124
BIBLIOGRAFIA.....	132
APÊNDICE	
1. <u>Corpus</u> de fábulas esópicas anônimas	138
2. Anexos	215

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende ser uma contribuição ao estudo das fábulas esópicas anônimas, vistas como testemunho de um estágio da história da fábula grega.

O estudo do gênero fábula, do ponto de vista de sua dimensão discursiva, é extremamente instigante, justamente porque a fábula já traz explícito, em seu próprio nome, o seu estatuto de enunciado, de fala (Lima, 1984: 61).

No capítulo "A Origem dos Gêneros", Todorov (1980: 46) afirma que os gêneros se originam, simplesmente, de outros gêneros. O alcance de tal afirmação se apreende quando se verificam os diferentes significados com que se emprega o termo "gênero" naquela formulação. No primeiro emprego, "gênero" está por "gênero literário"; no segundo, o significado do termo se alarga para abranger os "gêneros do discurso".

Todorov define gêneros como "classes de textos" e estabelece, como sinônimos de textos, discursos, atos de fala. Os gêneros discursivos, segundo ele, existem, numa dada sociedade, como instituição, responsável pela codificação de propriedades discursivas que funcionam como normas a que se submetem a produção e a recepção de textos por parte dos indivíduos que pertencem a essa sociedade. Assim, "um gênero, literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas", conclui Todorov (1980:48).

Como noção operacional, Todorov propõe que se chamem de gêneros apenas as classes de textos que foram percebidas como tal, no decorrer da história. Com isso, ele declara estar concedendo mais importância ao estudo dos gêneros históricos, do que ao estudo dos gêneros teóricos. Isso porque ele entende que os gêneros históricos são gêneros teóricos, mas a recíproca não é necessariamente verdadeira. Em consequência dessa postura, ele inclui o estudo dos gêneros no domínio dos estudos do discurso, abolindo, assim, o que ele considera um falso critério de delimitação de campos de investigação lingüística: a oposição entre literatura e não-literatura.

2

Todorov aponta como um dos fatores que testemunham o agrupamento de textos em classes, isto é, em gêneros, o próprio discurso sobre os gêneros, discurso metadiscursivo, cujo modo mais simples de realização são as denominações que se criam para essas classes. Caberia, pois, ao estudo dos gêneros, examinar esses testemunhos e detectar as propriedades discursivas que são comuns aos textos que integram tais classes.

Vistos como "codificações historicamente atestadas de propriedades discursivas", os gêneros funcionariam como "horizontes de expectativa" para leitores de uma comunidade, e como "modelos de escritura", para seus escritores.

Como explicações para a sistematização dos gêneros, Todorov arrola três possibilidades: i) os gêneros coincidiriam com atos de fala que também têm existência não literária, como a prece, por exemplo, que coincide com o ato de fala "rezar"; (ii) os gêneros codificariam propriedades discursivas como o fariam quaisquer outros atos de fala; um exemplo dessa possibilidade seria o soneto; e (iii) os gêneros derivariam de atos de fala mediante um certo número de transformações ou amplificações; é o caso do romance, derivado a partir do ato de contar (1980:52).

São essas colocações de Todorov que norteiam esta dissertação, pois ela pretende estudar a fábula esópica anônima como testemunho histórico da sistematização de um gênero, correspondente a um tipo de ato de fala que teve existência não literária na Grécia Antiga e que continua existindo até hoje.

Cabe ressaltar, desde já, que não está entre as preocupações deste trabalho discutir questões referentes à condição "literária" das fábulas anônimas, nem tão pouco proceder a uma avaliação estética das mesmas. O que se pretende é explorar, por meio de uma abordagem lingüística, os expedientes lingüísticos que elas empregam para explicitar a sua condição de "discurso", de λόγος, que, por sua vez, se particulariza como "fábula", como μῦθος.

Grande parte dos estudos que se fizeram sobre a fábula anônima, com vistas a descrever as características comuns aos textos que foram agrupados sob o título de Fábulas Esópicas - Αἰσώπου μῦθοι —, centra-se na análise dos textos narrativos que compõem essas fábulas. Haja vista a grande variedade de tipos de narrativas que esses textos realizam, torna-se impossível, só pelo exame dos esquemas narrativos, encontrar um denominador comum que justifique o agrupamento de tais textos numa mesma classe. Geralmente, constatada a variedade, só resta excluir da classe os textos que por ventura se desviam do que se estabeleceu, previamente, como norma.

O maior ou menor sucesso no estudo das fábulas esópicas anônimas depende, fundamentalmente, da importância que se concede, na descrição dos textos, ao que já os antigos retóricos denominavam promythium ou epimythium. Com esses termos, eles nomeavam a moralidade da fábula, usando o primeiro, caso ela se encontrasse colocada antes do texto narrativo, e o segundo, caso ela viesse depois dele. Promítios são freqüentes nas fábulas de Fedro; epimítios, por sua vez, são a forma de moralidade preferida pelas fábulas anônimas (1).

Estudos recentes reconhecem, por meio de evidências lingüísticas, a "venerável antigüidade" do epimítio (Nøjgaard, 1964: 502). Contudo, ele não tem recebido a atenção devida como componente sistemático da fábula anônima. E, por mais que se tente desconsiderar sua função constitutiva do gênero, uma hora ou outra a análise exige que se lance mão dele para explicar a condição de fábula de certos textos narrativos.

Suleiman (1977) é a primeira a afirmar que as "narrativas exemplares", entre as quais ela insere a fábula, se constroem com base em um verbo ilocutório: "demonstrar". Ao construir um modelo de base que explique o funcionamento dis-

(1) Optou-se pelo aportuguesamento dos termos latinos promythium e epimythium, em promítio e epimítio, respectivamente, dada a freqüência com que esses termos, sobretudo o segundo, vão aparecer neste trabalho.

cursivo dessas narrativas, ela prevê um esquema discursivo em que se articulam três discursos, dispostos hierarquicamente: um narrativo, o mais inferior, um interpretativo, e um pragmático, o mais alto da hierarquia, por meio do qual o destinatador da fábula apresentaria ao destinatário (leitor/ouvinte) uma injunção, uma regra de ação, extraída do discurso interpretativo.

Nas fábulas esópicas, discursos interpretativos e discursos pragmáticos se explicitariam no epímítio. Logo, é necessário considerá-lo, na organização discursiva da fábula, tão importante quanto o texto narrativo, pois ele seria o espaço onde as propriedades discursivas do gênero se concretizariam, lingüisticamente, por meio de enunciados.

✓ A sugestão do modo como se abordarão, neste trabalho, as marcas lingüísticas do epímítio, responsáveis pela explicitação do estatuto discursivo da fábula anônima, obteve-se no artigo de Lima (1984). Neste artigo, ele mostra que a fábula exibe sua condição de fala por meio de enunciados metalingüísticos, explicitados no promítio ou no epímítio. Esse enunciado metalingüístico seria o responsável pela articulação do texto narrativo com o texto moral. São essas observações que determinaram o traçado de percursos que esta dissertação vai seguir, na análise dos epímítios. ✓

O ponto central deste trabalho é o exame lingüístico dos tipos de enunciados metalingüísticos usados pelas fábulas anônimas. Tomar-se-á o discurso metalingüístico como a instância discursiva que institui a condição de fábula para um texto narrativo. Assim, como bem observou Schaeffer (1985:357), as coleções de fábulas anônimas, tão heteróclitas se consideram apenas quanto ao tipo de texto narrativo que apresentam, sustentariam uma unidade devido a "um contrato de gênero fundado no modelo de prática discursiva "fábula". Tal colocação sugere que se confronte, em etapa posterior, a fábula das coleções anônimas com a fábula aplicada a uma situação discursiva, tal qual aparece no interior de numerosas obras da literatura grega representantes de outros gêneros, para que se verifiquem

transformações que a fábula sofre quando passa da condição de prática discursiva para a condição de gênero literário. ✓

Seja como prática discursiva, seja como gênero literário, pretende-se mostrar que fábulas são discursos que se realizam em enunciados que se servem de narrativas marcadamente performativas. Parte-se do princípio de que a fábula é um enunciado que, como outro qualquer, representa um ato de fala. Dado, porém, o modo especial como esse ato de fala se realiza, pode-se dizer que tal ato constitui um ato de fábula, pois não se trata de uma fala qualquer, mas de um tipo específico de fala: uma narrativa.

Esta dissertação não pretende, de modo algum, esgotar as discussões sobre a fábula. O que se pretende é tão somente desenvolver um pouco mais o estudo do epimítio, como forma de se explicar alguns mecanismos discursivos que caracterizariam a fábula enquanto gênero literário.

Num primeiro momento do trabalho, faz-se uma apresentação de uma seleção de considerações teóricas sobre a fábula, tecidas desde a Antigüidade até o presente século, dando-se destaque aos pontos que interessam de imediato à análise que se vai desenvolver neste trabalho. A seguir, apresentam-se dois trabalhos recentes, o de S.Suleiman e o de A.D.Lima, que abordaram a dimensão enunciativa da fábula, tratada como discurso, ato de fala. Muitos dos resultados a que esta dissertação chegou constituem um aprofundamento de observações feitas por esses dois trabalhos.

Numa terceira etapa do trabalho, passa-se para o exame dos epimítios das fábulas das coleções anônimas, tais quais estão apresentadas por Chambry, em sua Edição Minor. Examinaram-se os epimítios de todas as fábulas dessa edição, buscando-se identificar, neles, as expressões lingüísticas do discurso metalingüístico, apontado por A.D.Lima como o discurso que articula o texto narrativo com o texto moral. O discurso metalingüístico recebeu, nesta dissertação, dois tipos de análise: um, mais detalhado, em que se procurou detectar e identificar as marcas lingüísticas de coesão textual que ligam o texto narrativo ao texto do epimítio; e outro, mais breve, em

que se examinam as formas lingüísticas performativas do enunciado métalingüístico. Para o primeiro exame, seguiram-se os princípios de coesão textual sistematizados por Halliday & Hasan na obra Cohesion in English (1976); para o segundo, seguiram-se as observações sobre os atos de fala feitas por Austin na obra How to do things with words, consultada em tradução francesa (1970). Como resultado de tais exames, pôde-se chegar a um conjunto de características da fábula enquanto gênero literário que se expressa por um determinado tipo de texto.

Complementou-se o estudo da fábula com um exame de dez textos que funcionam, no interior de outras obras da literatura grega, como fábulas aplicadas a uma determinada situação discursiva. São textos encontrados em Homero, Hesíodo, Heródoto, Aristófanes, Platão e Aristóteles. Muitos deles são considerados, pela tradição, como fábulas. Outros, porém, tiveram de ser considerados como tal, em virtude dos resultados obtidos nos exames mencionados acima. Tomando-se tais textos como documentos do uso da fábula, na cultura grega, como "prática discursiva", foi possível chamar a atenção para o fato de que a prática da fábula devia abranger, nessa cultura, uma variedade muito grande de situações comunicativas que o exame da fábula das coleções, por si só, não permitiu suspeitar.

Acompanha o trabalho, como apêndice, o corpus de 70 fábulas anônimas que documentam os múltiplos aspectos da organização discursiva da fábula, comentados nesta dissertação. Apresentam-se, de cada uma delas, o texto grego e a tradução portuguesa. Anexaram-se, ainda, no apêndice, os textos gregos usados no estudo da fábula aplicada.

As conclusões apresentadas por esta dissertação não pretendem ser definitivas. Muitas delas constituem constatações que sugerem novas pesquisas. Tem-se consciência, também, de que muitos dos resultados obtidos se tornariam mais abrangentes se se examinassem as diferentes versões das fábulas anônimas apresentadas por uma edição crítica. Por ora não foi possível fazê-lo.

Já se disse, no início desta introdução, que o estudo da fábula é extremamente instigante, pois ela representa,

de certo modo, a institucionalização de uma prática discursiva fundada no que o homem tem de essencial: a dimensão poética do discurso. Por isso, é facilmente compreensível que tal estudo seja, por sua natureza, infindável, haja vista a riqueza de reflexões que cada etapa vai sugerindo. Há um momento, porém, em que é preciso interromper as investigações e trazer a público os resultados parciais obtidos, para que se possa, com o amparo de sugestões e críticas recebidas, continuar o caminho em busca de novas descobertas. É com esse espírito que se apresenta esta dissertação. E espera-se que a coragem que se teve de fazê-lo não tenha sido em vão.

1ª PARTE - A FÁBULA

- I. UMA VISÃO DA CRÍTICA DA FÁBULA
- II. A FÁBULA E O DISCURSO

I. UMA VISÃO DA CRÍTICA DA FÁBULA

A história da crítica da fábula se compõe de dados antiqüíssimos. Remonta aos próprios gregos do século IV A.C. A partir daí, não deixou, até hoje, de receber contribuições. Por isso, é importante deixar claro que não se pretende, aqui, chegar à exaustão no exame dessas considerações teóricas já elaboradas. Pretende-se tão somente comentar as mais importantes e de maior interesse para as preocupações deste trabalho.

1. ARISTÓTELES E OS RETORES

As primeiras considerações tecidas sobre a fábula, na Antigüidade, se encontram na Retórica de Aristóteles. Nessa obra, Aristóteles menciona a fábula (1), a que ele se refere com o termo λόγος, quando explora os vários tipos de provas persuasivas.

O fato de Aristóteles ter tratado da fábula em uma obra como a Retórica já deixa entrever que, para ele, a fábula é um componente da arte retórica, arte que torna os homens competentes para "questionar ou sustentar uma tese, defender-se ou acusar" (1354 a,5). Enquanto arte, τέχνη, sua função própria não é persuadir, mas descobrir os meios de persuadir que comporta cada assunto (1355 b,10). Esse fator de persuasão se relaciona diretamente com as provas. Destas, umas são "não-técnicas", ἄτεχνοι, pois independem da arte; são apresentadas pelos testemunhos, escritos e confissões, que são apenas utilizadas pelo orador, sem que dependam de sua habilidade para constituir-se como tal. Outras, porém, são "técnicas", ἐντεχνοι, isto é, dependentes da arte do orador, que as inventa (1355 b). As provas técnicas, por sua vez, subdividem-se

(1) Fábula é o termo que também se usa, tradicionalmente, para traduzir μῦθος, empregado por Aristóteles na Poética (1450 a), para nomear a "composição" ou a "trama" das ações, que, para ele, constituía o princípio e a alma da tragédia.

em três espécies: i) as que dependem do caráter do orador; ii) as que dependem da disposição em que é colocado o ouvinte; e iii) as que dependem do próprio discurso, "porque ele demonstra ou parece demonstrar" (1356 a). Neste último caso, demonstra-se o verdadeiro, ἀληθές, ou o que parece sê-lo, o verossímil, φαινόμενον, daquilo que cada assunto comporta de persuasivo (1356 a,20).

As provas que procedem pela demonstração real ou pela demonstração aparente são as seguintes: a indução, o silogismo e o silogismo aparente. Estes termos, próprios da Dialética, encontram seus correspondentes na Retórica. Assim, o exemplo retórico, παράδειγμα, corresponde à indução, e o entimema, ao silogismo. Exemplo e entimema são, segundo Aristóteles, os dois únicos meios de produzir persuasão de que dispõe o orador. Contudo, eles não se equivalem no uso, pois Aristóteles considera que os discursos que demonstram por meio de exemplos são convincentes, enquanto os que o fazem por meio de entimemas são mais aplaudidos (1356 b).

É de especial interesse para este trabalho o que Aristóteles diz especificamente sobre o exemplo. Este, segundo Aristóteles, não apresenta relações nem da parte com o todo, nem do todo com o todo, mas somente da parte com a parte, do semelhante com o semelhante, quando ambos pertencem ao mesmo gênero, mas um deles é mais conhecido que o outro (1357 b, 25). Logo, a caracterização que Aristóteles faz da indução — princípio de raciocínio que consiste em "apoiar-se em vários casos semelhantes para demonstrar que se trata do mesmo caso no presente" —, pode ser aplicada ao exemplo, já que, como ficou dito antes, à indução dialética corresponde o exemplo retórico.

Aristóteles apresenta o exemplo e o entimema como provas comuns a todos os gêneros de discurso: deliberativo, judiciário e demonstrativo. Em seguida, distingue dois tipos de exemplo: o que se refere a fatos do passado e o que é inventado pelo orador. Exemplos inventados, por sua vez, se especificam em parábolas, παραβολαί, e em fábulas, λόγοι. Aris-

tóteles não se preocupa em caracterizar essas formas; apenas se limita a fornecer exemplos de cada uma delas. Exemplos de parábolas seriam os discursos socráticos, quando se diz, por exemplo, "que não se deve sortear magistrados. Com efeito, é como se se sortegassem os atletas, não aqueles capacitados para concorrer, mas aqueles favorecidos pela sorte, ou se se sortegasse o marinheiro que deve pilotar, como se fosse preciso escolher não o que sabe fazê-lo, mas o sorteado." (1393 b,5)

Exemplos de fábulas seriam o discurso de Estesícro e o de Esopo, os quais ele registra. Veja-se a fábula que, segundo Aristóteles, Esopo teria contado ao povo de Samos, no momento em que acusavam um demagogo de crime capital:

"Uma raposa, ao atravessar um rio, foi arrastada para um fosso. Impossibilitada de sair de lá, ficou durante muito tempo em má situação, com numerosos carrapatos agarrados a ela. Então um ouriço, que zanzava por ali, a viu e perguntou, condoído, se ele podia livrá-la dos carrapatos, mas ela não permitiu. Como, então, ele interrogasse dela o por quê, ela disse: "Estes já estão saciados de mim e sugam pouco sangue, mas se você os retirar, virão outros, famintos, e vão beber o resto do meu sangue." Pois bem. Também a vocês, homens de Samos, esse demagogo em nada mais vai prejudicar (pois está rico), mas se o matarem, virão outros, pobres, que vão lhes roubar e dilapidar o restante dos bens."

(1393 b)

Quando se comparam os exemplos de parábola e de fábula, deduz-se que Aristóteles nomeava parábola uma prova construída com base em fatos virtuais. A fábula, ao contrário, compõe uma narrativa de fatos apresentados como reais, ocorridos. Além disso, constata-se que a fábula é documentada por Aristóteles como um texto constituído de duas partes: uma narrativa inventada e uma aplicação dessa narrativa à situação presente que está em discussão. Entre essas duas partes, a relação de semelhança que Aristóteles aponta como característi-

ca do exemplo, já se explicita linguisticamente na segunda parte, que se inicia, significativamente, com um item gramatical de valor comparativo: também, termo com que se traduz a partícula καί, do texto grego (2).

Aristóteles, cuja atenção se restringe à fábula aplicada a uma dada situação, recomenda seu uso sempre que o orador tiver dificuldade para encontrar exemplos que se refiram a fatos do passado. E chega mesmo a dar uma receita para os que precisarem inventá-las: "para imaginá-las, assim como as parábolas, basta reparar nas analogias." Segue-se, ainda, outra recomendação importante: contar fábulas, assim como fazer uso de máximas, não convém a quem ainda não atingiu a velhice (1395 a,5).

Depois de Aristóteles, a fábula continuou a merecer a atenção dos RETORES, que a consideravam tanto um " bom terreno de exercício para o futuro orador", como um "meio estilístico para o orador já formado" (Nøjgaard, 1964: 28)(3). Nos manuais de retórica, conhecidos como προγυμνάσματα (4), que se elaboravam para jovens estudantes, estabelecia-se uma diferença entre a fábula, denominada por eles μῦθος, e o exemplo que se baseava em fatos ocorridos, o exemplo histórico, que ele denominavam διήγημα.

(2) Cf. texto grego dessa fábula no Apêndice desta dissertação.

(3) Nøjgaard (1964) constitui a única fonte que se consultou para elaborar a exposição sobre a crítica da fábula feita pelos retores e pelos filólogos do século XIX, apresentada logo a seguir.

(4) Nas escolas de retórica, os exercícios com fábulas consistiam em paráfrases, reduções ou ampliações, criações de fábulas para uma dada moral, deduções de morais a partir de uma dada fábula, transformação de discursos diretos em indiretos e vice-versa, e, ainda, versificação de fábulas em prosa e prosificação de fábulas em verso (Adrados, 1948:16).

Um desses retores, TEON, que teria vivido no século I ou II D.C., foi quem formulou a primeira definição de fábula de que se tem notícia:

μῦθος ἔστι λόγος φευδῆς εἰκονίζων ἀλήθειαν

que se pode traduzir assim: "fábula é um discurso mentiroso que retrata uma verdade".

O detalhe interessante está no fato de Teon ter acrescentado à sua definição que ela se refere tão-somente ao mýthos ao qual se pode acrescentar um lógos, um discurso, do qual ele é uma imagem, εἰκῶν (Nojgaard, 1964:55). Vê-se, pois, que Teon entendia por fábula um discurso seguido de outro discurso. Fábula, então, é a seqüência de um "discurso mentiroso" e um "discurso verdadeiro", sendo o primeiro imagem do segundo.

Segundo Nøjgaard, a explicitação do discurso verdadeiro é possível e não obrigatória. Isso implica, no entanto, que em algum lugar do discurso mentiroso deve haver alguma indicação de que esse discurso é imagem de uma verdade, ou seja, que ele diz uma outra coisa por trás do seu sentido literal.

AFTÔNIO, retor do século V D.C., faz sobre a fábula um outro comentário importante. Diz ele que a fábula, μῦθος, "está organizada em vista de uma exortação", τὴν δὲ παραίνεσιν, δι' ἣν ὁ μῦθος τέτακται (apud Nøjgaard, 1964:71).

Essa formulação de Aftônio permite deduzir que ele entendia a exortação não como algo que se extrai da fábula, mas como algo que se põe como seu fundamento, pois é ela que determina como a fábula deverá se compôr.

Chamou também a atenção dos retores a presença, na fábula, de personagens de naturezas diversas. A partir das diferenças existentes entre elas, eles estabeleceram três tipos de fábulas: o tipo lógico, que apresenta homens em ação; o tipo ético, que imita o caráter de animais; e o tipo misto, que apresenta juntos o homem, que fala, λογικός, e o animal, que não fala, ἄλογος (Nøjgaard, 1964:69).

2. LESSING

Em 1759, Lessing elaborou cinco tratados sobre a fábula. A importância desses estudos é de tal ordem que os estudiosos da atualidade são unânimes em considerá-los um marco na história da crítica da fábula (5).

Segundo Todorov (1980:37), Lessing concebia o "gênero" em arte não como um conjunto de regras exteriores, às quais as obras deviam conformar-se, mas como a "lógica das relações mútuas entre os elementos constitutivos da obra". Esta belezia ele oposição entre as propriedades "essenciais" de um gênero, e suas propriedades "acidentais", tornadas necessárias pelo uso. Esse "determinismo formal", representado pelas leis da arte que se pratica, atua na escolha do material — a linguagem, no caso da literatura —, que, por sua vez, determina a opção entre escritura assertiva e ficção, ou, no dizer de Lessing, entre "metafísica" e "poesia", marcadas cada uma delas por regras diferentes.

A escritura do tipo ficção se subdivide em gêneros a partir da oposição básica entre o narrativo e o simbólico. Ao narrativo aliam-se o particular, ou singular, e o real, ou ocorrido; ao simbólico aliam-se o geral e o possível.

A fábula, que descreve casos particulares, pertence ao gênero narrativo. Nela, o passado e o sujeito individual são meios linguísticos que servem a um mesmo fim: atestar a realidade da ação. "O caso singular que constitui a fábula deve ser representado como sendo real. Se eu me apegasse à simples possibilidade, só seria um exemplo, uma parábola", diz Lessing (apud Todorov, 1980:32).

(5) Cf. Nøjgaard, 1964:30; Todorov (1980) considera Lessing o verdadeiro fundador da estética moderna. Acrescenta-se, ainda, que a exposição que se faz neste capítulo, das idéias de Lessing sobre a fábula, foram extraídas da obra citada de Todorov, mais especificamente, do capítulo "Poiética e Poética segundo Lessing".

No interior do gênero narrativo, a fábula está em oposição à tragédia e à epopéia. O elemento básico dessa oposição é a correlação ação-intenção. "A ação da epopéia e do drama, diz Lessing, deve possuir, além da intenção que o autor lhe dá, uma intenção interior que lhe é própria. A ação da fábula não necessita dessa intenção interior, sendo suficientemente realizada quando o poeta atingiu, graças a ela, a intenção que lhe é própria" (apud Todorov, 1980:32). Por isso, o autor da fábula pode interromper a ação no ponto em que quiser, desde que já tenha atingido seu objetivo.

Lessing expõe o que entende por ação, do seguinte modo: "Chamo ação uma seqüência de mudanças que, juntas, constituem um todo. A unidade desse todo baseia-se no acordo das partes em vista de um objetivo final." E acrescenta: "O objetivo final da fábula, aquilo pelo qual ela é inventada, é o princípio moral." (apud Stierle, 1972:181).

3. GRIMM

No século XIX, Grimm expõe, sobre a fábula, idéias contrárias às de Lessing. Segundo Nøjgaard (1964:33-35), a postura romântica de Grimm o faz ver a fábula como a expressão dos mais profundos sentimentos da alma do povo, não aceitando, pois, que a fábula fosse "didática" e determinada por um fator tão prejudicial como a doutrina moral. Em lugar da fábula moral de Lessing, Grimm apresenta a idéia da fábula original, que ele concebe como uma poesia popular de caráter lírico-épico. Como essa fábula original é inacessível, pois não foi preservada, Grimm considera que a fábula documentada pelas coleções deixa de ter interesse: "O que nós compreendemos pelo nome de fábula de Esopo passou por tantas mãos e ficou tão diferente que não é possível reconhecer nitidamente nelas a redação original: são restos preciosos de uma abundância de fábulas de animais que, porém, na maioria das vezes, mostram a figura de meros excertos e raramente se elevam à amplitude épica que apraz."

Essa postura crítica, que faz da marca "original "

o critério de valoração das obras, domina toda a teoria da fábula produzida no século XIX. Bentley, por exemplo, considerava que das fábulas esópicas só resta o que há de "último" e de "pior".

Na tentativa de recuperar o que havia de "melhor" na tradição da fábula, os críticos do século XIX se dedicaram a rastrear, nas fábulas conhecidas, possíveis marcas dessa suposta "originalidade". Assim, Thiele, já no início do século XX, pretendeu despojar as fábulas antigas de sua redação literária e acompanhá-las até seu "estágio popular", tendo chegado à conclusão de que a fábula original era marcada por uma essência cômica. Isto o levou a considerar tardio tudo o que na fábula esópica se afastasse do cômico, como por exemplo, a moralidade.

A postura romântica exerceu influências na escola filológica de crítica de textos, que elegeu, como uma de suas preocupações básicas, perscrutar modelos e arquétipos das formas literárias, entre elas a fábula. Os filólogos dessa escola tentaram colocar ordem no material transmitido pela tradição, agrupando-os em longas cadeias que se estendiam até a obscuridade pré-literária.

Essas preocupações caracterizam ainda os trabalhos de Hausrath, considerado por Adrados (1948:58) o maior especialista sobre a fábula antiga.

Hausrath também não considera verdadeiras fábulas as fábulas conservadas pelos manuscritos. Verdadeira, para ele, seria apenas a fábula popular, que se caracterizaria por uma narrativa de cunho meramente entretenedor. Ele supõe que essas fábulas populares tenham sido coligidas em um livro popular jônico, que, infelizmente, não se teria preservado. Mais tarde, as fábulas teriam sido utilizadas como material didático pelos retores, que formaram com elas um manual retórico. Desses dois corpora, o livro do povo e o manual retórico, teriam restado marcas nas coleções que perduraram. As fábulas dessas coleções seriam, segundo ele, remanescentes dos retores, puros exercícios escolares sem valor estético, pois já estão muito afastadas do modelo original. Além disso, considera tardias, ou erudi

tas, as fábulas de caráter pedagógico bem acentuado. Assim se explica seu desprezo pelos epimítios, que ele considera a-crêscimos tardios, tendo chegado mesmo a não publicá-los em sua tradução das fábulas esópicas (Adrados, 1948:234) (6).

4. A CRÍTICA DA FÁBULA NO SÉCULO XX

No século XX, a crítica da fábula se enriqueceu muitíssimo com os trabalhos de quatro grandes especialistas Chambry, Perry, Adrados e Nøjgaard.

CHAMBRY

E. Chambry, autor da primeira edição crítica das fábulas esópicas, publicada em 1925, aceita que a fábula tem origem no conto: "A fábula se separou do conto somente no dia em que o contista, preocupado em ser útil, extraiu de sua narração uma lição moral." (1967:xxi). Esta lição moral, que Chambry denomina conclusão, é considerada por ele como um dos traços essenciais da fábula, ao lado da narrativa curta, cujos elementos seriam selecionados em vista da conclusão.

Chambry discute a alegação feita por alguns estudiosos, de que as moralidades das fábulas, sejam elas expressas em promítios ou em epimítios, eram redações tardias, muitas a

(6) A concepção romântica da fábula original ainda hoje tem adeptos. Para Pannwitz (1967:56), a fábula não é alegoria, mas símbolo; o componente alegórico e moralista da fábula é resultado de de um processo de degeneração que a fábula teria sofrido depois que passou a ser aplicada ao ensino. Pannwitz considera que, como "tudo tem uma alma e tudo pode falar com tudo e nós podemos entender", a fábula pode usar como personagem qualquer tipo de ser: homem, animal, divindade, conceitos, plantas, etc. Ele a entende como uma fórmula de comunicação de sabedoria usada pelos Mestres dos ciclos mundiais, entre os quais ele inclui Esopo.

té mal adequadas aos textos narrativos. É que esses estudiosos não admitiam que as fábulas antigas tivessem moralidades. Chambrý pensa exatamente o contrário: é justamente a importância que se concedia à moralidade que explica as irregularidades. Segundo Chambrý, os copistas lhe reservavam uma honra especial: para destacá-las, escreviam-nas, freqüentemente, com letras vermelhas. E, para explicar as inadequações entre o texto narrativo e a moralidade, supõe que os copistas deixavam em branco o lugar da moralidade para preenchê-lo por último, como forma de evitar mudar de tinta em cada fábula. Em consequência disso, aconteciam as omissões, pois eles se esqueciam, de fato, de preencher certos espaços. Assim se explicariam também as discordâncias, pois em um manuscrito o copista se enganou em um número e acabou acrescentando a cada uma das fábulas de uma determinada sequência, a moralidade da fábula precedente. E conclui Chambrý que não se deve negar, por isso, a existência de moralidade na fábula primitiva, nem a autenticidade ou a antigüidade dos epímítios das coleções. E afirma categoricamente que "é a moralidade que distingue a fábula do conto" (1967:xxxviii).

PERRY

Perry retoma como perfeita e completa a definição de fábula proposta na Antigüidade por Teon: λόγος ψευδῆς εἰκωνίζων ἀλήθειαν, que ele traduz por "a fictitious story picturing a truth", e cujos termos chaves lógos e alétheia, ele se esforça por precisar.

Perry estabelece que o termo lógos, que ele traduz por story, narrativa, tem que ser necessariamente dita em tempo passado e deve pretender ser uma ação particular ou uma série de ações que aconteceu outrora por meio da atuação de caracteres particulares, independente de ser curta ou longa. Quando, porém, acontece de ela ser demasiado curta, observa Perry, "ela se torna indistinguível do provérbio" (1975:20).

Esse lógos, tomado como retrato de uma verdade, é, teoricamente, apenas uma metáfora em forma de narrativa do pas-

sado. Logo, ele nada mais é que "um modo indireto e não explícito de dizer algo. Esse algo é a ἀλήθεια, a verdade", que não precisa, necessariamente, vir explicitada em uma moralidade podendo estar simplesmente disseminada pela narrativa.

A verdade que a fábula retrata pode especificar-se em muitos tipos. Frequentemente, é uma proposição geral referente à natureza das coisas ou aos tipos de caráter, ou ainda, a certos traços do comportamento humano ou animal, podendo ou não trazer implicada uma exortação moral. Além de uma proposição geral, essa verdade pode também ser uma verdade particular aplicada a uma pessoa, coisa ou situação particular. Aí, então, sua aplicação é puramente pessoal (1975:22).

Enquanto narrativa ficcional e metáfora, a fábula abrange um conjunto muito amplo de narrativas breves, que se diferenciam não apenas quanto ao conteúdo narrativo, mas ainda quanto ao tipo de verdade que elas retratam.

Do ponto de vista do conteúdo narrativo, a fábula pode ser um conto de fadas, um mito de natureza etiológica, uma história de animal exibindo sua estupidez ou sua esperteza, uma série de ações engraçadas, um conto curto, um mito sobre deuses, um debate entre dois rivais, ou ainda uma exposição das circunstâncias em que uma observação sentenciosa ou arguta foi feita. Quando se fortalecem o propósito peculiar e a orientação metafórica que governa e modela esse material, ele se torna fábula. "Tal é a teoria da fábula e a sanção para sua inclusão, com todas as suas variedades, () nas coleções de fábulas gregas e latinas", diz Perry (1975:22).

Por outro lado, Perry observa que essas coleções de fábulas trazem histórias que escapam ao padrão fundamental de fábula enquanto "narrativa no passado". Entre esses textos que se desviam do padrão, estariam as etiologias e os debates entre rivais.

Outras histórias, ainda, divergem da fábula quanto ao propósito com que são contadas. Em vez de pretenderem retratar uma verdade, muitas histórias são contadas simplesmente com o propósito de "entreter".

O propósito de entreter é o que, segundo Perry, caracteriza a fábula literária. Nela, o propósito de retratar a verdade fica relegado a segundo plano. É o que se deduz da seguinte afirmação de Perry: "Um escritor como Fedro ou Babrius parece sentir que sua primeira obrigação é ser interessante, e que qualquer narrativa pode receber algum tipo de moral, se necessário, uma vez que a narrativa tenha terminado e o entretenimento tenha sido proporcionado. Qualquer responsabilidade que ele possa sentir para com o sentido metafórico de sua narrativa é, nessas circunstâncias, vaga e secundária." Como independem de um contexto específico, essas fábulas, arranjadas umas após as outras, "tendem fortemente a ser contadas por seu próprio interesse enquanto narrativas, sejam elas espirituosas, divertidas, engraçadas, dramáticas, satíricas, sensacionais, sentimentais ou sábias. A narrativa em si se torna a coisa principal, em vez da idéia que, supõe-se, ela veicula implicitamente", continua Perry (1995:25).

Na concepção de Perry, a fábula só se torna uma forma de composição independente quando alcança o nível literário. Isto ela consegue apenas se for composta em versos. Perry considera que o verso é que sanciona a fábula como "composição poética" (7). "Contada em verso, uma fábula tem o nível literário e o reconhecimento da poesia, em virtude apenas da forma em que ela foi escrita, sem se considerar o conteúdo (...)", diz Perry (1975:12). Por outro lado, fábulas escritas em prosa, sem um contexto, ou uma coleção de fábulas em prosa, não seriam "literatura" propriamente dita: essas coleções constituiriam um "dicionário de metáforas", material bruto para ser usado na produção de textos escritos ou orais.

(7) Schaeffer (1985:347-351) retoma essa colocação como um dos argumentos para mostrar que as fábulas de Fedro são o lugar de nascimento real da fábula como gênero literário, enquanto as fábulas anônimas, em prosa, se situariam fora do horizonte literário, e teriam valor enquanto testemunho insubstituível da riqueza temática desenvolvida pela fábula como prática discursiva.

Perry supõe que as fábulas documentadas nessas coleções já teriam, desde a coleção de Demétrio de Falera, a mais antiga de que se tem notícia (8), um promítio — forma primitiva de moralidade que funcionava como um "index-heading" a orientar o usuário. Depois do século I D.C., teria surgido o epimítio, diretamente do promítio, quando a fábula adquire independência literária, como expediente de que se serviam os autores de fábulas para expressar, em seu próprio nome, a moralidade (Nøjgaard, 1964: 493).

Haveria, portanto, dois momentos na história da fábula, delimitados pelos diferentes propósitos com que se contam fábulas: o momento da fábula aplicada, não literária, "expediente retórico" cuja função seria retratar uma verdade; e o momento da fábula literária, que se contava para entreter. A essas diferentes funções corresponderiam diferenças formais: a fábula não literária se expressa em prosa, e a literária, em verso. Em comum elas conservariam dois elementos: o caráter ficcional e o tempo passado da narrativa.

ADRADOS

Adrados (1948) propôs fixar a data de composição da coleção Augustana, a partir do confronto do léxico dessa coleção com o léxico de outras duas coleções de fábulas anônimas: a Acursiana e a Vindobonense. Os resultados que obteve dessa investigação, além de esclarecerem problemas de natureza cronológica a respeito dessas coleções, trouxeram contribuições para melhor compreensão de outros aspectos da fábula antiga.

Um dos problemas discutidos por Adrados, nessa obra, é o da tão mencionada "influência retórica" que essas coleções revelariam. Adrados discorda de Hausrath, para quem a Augustana advinha dos manuais retóricos. Ele considera inadmissível rotular-se a Augustana de "coleção retórica", se por es-

(8) Trata-se de uma coletânea de fábulas, provavelmente em prosa, que Demétrio de Falera, discípulo de Aristóteles, teria recolhido, no século IV A.C. (Adrados, 1978:10).

ta se entender um "conjunto de composições escolares nascidas do ensino retórico". Observa ele que o fato de a fábula ter sido usada no ensino não significa que ela tivesse necessariamente que ficar restrita ao meio escolar, ou então que se destinasse só a esse fim. Para Adrados, "retórico" não implica, necessariamente, "ensino". Por outro lado, ele ressalta que não se pode esquecer que toda a literatura grega tardia sofreu um processo de retorização progressiva. A coleção Augustana, cuja redação ele fixa no século V D.C., não teria, evidentemente, escapado a essa influência. "A fábula se retorizou progressivamente, mas sendo sempre um gênero cultivado por si mesmo", diz Adrados, que explica as variações de uma mesma fábula, encontráveis nos vários manuscritos, como próprias de um gênero popular, e não como prova de sua origem escolar, como pretendia Hausrath (Adrados, 1948: 18).

Adrados não nega o caráter retórico da Augustana, mas procura, isto sim, limitar essa concepção. Por "caráter retórico", Adrados entende não o fato de a coleção poder ter sido organizada como manual de ensino retórico, mas, sim, a possibilidade de a coleção ter sido obra de um retor culto e sistemático em seus procedimentos. Para verificar a possível validade de dessa hipótese, Adrados faz uma comparação do léxico da coleção Augustana com o léxico da coleção de fábulas escrita por Aftônio, imitado e considerado modelo, para detectar possíveis semelhanças estilísticas entre as duas coleções, quanto à seleção do vocabulário.

Os antigos retores concebiam a fábula, quanto ao estilo, como um "discurso simples", λόγος ἀφελής, que se caracterizaria por uma "simplicidade", ἀφέλεια, tanto de vocabulário, como de figuras e de ritmo. Esses três elementos — vocabulário, figuras e ritmo — constituíam o [estilo], a ἐπάγγελια. No caso da fábula, para que ela fosse rotulada de λόγος ἀφελής, exigia-se que ela tivesse um estilo simples e que expressasse "pensamentos" também simples.

Por estilo simples, os retores entendiam uma linguagem natural, com poucos adornos e com pouca quantidade de

termos poéticos. Assim é o estilo de Aftônio, que demonstra clara preferência pelos termos áticos, seguindo a melhor tradição retórica. Já a Augustana demonstra clara preferência pelos termos poéticos, o que Adrados interpreta como um desrespeito intencional ao preceito retórico da simplicidade de estilo. Segundo ele, "não se pode dizer que o estilo da Augustana seja uma ἀφέλεια decadente. Estes adornos como os poetismos extremos são indubitavelmente intencionais" (1948: 218).

Um outro ponto debatido por Adrados, a partir do exame do léxico, é a questão dos epimítios. Adrados resume as posições dos críticos quanto aos epimítios, em dois grupos: um, influenciado por Grimm, defende que eles foram acrescentados às fábulas pelos retores; o outro, representado por Chambray, aceita que os epimítios existiam como parte integrante da fábula pelo menos desde a época de Fedro (século I D.C.)

Adrados partilha dessa última posição. Ao analisar o léxico dos epimítios da coleção Augustana, ele encontrou no vocábulo ἀτάρ — que aparece no que ele chama de "fórmula de introdução de epimítio —, uma prova de que eles existiam em época bem mais antiga que a de Fedro. Esse vocábulo, raro segundo Adrados, já está presente na fórmula de introdução do epimítio da fábula de Esopo narrada por Aristóteles na Retórica (9). "Trata-se, pois, — afirma Adrados — de palavra estranha que só é introduzida em um caso já consagrado pelo uso. Como introdução da moral da fábula, pertence a uma tradição que ainda sobrevive na Augustana e que é anterior a Aristóteles. Sua antigüidade exata é difícil demonstrar" (1948: 236). Esse dado lhe permite concluir que o epimítio é um elemento muito antigo da fábula.

Consta, ainda, entre os estudos que Adrados realizou sobre a fábula antiga, uma proposta de caracterização da fábula como gênero literário. Adrados (1982: 34-43) define a fábula como um relato de acontecimentos fictícios vivenciados

(9) Cf. o texto grego dessa fábula no Apêndice desta dissertação; ἀτάρ corresponde, na tradução que segue o texto, à expressão "Pois bem.", que introduz o epimítio.

por protagonistas "tipificados", que permite deduzir que o que aconteceu uma vez pode voltar a acontecer outras vezes. Assim, "a fábula é um exemplo, que mostra um acontecimento do passado como protótipo de algo que pode repetir-se em qualquer momento!" Essa possibilidade de reiteração de fatos particulares é que permitiria à fábula atuar como advertência, crítica ou ensinamento.

A estrutura formal da fábula é, segundo ele, relativamente fixa. Trata-se, geralmente, de um embate entre dois partidos, que se resolve por meio da ação ou do debate, que se encerra com uma conclusão, formulada por um dos antagonistas, ou por um terceiro que interfere no embate ou simplesmente o observa. Este esquema, composto de situação, agón e conclusão, caracterizaria o que Adrados considera o tipo central de de fábula. Haveria, contudo, os tipos marginais, representados por outras estruturas como a máxima de animais, o símile, a anedota, o relato de história natural, o conto e a novela, que podem aparecer "fabulizados", isto é, podem converter-se em fábulas só por receber "fôrma de exemplo, de algo que tem uma intenção de aplicação prática" (1982:43).

O fator de "fabulização" de relatos seria, em primeiro lugar, o contexto — no caso das fábulas-exemplos que se inserem em um relato mais amplo, ou seria o "fecho" da narração ou o epimítio — no caso das fábulas de coleções.

É muito instigante o modo como Adrados explica o uso de moralidades, pela fábula. Ele supõe que as primeiras coleções de fábulas se limitavam a documentar apenas os textos narrativos, sem se indicar o contexto em que eles teriam aparecido. Como faltava o contexto, o caráter das narrativas com certeza se alterava um tanto. ["Às vezes, diz ele, certamente a ação da fábula e as palavras finais ("o fecho") de uma das personagens eram suficientes para manifestar sua intenção. Mas com o tempo se encontrou uma nova solução: a criação de promítios ou de epimítios ("moralidades") que indicavam explicitamente essa intenção"] (1982:37). Dessa afirmação pode-se deduzir que, para Adrados, muitos textos que teriam sido enuncia-

dos como fábulas, deixam de ser fábulas quando são apresentados fora de seu contexto de enunciação, ou sem um epítio, que teria por função justamente criar um contexto para a fábula. (cf. também Adrados, 1984:139)

NØJGAARD

Os estudos de Nøjgaard sobre a fábula grega antes de Fedro centram-se nos textos que compõem a coleção Augustana, que ele denomina "texto-coleção". Tendo em vista que essa coleção anônima foi transmitida por manuscritos extremamente divergentes, Nøjgaard estabelece que não cabe para ela a noção de "autor" histórico. A essa noção ele sobrepõe a de princípio estrutural, que governa os textos particulares. Esse princípio superior estaria representado, na Augustana, por três estruturas diferentes, que subjazem às três formas principais que compõem a coleção: fábula, anedota e etiologia.

A coerência com que esse princípio estrutural atua na Augustana leva-o a concluir que ela não é fruto de mera compilação. Em vez disso, ele supõe para ela "um verdadeiro autor, que não inventa sem dúvida, a matéria de todas as peças, mas que a reorganiza de acordo com uma vontade formal muito precisa e que não quer menos que um Fedro ou um La Fontaine fazer dela a expressão de uma visão artística pessoal, à qual, no fim das contas, o caráter da Augustana é devido" (Nøjgaard, 1964:134). Nessa ordem de idéias, o fato de se desconhecer o autor não importa. Importa apenas o resultado da análise estrutural dos textos, que aponta uma unidade da obra, cujos elementos estruturais não se desagregam em fragmentos repetidos. Ao contrário, Nøjgaard considera que esses elementos estão ligados uns aos outros de acordo com um princípio fundamental cuja definição constitui o objetivo final da análise.

Ao procurar definir o que é fábula, Nøjgaard observa que é improdutivo falar de um "gênero geral" chamado fábula. Se se estabelecesse uma categoria que compreendesse a maior parte dos textos que foram comumente chamados fábulas, da Antiguidade até os nossos dias, seria preciso limitar-se a dar a

essa categoria o sentido vago de "conjunto de contos animais a legóricos". Isso, porém, implicaria, segundo ele, menosprezar as profundas diferenças que separam os contos de animais de Andersen, por exemplo, e os de Fedro. De comum entre eles haveria apenas a alegoria e as personagens animais. Por outro lado, implicaria a necessidade de se encontrarem outras denominações para todas as diferentes formas de contos alegóricos de animais que foram produzidos através dos tempos. Considerando que este procedimento impede uma compreensão das relações entre os textos e que tal categoria se mostra absolutamente ininteligível, Nøjgaard acaba por constatar que um gênero geral chamado fábula não existe. Para ele, a palavra fábula adquire mais consistência quando se trata da fábula antiga. Só nesse âmbito é que seria possível estabelecer uma categoria bem definida e claramente delimitável de seus gêneros vizinhos, que se mostrará útil para classificar um grande número de textos (1964:23).

Após um exame detalhado das concepções teóricas sobre a fábula elaboradas pelos críticos, desde a Antigüidade até o presente século, Nøjgaard se empenha em precisar o significado de três palavras-chaves — ficção, alegoria e moral — que estão sempre presentes nessas teorias. Chega, então, à seguinte definição da fábula antiga: "relato ficcional de personagens mecanicamente alegóricas com uma ação moral que se avalia" ("récit fictif de personnages mécaniquement allégoriques avec une action morale à évaluation")(1964:86). O significado preciso que Nøjgaard atribui a cada uma dessas palavras-chaves e o modo como se coordenam, na construção de sua definição de fábula, os conceitos que elas nomeiam, passam a constituir critério para a delimitação da fábula em relação a seus gêneros vizinhos. Vejam-se cada um desses conceitos:

Ficção

Só se pode dizer, segundo Nøjgaard, que um relato é ficcional, se ele apresentar uma ou várias ações, executadas por um ou vários "indivíduos". Ressalta ele que é importante que se trate de um indivíduo particular ou grupo de indivíduos, pois, se o relato apresentar a "espécie abstrata", a ficção deixa de existir porque uma espécie abstrata não po-

de ser apresentada como personagem que age; ela é passível apenas de uma descrição. Logo, poder ser apresentado ("agindo") é uma condição para que um indivíduo, ou indivíduos, se torne personagem de ficção.

Por esse critério da ficção, a fábula se diferenciaria do relato zoológico, em que se atribui a uma espécie animal inteira uma ação que se repete. Na coleção Augustana, só haveria um exemplo desse gênero: o texto de Ch 153, em que uma ação que se repete é atribuída à espécie "castor" (10).

Alegoria

A alegoria se caracteriza, segundo Nøjgaard, por "dizer outra coisa, diferente", através do elemento de ação ficcional. É esse elemento que diferencia a alegoria, da imagem. Nøjgaard define a imagem como narrativa alegórica em que todos os elementos — personagens, espaço, objetos, etc. — são passíveis de interpretação arbitrária (11).

(10) Pode-se apontar, também, como exemplo de relato zoológico, o texto narrativo de Ch 307.

(11) Nøjgaard cita, como exemplo de imagem, esta alegoria da condição humana: "Um homem estava sendo (perseguido por um unicórnio) e, enquanto tentava escapar dele, caiu num poço. Ao cair, porém, esticou seus braços e ficou preso em uma pequena árvore que crescia em uma das paredes do poço. Então alcançou um ponto de apoio e, agarrado à árvore, imaginou-se salvo. Nisso viu dois ratos, um preto e um branco, ocupados em roer a raiz da árvore em que se segurava. Ao olhar para o fundo do poço, percebeu que um dragão horrível estava com a boca bem aberta, pronto para devorá-lo. E quando examinou o lugar onde estavam seus pés, notou que cabeças de quatro serpentes o encaravam com ferocidade. Então olhou para cima e viu pingos de mel que caíam da árvore em que estava agarrado. De repente, ele se esqueceu de tudo - do unicórnio, do dragão, dos ratos e das serpentes -, e sua mente só se preocupava em colher os pingos do doce mel que gotejavam da árvore." Nøjgaard observa que, nessa narrativa, o unicórnio significa a morte; a perseguição, a possibilidade constante da morte; o poço, o mundo; a pequena árvore, a vida do homem; os ratos negros e brancos, a noite e o dia, respectivamente, que consomem a vida; o dragão, os sufrimentos do inferno; as serpentes, os quatro elementos, e as gotas de mel, os prazeres da vida (1964: 60-61).

Na fábula, porém, a alegoria se configuraria nas personagens. Estas seriam alegóricas no sentido de que representam outros seres que elas próprias. Na prática, representariam sempre os homens. Essa representação de outrem já estaria garantida por um fato estrutural do relato: este deve conter um elemento que indique a necessidade de se interpretar a personagem como um outro ser. "Na própria forma de representação das personagens se encontra um mecanismo, válido para todas elas, que impede o leitor de as compreender literalmente", lembra Nøjgaard, que denomina essa forma de alegoria de alegoria mecânica. Esta se constitui quando às personagens se atribuem qualidades e ações que elas não podem apresentar na realidade do leitor. Este fato, por si só, garante que o autor tem uma outra intenção com seu relato que não essa de contar algumas ações de personagens já dadas como conhecidas do leitor. Daí a constante oposição entre os animais da natureza e os da fábula (1964:63).

A alegoria mecânica utiliza as personagens para exprimir "outra coisa". Por isso, não se preocupa em acrescentar elementos novos à experiência do leitor, em relação às personagens. Essa preocupação seria própria do conto maravilhoso, representado na Augustana pelo texto de Ch 253. As fábulas, ao contrário, apresentam pelo menos uma personagem dotada de uma qualidade impossível — animal que fala, por exemplo — o que não é senão a expressão mecânica do fato de as personagens serem alegóricas, "a evidência do caráter ficcional (no sentido de "imaginado") do relato, de modo que a única possibilidade de lhe conferir um sentido é a interpretação" (Nøjgaard, 1964:64). Conseqüentemente, apenas as personagens verdadeiramente atuantes podem ser alegóricas, pois delas pode-se conhecer o caráter inventado. Os elementos do espaço, as personagens secundárias, são unicamente "ganchos" ("chevilles"), e são passíveis apenas de uma interpretação arbitrariamente alegórica, e não de uma interpretação mecânica.

Nøjgaard encontra um elemento "moral" na própria estrutura da narrativa, localizado, mais especificamente, na ação. A moral se apresenta, pois, como consequência da soma de dois outros elementos: a ação transladável, mais o valor que se se pode atribuir a ela.

Nøjgaard parte do princípio de que um relato só se torna "moral" no momento em que nele se instala uma escolha, uma opção. A ação que se diferencia das outras pelo fato de ser resultado de uma opção, por parte de uma personagem "livre", tão livre que pode mesmo deixar, se quiser, de executar a sua opção, é chamada por Nøjgaard ação-opção ("action de choix"). Assim, não basta que a personagem da fábula seja alegórica. É preciso, ainda, que ela seja capaz de praticar ações pelas quais se decidiu livremente. Para isso, ela deve ser sempre um ser dotado de razão, dotado de vontade e, conseqüentemente, da possibilidade de optar. As personagens que não são caracterizadas desse modo, constituem "ganchos". "O que na realidade do leitor é consequência de uma lei inquebrantável da natureza, na fábula é sempre consequência de uma deliberação que poderia ser evitada pela personagem", esclarece Nøjgaard (1964:75). Isso pode-se verificar em Ch 24, em que o debater-se dos peixes fora d'água é interpretado como dança proposital. Essa ação-opção é que se tornará a base da translação, de que vai depender a compreensão da fábula inteira.

Depois de executada, essa ação-opção deve ser avaliada. Opção e avaliação, portanto, é que tornam moral a ação de uma fábula. Enquanto a opção marca a ação que deve ser transladada, a avaliação indica qual o valor que se deve atribuir-lhe nesta translação. Estruturalmente, isto é, dentro dos quadros da narração, a ação-opção pode ser avaliada de dois modos: ou pelo sucesso, ou pelo fracasso da personagem que opta. A fábula se caracterizaria por selecionar, como avaliação da opção, o fracasso, apenas. Avaliação por meio do sucesso seria próprio do conto maravilhoso, do qual Ch 230 seria um exemplo, pois o lobo, claramente superior à ovelha, reconhece a superioridade do poder mágico do número três — as três sentenças ver

dadeiras — em relação à sua própria força (Nøjgaard, 1964:189).

[No conflito] da fábula, as personagens se subordinam a uma relação de reciprocidade. Uma delas sempre fará uma escolha errada, inadequada, que a tornará mais fraca em relação à outra personagem. A última escolha deverá ser feita pela personagem mais forte, que visará sempre a mais fraca. Esta última opção, chamada ação final, pode manifestar-se de dois modos: por meio de uma ação, ou por meio de um enunciado, chamado réplica final. Nesse caso, o falar e o agir têm a mesma função avaliadora, pois, segundo Nøjgaard, "o mais forte não executa tanto a ação final para sua própria satisfação, como para que ele funcione, no universo da fábula, como avaliação do mais fraco" (1964:79). Se a réplica final ou a ação final não fizer uma avaliação dessa personagem, "ela não pertencerá a uma fábula", diz Nøjgaard (1964:80). Tal seria o caso, segundo ele, de textos como Ch 311, que termina com uma réplica amigável engraçada do mais fraco endereçada a uma personagem-gancho, ou como Ch 121, em que a ação final de Zeus não visaria diretamente Apolo.

Segundo Nøjgaard, é justamente a avaliação que diferencia a fábula do provérbio apológico. Este constitui um gênero à parte, bem diferente da fábula. O único ponto comum que há entre eles são as personagens animais. Mas a esta semelhança contrapõem-se as seguintes diferenças: o provérbio apológico termina com uma réplica que comenta uma ação, sem avaliá-la, ou, mais freqüentemente, com uma ação que contrasta nitidamente com uma réplica; além disso, ele apresenta uma só personagem, precisamente porque seu sentido se destaca do contraste entre a réplica e a situação. Mesmo que se faça menção a várias personagens, estas não falam. O falar, então, se apresenta como um fator constitutivo do gênero, pois ele é que confere ao provérbio apológico, assim como o faz para a fábula, um outro sentido além do literal, em virtude de instalar na narrativa a alegoria mecânica. Assim, o famoso texto "A raposa e as uvas" (Ch 32) não seria uma fábula, e sim um provérbio apológico, pois falta-lhe a avaliação.

A definição que Nøjgaard propõe para a fábula como

"relato ficcional de personagens mecanicamente alegóricas com ação moral que se avalia" não estabelece restrições para os tipos de seres que podem ser personagens de fábula. Eles podem ser animais, deuses ou homens. A única condição é que eles se confrontem, ou se apresentem em pé de igualdade uns em relação aos outros. Essa igualdade é propiciada pela alegoria mecânica, que modifica essas personagens em relação ao que elas são na vida real: os animais falam, os deuses deixam de ser onipotentes e o homem não é mais superior em relação aos outros animais. Só há um tipo de personagem interdito: as noções abstratas personificadas.

A personificação, como relato independente, tenta também dizer algo referente ao humano, como a fábula, mas a forma não é alegórica. Ela não quer dizer uma outra coisa, nem mesmo algo semelhante. Ela diz diretamente: o vício é o vício mesmo, a virtude é a virtude mesmo. Tal seria o caso de Ch 1, em que os bens e os males não constituem entidades alegóricas.

Definidas as marcas estruturais da fábula, Nøjgaard parte para a análise dos outros dois princípios estruturais da Augustana: a anedota e a etiologia.

A anedota

Nøjgaard considera a anedota o gênero mais próximo da fábula. Essa aproximação é inevitável especialmente quando se trata daquelas anedotas que apresentam, em sua estrutura, um componente moral. Nesse caso, o que distinguiria a anedota da fábula seria a natureza das personagens da anedota. Esta põe em ação seres humanos desprovidos de alegoria mecânica. Por isso, a anedota não exige uma interpretação; ao contrário, ela pode até recusar interpretação, se, por exemplo, tiver uma finalidade cômica.

Para mostrar a diferença que há entre fábula e anedota, Nøjgaard compara dois textos que desenvolvem um mesmo tema e ilustram uma mesma verdade. Um deles é o texto de Esopo, documentado por Aristóteles, e já apresentado neste capítulo (cf. pp. 10). O outro é um texto de Tibério, documentado por

Josefo (12). Esse texto difere do primeiro quanto à natureza das personagens: a raposa, do texto de Esopo, é substituída, no texto de Tibério, por um homem ferido. Esse dado faz que o texto de Tibério deixe de ter alegoria mecânica; ele não indica, por si mesmo, que deve ser interpretado. Por isso, Nøjgaard o rotula anedota, ao contrário do texto de Esopo, que ele considera uma fábula legítima.

Além da ausência de alegoria mecânica, a anedota se caracteriza por apresentar algum elemento que ancore a narrativa ficcional na realidade do leitor: indicação de espaço, de personagem histórica, etc. Tal seria o caso de anedotas como Ch 305, em que há referências a lugares situados nas imediações de Atenas, ou Ch 96 e 98: a primeira faz referência ao orador Demades, e a segunda, ao filósofo cínico Diógenes. A fábula se caracteriza justamente por proceder de modo contrário: a alegoria mecânica impõe que ela se distancie formalmente da realidade.

A etiologia

A etiologia, por sua vez, apresenta uma explicação de características ou de hábitos de personagens. Construída sobre uma situação ficcional do passado, como a fábula, desta difere por apresentar, em lugar da ação-opção, uma ação de transformação, dominada pela magia, que faz "surgir" o traço que se quer explicar.

As personagens da etiologia não são alegóricas, e

(12) Veja-se o texto de Tibério, relatado por Josefo, autor do século I D.C.: "Uma grande quantidade de moscas assentou ao redor das chagas de um homem que jazia ferido. Então uma pessoa que se encontrava por perto, apiedou-se de sua desgraça e, por julgar que ele era incapaz de reagir, devido à fraqueza, aproximou-se para afugentá-las. E como ele lhe pedisse que as deixasse tal qual estavam, ela tomou a palavra e perguntou ao imprudente a razão da censura ao afastamento do mal que se lhe apresentava. Então ele disse: "Porque você me prejudicaria mais ainda, ao espantar estas aqui. É que elas estão saciadas de sangue e não têm mais pressa em me causar desconforto; ao contrário, até se distanciam um pouco. Já as novas, famintas, ao se juntarem em lugar delas, vão tomar conta de mim e, esgotado como estou, podem-me levar mesmo à morte." (apud Nøjgaard, 1964:88).

nem é moral essa ação de transformação. "O que o relato quer demonstrar é que o que se passa na situação ficcional é uma verdade que se deve compreender literalmente", observa Nøjgaard (1964:103). Estariam entre as etiologias Ch 120 e 125.

Dado o seu tom racionalista, a etiologia pode ser aplicada como alegoria, e receber, depois da interpretação estrutural, uma moralidade de fábula (1964:103).

Pelo que se viu até agora, Nøjgaard buscou uma definição de fábula e uma delimitação da fábula em relação aos outros gêneros vizinhos; a partir do exame das estruturas do que constitui o texto narrativo da fábula. Daí sua definição de fábula como "relato ficcional". O termo "relato", em sua definição, compreende apenas o enunciado narrativo. É que Nøjgaard desconsidera, em sua análise, a sentença que se justapõe ao texto narrativo, a qual ele denomina moralidade.

Nøjgaard deixa de lado a moralidade por entender que ela não está ligada à estrutura da narração (1964:115), nem mesmo por algum tipo de ligação gramatical (1964:54). Afirma ele que, no caso específico da Augustana, a moralidade poderia ser trocada ou mesmo suprimida, pois ela jamais intervém na narração e não lhe acrescenta elementos novos. "A moralidade não desempenha nunca um papel ativo na compreensão da narração", afirma Nøjgaard (1964:359). Ela não avalia a narração; apenas constata. Assim, a moralidade se reduziria a uma questão de contexto no qual o autor quer colocar sua fábula. A fábula com moralidade não diferiria, em princípio, da fábula aplicada; pois à moralidade geral corresponderia o contexto especial da fábula aplicada (1964: 115).

Cabe mencionar, ainda, dois outros trabalhos, de menor fôlego em relação aos anteriores, mas que têm interesse pelo fato de terem se preocupado, também, com a caracterização da fábula. São eles o trabalho de Gasparov (1968) e o de Portella (1983).

Gasparov divide a fábula em narração, que ele denomina tema, e moral. As fábulas difeririam umas das ou

tras quanto aos enredos, mas se assemelhariam por se reduzirem, todas, ao mesmo esquema temático. Este esquema se resumiria na seguinte fórmula: a uma tentativa de melhorar uma situação presente, segue sempre uma piora, pois o resultado é sempre o contrário do que se esperava. Esse esquema temático se compõe de quatro etapas: exposição de personagens e circunstâncias; idéia ou motivação da ação, como os sentimentos de ambição, de vaidade, compaixão, etc.; ação, como por exemplo, o planejamento de uma armadilha, a imitação de ações já executadas por outrem; e o resultado inesperado, que pode agravar a situação inicial ou fazer que a personagem retorne a ela (1968:122).

A moral, que corresponderia à moralidade, é o lugar onde o autor formula suas opiniões pessoais a respeito de qualquer um dos elementos que compõem o esquema temático (1968:117), sendo considerada, pois, um "contrapeso" da narração (1968:123).

Segundo Gasparov (1968:125), esse esquema temático cobriria pelo menos 60% das fábulas da coleção Augustana. Elas constituiriam, então, estruturas fundamentais. Os 40% restantes não formariam um tipo único e preciso: pulverizam-se em pequenos grupos, ou então não se reduzem a nenhum tipo. Gasparov propõe que se tomem essas fábulas "despadronizadas", não como fábulas, mas como anedotas, novelas, contos, etc., embora ressalve que não há, por enquanto, critérios seguros que permitam delimitar a fábula de seus gêneros vizinhos.

Portella define a fábula como "uma narrativa breve, em prosa ou verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado" (1983: 121). Aponta ele como partes substanciais da fábula, uma narrativa breve e uma lição ou ensinamento. Retomando terminologia de La Fontaine, Portella nomeia corpo da fábula a narrativa, "onde são trabalhadas as imagens e se dá forma sensível às idéias gerais"; as verdades corporificadas na narrativa constituiriam a alma da fábula, podendo estar ou não explicitadas pelo narrador da fá

bula.

Assim, explícito em uma moralidade ou implícito na narrativa, o caráter pedagógico da fábula é, para Portella, o traço que diferencia a fábula dos outros gêneros próximos a ela, como o mito, a lenda e o conto popular. "Sob o aspecto da moralidade, diz Portella, situa-se a fábula entre o provérbio e a anedota. O provérbio é só moralidade, ao passo que a anedota é só narrativa. A fábula contém ambos, sob o manto de uma alegoria" (1983:123).

Ao corpo e à alma da fábula junta-se, para caracterizá-la, um terceiro elemento: a alegoria. Segundo Portella, a alegoria está presente na ação narrada pela fábula, ação essa que é alegórica pelo fato de apresentar "semelhança entre o comportamento animal e o humano" (1983: 125).

A narrativa da fábula obedeceria a um esquema composto de ação e reação, ou discurso e contra-discurso. Esquemas mais complexos comportariam uma reiteração do esquema de ação e reação, reiteração essa que poderia, teoricamente, se dar uma ou infinitas vezes.

Ainda com relação à narrativa, Portella afirma que é indiferente, para a fábula, o tipo de personagem que vivencia os fatos narrados. Contudo, observa ele que pode-se verificar, entre os fabulistas, uma preferência por animais, para a qual é possível encontrar explicações. Uma delas é o fato de que os caracteres, qualidades e temperamentos de determinados animais já são, segundo ele, sobejamente conhecidos, o que dispensaria uma prévia descrição. Outra explicação seria o "animalesco": "Não existe melhor meio de despir o homem de seu complexo de grandeza do que lembrar-lhe a sua animalidade", observa Portella (1983:136).

5. ESTRUTURA E FUNÇÃO NA DESCRIÇÃO DA FÁBULA

Esse conjunto de considerações sobre a fábula mostra que ela tem sido considerada tanto quanto à estrutura do texto narrativo como quanto às funções que essa narrativa esta

ria desempenhando.

Aristóteles vê a fábula como um expediente de persuasão, uma prova "técnica". Embora ele não a descreva, pode-se deduzir, do modo como a apresenta na Retórica, que, para ele, a fábula se constitui de dois enunciados: um enunciado narrativo e um enunciado que faz a aplicação da narrativa a uma dada situação.

Os retores, por sua vez, tratam a fábula de dois modos: como texto autônomo e como recurso estilístico de argumentação, como prova. Tanto num caso como no outro, a fábula se caracteriza, para eles, como um lógos seguido de outro lógos. Este segundo lógos funciona como "exortação", segundo Aftônio, e determina a construção do primeiro. Concede-se, pois, um privilégio à função da fábula.

Lessing se interessa pela fábula enquanto texto autônomo, como gênero literário. Preocupado em detectar as regras formais da fábula, ele retoma, na realidade, a colocação dos retores, quando diz que a narrativa da fábula realiza uma intenção que é própria do poeta, que organiza a ação com vistas a atingir seu objetivo: um princípio moral.

A crítica romântica é a primeira a desconsiderar a função da fábula e a caracterizá-la apenas enquanto "narrativa" que vale por si só. Recusam-se a aceitar nela qualquer indício que evidencie uma preocupação do poeta em comunicar princípios morais.

No século XX, continua a divergência entre os estudiosos quanto à validade de se considerarem ou não essas duas dimensões do texto — a estrutura e a função —, como meio de caracterizá-lo. Perry lança mão das duas para diferenciar a fábula literária, autônoma, da fábula não-literária, usada como prova de argumentação. A função de "retratar verdades", própria da fábula usada como expediente retórico, não caracteriza a fábula literária, que se considera que fosse narrada apenas como entretenimento, como qualquer outra narrativa.

Chambry, Adrados e Gasparov optam por considerar, em suas análises, a função da fábula, que viria expressa, muitas vezes, em forma de epimítios. Já Nøjgaard se recusa em cons

tituir a função como um critério de identificação da fábula. Para ele, a fábula se define como uma narrativa que tem uma estrutura específica.

Há que se observar, porém, que o termo função tem sido usado num sentido muito geral, que dá conta tanto das intenções lingüísticas do falante, das quais o texto sempre evidencia alguma marca, como das intenções não lingüísticas do falante, de suas "segundas intenções", às quais o interlocutor nem sempre tem acesso. O próprio Nøjgaard (1964:91-92) usa o termo função nesse sentido mais abrangente quando considera que, se fosse levada em conta a finalidade com que se enunciam narrativas, até as histórias que Ulisses contou aos feácios seriam consideradas fábulas; na medida em que ele as teria relatado com a finalidade de obter, de Alcínoo, uma boa acolhida.

Na descrição da fábula, que esta dissertação pretende realizar, concede-se primazia à função, pois adota-se o enfoque funcionalista de Halliday, para quem "a forma particular assumida pelo sistema gramatical da linguagem está relacionada de perto com as necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender" (1976:135)./Assim, são as funções a que a linguagem se presta que determinam o modo de sua estrutura lingüística./ Não se pode, pois, deixar de levar em conta a dimensão funcional do texto da fábula, uma vez que se parte do princípio de que ela é, antes de tudo, um "ato de fala", uma unidade de linguagem em uso(Halliday & Hasan, 1976:1). Contudo, o termo função, neste trabalho, refere-se, de modo restrito, aos fatores de organização do ato de fala que preenchem uma intenção lingüística marcada pelo locutor e recuperável, de algum modo, pelo alocutário, seja por meio de itens lingüísticos expressos no texto, seja por meio de recursos oferecidos pelo contexto das situações de fala.

II. A FÁBULA E O DISCURSO

Os dois estudos que se apresentam a seguir consideram, na tentativa de caracterizar a fábula, uma outra dimensão do texto que até então não tinha sido levada em conta ou, se foi apontada, não chegou a ser sistematizada como componente constitutivo de um modelo. Trata-se da instância de enunciação da fábula, instância que obriga a vê-la como um discurso produzido por um locutor (falante/autor) e dirigido a um alocutário (ouvinte/leitor). Nesse sentido, a fábula ultrapassa os limites de uma narrativa. O texto narrativo, na fábula, se mostra essencialmente teleológico (Suleiman, 1977:486), pois o locutor pretende realizar, com sua enunciação, uma ação que vai além do simples narrar.

1.0 COMPONENTE PRAGMÁTICO DO MODELO DE SULEIMAN

Susan Suleiman (1977) considera que o principal critério de identificação de gêneros literários é "uma certa relação que se estabelece entre o texto e o leitor" (1977:468), a qual indica a este último como a obra deve ser lida. Para ela, um gênero literário é comparável a um ato de fala, do qual se detecta a dimensão ilocutória, isto é, a intenção manifesta do locutor que o produz ("perguntar", "ordenar", "agradecer", "afirmar" etc.) e a dimensão perlocutória, isto é, o efeito que o ato de fala produz sobre os ouvintes ("persuadir", "convencer", "apavorear", etc.).

Preocupada em construir um modelo que explique o funcionamento do "romance de tese", Suleiman analisa duas modalidades do exemplo retórico—a parábola e a fábula—, por entender que tanto o romance de tese quanto o exemplo são discursos que têm uma mesma força ilocutória, isto é, uma mesma "motivação". Ela considera que ambos pretendem convencer alguém de uma verdade essencial e modificar eventualmente seu comportamento, por

meio da narração de uma história. Assim, tanto o romance de tese como o exemplo têm em comum, como força ilocutória, o ato de demonstrar uma verdade, cujo efeito perlocutório seria persuadir alguém dessa verdade. Suleiman considera, ainda, que essa primeira força ilocutória é prelúdio para outra ilocução, a injunção ou a exortação, cujo efeito perlocutório seria levar alguém a agir de um determinado modo, para seu próprio bem.

O ponto central de suas reflexões é o seguinte: considerando-se que histórias que expressam apenas um sentido não existem, como é possível que tais gêneros contem uma história que se faz ler de um modo determinado?

Suleiman inicia sua análise pelo exame de três diferentes parábolas, e chega à conclusão de que todo texto parabólico se articula em três níveis hierarquicamente vinculados: o nível narrativo, o mais baixo, o nível interpretativo e o nível pragmático, o mais alto. A cada um dos níveis corresponde um discurso específico. Assim, há um discurso narrativo, que relata uma história; um discurso interpretativo, que comenta a história para extrair dela um sentido, passível de se resumir numa generalização; e um discurso pragmático, que faz derivar do sentido extraído uma regra de ação, expressa linguisticamente por meio de formas verbais imperativas, endereçadas ao alocutário do texto. Suleiman constata, porém, que esse modelo discursivo da parábola nunca se atualiza, por completo, em três enunciados. Ela observa que toda parábola atualiza o discurso narrativo, por meio de um enunciado narrativo, a história, permanecendo implícito pelo menos um dos outros dois discursos, ora o discurso interpretativo, ora o discurso pragmático. Tanto num caso como no outro, Suleiman prevê que cabe ao destinatário da parábola e, por extensão, ao leitor, preencher o espaço vazio deixado pelo locutor, completando o modelo por meio da atualização do discurso ausente, o que só é possível se forem respeitadas as indicações deixadas pelo próprio locutor.

Para realizar essa tarefa de co-elaboração do texto parabólico, o destinatário ou o leitor precisa ser competente, isto é, precisa ter uma certa experiência com parábolas evangélicas, a ponto de poder considerar uma dada parábola em

relação ao seu contexto, caracterizado por Suleiman (1977:481) como o conjunto das parábolas evangélicas. É essa competência específica que permite ao alocutário identificar o discurso que não está atualizado e suprir a sua falta.

Além de saber observar os índices contextuais, externos à parábola em si, é necessário que o alocutário saiba considerar também os índices internos do enunciado narrativo. Tais índices se apresentam sempre que a parábola se constitui unicamente de enunciado narrativo, "em estado bruto", sem enunciado interpretativo ou enunciado pragmático. Nesse caso, as próprias personagens produzem enunciados interpretativos, tornando-se, assim, atores e, ao mesmo tempo, leitores de sua própria história.

Segundo Suleiman, devem-se considerar, no texto parábólico, dois tipos de redundâncias: as apresentadas pelo enunciado narrativo, e as que existem entre os diferentes enunciados que compõem a parábola. Estas últimas se justificam pela necessidade, que o locutor da parábola tem, de reforçar o mais possível o sentido unívoco da história, eliminando, assim, a possibilidade de leitura ambígua.

Suleiman conclui, então, que o que torna a parábola um texto com um sentido único é o fato de ela ou ser interpretada — de modo conseqüente e unívoco — por quem a relata, ou "banhar-se" em um contexto que a investe, de algum modo, de intencionalidade (1977: 480). Assim, nos raros casos de ausência de enunciados interpretativos e pragmáticos, a interpretação da parábola — e, por extensão, de qualquer história de natureza "exemplar" — se torna possível pelas redundâncias internas do texto narrativo e pelo contexto intertextual onde a história se insere (1977: 481).

Suleiman entende que parábolas e fábulas se diferem apenas quanto ao conteúdo: o ensinamento que as parábolas comunicam é "totalitário", fundado em doutrina absoluta; o ensinamento da fábula, por outro lado, se funda no "saber comum". Formalmente, porém, ambas funcionam do mesmo modo (1977: 483). Assim, quando a fábula não explicita enunciados interpretativos e prag

máticos, cabe ao alocutário atualizá-los, recorrendo aos índices internos e ao contexto intertextual que, nesse caso, é representado pelo conjunto de fábulas (1977: 482).

Acontece, porém, que esse modelo não serve para explicar o funcionamento de todas as fábulas, mas de um grupo delas, apenas. Suleiman divide as fábulas em dois grupos: as fábulas exemplares, que encerram uma moral, um sentido, do qual se pode derivar uma regra de ação, e as não-exemplares, que não comportam regra de ação. Isto significa que esse segundo grupo de fábulas não apresenta discurso pragmático, nem implícito, nem explícito (Suleiman, 1977:482). Suleiman, que centrou sua descrição da fábula na obra de La Fontaine, cita como exemplo de fábulas não-exemplares fábulas muito conhecidas, como "A cigarra e a formiga" e "O lobo e o cordeiro". Tais fábulas apresentam, segundo ela, apenas o enunciado narrativo e o enunciado interpretativo, e se limitam a ensinar verdades gerais, retratando, sem ilusões, "o mundo como ele é" (1977:482-483).

Como se vê, o modelo de Suleiman é extremamente interessante. Contudo, não se vai operar, nesta dissertação, com esse modelo, pelo fato de ele vincular o nível pragmático à dimensão perlocutória do ato de fala que a fábula e a parábola realizam. / Acontece que, enquanto a ilocução pode ser marcada lingüisticamente por formas de expressão performativas, a perlocução escapa ao controle de uma análise lingüística. / Aliás, pode-se dizer que o efeito que um ato de fala causa sobre o ouvinte foge do controle do próprio locutor. Pode-se, mesmo, supor que o locutor só consegue marcar em seu discurso um efeito perlocutório virtual — aquele que ele espera que seu discurso realize — e não real.

Por outro lado, Suleiman trabalha com conceitos operatórios eficientes, que foram adotados nesta dissertação. Trata-se, especificamente, do conceito de intertextualidade, definido por ela como "a presença de "vários discursos" em um único espaço" (inter)textual" (1977:480), e dos conceitos de discurso, enunciado e texto. Embora ela não os defina, o modo como opera

com eles faz pressupor que ela os concebe tal qual estão definidos por Fávero e Koch (1983:25): o discurso se caracteriza como "atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, lingüisticamente, por meio de textos", entendido, aqui, como qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Nesta dissertação, texto e enunciado serão usados como termos equivalentes, estando o primeiro privilegiando a "materialidade", isto é, a forma escrita com que se registram os signos verbais que concretizam o enunciado, entendido como o resultado, o produto de uma enunciação.

2. O COMPONENTE METALINGÜÍSTICO DO MODELO DE ALCEU DIAS LIMA

Em seu artigo "A Forma da Fábula", Alceu Dias Lima (1984) chama a atenção para o fato de que preocupações com o conteúdo levaram a ver na fábula só a história e a moral. Centrando sua análise na forma da fábula, ele pretende recuperar a idéia de "procedimento discursivo", latente em fala, significado presente na raiz latina sobre a qual se assenta a denominação fábula (1). Considera, então, que a fábula é um discurso e descobre que ela não se compõe de dois enunciados apenas, a história e a moral, mas de três, estando o enunciado da história e o enunciado moral articulados por um terceiro enunciado, que ele denomina discurso metalingüístico. Esse enuncia

(1) Segundo Benveniste (1969:136), a palavra fábula é um derivado do latim fari, "falar".

do se expressa nas fábulas pelos mais variados expedientes: (i) por frases do tipo "ho mÿthos deloĩ", "testatur haec fabella", "a fábula ensina", etc.; (ii) pela própria palavra moral que, disposta no fim da fábula teria implícita a frase " a moral desta fábula é..."; ou (iii) pela simples mudança de tom (para mais baixo) que se operaria na enunciação do discurso moral que segue o discurso da história. Essa mudança de entonação caracterizaria o discurso metalingüístico como um discurso de natureza suprasegmental.

Através do discurso metalingüístico recuperam-se tanto a instância de enunciação do discurso que a fábula constitui, como a existência do seu enunciador, responsável pela enunciação. Esse discurso adquire, pois, o estatuto de marca, presente no enunciado, da enunciação da fábula. "Não ler esse discurso, diz A.D.Lima, (1984:64), é, no mínimo, deixar incompleta a tarefa lingüística de análise do discurso pelo qual o texto da fábula se atualiza".

Contudo, essa organização discursiva não basta para caracterizar a fábula enquanto "espécie narrativa". Diz A. D.Lima: "Por mais pertinentes que sejam na análise de muitas fábulas, de cuja estrutura particular são constitutivos, esses procedimentos de sintaxe discursiva, a qual compreende a enunciação com seus desdobramentos de actorialização, espacialização e temporalização, não são abrangentes o bastante para que neles se possam situar todas as fábulas, nem se restringem ao âmbito da espécie, de modo a servir de fundamento à sua organização sintáxica particular. No que concerne aos procedimentos normais da sintaxe, tudo leva a postular que, desse ponto de vista — o da sintaxe discursiva — a fábula é um discurso qualquer e como tal deve ser tratada". (1984:66-67)

Segundo A.D.Lima, a marca constitutiva da fábula enquanto espécie narrativa está localizada na instância de sua semântica discursiva. A fábula se caracterizaria, então, pela instalação, no seu texto, de atores humanos e não-humanos. Estes, ainda que antropomorfizados, responderiam por ações não-humanas apresentadas no discurso da história; aqueles, figura-

tivizados ou não, responderiam por ações virtuais humanas, apresentadas no discurso moral. Ressalta, ainda, que os atores não-humanos do discurso da história podem estar figurativizados por "pessoas", mescladas ou não a animais. Nesse caso, essas "pessoas" continuam na condição de atores não-humanos porque elas não se referem ao ser humano como tal, em sua complexidade e inteireza, mas ao que lhe é incidental, rotineiro, em suma ao que pode resultar na transformação do homem em tipo, em caricatura. O que se teria, então, como próprio da fábula é esse efeito de sentido desumanização, operado no discurso da história por meio de vários expedientes tais como os nomes derivados indicadores de profissão, título ou cargos, as adjetivações os nomes próprios pitorescos, os nomes que registram hábitos discriminatórios, defeitos físicos ou morais e, ainda, os adjetivos substantivados. Esse efeito de sentido desumanização é que faria sempre do discurso da história uma "história de bichos". No discurso moral, o percurso narrativo atualizado pelos atores não-humanos é retomado, em plano virtual, por atores humanos.

A fábula mostraria, assim, disseminados ao longo da história como da moral, os mesmos valores. A diferença no tratamento deles estaria no tipo de tematização que eles recebem em cada enunciado: no enunciado da história, a tematização é concreta, ao passo que no enunciado moral ela é abstrata. Da textualização desses dois procedimentos — tematização concreta e tematização abstrata — nasceria a fábula.

A.D.Lima completa seu artigo lembrando que não são pertinentes à fábula problemas relativos à extensão do texto, à posição que a moral ocupa em relação à história (o enunciado moral pode vir antes ou depois dela), ou mesmo ao fato de a fábula apresentar ou não enunciado moral explícito. O discurso moral pode encontrar-se disseminado pelo discurso da história, o que daria a impressão superficial de que não há moral. Nesse caso, A.D.Lima prevê que ela será obtida por recurso à enunciação. (1984:68).

Essa colocação leva o autor a rever a importância da sintaxe discursiva na constituição da fábula. Ele se pergun

ta, então, se não seria a sintaxe discursiva o elemento constitutivo da fábula. A resposta que segue, porém, não desfaz o impasse criado: "Daquelas em que isso ocorre, sim, não porém, da fábula em geral" (1984:69).

Apesar do impasse, o trabalho de A.D.Lima é extremamente sugestivo. É, como se vê, o primeiro trabalho a chamar a atenção para a existência, na organização discursiva da fábula, do discurso metalingüístico. Esta descoberta, que orienta a decompor a fábula em três discursos distintos — narrativo, moral e metalingüístico —, abre novas perspectivas para o estudo do epimítio e do promítio da fábula esópica.

2ª PARTE

A FÁBULA ESÓPICA ANÔNIMA: A FALA NA
FÁBULA

- I. OS EPIMÍTIOS DAS FÁBULAS ANÔNIMAS
- II. A FUNÇÃO COESIVA DAS FÓRMULAS METALINGUÍSTICAS
- III. A FÁBULA ANÔNIMA E O FABULISTA

I. OS EPIMÍTIOS DAS FÁBULAS ANÔNIMAS

Aceitando-se, com Lima, que a fábula é um enunciado e, como tal, é resultado de uma enunciação, interessa observar como se manifesta, na fábula grega antiga, esse discurso metalingüístico, responsável pela articulação dos outros dois discursos.

A descrição do discurso metalingüístico das fábulas esópicas vai centrar-se num corpus de fábulas anônimas coligidas por Émile Chambry em sua Edição Minor (1967). Esta coletânea abriga 358 fábulas esópicas extraídas das três mais importantes coleções de fábulas anônimas legadas pela Antigüidade — a Augustana, a Acursiana e a Casinense ou Vindobonense — e de um manuscrito conhecido como Paráfrase Bodleiana, que contém, em sua maior parte, paráfrases em prosa de fábulas de Babrius.

É consensual, entre os estudiosos, que a Augustana é, de todas as coleções, a mais antiga. Há divergências, porém, quanto às datas que se fixam para a redação de cada uma dessas coleções. Chambry (1967:xlvii) propõe que a Augustana seja pelo menos do tempo de Plutarco (séc. I D.C.), supondo mesmo que seu núcleo remonte talvez ao próprio Demétrio de Falera. A Acursiana, segundo ele, teria sido redigida logo depois da Augustana, talvez no século III D.C., e a Vindobonense dataria do século VI D.C. Nøjgaard (1964:137-138) considera impossível, por enquanto, datar-se com precisão o texto da Augustana, haja vista a falta, nela, de referências a fatos históricos, que possibilitariam uma datação segura. No entanto, considera que os

procedimentos estruturais dessa coleção são anteriores a Fedro, o que o obriga a considerá-la como anterior ao século I D.C. Adrados (1978:5 e 77) entende que a Augustana seja uma reelaboração, feita no século V.D.C., de uma coleção mais antiga, provavelmente do século I D.C. E considera que a Vindobonense tenha sido redigida no século VI ou VII, e a Acursiana, no século IX D.C. (1948:130). Por outro lado, em seus estudos sobre a história da fábula greco-latina, Adrados obtém resultados interessantes que sobrepujam as dificuldades que impedem que se datem precisamente as coleções: baseando-se na existência de vestígios de estruturas métricas encontrados nas coleções em prosa, e na evolução do conteúdo de certas fábulas, ele conclui que se organizaram, derivadas da coleção de Demétrio de Falera, duas coleções principais, que ele denomina Coleção I ou "Antiga Augustana" e Coleção II, que dão origem, diretamente ou por contaminação, a quase todas as fábulas posteriores, incluindo-se entre elas, a fábula moderna (1986:113).

Do conjunto de 358 fábulas anônimas coligidas por Chambry, 10 sobressaem pelo fato de se constituírem unicamente de texto narrativo (1). As 348 fábulas restantes apresentam texto narrativo seguido de epímítio.

De acordo com as indicações de A.D.Lima, o discurso metalingüístico se explicita no promítio ou no epímítio da fábula. Logo, este trabalho se deterá na descrição dos epímítios das fábulas anônimas para observar:

- (i) qual é a frequência do enunciado metalingüístico nas fábulas anônimas;
- (ii) que expedientes lingüísticos se utilizam, nas fábulas, para expressá-lo;
- (iii) como o discurso metalingüístico se articula com o enunciado moral e com o narrativo;
- (iv) enfim, qual seria a sua função na economia da fábula esópica anônima.

(1) São elas: Ch 72, 97, 113, 188, 219, 252, 276, 294, 337 e 346. Ch 97, 113 e 188 constam do Apêndice desta dissertação.

Primeiramente, serão examinados os epimítios das fábulas para se verificar se é possível decompô-los em duas porções de texto, correspondente, uma, ao enunciado metalingüístico, e outra, ao enunciado moral. Em seguida, os tipos encontrados serão dispostos em quadros, de modo que se observe a estrutura do discurso metalingüístico e o grau de freqüência de cada um deles.

1. ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO EPIMÍTIO

Nesse procedimento de decomposição do epimítio em dois enunciados, considerou-se como enunciado moral a porção de texto constitutiva do epimítio que pode ser destacada do contexto, sem que se torne, por isso, "sem sentido", pois pressupõe-se que o enunciado moral seja um enunciado que conserva uma certa autonomia.

Para ilustrar esse procedimento, tome-se, como exemplo, o epimítio da fábula "Os carvalhos e Zeus" (Ch 99), cuja tradução se apresenta a seguir:

Os carvalhos puseram-se a recriminar Zeus, dizendo: "À toa fomos trazidos à vida; pois, mais que todas as plantas, suportamos o golpe violento." E Zeus: "Vocês mesmos é que acabaram arranjando para si tal desgraça. É que, se vocês não produzissem os cabos de machados e não fossem úteis para marceneiros e lavradores, machado algum iria cortá-los."

Certas pessoas que são responsáveis pelos próprios males direcionam tolamente a censura à divindade.

O epimítio dessa fábula é exemplo de um caso raro na coletânea: ele se constitui unicamente de discurso moral. Além dessa ocorrência, só há uma outra, encontrada em Ch 53, que também é especial por apresentar, diferentemente das outras, três epimítios, em vez de um só. Um desses três se constitui só

de enunciado moral.

Vê-se que o epímítio de Ch 99 se compõe de uma asserção que, retirada do contexto, poderia ser enunciada como se fosse uma máx^a, sem prejuízo algum de seu significado. Retirado o epímítio dessa fábula, esta passa a apresentar apenas o texto narrativo.

Contudo, a grande maioria dos epímítios está elaborada de outro modo. Os tipos de (1) a (10) apresentados a seguir, admitem que se isole o enunciado moral, de uma outra porção de texto que não compõe seu significado. Enquanto o enunciado moral destacado mantém sua autonomia significativa, a porção de texto restante fica "pendente".

- (1) Οὕτως ἢ πρὸς τοὺς ὑπερέχοντας ἀμιλλα, πρὸς τῷ μηδὲν ἀνύειν, καὶ ἐπὶ συμφοραῖς προσκτᾶται γέλωτα. (Ch 5)

Trad.: Assim, a competição com os superiores, além de não levar a nada, ainda faz rir das infelicidades.

- (2) Οὕτω καὶ τῶν ἀνθρώπων ἔνιοι τῶν πραγμάτων ἐφικέσθαι μὴ δυνάμενοι δι' ἀσθένειαν τοὺς καιροὺς αἰτιῶνται. (Ch 32)

Trad.: Assim, também certos homens que não conseguem realizar seus negócios por incapacidade, culpam as circunstâncias.

- (3) Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι πολλοὶ διὰ τὸ ἴδιον κέρδος οὐκ ὀκνοῦσιν ὀδοῦ τοῖς ἀδυνατοῖς ψευδομαρτυρεῖν. (Ch 10)

Trad.: O discurso mostra que muitos, por interesse particular, não hesitam de modo algum em dar falso testemunho de coisas impossíveis.

- (4) Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι ὁ καθ' ἑτέρου μηχανώμενος καθ' ἑαυτοῦ τὴν μηχανὴν περιτρέπει. (Ch 205)

Trad.: A fábula mostra que aquele que maquina contra os outros, reverte para si próprio a maquinação.

- (5) Διδάσκει ἡμᾶς ὁ λόγος ὅτι οἱ ἀδικάστως πρᾶγμα προσιόντες λαμβάνουσιν ἑαυτοὺς περιπεύροντες ἀτόκοις. (Ch 181)

Trad.: Ensina-nos o discurso que aqueles que se atiram, irrefletidamente, a uma tarefa, metem-se, sem perceber, em situações inconvenientes.

- (6) Ὅτι ἀγαθῶν μὲν οὐδεὶς ταχέως ἐπιτυγχάνει, ὅπο δὲ τῶν κακῶν ἕκαστος καθ' ἑκάστην πλήττεται. (Ch 1)

Trad.: Que com bens ninguém depara rápido, mas pelos males cada pessoa é a cada passo atingida.

- (7) Ἀτὰρ οὖν καὶ ἡμεῖς περιφεύγειν δεῖ τὴν φιλικὴν ὧν ἀμβολός ἐστιν ἡ διάθεσις. (Ch 60)

Trad.: Pois bem. Portanto, também nós é preciso que evitemos a amizade daqueles cuja postura é ambígua.

- (8) Ἀτὰρ οὖν καὶ ἡμεῖς ὁ λόγος διδάσκει μὴ δεῖν ἐπὶ τὰ ἐλαχίστα καὶ ἀκίνδυνα πράγματα ἔπευθὺς τοὺς θεοὺς ἀνακαλεῖν, ἀλλ' ἐπὶ τὰς μείζους ἀνάγκας. (Ch 356)

Trad.: Pois bem. Portanto, o discurso ensina que também nós não devemos invocar imediatamente os deuses nas tarefas insignificantes e sem riscos, mas só nas grandes precisões.

- (9) Ὁ λόγος δηλοῖ τὸ ἐν ταῖς συμφοραῖς οὐδὲ γαστρίζεσθαι. (Ch 226)

Trad.: O discurso mostra o fato de o estômago não se regalar com nada, nas infelicidades.

- (10) Ὅρξῃ ὅσον ἰσχύος ὁ κώνωψ ἔχει, ὡς καὶ ἐλέφαντα φοβεῖν. (Ch 210)

Trad.: Você está vendo quanta força tem o mosquito, a ponto de amedrontar até um elefante.

As traduções acima apresentam grifados os itens que podem ser destacados do epimítio para que o enunciado moral adquira uma certa autonomia em relação ao contexto.

Vê-se que em (1) é possível separar-se do enunciado moral o advérbio **οὕτως**, "assim"; em (2), além de **οὕτω**, pode-se destacar do enunciado moral a partícula **καί**, "também". Em (3), (4) e (5), obtém-se a autonomia do enunciado moral quando se retiram do epimítio a oração **ὁ λόγος δηλοῖ**, "o discurso mostra" e a conjunção **ὅτι**, que marca a condição sintática de subordinação do enunciado moral à oração que o antecede.

Em (6) o texto grego deixa explícito, por meio da conjunção **ὅτι**, traduzida pela conjunção integrante "que", que o enunciado moral que ela introduz constitui, do ponto de vista sintático, uma oração subordinada a uma oração principal que está ausente. Por isso, fez-se questão de manter o "que" na tradu

ção do epimítio para se dar uma imagem exata do modo como o texto grego se encontra elaborado. Se se excluísse da tradução a conjunção, o epimítio seria apresentado como se fosse composto unicamente pela asserção correspondente ao enunciado moral.

Em (7) as duas partículas iniciais **ἀτάρ** e **οὖν** que se traduziram por "Pois bem" e "Portanto", respectivamente, não integram o enunciado moral. Por outro lado, a partícula **καί**, traduzida por "também", pertence ao enunciado moral mas não é imprescindível para o seu sentido, devendo ser destacada desse enunciado para que ele se torne significativamente autônomo.

Em (8) encontram-se encadeados elementos externos ao enunciado moral, já comentados em relação a (5) e (7). Trata-se das partículas **ἀτάρ** e **οὖν** e da oração **ὁ λόγος διδάσκει**. E, também como em (7) e (2), é possível destacar-se do enunciado moral a partícula **καί**.

Em (8), como em (9), o enunciado moral se encontra subordinado à oração principal por meio de outros expedientes sintáticos, diferentes da subordinação por conjunção. Em (8) o enunciado moral se expressa por meio de oração infinitiva, e em (9), optou-se pela substantivação do infinitivo. São dados da estrutura de superfície do texto moral que de modo algum impedem que esse texto tenha uma certa autonomia significativa.

Em (10) vê-se claramente que o enunciado moral é a oração "quanta força tem o mosquito, a ponto de amedrontar até um elefante". Considera-se, assim, que a forma verbal **ὄρεξ** traduzida por "você está vendo", é externa ao discurso moral.

Observa-se que em todos esses dez tipos de epimítios encontra-se uma estrutura discursiva constituída de dois enunciados — um enunciado moral, potencialmente autônomo, e outro enunciado externo a ele, que deve expressar o que A. D. Lima nomeou "discurso metalingüístico". Além disso, verifica-se que esses dois enunciados compõem uma mesma estrutura sintática, em que o enunciado moral, na maior parte dos casos, funciona como complemento do enunciado metalingüístico.

Estrutura discursiva bem diferente da encontrada nos epimítios anteriores apresentam os epimítios numerados a

seguir de (11) a (22). Ver-se-á que eles se estruturam de tal modo que não admite que se isole um enunciado moral explícito e, portanto, autônomo.

- (11) Πρὸς τοὺς ἀφυῶς ταῖς τέχναις προσφερομένους ὁ λόγος ἀρμόδιός ἐστιν. (Ch 321)

Trad.: Para os que se comportam de modo impróprio em relação às suas habilidades, o discurso tem aplicação.

- (12) Ὁ λόγος πρὸς ἄνδρα ἄσωτον δι' ἠδουπάθειαν ἀπολώλυτα εὐκαιρός ἐστιν. (Ch 157)

Trad.: O discurso é oportuno para um homem libertino que está perdido por causa da luxúria.

- (13) Πρὸς ἄνδρα κενοδόξον ἐν οὐδεμίᾳ μοίρᾳ παρὰ τοῖς ἄλλοις ὄντα ὁ λόγος ἀρμόζει. (Ch 108)

Trad.: Para homem presunçoso que não goza de nenhuma consideração junto dos outros, o discurso se aplica.

- (14) Ὁ λόγος εἴρηται πρὸς τοὺς ἀφορμὴν καθ' ἑαυτῶν διδόντας ἀδικεῖσθαι. (Ch 297)

Trad.: O discurso está dito para aqueles que fornecem contra si próprios razões para sofrerem injustiças.

- (15) Οὗτος ὁ λόγος εἰκότως ἂν λέγοιτο ἐπ' ἐκείνων τῶν ἀνθρώπων οἱ παρὰ τὸν ἑαυτῶν βίον εἰς τοὺς φίλους πονηρευόμενοι μετὰ τὸν θάνατον εὐεργεσίας κατατίθενται. (Ch 290)

Trad.: Este discurso pode ser dito com razão em relação àqueles homens que, durante a vida, são perversos para com os amigos e, depois da morte, prestam benefícios.

- (16) Ὁ λόγος πρὸς τοὺς ἐπὶ τῶν ἰδίων ἀγαθῶν λυκουμένους. (Ch152)

Trad.: O discurso, para os que se afligem por causa de seus próprios bens.

- (17) Ὁ μῦθος πρὸς ἄνδρας ἐξώλεις ὠφελειν μὲν ἐπαγγελλομένους βλάπτοντας δὲ μεγάλα. (Ch 330)

Trad.: A fábula, para homens perniciosos que prometem ajudar mas que prejudicam muito.

- (18) Πρὸς ἄνδρα πονηρὸν μοχθηροῖς πράγμασιν ἐγχειρήσαντα. (Ch 115)

Trad.: Para homem perverso que empreende tarefas penosas.

- (19) Οὗτος ὁ μῦθος πλεονέκτας τοὺς ἐν ὀποκρίσει καὶ κενοδοξίᾳ βιοῦντας ἐλέγχει. (Ch 63)

Trad.: Esta fábula recrimina os ambiciosos que passam a vida no fingimento e na presunção.

- (20) Ὅτι τοὺς ἀπαιδεύτους καὶ ἀμαθεῖς καὶ κομφολόγους ἰατροὺς ὁ παρῶν μῦθος στηλιτεύει. (Ch 133)

Trad.: |Que|Os médicos despreparados, ignorantes e de conversa elaborada, a presente fábula denuncia.

- (21) Τοῦτῃ τῷ λόγῳ χρήσαιτο ἐν τις πρὸς ἄνδρα κλέπτην. (Ch 110)

Trad.: Esta fábula uma pessoa pode usar em relação a homem ladrão.

- (22) Τοῦτο εἰκότως εἶποι ἐν τις πρὸς τὸν ἤδη ἄρχοντα ὁ μετ' ἐκείνων μέλλων, εἰ πλημμελές τι πάσχοι. (Ch 340)

Trad.: Isto pode dizer, com razão, em relação à que já está governando, uma pessoa que está para sucedê-la, caso recebesse, da parte dela, um desaforo.

Em todos esses epimítios não há como se delimitar um enunciado moral explícito, autônomo, que possa ser isolado. Em vez de explicitarem um enunciado moral, tais epimítios têm em comum o fato de explicitarem um destinatário específico para a fábula, apresentado como portador de algum tipo de "defeito" moral. Em relação a esse destinatário, fazem-se diferentes predicacões ao texto narrativo, nomeado ora λόγος, ora μῦθος.

Em (11), (12) e (13), atribui-se ao "discurso" ou à "fábula" um predicado de estado, expresso por sintagma composto de adjetivo (ἁρμόδιος, εὐκαιρος) + verbo de ligação (ἐστίν), ou por verbo de estado (ἁρμόζω).

Em (14) e (15) explicita-se a condição de enunciado do texto narrativo, que visa um determinado destinatário, real em (14), e potencial em (15). Já (16) e (17) omitem a predicacão, e (18) omite até o sujeito que receberia uma predicacão.

Os destinatários de (19) e (20) são apresentados como metas de diferentes ações predicadas ao discurso narrati-

vo.

Os epimítios (20) e (21), por outro lado, se particularizam por explicitar dois destinatários específicos e identificáveis, que desempenham diferentes papéis semânticos: o primeiro é posto como beneficiário, a quem se recomenda que se aproprie do discurso narrativo e faça uso dele para agir sobre o segundo destinatário, posto como meta da ação potencial do primeiro.

Vê-se, pois, que as fábulas anônimas apresentam uma riqueza muito grande de padrões de estruturação discursiva de epimítios. E pode-se constatar, também, que se o discurso moral pode não se encontrar explícito, o mesmo não acontece com o discurso metalingüístico. Ele está explícito nos 22 tipos de epimítios analisados. Assim, quanto à estrutura dos epimítios, é possível enquadrar as fábulas em três grupos distintos:

- (a) fábulas cujo epimítio explicita apenas o discurso moral;
- (b) fábulas cujo epimítio explicita apenas o discurso metalingüístico; e
- (c) fábulas cujo epimítio explicita duas porções de texto perfeitamente delimitáveis, sendo uma delas a expressão lingüística do discurso moral, e outra, a expressão lingüística do discurso metalingüístico.

Já se disse que são raros os casos de epimítios do grupo (a) na coletânea. Na realidade, encontram-se dois casos, apenas: um, já comentado anteriormente, pertencente ao texto de Ch 99; e outro, um dos epimítios da fábula "O naufrago" (Ch 53), que, diferentemente das outras fábulas da coletânea, apresenta três epimítios. Pode-se concluir, desses fatos, que o discurso metalingüístico se encontra explicitado por expedientes lingüísticos na maioria das fábulas da coletânea, enquadradas nos grupos (b) ou (c).

2. FÓRMULAS INTRODUTORAS DE EPIMÍTIOS

Apresentam-se, a seguir, quadros que dão destaque

aos vários tipos de textos que expressam o discurso metalingüístico da fábula anônima. Alguns deles apresentam, entre colchetes, formas lingüísticas pertencentes ao discurso moral, que admitem ser dele destacadas, se se quiser conferir-lhe autonomia. Alguns desses casos, ainda, apresentam, entre parênteses, formas lingüísticas também pertencentes ao discurso moral, que se caracterizam por constituírem junto com a forma entre colchetes, um sintagma que se reitera freqüentemente nos epímítios.

Cada quadro traz informações a respeito das variantes de cada tipo e da freqüência deles na coletânea. Indica-se, ainda, à frente de cada um deles, o número da fábula que se apresenta como exemplo, cujo texto original e a respectiva tradução constam do corpus de fábulas anônimas que constitui o Apêndice desta dissertação.

Formas lingüísticas introdutoras de epímítios
compostos de texto metalingüístico e texto moral.

Quadro 1

οὕτω(ς)	47	Ch 5
οὕτω(ς) [καί]	35	Ch 32
οὕτως [καί] (ἡμᾶς δεῖ)	1	Ch 202
total=	83	

Quadro 2

ἀτὰρ οὖν [καί] (ἡμᾶς δεῖ)	5	Ch 60
ἀτὰρ οὖν [καί] (ἡμᾶς χρή)	1	Ch 53
ἀτὰρ οὖν [καί] (ἡμᾶς προσήκει)	1	Ch 272
ἀτὰρ οὖν [καί] (ἡμᾶς) ὁ λόγος διδάσκει (δεῖν)	1	Ch 356
total=	8	

Quadro 3

ὁ μῦθος δηλοῖ [ὅτι]	51	Ch 68
ὁ λόγος δηλοῖ [ὅτι]	67	Ch 10
ὁ λόγος δηλοῖ (+ or. inf.)	1	Ch 17
ὁ λόγος δηλοῖ (+ nome)	1	Ch 226
ὁ λόγος διδάσκει (+ or. inf.)	4	Ch 4
οὗτος ὁ λόγος διδάσκει (+ or. inf.)	1	Ch 293
διδάσκει ἡμᾶς ὁ λόγος [ὅτι]	1	Ch 181
total=	126	

Quadro 4

[ὅτι]	63	Ch 1
total=	63	

Quadro 5

ὁρᾶς [ὅσον]	1	Ch 210
total=	1	

Formas lingüísticas introductoras de epítitios
compuestos de texto metalingüístico

Quadro 6

ὁ λόγος ἀρμόδιός ἐστιν	πρός	1	Ch 321
ὁ λόγος εὐκαιρός ἐστιν	πρός	1	Ch 157
ὁ λόγος εὐκαιρος	πρός	18	Ch 24
ὁ λόγος ἀρμόζει	πρός	2	Ch 108
οὗτος ὁ λόγος ἀρμόττει	πρός	1	Ch 41
οὗτος ὁ λόγος ἀρμόσειεν ἂν	πρός	2	Ch 234
οὗτος ὁ λόγος ἀρμόσειεν ἂν ἐπί		1	Ch 164
ὁ μῦθος ἀρμόζει	ἐν	1	Ch 144
total=		27	

Quadro 7

ὁ λόγος εἴρηται	πρός	2	Ch 297
ὁ λόγος εἴρηται	ἐν	1	Ch 147
ὁ λόγος λεχθεῖη ἂν	ἐπί	3	Ch 130
οὗτος ὁ λόγος λεχθεῖη ἂν	ἐπί	1	Ch 74
οὗτος ὁ λόγος εἰκότως ἂν λέγοιτο ἐπί		1	Ch 290
total=		8	

Quadro 8

ὁ λόγος	πρός	1	Ch 152
ὁ μῦθος	πρός	7	Ch 330
ὁ μῦθος	περί	1	Ch 47
ὁ μῦθος οὗτος	πρός	1	Ch 292
total=		10	

Quadro 9

τούτῃ τῇ λόγῃ χρήσαιτο ἂν τις	πρός	8	Ch 110
τούτῃ τῇ λόγῃ χρήσαιτο ἂν τις	ἐπί	1	Ch 65
total=		2	

Quadro 10

τοῦτο εἰκότως εἰποι ἂν τις πρὸς	1	Ch 340
τοῦτο πάσχουσιν οἱ (+ part.)	1	Ch 33
	total=2	

Quadro 11

πρὸς	4	Ch 115
	total = 4	

Quadro 12

ὁ μῦθος ἐλέγχει	5	Ch 345
οὗτος ὁ μῦθος ἐλέγχει	1	Ch 63
ὁ παρῶν μῦθος στηλιτεύει	1	Ch 133
	total = 7	

O conjunto de dados que os quadros apresentados expõem favorecem as seguintes observações:

1. Da soma das ocorrências de cada tipo obtém-se o total de 348 formas lingüísticas introdutoras de epímítio, encontradas num conjunto de 347 fábulas anônimas. Cabe lembrar, aqui, que já se mencionou a existência de Ch 99, cujo epímítio só explicita o enunciado moral. Assim, do total de 348 fábulas com epímítio, interessa, de modo particular, para esta dissertação, o conjunto representado pelas 347 fábulas que explicitam, em seus epímítios, o discurso metalingüístico por meio de um enunciado, pois é sobre esse discurso que centrarão as reflexões que este trabalho vai expor. Por outro lado, chama a atenção o fato de o número de epímítios ser maior que o número de fábulas. Isto se explica pelo fato de Ch 53 apresentar três epímítios, dois dos quais explicitam discurso metalingüístico.

2. Do conjunto de 348 epímítios que explicitam o discurso metalingüístico, 67 se constituem unicamente do enunciado que expressa esse discurso, e 281 explicitam, subordinado ao enunciado metalingüístico, o enunciado moral. Conclui-se, então, que são absolutamente predominantes, na coletânea, fábulas que realizam o esquema discursivo proposto por A.D.Lima, que prevê a articulação de três discursos: um discurso narrativo, um discurso

metalingüístico e um discurso moral.

3. As porções de texto que explicitam o discurso metalingüístico são expressas por verdadeiras construções formulares (2), o que permite que sejam denominadas de fórmulas metalingüísticas. Observa-se, ainda, que todas elas ocupam a posição inicial do epímítio.

Essas observações justificam o interesse em se descrever o epímítio como o texto fundamental da fábula anônima. Assim, parte-se do princípio de que ele é tão importante, na organização textual da fábula, quanto o texto narrativo. Por isso, as fábulas anônimas serão analisadas tais quais elas se apresentam na coletânea: como um texto único, composto de dois outros, o texto da narrativa e o texto do epímítio.

Entendido como "unidade de linguagem em uso" (Halliday & Hasan, 1976:1), toma-se o texto como uma unidade semântica. Isto implica que não se devem buscar entre as frases que realizam o texto as mesmas relações estruturais, sintáticas, existentes entre as orações que compõem uma frase.

Como se aceita, com A.D.Lima, que o discurso metalingüístico é o que opera a ligação entre o discurso narrativo e o discurso moral, propõe-se que deve haver entre o texto metalingüístico e o texto narrativo uma relação semântica textual potencialmente explicitada por itens lingüísticos. Pretende-se, então, investigar, a seguir, a natureza metalingüística de tais itens.

(2) Adrados (1978:17) observa que "na Augustana (e em certa medida em outras coleções) existe um verdadeiro estilo formular". Nesse artigo e em artigos posteriores (1982, 1984) apresenta resultados da descrição de fórmulas, muitas delas de estrutura métrica, encontradas no texto narrativo das fábulas anônimas.

II. A FUNÇÃO COESIVA DAS FÓRMULAS METALINGÜÍSTICAS

A análise dos epimítios da fábula anônima, que se pretende desenvolver neste trabalho, parte de duas constatações fundamentais:

- (i) as fábulas anônimas se caracterizam por explicitar o discurso metalingüístico;
- (ii) o discurso metalingüístico se expressa por meio de construções formulares.

O alcance dessas constatações se evidencia quando são aproximadas da significação do discurso metalingüístico, apontada por A.D.Lima: ele assinala a própria condição de enunciado que a fábula é, permitindo que se recupere a instância de sua enunciação.

Logo, coloca-se como hipótese a ser verificada que deve haver um conjunto de fatores enunciativos que determinam o modo como o texto da fábula se estrutura lingüisticamente para expressar seus significados.

Toma-se como centro de análise o discurso metalingüístico em sua manifestação lingüística, para investigar-se como ele se organiza enquanto texto responsável pela articulação do texto narrativo com o texto moral.

O exame e a interpretação das marcas lingüísticas de coesão textual encontradas no texto metalingüístico serão feitos segundo a proposta de descrição de expedientes lingüísticos de coesão textual elaborada por Halliday & Hasan, na obra Cohesion in English (1976). Julgou-se necessário expor em linhas gerais quais são os princípios dessa proposta, tanto para que se possa avaliar o alcance dos resultados obtidos, como para que se

fixem com precisão os significados dos termos que constituem a metalinguagem, utilizada por eles, que foi adotada nesta dissertação.

1. O MODELO DE COESÃO TEXTUAL PROPOSTO POR HALLIDAY & HASAN

É importante não se perder de vista, para uma avaliação correta do modelo de coesão textual formulado por Halliday & Hasan, o lugar que a coesão ocupa dentro da concepção que esses lingüistas têm a respeito da linguagem.

Para eles, uma descrição da natureza, isto é, do modo de ser da linguagem só será completa se forem consideradas as funções a que ela se presta. Descartam, pois, a validade, tanto de uma descrição puramente exterior das funções lingüísticas — pois ela nada diria a respeito da natureza da linguagem —, como de uma descrição da estrutura lingüística que não leve em conta as funções — pois ela não explicaria por que a linguagem se estrutura de um modo e não de outro. Assim, Halliday & Hasan optam por considerar o sistema da língua de acordo com seu uso, focalizando-o de um ponto de vista estrutural e funcional ao mesmo tempo.

É Halliday (1976:135) que explicita mais claramente essa postura teórica quando diz que "a forma particular assumida pelo sistema gramatical da língua está relacionada de perto com as necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender."

Halliday estabelece como ponto de partida da análise a noção de ato de fala. Falar, para ele, é optar entre um grande número de opções inter-relacionadas, que constituem o potencial de sentido, a "gramática" da língua.

Entendidos como seleção de opções, os atos de fala nunca ocorrem "in vacuo", e sim no contexto das situações de fala. "Eles envolvem, pois, o exercício criativo e repetitivo de opções em situações e ambientes sociais e pessoais", lembra Hal

liday (1976:136).

As opções que compõem o sentido potencial da língua combinam-se em redes relativamente independentes que correspondem aos três maiores componentes semântico-funcionais da língua, responsáveis pela expressão de três funções básicas: (i) função ideacional, (ii) função interpessoal e (iii) função textual (Halliday & Hasan, 1976:26-27).

A função ideacional permite à língua organizar-se para expressar conteúdo. É a função que a língua tem de ser sobre alguma coisa. Através dela, o falante comunica a experiência que tem do mundo exterior e do seu mundo interior, e estrutura suas experiências e sua visão de mundo.

A função interpessoal atua no estabelecimento e na manutenção das relações sociais. Ela diz respeito às funções social, expressiva e conativa da língua. Expressa o "ângulo do falante": suas atitudes, julgamentos, sua codificação do papel das relações sociais e de parentesco na situação, seu motivo ou sua intenção ao dizer algo. Enquanto a função ideacional representa o falante em seu papel de observador, a função interpessoal o representa em seu papel de intromissor.

A função textual, por sua vez, possibilita ao falante produzir seus atos de fala. Estes são representados por textos, definidos como "passagens encadeadas de discurso apropriadas à situação que as motivou". É, pois, a função textual que permite ao falante distinguir que seu ato de fala constitui um texto e não um conjunto aleatório de orações. Essa função corresponde ao componente formador-de-texto do sistema lingüístico. Compreende os expedientes que a língua tem para criar texto que seja operacionalmente relevante e coerente consigo próprio e com o contexto de situação em que é produzido.

O modelo de coesão textual de Halliday & Hasan procura descrever as estruturas lingüísticas que garantem a coesão do texto. Trata-se, pois, da teorização de apenas um aspecto da função textual. Com esse modelo, Halliday & Hasan pretendem sistematizar as marcas lingüísticas que caracterizam um texto enquanto tal, marcas essas que constituem as propriedades desse texto.

Halliday & Hasan caracterizam o texto como passagem oral ou escrita, em prosa ou verso, na forma de diálogo ou monólogo, de qualquer extensão, que constitui um todo que se realiza, isto é, se codifica por meio de frases, mas não se constitui de frases. Observam que não se deve esperar encontrar entre as partes de um texto a mesma espécie de integração estrutural que se encontra entre as partes de uma frase ou de uma oração. É que o texto não é uma unidade gramatical como é a frase. O texto difere da frase em espécie: ele é uma unidade semântica, uma unidade de significado, não de forma (1976: 1-2).

Uma passagem oral ou escrita que constitui um texto apresenta tessitura ("texture"). Tessitura é o termo que Halliday & Hasan usam, em contraposição a estrutura, para nomear a propriedade de ser texto. É pela tessitura que um texto se distingue de um não-texto. Segundo Halliday & Hasan, o que confere ao texto a tessitura é o fato de que ele funciona como uma unidade em relação à sua ambiência (1976:2). Desse modo, a existência e o tipo de relação entre o texto e sua ambiência se tornam decisivos para a determinação do texto enquanto tal.

A ambiência em que o texto se realiza Halliday & Hasan nomeiam situação ou contexto de situação. Este conceito abrange todos aqueles fatores extralingüísticos que têm algum componente no próprio texto. O grande desafio, para a análise de texto, é determinar quais fatores externos afetam as escolhas lingüísticas que o falante/escritor faz. Halliday & Hasan consideram que dados extralingüísticos como os de natureza meteorológica não pertencem à situação porque não são relevantes para os significados expressos no texto, ou para a seleção de vocabulário ou de padrões gramaticais usados pelo texto para expressar aqueles significados. Já fatores como tipo de ouvinte, meio de veiculação do texto, propósito da comunicação do texto, enfim, fatores ligados aos componentes do ato de comunicação (falante, ouvinte, canal), são influentes na expressão dos significados do texto e na determinação do modo como ele se organiza para expressá-los (1976:19-21).

Assim, para se avaliar se uma determinada passagem oral ou escrita constitui texto, o leitor/ouvinte sempre aciona,

conscientemente ou não, duas espécies de "chaves": (i) chaves lingüísticas, internas à passagem, que detectam as relações coesivas existentes entre as frases que realizam o texto, e (ii) chaves situacionais, externas à passagem, que detectam as relações entre a língua e as marcas relevantes da ambiência material, social e ideológica do falante/escritor.

Halliday & Hasan consideram como pertencentes ao domínio da Lingüística tanto as propriedades lingüísticas como as propriedades situacionais do texto. Pelos padrões lingüísticos que estruturam a experiência que se tem da ambiência, pode-se identificar quais marcas dessa ambiência são relevantes para o comportamento lingüístico e, como tal, fazem parte do contexto de situação. Logo, é o contexto de situação que determina os tipos de significados que estão expressos pelo texto (1976 : - 22).

Para descrever o contexto de situação, Halliday & Hasan estabelecem três conceitos básicos: (i) campo, (ii) modo, e (iii) teor. Campo é o acontecimento global em que o texto está em funcionamento junto com a atitude proposital do falante/escritor. Nele inclui-se, também, o assunto. Modo é a função do texto no acontecimento, isto é, no campo. Abrange tanto o canal veiculador do texto como seu gênero, isto é, seu modo retórico: narrativo, didático, persuasivo, fático, etc. Teor é o tipo de papel de interação, o conjunto das relações sociais relevantes, permanentes ou temporárias, entre os participantes envolvidos. Quanto mais detalhadamente se puder caracterizar o contexto de situação, mais detalhadamente será possível predizer as propriedades de um texto naquela situação. Melhor se poderá, então, descrever seu registro.

Halliday & Hasan (1964: 22-23) definem registro como o "conjunto de significados, a configuração de padrões semânticos que são tipicamente acionados em condições específicas, junto com palavras e estruturas usadas na realização desses significados." O registro compreende, pois, "as marcas lingüísticas que estão tipicamente associadas com uma configuração de marcas situacionais."

Vê-se, desse modo, que o conceito de tessitura for

mulado por Halliday & Hasan abrange, além da coesão, "algum grau de coerência nos significados efetivamente expressos ", não apenas, e principalmente, no conteúdo, mas também na escolha global entre os expedientes semânticos da língua, incluindo os vários componentes interpessoais(social-expressivo-conativo): modos, modalidades, intensidades, e outras formas de intromissão do falante na situação de fala.

O conceito de registro completa o de coesão, pois Halliday & Hasan consideram que os dois juntos, efetivamente, definem um texto. Uma passagem oral ou escrita, para ser texto, deve ser coerente tanto em relação ao seu contexto de situação, isto é, deve ter registro coerente, como em relação a si própria, isto é; deve ser coesa. Essas duas características — coesão e coerência — se interdependem, embora não se recubram.

Halliday & Hasan consideram a tessitura uma questão de grau, e prevêem que o leitor/ouvinte atenta para essas duas características ao julgar se uma passagem oral ou escrita constitui texto ou não. A tessitura resulta da combinação de dois tipos de configuração semântica: as do registro e as da coesão. De acordo com a configuração semântico-situacional particular, isto é, com um registro particular, do texto, as formas tomadas pela relação coesiva diferirão. Pelo registro, descobre-se o que o texto significa; pela coesão, descobre-se como o texto significa o que ele significa (1964: 26).

Veja-se, mais detalhadamente, em que consiste o conceito de coesão.

Halliday & Hasan definem a coesão como uma relação semântica que se estabelece entre um e outro item de um texto , de tal modo que um deles se torna fundamental para a interpretação do outro. Essa relação que se estabelece entre esse par de itens correlacionados constitui um elo ("tie"). A quantidade de elos, bem como seus tipos, variam de um texto para outro.

Em princípio, coesão nada tem a ver com os limites da frase, pois ela se estabelece entre itens que podem ou não estar estruturalmente relacionados. Contudo, Halliday & Hasan ressaltam que quando se trata de descrever um texto, é a coesão

interfrasal que é significativa, porque ela representa o aspecto variável da coesão, distinguindo um texto de outro (1976:9).

Coesão não é apenas um outro nome para "estrutura do discurso". Estrutura do discurso constitui para Halliday & Hasan um tipo de estrutura. Ela se refere à estrutura de alguma unidade postulada mais alta que a frase — o parágrafo, por exemplo —, ou de alguma entidade mais extensa, tal como um episódio ou uma unidade tópica. Coesão abrange o conjunto de recursos semânticos que existem para ligar uma frase ao que veio antes.

Halliday & Hasan ressaltam que há outros tipos de relações semânticas associadas a um texto que não estão incorporadas nesse conceito de coesão. Mas a relação que esse conceito incorpora, afirmam eles, é de algum modo a mais importante, por ser comum a qualquer texto e a que, de fato, faz de um texto um texto (1976: 13).

O conceito de coesão abrange dois aspectos: ele é um conjunto de possibilidades de expedientes formadores-de-texto, e ao mesmo tempo é um processo, no texto, entre dois elementos, em que um aponta para o outro.

Dentro do sistema lingüístico, a coesão textual é parte do componente textual. Este componente se constitui ainda do sistema de tema, realizado dentro da estrutura oracional, e da estrutura de informação. A importância da coesão, em relação aos outros dois, está no fato de que sem ela o restante do sistema semântico não pode, efetivamente, ser acionado.

Como todos os componentes do sistema semântico, a coesão se realiza através do sistema lexicogramatical. Assim, os tipos de elos fazem parte do sistema da língua, estando previstos nos recursos sistemáticos que a língua possui.

Halliday & Hasan distinguem cinco tipos de elos: referência, substituição, elipse, coesão lexical e conjunção. Os três primeiros se expressam por expedientes gramaticais; a coesão lexical se expressa pelo vocabulário, e a conjunção se expressa por meio de expedientes lexicogramaticais.

Apresenta-se, a seguir, uma breve exposição de cada tipo de elo, restringindo-se sua função coesiva às relações

interfrasais.

Referência

Halliday & Hasan tratam como referência a relação semântica expressa por expedientes gramaticais, em que a interpretação de um item, chamado item de referência, se faz por meio da identificação de um referente. Se este se localizar na situação de discurso, diz-se que a referência é exofórica; se, ao contrário, se localizar no texto, a referência será endofórica. Apenas a referência endofórica é considerada coesiva. A referência exofórica contribui para criar texto mas não contribui para integrar uma passagem com outra de modo que as duas juntas formem parte de um mesmo texto.

Há duas formas de se interpretar um item de referência: (i) por identificação com o referente, e (ii) por comparação.

A referência por identificação pode ser pessoal, feita por meio da categoria de pessoa do discurso, representada pelos pronomes pessoais, pronomes possessivos e, no caso do grego e do português, pelas desinências verbais, ou demonstrativa, feita pelos pronomes e advérbios demonstrativos, que situam o referente numa escala de proximidade em relação ao falante, e pelo artigo definido. Veja-se, no exemplo abaixo, uma ocorrência de cada um dos tipos de referência por identificação:

- (a) João viaja amanhã para São Paulo. Lá encontrará, com certeza, os livros de que está precisando.

Nesse exemplo, a desinência de terceira pessoa do singular da forma verbal encontrará constitui item de referência pessoal que retoma, para ser interpretada, o item João, mencionado na oração anterior. Por outro lado, o advérbio lá constitui item de referência demonstrativa, cuja interpretação se faz pela retomada do item São Paulo, mencionado antes.

A referência por comparação pode expressar, entre os itens, uma relação de semelhança, abrangendo as noções de identidade, não-identidade e diferença, e pode também estabelecer, entre eles, uma comparação em relação a uma propriedade

particular, apresentada em termos de quantidade ("mais", "menos", etc.) ou de qualidade ("melhor", "pior", etc.). No exemplo seguinte:

- (b) João acha que a vida em São Paulo é agitada. Eu tenho a mesma opinião.

estabelece-se, por meio do item de comparação mesma, uma relação de identidade entre a opinião de João e a opinião do "eu" que enuncia a seqüência.

Substituição

Enquanto a referência é retomada de sentido, a substituição é a retomada de forma lingüística. Usada quando não há identidade de referência entre os itens relacionados, a substituição usa o item substituto como uma espécie de "ficha", num determinado ponto do texto, como alternativa para a repetição de um item particular.

Os tipos de substituição são classificados de acordo com a função gramatical do item substituído. Assim, a substituição pode ser nominal (expressa em inglês pelas formas one e same), verbal (expressa pelo verbo do) e oracional (expressa por so e not). Esse mecanismo, bastante freqüente em inglês, parece ser raro, ou mesmo nem existir, em português. Vejam-se os exemplos abaixo e suas respectivas traduções portuguesas:

- (c) My axe is blunt. I must get a sharper one.

trad.: Meu machado está sem corte. Preciso arrumar um mais afiado.

- (d) You think John plays the piano?

— I think everybody does.

trad.: Você pensa que João toca piano?

— Eu penso que todo mundo o faz.

- (e) Has John played the piano?

— I think so.

trad.: João tocou piano?

— Eu penso que sim.

Em português, a coesão entre as frases dos exemplos acima é realizada por outros expedientes coesivos que não a substituição. Na tradução de (c), vê-se que o que era substituto em

inglês, expressa-se em português por meio de elipse. Na tradução de (d), a forma does se traduz por o faz, em que o pronome o, item de referência, retoma a expressão toca piano, pois o verbo fazer, nesse caso, recupera apenas a ação referida. Quanto ao exemplo (e), há divergências entre os especialistas quanto ao fato de sim funcionar ou não como substituto (1).

Elipse

Para Halliday & Hasan, a elipse, assim como a substituição, constitui uma relação entre formas lingüísticas. A elipse é considerada um tipo especial de substituição, uma substituição por "zero". Ela se caracteriza por deixar sem ser dito algo que é estruturalmente necessário. Esse "vazio" deixado na estrutura de sintagmas nominais, verbais e mesmo de orações, pressupõe a existência de um item anterior, que funciona como fonte da informação omitida. Assim como a substituição, a elipse é, pois, segundo Halliday & Hasan, uma relação coesiva essencialmente endofórica. Vejam-se os exemplos abaixo:

(f) Você tem cigarros? — Tenho | \emptyset | sem filtro.

(g) João está fazendo regime. — Eu também estou | \emptyset |.

(h) Você foi à passeata? — É claro! | \emptyset |

Nota-se que na sequência de (f) deixa-se elíptico um nome, cigarros; na sequência de (g), preenche-se a elipse pela retomada da forma fazendo regime; e em (h), a resposta à pergunta deixa elíptica uma oração inteira: que eu fui à passeata.

Coesão lexical

Halliday & Hasan denominam coesão lexical o efeito coesivo realizado por meio da seleção de vocabulário, distinguindo-se dois aspectos distintos, embora relacionados: a reiteração e a colocação.

Reiteração é uma forma de coesão lexical que abrange tanto a simples repetição de um item lexical, como a sua reiteração por meio de sinônimos, quase-sinônimos, super-ordenados e até por meio de nomes gerais. Tais expedientes podem ser ilus

(1) Cf. Fávero e Koch, 1983: 40-41.

trados pelas diferentes seqüências propostas, a seguir, para a seguinte oração:

"O trabalhadores da construção civil entraram em greve."

- (i) Esses trabalhadores têm uma vida muito sacrificada.
- (j) Esses operários têm uma vida muito sacrificada.
- (l) Esses empregados têm uma vida muito sacrificada.
- (m) Esses homens têm uma vida muito sacrificada.
- (n) Essa gente tem uma vida muito sacrificada.

A coesão lexical por colocação se expressa por meio da coocorrência de itens lexicais que apresentam algum tipo de relação semântica, independente de qual seja. Os itens podem-se relacionar por serem antônimos, complementares, por pertencerem a um mesmo campo semântico, ou, então, simplesmente porque tendem a coocorrer em determinados contextos. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (o) Há um menino trepado na mangueira. Meninas não teriam coragem de subir tão alto.
- (p) A mãe chorava num canto. O filho, porém, continuava a brincar.
- (q) O retireiro não sabia o que fazer. As vacas haviam escapado do curral.
- (r) O calor está forte demais. E a chuva não vem.

Conjunção

Conjunção é o nome que Halliday & Hasan dão à conexão semântica que especifica o modo como uma frase está sistematicamente ligada à frase que veio antes. Os elementos conjuntivos não são coesivos por si mesmos, mas indiretamente, em virtude do significado deles, que pressupõe a presença de outros componentes no discurso.

Diferenciam-se dois tipos de relação conjuntiva: a interna e a externa. A relação conjuntiva externa se localiza entre fatos, "phenomena", que constituem o conteúdo do que está sendo dito, como se pode observar na seqüência abaixo, cujas orações se inter-relacionam por uma relação temporal marcada pelo item conjuntivo depois:

(s) Maria levantou cedo e foi à missa. Depois, foi ao cemitério.

A relação conjuntiva interna se localiza entre as etapas do processo comunicativo que o evento de fala constitui. Veja-se, na sequência abaixo, que o item conjuntivo depois estabelece, entre as orações, uma relação temporal que diz respeito não aos fatos comunicados, mas à ordem em que se apresentam os argumentos:

(t) Maria não estava disposta a viajar. Depois, não era mesmo para estar, pois o preço era muito alto.

Halliday & Hasan reduzem a enorme variedade de tipos de conjunção a quatro tipos básicos: aditivo, adversativo, causal e temporal, não deixando de prever que um mesmo item conjuntivo pode estabelecer diferentes conexões semânticas, conforme o contexto em que estejam inseridos.

Veja-se um exemplo de cada tipo conjuntivo que ocorre em cada uma das quatro orações indicadas abaixo, como alternativas para compor sequência coesiva com a seguinte frase:

"João percorreu a reserva florestal durante o dia todo."

(u) E observou vários indícios de depredações.

(v) Entretanto, não reclamou de cansaço.

(x) Assim, pôde fazer um levantamento completo dos estragos causados pelo último incêndio.

(z) Em seguida, fez um relatório minucioso sobre o estado de preservação em que ela se encontrava.

Halliday & Hasan prevêem, ainda, que uma marca suprasegmental, como a entonação, pode estabelecer conexão semântica entre frases que realizam texto oral. Quando escrito, o texto expressaria esse elo por meio de algum elemento gramatical.

2. MARCAS LINGÜÍSTICAS DE COESÃO TEXTUAL DAS FÓRMULAS INTRODUTORAS DE EPIMÍTIOS

Dentre os tipos de elos coesivos previstos por Halliday & Hasan, a fábula seleciona, para atuar nas fórmulas metalingüísticas, quatro: a referência, a coesão lexical, a conjunção

e a elipse.

2.1. MARCAS DE REFERÊNCIA E DE COESÃO LEXICAL:

ὁ λόγος e ὁ μῦθος

Uma simples observação dos quadros apresentados nas páginas 55 a 57 permite constatar a alta freqüência, nas fórmulas introdutoras de epimítios, das expressões ὁ λόγος e ὁ μῦθος com predominância da primeira sobre a segunda. São 119 ocorrências de ὁ λόγος para 68 ocorrências de ὁ μῦθος .

Essas expressões se constituem do artigo definido ὁ seguido de item lexical, λόγος ou μῦθος .

Muitas das observações que Halliday & Hasan fizeram sobre o valor coesivo do artigo definido do inglês, são válidas para o artigo definido do grego antigo. Assim, o artigo definido ὁ estabelece, no texto, uma relação do tipo referência, permitindo que se recupere, por meio dele, uma informação presente no texto ou na situação. Ele estabelece uma referência demonstrativa, como o fazem os pronomes demonstrativos e os possessivos.

Pronomes demonstrativos e pronomes possessivos são semanticamente seletivos, pois contêm em si próprios algum elemento referencial que permite a identificação do item em questão: o elemento referencial dos demonstrativos é a "proximidade", e o dos possessivos é a "pessoa". Já o artigo definido se diferencia deles por não conter em si nenhum elemento especificador. Simplesmente indica que o item que ele acompanha é específico e identificável; que, em algum lugar do texto ou da situação, a informação necessária para identificar esse item é recuperável. Por isso, Halliday & Hasan nomeiam o artigo definido de "demonstrativo não seletivo" (1976:70-71).

Ao acompanhar os termos λόγος e μῦθος , o artigo ὁ indica que esses termos têm referentes identificáveis. Nos epimítios em que ocorrem, eles são identificados buscando-se a informação que pressupõem na porção precedente do texto. Esta corresponde, na fábula, ao texto narrativo. Nota-se, pois, que o referente de λόγος e μῦθος não é uma pessoa ou coisa mencionada no texto narrativo, mas é o próprio texto narrativo, em sua

totalidade.

Os termos **λόγος** e **μῦθος** são nomes gerais que também estabelecem coesão entre o texto narrativo e o texto do epimítio. Trata-se de uma relação coesiva de tipo lexical. O resultado da combinação do artigo com o nome geral é um sintagma que funciona como um item de referência anafórica. Nesse caso, a coesão lexical operada pelo nome geral está subordinada à atuação do princípio da referência. Em **ὁ λόγος** e **ὁ μῦθος** é o artigo que orienta, efetivamente, a recuperação do texto narrativo como informação necessária para a interpretação dos itens lexicais.

Halliday & Hasan(1976:274) observam que, no limite entre a coesão gramatical (a do tipo referência, por exemplo) e a coesão lexical, está a função coesiva dos nomes gerais. Segundo eles, um nome geral constitui um caso-limite entre um item lexical, membro de um conjunto aberto, e um item gramatical, membro de um conjunto fechado. Os nomes **λόγος** e **μῦθος** são, por natureza, metalingüísticos, pois nomeiam enunciados lingüísticos.

Não se tem, por enquanto, condições de decidir as possíveis diferenças existentes entre **λόγος** e **μῦθος**. Tradicionalmente, tanto um termo como outro têm sido traduzidos pela mesma palavra — fábula. Essa prática de tradução pressupõe que os dois termos sejam sinônimos. Uma observação de Benveniste, porém, faz que se suspeite dessa concepção. Diz o lingüista: "quando numa língua, duas formações permanecem vivas e funcionam em concorrência, não poderiam ter o mesmo valor" (apud Vernant, 1983: 220). Pode ser que, apesar de serem empregados no mesmo contexto, esses termos se refiram a diferentes aspectos do texto narrativo da fábula. Contudo, a resposta para essas indagações não se encontra nos epimítios em que eles aparecem. Nesses epimítios não há nenhum elemento contextual que permite explicar por que se usa ora um termo, ora outro. É possível que no decorrer da análise de outros expedientes coesivos se encontrem subsídios para explicar essa alternância entre **λόγος** e **μῦθος**.

Variantes

Os termos metalingüísticos **λόγος** e **μῦθος** podem vir modificados por outros elementos além do artigo definido. En

contram-se, nas fórmulas introdutoras de epímitios, as seguintes expressões:

- (1) οὗτος ὁ μῦθος ou
 ὁ μῦθος οὗτος ;
- (2) οὗτος ὁ λόγος e
- (3) ὁ παρών μῦθος

Halliday & Hasan(1976:275) apontam o pronome demonstrativo como a alternativa mais usual para substituir o artigo definido em sintagmas formados por item de referência + nome geral. A mesma observação pode-se fazer sobre o uso de demonstrativos em fórmulas metalingüísticas das fábulas anônimas. Realmente, expressões com pronomes demonstrativos tais como aparecem em (1) e (2), são mais freqüentes que a alternativa (3), representada na coletânea por uma única ocorrência.

Atente-se, porém, para um fato particular da língua grega: enquanto o português e o inglês substituem o artigo definido pelo pronome demonstrativo, o grego emprega o demonstrativo com o artigo definido. Desse modo, não se verifica substituição de uma forma por outra, no sintagma. Há, ao contrário, uma adição de item de referência. Ao sintagma ὁ λόγος e ὁ μῦθος acrescenta-se o pronome demonstrativo οὗτος, que estabelece entre o epímitio e o texto narrativo um elo fundado na relação de proximidade.

A expressão ὁ παρών μῦθος, "a presente fábula", se caracteriza por acrescentar a ὁ μῦθος o qualificativo παρών, "presente", forma de particípio presente do verbo πάρεμι, que significa "estar presente". Enquanto o demonstrativo οὗτος estabelece, nas expressões anteriores, uma relação anafórica entre o texto do epímitio e o texto narrativo, παρών fixa, no sintagma, uma mostração orientada para a enunciação do epímitio. Quando se diz "a presente fábula" pressupõe-se que o epímitio que contém esse sintagma constitui parte de um enunciado que está em curso, que teve início com a enunciação do texto narrativo. Nesse caso, o termo μῦθος abrange tanto o texto narrativo como o epímitio, constituindo, assim, uma prova lingüística de que a fábula é um discurso que não se restringe ao seu enunciado narrativo.

2.2. MARCA DE REFERÊNCIA: **τοῦτο**

Duas fábulas da coletânea apresentam epimítio introduzido por **τοῦτο**, forma neutra do demonstrativo **οὗτος**. São elas as fábulas "A raposa e a cobra" (Ch 33) e "As hienas" (Ch 340), cujas traduções se apresentam, a seguir, para que se observe como um mesmo item de referência pode desempenhar funções coesivas de naturezas diferentes.

"A raposa e a cobra"

[Havia uma figueira ao lado de uma estrada.] Então uma raposa avistou uma cobra adormecida e ficou com inveja de seu tamanho. Desejando igualar-se a ela, deitou-se ao seu lado e foi tentando esticar-se até o ponto em que, excedendo-se, sem perceber rebentou-se.

Isto sofrem os que lutam contra os superiores; é que eles próprios se arrebatam antes que consigam atingi-los.

"As hienas"

Dizem que as hienas de ano em ano mudam de natureza e ora se tornam machos, ora, fêmeas. E assim, certa vez uma hiena macho se comportou, com uma hiena fêmea, de modo contrário à sua natureza. Então ela, tomando a palavra, disse: "Ô meu caro, mas faça isso mesmo, que logo a tratamento idêntico você vai se sujeitar."

Isto pode dizer, com razão, em relação à que já está governando, uma pessoa que está para sucedê-la, caso recebesse, da parte dela, um desaforo.

No epimítio da primeira fábula, isto, com que se traduz o pronome **τοῦτο** do texto grego, refere-se ao "arrebentar-se" da cobra, citado no texto narrativo. O item **τοῦτο** constitui, nesta fórmula, o núcleo do sintagma. Enquanto item de referência demonstrativa, ele aponta para a porção final do texto narrativo que o precede, e com a qual ele mantém uma relação de proximidade.

Halliday & Hasan (1976:25) chamam a atenção para o

"grau de generalidade do referente" que o pronome demonstrativo retoma quando usado na função de núcleo. Eles observam que quando o demonstrativo é usado como determinante de um nome, o seu significado é sempre idêntico ao do item pressuposto. Assim, a expressão **οὗτος ὁ λόγος**, por exemplo, retoma exatamente o **λόγος** específico que a precede. Quando, porém, o demonstrativo é usado como núcleo, a referência que ele instaura pode ampliar-se à classe geral referida pelo item que ele pressupõe. Assim, o pronome **τοῦτο**, e, conseqüentemente, o pronome isto que o traduz, retoma não apenas o arrebentar-se da raposa relatado no texto narrativo, mas também o arrebentar-se em geral, que ocorre com os que querem competir com os superiores.

No epimítio da segunda fábula, isto (= **τοῦτο**, no texto grego) também é fórmula introdutora e também é complemento verbal, como a forma isto da fábula anterior. Há, porém, uma diferença entre eles, ditada pela natureza do verbo que eles completam: enquanto em Ch 33 isto completa a forma verbal sofrem, tradução de **πάσχουσιν**, que exige por complemento um nome que expresse "processo" (no caso de Ch 33, esse processo está representado pelo arrebentar-se que acontece com a raposa), em Ch 340 isto aparece como complemento de uma forma do verbo dizer, que pressupõe como complemento um enunciado, um dito. Sendo **τοῦτο** esse complemento, ele deve, necessariamente, referir-se a um enunciado. O texto narrativo que precede o epimítio dessa fábula oferece duas alternativas que podem funcionar como referentes de **τοῦτο**: uma delas é o enunciado que encerra o texto narrativo, enunciado produzido pela hiena fêmea e dirigido à hiena macho; a outra é o próprio texto narrativo, que também constitui um enunciado. É que tanto a fala da hiena como a própria narrativa sobre as hienas são adequadas para a situação prevista pelo epimítio.

Tanto num caso como no outro, a referência que **τοῦτο** estabelece é de natureza metalingüística, pois o seu referente é, de qualquer modo, um enunciado, seja ele retomado quanto ao seu conteúdo, como em Ch 33, seja ele retomado quanto à sua forma, como em Ch 340.

2.3. MARCAS DE CONJUNÇÃO

2.3.1. ἀτὰρ οὖν καί

Usada como fórmula introdutora de epímítio em oito fábulas anônimas (1), a fórmula ἀτὰρ οὖν καί acumula três i tens lingüísticos conferidores de tessitura entre o texto narra tivo e o epímítio.

Sintaticamente, essa fórmula se articula com for mas verbais impessoais, geralmente δεῖ (= "é preciso"), à qual se subordina uma oração infinitiva (2). Veja-se, a seguir, o texto grego e a tradução de Ch 60, em que se pode observar o fun cionamento dessa fórmula:

Ἄνθρωπόν ποτε λέγεται πρὸς σάτυρον φιλιανσπεισοσθα.
Καὶ δὴ χειμῶνος καταλαθόντος καὶ ψύχους γενομένου. ὁ
ἄνθρωπος προσφέρει τὰς χεῖρας τῷ στόματι ἐπέπνει. Τοῦ
δὲ σατύρου τὴν αἰτίαν ἐρομένου δι' ἣν τοῦτο πράττει.
Ἐλεγεν δτι θερμαίνει τὰς χεῖρας διὰ τὸ κρύος. Ὑστερον δὲ
παρατεθείσης αὐτοῖς τραπέζης καὶ προσφαγήματος θερμῶ
σφόδρα ὄντος. ὁ ἄνθρωπος ἀναιρούμενος κατὰ μικρὸν τῷ
στόματι προσέφερε καὶ ἐφύσα. Πυνθανομένου δὲ πάλιν
τοῦ σατύρου τί τοῦτο ποιεῖ. Ἔφασκε καταψύχειν τὸ ἔδεσμα
ἐπεὶ λίαν θερμὸν ἔστι. Κάκεινος ἔφη πρὸς αὐτόν. « Ἄλλ'
ἀποτάσσομαι σου τῆ φιλίο. ὦ οὗτος. δτι ἐκ τοῦ αὐτοῦ
στόματος καὶ τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν ἐξιεῖς. »
Ἄτὰρ οὖν καὶ ἡμᾶς περιφεύγειν δεῖ τὴν φιλιαν ὧν
ἀμφίβολός ἐστιν ἡ διάθεσις.

"Conta-se que, certa vez, um homem firmou um pacto de amizade com um sátiro. E aí, quando sobreveio o inverno e chegou o frio, o homem levava as mãos à boca e as soprava. Como o sátiro lhe perguntasse o motivo pelo qual fazia isso, disse que estava aquecendo as mãos por causa do frio. Mais tarde foi-lhes servida a

(1) Trata-se de Ch 23, 53, 60, 163, 245, 272, 284 e 356. Quatro delas — Ch 53, 60, 272 e 356 — constam do Apêndice desta dissertação.

(2) Em Ch 53, a forma verbal impessoal é χρῆ e, em Ch 272, προ σήχει.

mesa e, como a comida estivesse muito quente, o homem tomava uma pequena porção, levava-a à boca e a soprava. Quando o sátiro lhe perguntou de novo por que ele fazia isso, ele disse que estava esfriando o alimento, pois estava quente demais. Então aquele lhe disse: "Só que dispenso sua amizade, meu caro, pois da mesma boca você lança tanto o frio como o calor."

Pois bem. Portanto, também nós é preciso que evitemos a amizade daqueles cuja postura é ambígua."

Pela tradução acima, pode-se ver que cada um dos itens que compõem a fórmula **ἀτὰρ οὖν καί** — que, na tradução, equivale a "Pois bem. Portanto, também" —, têm diferentes âmbitos de incidência. Nota-se que **καί** (= "também") incide sobre **ἡμεῖς**, sujeito da oração infinitiva grega que se traduziu por uma oração conjuncional; **οὖν** (= "portanto") incide sobre o enunciado moral como um todo, composto da forma verbal impessoal e da oração infinitiva; e **ἀτὰρ** (= "pois bem") incide sobre a própria enunciação do período. Por isso, preferiu-se, na tradução, isolar, do restante do epimítio, a expressão que se usou para traduzir essa última partícula, para melhor marcar sua função no texto do epimítio.

Cada um desses itens estabelece um tipo diferente de relação coesiva entre o texto narrativo e o epimítio. Veja-se por quê.

καί

Usada na fórmula com o valor de "também", a partícula **καί** exibe propriedade referencial. Ela estabelece uma relação coesiva de natureza comparativa entre o plano do conteúdo do texto narrativo e o plano do conteúdo do texto moral. Ao incidir sobre o pronome **ἡμεῖς**, forma acusativa do pronome pessoal de 1ª pessoa, **καί** estabelece um ponto de igualdade entre dois itens diferentes por natureza. Contrasta-se, por meio dele, um nós com um não-nós, presente no texto narrativo. Em Ch 60, o primeiro termo da comparação está representado pela figura do sátiro, cujo comportamento se apresenta como modelar.

οὖν

Essa partícula estabelece uma relação conjuntiva, de natureza causal, segundo a classificação de Halliday & Hasan, entre o texto narrativo e a parte do epimítio correspondente ao enunciado moral. Ela confere ao enunciado moral o estatuto de conclusão que se infere do texto narrativo. O item conjuntivo portanto, com que se traduz **οὖν**, significa: "considerando-se o que foi dito antes, pode-se dizer como conclusão que", ou "do que foi dito antes, resulta que". Ela estabelece o que Halliday & Hasan denominaram coesão de tipo interno, marcando, para o enunciado moral, o estatuto de "etapa seguinte" de um processo argumentativo.

ἀτάρ

A partícula **ἀτάρ**, traduzida pela expressão "pois bem", tem um funcionamento lingüístico mais complexo.

Segundo Denniston (1966:51), ela é uma forma da linguagem coloquial, que costuma aparecer, com certa frequência, em obras de autores que empregam um registro mais ou menos distenso, como Heródoto, Platão, Xenofonte, Aristófanes e Eurípidas. Acrescente-se a essa observação o comentário de Adrados, segundo o qual **ἀτάρ** só se conservou na língua grega do período tardio como parte de fórmula consagrada pelo uso. (1948:236).

O valor dessa partícula em fórmula introdutora de epimítio só pode ser determinado pela análise de ocorrências dessa fórmula em outras fábulas. Adrados (1948: 236) nota que essa partícula ocorre na Retórica de Aristóteles, não em enunciados do próprio Aristóteles, mas no texto de Esopo que Aristóteles cita em discurso direto. Trata-se da fábula (já apresentada na p. 10 deste trabalho) que Esopo teria pronunciado ao povo de Samos, quando se estava acusando de crime capital um demagogo. Depois de lhes contar a história da raposa que foi atacada por um grande número de carrapatos, Esopo lhes diz:

"Pois bem. Também a vocês, homens de Samos, esse demagogo em nada mais vai prejudicar (pois está rico), mas se o matarem, virão outros, pobres, que vão lhes roubar

e dilapidar o restante dos bens." (1393 b)

Nesse enunciado de Esopo, **ἀτάρ** compõe fórmula com **καί**. Essa fórmula se diferencia da fórmula que aparece nas fábulas anônimas por não apresentar a conjunção **οὖν**. Nota-se, também, que no epímio acima, a partícula **ἀτάρ** marca a passagem do enunciado narrativo para o enunciado do epímio. É como se a partícula indicasse o seguinte: "produziu-se um enunciado narrativo que, aparentemente, parece não ter nada a ver com a situação, por se tratar de um caso acontecido com uma raposa; acontece, porém, que agora é que se vai explicar por que essa narrativa foi relatada."

Essa interpretação do significado de **ἀτάρ** se confirma quando se observa o uso da fórmula **ἀτάρ οὖν καί** em uma fábula encaixada no texto narrativo de Ch 86, cuja tradução se apresenta a seguir:

"Os filhos de um lavrador viviam em discórdia. E ele, como não conseguia, embora os exortasse muito, persuadi-los com palavras a mudar de comportamento, concluiu que era preciso fazer isso por meio de uma ação. Então os convidou a trazer um fardo de lenha. Depois que eles cumpriram essa determinação, primeiro lhes deu o fardo amarrado e ordenou-lhes que o quebrassem. Depois, como eles faziam muita força e não conseguiam quebrá-lo, ele desamarrou o fardo e deu a eles um galho por vez. Como eles o quebrassem com facilidade, disse: "Pois bem. Portanto, também vocês, meus filhos, se permanecerem unidos, serão inatingíveis para os inimigos. Mas, se viverem em discórdia, serão fáceis de apanhar."

A fala do lavrador, que encerra o texto acima, inicia-se, no texto grego, com a fórmula **ἀτάρ οὖν καί**. Observa-se que essa fala é, também, um epímio de uma narrativa, narrativa esta que se particulariza por ser vivenciada, dramatizada pelos filhos do lavrador, que lhes dá instruções. O conjunto das ações que o pai faz os filhos executar está organizado como um

argumento do qual ele fará derivar uma conclusão. E o lavrador sabia muito bem onde queria chegar com aquele plano. Isto porque o que ele apresenta como conclusão, já estava estruturado, previamente, como tese a ser demonstrada. Constata-se, pois, que **ἀτάρ** ancora, nesse epimítio, o enunciado narrativo na situação de enunciação, e anuncia que se vai apresentar, em seguida, uma justificativa para o fato de ele ter sido produzido naquela situação. Assim, essa partícula não só torna coesos o texto narrativo e o epimítio, como também confere ao todo textual que eles compõem, coerência em relação à situação discursiva, ao contexto de enunciação em que o lavrador produziu sua fábula.

Essas constatações orientam a interpretar a partícula **ἀτάρ**, nos epimítios das fábulas anônimas, como uma marca de oralidade da fábula, preservada no texto escrito. Pode-se supor, mesmo, que o fato de Aristóteles ter documentado o epimítio do texto de Esopo preservando o emprego dessa partícula, significa que é necessário prever-se, na história da fábula, um primeiro momento de documentação em que elas eram registradas do modo como foram enunciadas em uma dada situação. Só depois é que se processariam alterações com a finalidade de se eliminarem do texto as marcas da oralidade, para lhe conferir o estatuto de texto escrito autônomo, desvinculado de uma situação discursiva particular.

De qualquer modo, a presença de tal fórmula em oito epimítios de fábulas anônimas — e todas elas pertencentes à coleção Augustana (Nójgaard, 1964:502) — revela que as fábulas anônimas ainda estavam presas a uma tradição oral, da qual elas procuravam libertar-se.

2.3.2. **ὅτω(ς)**

A importância do item **ὅτω(ς)**, traduzido por "assim", como fórmula introdutora de epimítio, pode ser avaliada pela frequência com que aparece no conjunto das fábulas anônimas. Ele se encontra em 83 epimítios, sendo, pois, a segunda fórmula mais frequente da coletânea.

O que chama a atenção nesse conjunto é o fato de **οὕτω(ς)** vir acompanhado de expressões bem marcadas quanto à sua estrutura sintática e à posição que seus elementos ocupam nessa estrutura. Essas características são constantes a ponto de se poder dividir o conjunto dos epimítios introduzidos por **οὕτω(ς)** em dois grupos:

(1) um grupo em que **οὕτω(ς)** vem sempre seguido de forma nomina tiva, muitas vezes seguida de genitivo partitivo;

(2) outro grupo em que **οὕτω(ς)** vem seguido de **καί** + geniti vo partitivo + nominativo.

Até mesmo quando os componentes mórficos são os mesmos, a sintaxe se conserva diferente. Comparem-se os exemplos seguintes:

(a) **οὕτως ἔνιοι τῶν ἀνθρώπων** (Ch 95)

οὕτως καὶ τῶν ἀνθρώπων ἔνιοι (Ch 70)

(b) **οὕτως οἱ πονηροὶ τῶν ἀνθρώπων** (Ch 196)

οὕτως καὶ τῶν ἀνθρώπων οἱ πονηροί (Ch 8)

Esses dados sugerem que a essas diferentes estruturas sintáticas correspondem diferentes valores semânticos. De fato, o exame do valor de **οὕτω(ς)** como fórmula introdutora de epimítio mostrou que, na realidade, se trata de duas fórmulas diferentes, expressas pela mesma forma gramatical. Vejam-se, a seguir, os dois valores semânticos que **οὕτω(ς)** apresenta.

O valor conclusivo de **οὕτω(ς)**

Leiam-se as traduções que se apresentam de Ch 5 e de Ch 121:

(Ch 5) "A águia, a gralha e o pastor"

Uma águia baixou de um rochedo elevado e arrebatou um cordeiro. Então uma gralha, ao ver isso, desejou, por inveja, imitá-la. E aí, precipitando-se com bastante estardalhaço, foi ter sobre um carneiro. Como suas garras se tivessem emaranhado nos tufos de lã, ela, não podendo alçar vôo, ficou batendo as asas até que o pastor, no

tando o fato, foi correndo apanhá-la, aparou suas asas rápidas e, quando caiu a noite, levou-a para seus filhos. E como eles perguntassem que pássaro era aquele, disse: "Pelo que eu sei bem, é uma gralha, mas pelo que ela deseja, é uma águia."

Assim, a competição com os superiores, além de não levar a nada, ainda faz rir das desgraças.

(Ch 121)"Zeus e Apolo"

Zeus e Apolo discutiam a respeito da arte de manejar o arco. Como Apolo tivesse retesado o arco e lançado o dardo, Zeus esticou uma perna até o ponto que Apolo havia atingido.

Assim, os que competem com os superiores, além de não sobrepujá-los, ainda se expõem ao riso.

As duas fábulas acima apresentam, em seus textos narrativos, um conjunto de fatos particulares. Ambos vêm seguidos de enunciado moral introduzido por "assim", termo com que se traduziu a forma **οὕτω** do texto original. Em Ch 121, o enunciado moral seleciona, do enunciado narrativo, a seqüência de fatos vivenciados por uma das personagens e a reitera, no enunciado moral, como seqüência de fatos virtuais que podem ser vivenciadas por qualquer ser humano. Já em Ch 5, as ações e processos vivenciados, no texto narrativo, por uma personagem particular, são reiteradas, no texto moral, por meio de nomes abstratos. Em Ch 121 tem-se uma generalização do particular para o geral concreto, e em Ch 5 observa-se uma generalização do particular para o geral abstrato. De qualquer modo, nos dois casos o conteúdo do texto moral abrange o conteúdo do texto narrativo.

Essa relação de inclusão que se estabelece entre os dois textos da fábula é que confere ao item **οὕτω** um valor conclusivo, explicitando-se, por meio dele, a condição de conclusão, que caracteriza o enunciado moral, extraída do texto narrativo.

O valor comparativo de οὕτω(ς) καί

Veja-se a fábula "Os bois e o eixo" (Ch 70):

"Bois estavam puxando uma carroça. Como o eixo estava rangendo, eles se viraram e lhe disseram assim: "Ô meu caro, nós carregamos toda a carga e você é que fica gritando?"

Assim, também dentre os homens, alguns, enquanto outros se fatigam, fazem-se eles próprios de cansados."

Nessa fábula, o contexto em que οὕτω ocorre lhe confere um valor semântico comparativo. Ao se acrescentar ao epítio a expressão "também dentre os homens" (= καί τῶν ἀνθρώπων), instaure-se uma relação comparativa que equipara duas entidades, sobre as quais o texto moral faz um comentário. Quando o texto diz "também dentre os homens", ele faz pressupor que o que ele segue dizendo sobre o conjunto dos "homens" já tenha sido dito sobre um conjunto de "não-homens". É, pois, justamente esse contexto criado pelo sintagma καί + genitivo partitivo que confere a οὕτω o valor comparativo. Desse modo, o item καί estabelece, entre o texto narrativo e o texto moral, uma conexão semântica fundamentada numa relação de similaridade, em que a fonte de coesão é a comparação do que está sendo dito, no texto moral, com o que já foi dito, no texto narrativo.

Num primeiro momento, pode-se pensar que o contraste que a partícula καί estabelece entre o conjunto dos "homens" e o conjunto pressuposto de "não-homens", se baseie no fato de o texto narrativo apresentar, como atores, figuras não-humanas, como "bois" e "eixo de carroça". Embora esta seja uma característica predominante dos textos narrativos desse grupo, ela por si só não dá conta de explicar a relação comparativa que o item καί enfatiza. Isto porque a fórmula οὕτω + καί + genitivo partitivo aparece em fábulas cujos textos narrativos apresentam atores "humanos". É o caso de Ch 156 e 96, cujas traduções seguem abaixo:

"O citarista" (Ch 156)

"Um citarista estava cantando em uma casa de paredes

bem revestidas. Como sua voz ecoava, ele julgou que ela era melodiosa demais. Então, envaidecido com isso, concluiu que precisava apresentar-se em um teatro. Quando, porém, entrou no palco, cantou mal demais e foi enxotado a pedradas.

Assim, também certos oradores que pensam ser alguém nas escolas, quando entram na vida pública descobrem que não têm mérito nenhum."

"O orador Demades" (Ch 96)

"O orador Demades falava, certa vez, ao povo de Atenas. E como eles não lhe prestassem atenção de jeito nenhum, pediu-lhes permissão para contar uma fábula esópica. Tendo eles consentido, começou a dizer: "Uma andorinha, uma enguia e Deméter seguiam por um mesmo caminho. Quando chegaram a um rio, a andorinha voou e a enguia mergulhou." Disse isso e calou-se. Então eles perguntaram: "E o que aconteceu com Deméter?" E ele respondeu: "Ela está encolerizada com vocês, que deixaram de lado os negócios da cidade para se ligar em fábulas esópicas."

Assim, também dentre os homens, irracionais são quantos negligenciam os afazeres necessários e dão preferência às coisas que causam prazer."

Em Ch 156, o contraste entre o texto narrativo e o texto moral explora a diferença de tipos sociais que cada um focaliza. Não há comparação entre "não-humano" e "humano". Há, sim, uma seleção feita, dentre os vários tipos que constituem a sociedade humana, de dois tipos entre os quais é possível encontrar algum ponto comum.

Em Ch 96, por outro lado, não há comparação entre "humano" e "não-humano", nem entre tipos sociais humanos. Nota-se que a forma *καί* coloca em foco de comparação o conjunto representado pelo "povo de Atenas" e o conjunto dos "homens". Ora, não há dúvida de que o segundo abrange o primeiro, anulando, assim, a possibilidade de se encontrar um ponto em que eles, enquanto termos comparados, difeririam. Faz-se necessário,

pois, encontrar esse ponto diferenciador em outro aspecto dos textos, que não a natureza das personagens, pois está-se vendo que através dela não se consegue explicar a organização textual de todas as fábulas que apresentam a fórmula **οὕτω(ς) καί** .

Na verdade, cada um dos itens que compõem a fórmula **οὕτω καί** privilegia, na relação coesiva que estabelecem entre o texto narrativo e o texto moral, um aspecto desses textos. O item **οὕτω** "liga" os dois textos enquanto enunciados potencialmente comparáveis num determinado contexto de enunciação. Trata-se, então, de uma conexão semântica de tipo interno, de natureza discursiva, que privilegia, segundo Halliday & Hasan. (1976:241), os enunciados como etapas constitutivas de um processo de interação comunicativa. O item **καί** , por sua vez, completa a conexão semântica comparativa instaurada pelo primeiro item, na medida em que estabelece que os dois enunciados apresentam conteúdos passíveis de comparação, embora cada um deles remeta a diferentes mundos referenciais. De fato, só se podem explicar construções comparativas como as apontadas em Ch 96, 156 e 70, se o texto narrativo for considerado como um enunciado que instaura seu próprio mundo referencial, uma "realidade lingüística", constituída pela palavra, pelo discurso. Deve-se considerar que ele narra fatos sobre os quais não se coloca a questão de se verificar se eles acontecem ou não, no mundo extralingüístico. O mesmo não se pode dizer do texto moral, pois este diz o que diz a respeito de entidades do mundo extralingüístico, o mundo das relações humanas, para o qual remete a natureza exofórica do artigo definido que compõe a expressão **τῶν ἀνθρώπων** .

Halliday & Hasan (1976:247) incluem, entre as relações conjuntivas de tipo aditivo, a conexão semântica interfrasal fundada em padrões de similaridade, por entenderem que o falante seleciona itens que estabelecem tal relação coesiva quando pretende indicar que um determinado ponto está sendo reforçado, ou que um novo ponto está sendo adicionado para o mesmo efeito.

Observa-se, então, que o item **οὕτω(ς)** , seja ele empregado com o valor de conjunção causal, seja ele empregado

com o valor de conjunção comparativa, sempre funciona, nas fórmulas introdutoras de epimítio, como expediente coesivo de natureza metalingüística, pois ele fundamenta a conexão semântica que opera entre os dois textos, sobre a condição de enunciado que eles são.

2.4. MARCAS DE ELIPSE

Halliday & Hasan (1976:143), quando tratam da elipse, referem-se especificamente a sintagmas ou orações, cuja estrutura é tal que pressupõe algum item precedente, que serve, então, como fonte da informação omitida. Assim, o item elíptico se caracteriza por deixar, na estrutura lingüística, "pegadas" apropriadas que direcionam sua recuperação.

Cherchi (1978: 118), por sua vez, lembra que, quando se analisam estruturas com elipses, deve-se atentar para o fato de que a elipse se define em relação a uma norma; entendendo-se por esta o esquema canônico que a frase completa preenche.

A partir dessas observações, analisam-se, a seguir, os casos de elipse encontrados nas fórmulas introdutoras de epimítios.

Encontram-se, nos epimítios das fábulas anônimas, vários tipos de itens omitidos, que podem fazer parte de sintagma nominal ou verbal. Além desses, encontra-se, também, elipse de orações inteiras.

A elipse oracional constitui o tipo de elipse que mais chama a atenção, por ser o mais freqüente na coletânea. São 63 ocorrências de elipse, todas elas presentes em fábulas extraídas da Paráfrase Bodleiana (Nøjgaard, 1964:364). O marcador lingüístico de elipse oracional, nesses epimítios, é a conjunção ὅτι, que aparece no início de epimítios, como se pode ver no exemplo abaixo, tirado de Ch 1:

Ὅτι ἀγαθῶν μὲν οὐδεὶς ταχέως ἐπιτυγχάνει, ὅπὸ δὲ τῶν κακῶν ἑκάστος καθ' ἑκάστην κλήττεται.

"Que com bens ninguém depara rápido, mas pelos ma-

les cada pessoa é a cada passo atingida."

Já se observou anteriormente (cf. p. 50) que se fosse suprimida do epimítio a forma **ὅτι**, traduzida em português pela conjunção integrante que, ele ficaria reduzido à expressão do texto moral. Observou-se, também, que a presença de **ὅτι**, no início do epimítio, tem a função de indicar que ele não está completo, que algo ficou sem ser dito explicitamente. O item **ὅτι** é, pois, a "pegada" que se deve seguir para recuperar os itens elípticos que completariam a estrutura lingüística do epimítio.

A conjunção **ὅτι** indica que o texto moral que a segue deve ser tomado como oração completiva, que se articula, sintaticamente, a uma oração principal. Ora, é justamente essa oração principal que está elíptica. O problema é que ela não se encontra nem na porção de texto precedente, nem na porção seguinte. No caso específico de leitores modernos, essa oração principal elíptica se recupera em outras fábulas da coletânea que apresentam epimítio estruturado sintaticamente por oração principal acompanhada de completiva introduzida por **ὅτι**. No quadro 3, citado na página 55, encontram-se três opções de orações que poderiam preencher a elipse. São elas: **ὁ λόγος δηλοῖ** ("o discurso mostra"), **ὁ μῦθος δηλοῖ** (= "a fábula mostra") e **διδάσκει ἡμᾶς ὁ λόγος** ("o discurso nos ensina"). Essas alternativas constituem três esquemas canônicos, como diz Cherchi, em função dos quais a elipse oracional marcada por **ὅτι** se realiza.

Vista, porém, da perspectiva do leitor grego, a recuperação dessa oração elíptica tem que ser colocada de outro modo: esse leitor não precisava recorrer às outras fábulas da coletânea, que apresentam o esquema completo, para recuperar orações elípticas. Ele, com certeza, recuperava os itens elípticos em sua própria memória, onde deviam estar estocados, entre os procedimentos discursivos que constituíam sua competência discursiva fabular, paradigmas de construção de epimítios. Entre esses paradigmas estariam as fórmulas introdutórias.

Encontram-se, na coletânea, alguns casos de epimítios introduzidos por **ὅτι** em que essa conjunção não está convenientemente integrada à estrutura sintática ou semântica do texto. Verificam-se dois tipos de "inadequações" no emprego dessa conjunção: (i) inadequações de natureza sintática, e (ii) inadequações de natureza semântica.

Consideram-se inadequações de natureza sintática os casos, como os de Ch 144 e 345, citados abaixo, em que a estrutura sintática do epimítio não comporta a oração elíptica que a conjunção **ὅτι** pressupõe.

Ch 144- [**ὅτι**] ἐν πόλει <ἐν> ἢ ἔσχατοι καὶ ἀφρονες κρατοῦσιν ἀντὶ τῶν πρώτων καὶ φρονίμων ἀρμόζει ὁ λόγος.
trad.: [Que] em cidade onde os últimos e os imbecis dominam em lugar dos primeiros e dos sensatos a fábula se aplica.

Ch 345- [**ὅτι**] τοὺς ὑπνώδεις καὶ ἀργοὺς καὶ ἐξ ἀλλοτριῶν πόνων τρεφομένους ὁ μῦθος ἐλέγχει.

trad.: [Que] os dorminhocos e preguiçosos que até do-esforço alheio se alimentam a fábula censura.

Embora registrados na coletânea entre colchetes, o emprego de **ὅτι** não se justifica nos dois epimítios acima por conferir a eles o estatuto sintático de oração completiva, em total desacordo com a condição sintática de oração absoluta que o epimítio apresenta.

Observa-se que os dois exemplos acima apresentam fórmulas introdutoras de epimítios deslocadas para a posição final. O mesmo se verifica em outras três fábulas (Ch 93, 133 e 227). Nesse deslocamento poderia estar a explicação do uso inadequado da conjunção **ὅτι**.

A tendência dominante na coletânea é o uso da fórmula no início do epimítio. Quando, por alguma razão, a fórmula se encontra em posição final, o epimítio se mostraria, à primeira vista, constituído, aparentemente, só de discurso moral, o que teria levado, em algum momento, alguém a completar sua estrutura discursiva acrescentando um marcador de elipse, por

meio do qual se recuperaria uma fórmula introdutória de natureza metalingüística. Esses fatos permitem supor que havia uma certa resistência em se aceitar epimítio que só explicitasse o texto moral. O fato de se acrescentar ao epimítio a conjunção **ὅτι** permite concluir, por outro lado, que as fórmulas metalingüísticas expressas pelas orações que aquela conjunção pressupõe, já deveriam estar consagradas pelo uso, bastando, pois, um simples marcador de elipse para integrá-las à estrutura do epimítio.

Em outros epimítios, a conjunção **ὅτι** provoca um certo desajuste semântico. É que eles se constituem de orações imperativas que, instituídas pela conjunção como orações completivas, não se ajustam à natureza semântica das estruturas das possíveis orações elípticas. Veja-se, como exemplo, o caso de Ch 279:

Ὅτι πένης καὶ ἰδιώτης ὢν μὴ μιμοῖ τὰ τῶν πλουσίων, μή ποτε καταγελασθῆς καὶ κινδυνεύῃς· τὸ γὰρ ξένον ἀνοίκειον.

trad.: Que você, que é pobre e da ralé, não imite as atitudes dos ricos, nem seja, então, objeto de riso, nem corra perigos; pois o que é alheio, é inadequado.

Encaixada em uma das possíveis orações que o **ὅτι** impõe que se recupere, o epimítio acima seria entendido assim:

"O discurso mostra que não imite você, que é pobre e da ralé, as atitudes dos ricos, nem seja, então, objeto de riso, nem corra perigos; pois o que é alheio é inadequado."

Nota-se, pois, que a oração principal não combina, semanticamente, com a completiva. Isto acontece porque ordem e demonstração implicam diferentes ações verbais, ficando, de certo modo, estranho o "ato de demonstrar (ou mostrar) uma ordem", que resulta da combinação dos dois atos verbais indicados no epimítio.

Além de elipses oracionais, são freqüentes nos epimítios ocorrências de elipses nominais e verbais, que se preenchem por itens pressupostos recuperáveis fora do texto da fábula que apresenta a elipse. Nesses casos também, o leitor moder-

no se vê obrigado a rastrear, em outras fábulas da coletânea, os possíveis itens que estão elípticos numa dada estrutura. Volta-se a observar que esse rastreamento não se impunha aos gregos, pois os esquemas canônicos de construção de epimítios já constituíam parte de sua competência discursiva.

O tipo mais freqüente de elipse verbal é o que ocorre na fórmula **ὁ λόγος εὐκαιρός πρὸς** ("o discurso, oportuno para"), que apresenta elíptica a forma verbal **ἐστίν**. Aliás, o esquema canônico sobre o qual repousa esse tipo de elipse aparece uma única vez na coletânea, no epimítio de Ch 157 (**ὁ λόγος πρὸς(+ acus.) εὐκαιρός ἐστίν**).

São menos freqüentes os casos de elipses marcadas pela preposição **πρὸς** (cf. quadro 8 da p. 56). Elas ocorrem nas estruturas **ὁ λόγος πρὸς** ou **ὁ μῦθος πρὸς**. O interessante é que tais elipses pressupõem várias alternativas de itens recuperáveis, pois aquelas estruturas podem selecionar, como item pressuposto, uma forma verbal qualquer dentre as que regem **πρὸς** + acusativo, tais como **ἀρμόζει** (Ch108), **ἀρμόττει** (Ch 41), **ἀρμόσειεν** (Ch 234) ou **εἴρηται** (Ch 297), ou então um dos sintagmas compostos de adjetivo + verbo de ligação, seja **ἀρμόδιός ἐστίν** (Ch 321) ou **εὐκαιρός ἐστίν** (Ch 157).

Há, contudo, um caso de construção elíptica que o leitor moderno fica impossibilitado de preencher pelo fato de não se encontrar, na coletânea, nenhum epimítio que apresente uma estrutura que se possa considerar como seu possível esquema canônico. Trata-se da fórmula **ὁ μῦθος περὶ** (= "a fábula, a respeito de"), encontrada em Ch 47. Dentre os significados de **περὶ**, nenhum parece ajustar-se aos predicados estativos expressos por formas do verbo **ἀρμόζω** (ou **ἀρμόττω**), ou pelos sintagmas **εὐκαιρός ἐστίν** ou **ἀρμόδιός ἐστίν**. Faz mais sentido supor que o sintagma περὶ + genitivo seja regência de uma das formas do verbo **λέγω** ("dizer"), dentre as que aparecem na coletânea (cf. quadro 7 da p. 56).

A construção elíptica que admite o maior número de alternativas de itens pressupostos é a representada pelo sintagma πρὸς + acusativo, encontrado em 4 fábulas da coletânea, entre as quais se inclui Ch 115, cujo epimítio é o seguinte:

Πρὸς ἄνδρα πονηρὸν μοχθηροῖς πράγμασιν ἐγχειρή-
σαντα.

trad.: Para homem perverso que empreende tarefas
penosas.

Nesse caso, estão elípticos tanto o item que exer-
ce a função sintática de sujeito, como o que funciona como nú-
cleo do predicado. Tanto para preencher uma função sintática,
como outra, as possibilidades são muitas. Citam-se, como esque-
mas canônicos possíveis, qualquer estrutura de que participa
πρὸς + acusativo, tenha como sujeito ὁ λόγος ou ὁ μῦθος ,
como as citadas nos quadros 6, 7 e 8 da página 56, tenha ela
como sujeito o pronome indefinido τίς , como as citadas nos
quadros 9 e 10 das páginas 56-57.

Como observação geral a respeito do uso de fórmulas
com construções elípticas nas fábulas anônimas, importa ressal-
tar que o emprego de marcadores de elipses como a conjunção ὅτι
e a preposição πρὸς representam o expediente mais econômico
possível para se deixar indicada, na estrutura do epímítio, a
existência de um discurso de natureza metalingüística, pois os
itens lexicais metalingüísticos λόγος ou μῦθος se encontram
presentes em qualquer dos esquemas canônicos cuja recuperação
se impõe. Por meio da elipse, registra-se, economicamente, uma
intenção de se organizar o texto da fábula de tal modo que se
possa ostentar a condição de discurso, que ela é.

2.5.UM CASO PARTICULAR: CH 210

Trata-se da fábula "O leão, Prometeu e o elefante"
(Ch 210), que narra a história de um leão inconformado com
o fato de, tão forte como era, ter medo do galo. Embora Prome-
teu, seu criador, procurasse consolá-lo, ele só se conforma com
a situação quando descobre que o elefante recuava diante do mos-
quito, um animal muito menor que o galo. A essa narrativa, se-
gue-se o seguinte epímítio:

Ὅρξς ὅσον ἰσχύος ὁ κώνωφ ἔχει, ὡς καὶ ἐλέφαντα
φοβεῖν.

trad.: Você está vendo quanta força tem o mosquito,

a ponto de amedrontar até um elefante.

Há dois pontos especiais para serem comentados sobre essa fábula. O primeiro diz respeito ao modo como a interpretação da narrativa está fixada no enunciado moral. Trata-se do único caso de fábula da coletânea que mantém, no enunciado moral, as figuras alegóricas apresentadas no enunciado narrativo. Nesse sentido, pode-se dizer que a interpretação do texto narrativo fixada pelo discurso moral não está completa: ainda sobra, para o alocutário, a tarefa de interpretar as figuras alegóricas.

O segundo ponto, que tem interesse especial para este estudo, diz respeito ao modo de construção do enunciado metalingüístico. Este está representado, no epimítio, pela forma verbal **ὄρῃς**, segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **ὄράω** (= "ver"). A forma **ὄρῃς** estabelece uma relação discursiva entre o enunciado narrativo e o enunciado moral de um modo muito particular: em vez de focalizar a produção do discurso, como fazem os itens coesivos analisados anteriormente, ela focaliza o ato de fala do ponto de vista de sua recepção por parte do alocutário da fábula. Enquanto forma verbal de natureza processiva, **ὄρῃς** deve ser interpretado como processo resultante de um pressuposto ato de mostrar, que, é necessário que se reforce, constitui o ato verbal explicitado na fórmula de introdução de epimítio mais freqüente na coletânea: **ὁ λόγος/ μῦθος δηλοῖ**.

Embora singular, essa técnica de construção de discurso metalingüístico não deixa de constituir mais uma alternativa de fórmula metalingüística que as fábulas anônimas documentam.

3. O ESTATUTO PARADIGMÁTICO DO EPIMÍTIO

As fábulas anônimas documentam, como se pôde verificar, várias alternativas de expressão lingüística do enunciado metalingüístico. Este pode explicitar-se por meio do vocabulário, através de itens lexicais como **λόγος** e **μῦθος**, que se refe-

rem ao texto narrativo enquanto entidade lingüística, ou por meio da gramática, através de itens demonstrativos e conjuntivos, que realizam sua ação coesiva mediante a pressuposição de que os elementos que eles relacionam — o enunciado narrativo e o moral — constituem eventos lingüísticos.

Por outro lado, o exame e a interpretação que se fizeram das marcas coesivas presentes nas fórmulas metalingüísticas permite concluir que a fábula, ao optar por realizar, entre o texto narrativo e o epimítio, relações coesivas de natureza interna, discursiva, se caracteriza como texto que se organiza de modo a preencher, predominantemente, a função interpessoal da linguagem. Através dessas fórmulas, recuperam-se não só a instância de enunciação do discurso que a fábula é (Lima, 1984:64), mas também o modo como o locutor organiza as seqüências que compõem seu discurso em uma dada situação comunicativa.

Vê-se, pois, que a fábula anônima se apresenta como texto que escancara sua condição de enunciado, de discurso. Ela é um discurso que faz questão de dizer que o é. E reserva, para esse fazer, um espaço bem delimitado: o início do epimítio.

O dado que melhor comprova esse empenho do texto em escancorar sua condição de enunciado são as elipses. Elas significam, em última análise, uma recusa, por parte do locutor, em compor seu texto sem metalinguagem.

Além disso, o uso da elipse como fator coesivo mostra que as fórmulas metalingüísticas que introduzem epimítios já constituíam um paradigma estocado na competência discursiva do falante grego, que deve ser visto como destinatário legítimo das fábulas anônimas. Esse fato obriga que se veja a fábula anônima como documento de um estágio da história da fábula esópica em que esta já se encontrava fixada como tipo discursivo composto de texto narrativo e de epimítio. Afinal, o estilo formular e as construções elípticas constituem provas decisivas de que o epimítio esteve, necessariamente, sempre presente nesse processo de fixação de gênero discursivo, como parte integrante da fábula.

Observou-se também, no exame das relações coesivas, que estas podem se realizar por meio de itens gramaticais que apontam para diferentes planos do enunciado narrativo. Há itens que privilegiam o enunciado narrativo como etapa de uma seqüência argumentativa; há itens, por outro lado, que privilegiam elementos que conferem àquele enunciado o caráter de narrativa. Se, por meio de itens gramaticais, é possível considerar-se um ou outro plano do enunciado, nada impede que itens lexicais sejam usados com a mesma finalidade. Nesse caso, pode-se pensar que os termos **λόγος** e **μῦθος** estejam fazendo referência a diferentes planos do enunciado narrativo. Tratar-se-ia, então, de um fato lingüístico já previsto por Benveniste: a existência de duas formações lingüísticas vivas e concorrentes, que não têm, contudo, o mesmo valor (Vernant:1983:220).

Não é preciso recorrer-se a estudos especializados sobre os tão discutidos termos **λόγος** e **μῦθος** para se defender que, na fábula, eles têm diferentes valores semânticos. Basta, para as pretensões desta dissertação, que se retomem as observações feitas, sobre a fábula, pelos retores, que foram apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho (cf.p.12). Quando Theon diz que a fábula, que ele nomeia **μῦθος**, é um **λόγος φευδής**, um "discurso mentiroso", ele está tomando o **μῦθος** como um tipo de **λόγος**. Assim, **λόγος** deve ser considerado um hiperônimo de **μῦθος**. Por isso, tomou-se, neste trabalho, a decisão de se traduzir **λόγος** por "discurso", expressando-se, assim, sua condição de ato de fala, resultante do ato de dizer, de **λέγειν**, termo grego do qual **λόγος** é cognato. E decidiu-se reservar o termo fábula para se traduzir **μῦθος**, seguindo-se a tradição documentada pelos retores, que nomeavam desse modo o tipo especial de discurso que a fábula representa.

1. A DIMENSÃO ILOCUTÓRIA DA FÁBULA

A interpretação dos expedientes coesivos que consti- tuem ou compõem o enunciado metalingüístico mostra que a fábula é um texto organizado sob o domínio do componente interpes- soal da linguagem. Considere-se a seguinte exposição que Halli- day (1978:112) faz sobre esse componente: "O componente inter- pessoal representa o significado potencial do falante como um intromissor. É a função participadora da linguagem, linguagem que faz alguma coisa. Este é o componente através do qual o fa- lante se intromete no contexto de situação, tanto para expres- sar suas próprias atitudes e julgamentos como para tentar in- fluenciar as atitudes e comportamentos de outras pessoas. Ex- pressa as relações de atuação associadas com a situação, in- cluindo aquelas que são definidas pela própria linguagem, rela- ções como perguntar e responder, informar e duvidar e semelhan- tes." É, pois, o componente interpessoal que permite ao locutor imprimir em sua enunciação uma força ilocutória, um valor que transforma seu ato locutório em ato ilocutório, um ato que se efetua ao se dizer alguma coisa (Austin, 1970: 112-113).

Se, como se viu, a fábula declara, no enunciado me- talingüístico, sua condição de enunciado, então é o enunciado metalingüístico que deve constituir o lugar ideal da manifes- tação da força ilocutória, isto é, do valor da enunciação, que dá origem ao enunciado que a fábula é. Ao tornar manifesta sua força ilocutória, o enunciado orienta a interpretação que se deve fazer da relação que se estabelece entre o locutor e sua alocação, entendendo-se por esta a "enunciação de um discurso dirigido a um destinatário" (Lecointre et Le Galliot, 1973:67).

Austin (1970:41) denomina performativa a enuncia- ção que efetua uma ação (ou faz parte desse efetramento), independente de o enunciado explicitar ou não, por formas lin- güísticas, essa performatividade. Zeno Vendler avança mais ná

reflexão sobre os performativos, e propõe a necessidade de se admitir que formas lingüísticas que expressam a performatividade de uma enunciação constituem marcas que permitem determinar lingüisticamente seu valor ilocutório. E acrescenta que entre valor ilocutório e enunciação performativa há uma diferença de grau: ao pôr em destaque, ao declarar a força ilocutória de sua enunciação, o locutor exprime não apenas sua intenção mas também sua vontade, tão importante quanto, de colocar em evidência e em posição de comando esta intencionalidade primeira (Lecointre et Le Galliot, 1973:71).

Se no nível textual foi possível apontar o enunciado metalingüístico como aquele que organiza lingüisticamente o texto da fábula, é possível colocar-se a hipótese de que, no nível do discurso, a fábula seja um enunciado que se organiza em torno da natureza performativa de sua enunciação.

Essa hipótese sugeriu o exame das formas lingüísticas performativas presentes no enunciado metalingüístico. Localizou-se, então, um conjunto de formas de expressão performativas que funcionam, no epimítio, como marcas lingüísticas de diferentes forças ilocutórias que comandam a enunciação das fábulas anônimas.

A performatividade do enunciado metalingüístico pode vir expressa por itens do vocabulário e por itens gramaticais.

Itens lexicais performativos são representados por verbos de ação:

1. a fábula/ o discurso mostra = diz uma demonstração
 2. a fábula censura = diz uma censura
 3. a fábula denuncia = diz uma denúncia
 4. o discurso ensina = diz um ensinamento
- e por construções estativas expressas por predicados de estado:
5. o discurso / a fábula é oportuna para
 6. o discurso/ a fábula é tem aplicação para
 7. o discurso / a fábula se aplica a
- por meio dos quais se efetua uma recomendação.

Itens gramaticais performativos são representados

por:

1. itens conjuntivos, como **ὅτι(ς)** e **οὖν**, que têm força conclusiva;
2. formas verbais do modo optativo, como **χρήσαιτο**, **λέγοιτο**, **λεχθεῖν** e **ἀρμόσειεν**, que têm força modalizadora de recomendação.

A força ilocutória marcada no enunciado metalinguístico por meio de formas de expressão performativas é básica, primordial, para a organização discursiva da fábula. Isso, porém, não impede que uma força ilocutória diferente, mas subordinada à primeira, comande a enunciação do enunciado moral. Assim como o enunciado moral se subordina ao enunciado metalinguístico, a força ilocutória daquele se subordina à força ilocutória desse último.

Essa sobreposição de formas de expressão performativas sempre se verifica em epimítios que explicitam, dois enunciados, o metalinguístico e o moral. Nesses casos explicita-se, no enunciado moral, uma força ilocutória especificadora da força ilocutória do enunciado metalinguístico. Essas forças ilocutórias especificadoras estão expressas por dois tipos de modalidades discursivas: as modalidades aléticas e as modalidades deônticas. As primeiras determinam o valor de verdade das proposições, pois dizem respeito à verdade de estados de coisas; as segundas referem-se à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer (Koch, 1984: 74-79).

A modalidade alética está expressa no enunciado moral por meio de frases assertivas, como a que se grifou no seguinte epimítio:

"Assim, os que competem com os superiores, além de não sobrepujá-los, ainda se expõem ao riso." (Ch 121)

A modalidade deôntica se expressa por meio de frases imperativas, que se constroem, no texto grego, com verbos no imperativo ou no subjuntivo, com formas verbais perifrásticas (**δεῖ**, **χρή** ou **προσῆχει** + infinitivo), ou por predicados cristalizados que expressam valores morais (**καλόν** ou **πρέπον** + **ἐστίν**), exemplificados pelas construções grifadas nos epimítios:

"Pois bem. Portanto, é preciso (δει) que também nós evitemos (πειριφεύγειν) a amizade daqueles cuja postura é ambígua." (Ch 60)

" Que é bom (καλόν) medir-se em tudo de acordo com a própria força e não se juntar nem fazer sociedade com os mais poderosos." (Ch 207)

"Que você que é pobre e da ralé, não imite (μιμῶσ) as atitudes dos ricos, nem seja, então, objeto de riso (καταγελασθῆς) nem corra perigos (κινδυνεύσης); pois o que é alheio é inadequado." (Ch 279)

Enquanto a modalidade alética apresenta o ato ilocutório como o "dizer uma informação dada como verdadeira", a modalidade deôntica o apresenta como o "dizer uma prescrição fundada na necessidade". Assim, enunciados morais assertivos informam verdades ; enunciados morais imperativos prescrevem normas de comportamento.

Constata-se, então, em epimítios que explicitam os dois enunciados, a coexistência de dois enunciados performativos de naturezas diversas. Esse fato só pode ser explicado no âmbito das manipulações discursivas.

2. ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÕES DISCURSIVAS

Austin (1970: 84+85) observa que, para que haja enunciação performativa, é necessário que esta enunciação efetue uma ação, ou, então, participe desse efetramento. Isso faz pressupor que só pessoas podem efetuar ações performativas, já que aquele que formula o enunciado é quem efetua a ação.

Há três noções semânticas implicadas nesse efetramento: a noção de pessoa que fala, a noção de agente que age e a noção de momento da enunciação em que se age falando. Estas três noções semânticas correspondem a três categorias gramaticais que constituem "critérios gramaticais" do enunciado performativo: a categoria de pessoa (1ª pessoa do singular); a categoria de tempo (presente do indicativo) e a categoria de voz (ativa). Austin alerta para o fato de que mesmo

que não haja no enunciado referência explícita dessas categorias, elas sempre acabam por ficar implícitas nos próprios expedientes lingüísticos que foram usados para não explicitá-las.

Essa observação de Austin é fundamental para se entenderem os mecanismos discursivos de que a fábula anônima se serve para se apresentar como enunciado performativo. Pode-se adiantar, deste já, que a fábula anônima demonstra ter, como princípio enunciativo fundamental, não explicitar o locutor que a enuncia. Para isso, ela dispõe de uma série de recursos de mascaramento do locutor.

① O primeiro desses recursos, e o mais usado, consiste em apresentar como sujeito da enunciação o **λόγος** ou o **μῦθος** representado pelo texto narrativo. Ao se enunciar, por exemplo, "o discurso mostra", coloca-se o texto narrativo como sujeito do ato de mostrar que lhe é predicado pelo verbo. Ora, a própria condição de enunciado que define o **λόγος** pressupõe a existência do locutor que o enuncia. Vê-se, pois, que a estrutura sintática do discurso metalingüístico camufla sua estrutura semântica: quem mostra mesmo é o locutor, que se utiliza de um **λόγος** para fazê-lo. Por implicação, recupera-se também o alocutário, pois toda enunciação é produzida para alguém. Assim, embora o locutor se esconda atrás de seu próprio enunciado, ele não consegue apagar todas as marcas de sua enunciação; sempre restam "pegadas" que denunciam sua presença.

② Um outro recurso de mascaramento do locutor consiste em revesti-lo com roupagens de alocutário. É o que se verifica em fórmulas que apresentam a forma acusativa do pronome "nós" (= **ἡμεῖς**), como nos exemplos abaixo:

" O discurso nos (**ἡμεῖς**) ensina (...)(Ch 181)

ou

" Assim, é preciso que também nós (**καὶ ἡμεῖς**), os tais que selamos pactos de amizade, escolhamos aliados que possam, nos perigos, estar ao nosso lado."(Ch 202)

Nesses casos, o locutor finge-se destinatário da ação realizada por sua própria enunciação.

③ Constitui, também, recurso de mascaramento do locutor apresentar o **λόγος** como sujeito de um processo, seja ele real ou virtual. O primeiro caso é expresso, gramaticalmente, por forma verbal de 3ª pessoa do perfeito passivo do indicativo, como a que ocorre em Ch 77:

"O discurso está dito (**εἶρηται**) para aqueles(...)"
O segundo, por forma verbal de 3ª pessoa do presente ou do aoristo passivo do optativo, como a que se verifica em Ch 74:

"Este discurso pode ser dito (**λεχθεῖη αν**) em relação a homens desventurados que (...)"

Uma alternativa de apagamento de locutor, que é usada uma só vez na coletânea, em Ch 210), consiste em focalizar a contraparte do ato ilocutório, apresentando-se o alocutário como sujeito do processo que o locutor espera que decorra de sua ação verbal. Nesse caso, pode-se dizer que o locutor se esconde atrás do efeito perlocutório de sua enunciação:

"Você está vendo (**ὄρες**) quanta força tem o mosquito, a ponto de amedrontar até um elefante."

Ver é o processo decorrente do mostrar que a enunciação efetua.

Vê-se que esses recursos de apagamento do locutor acabam realçando um ou outro componente do contexto da enunciação: ou o enunciado narrativo, referido por **λόγος** ou **μῦθος**, ou o alocutário, ou a dimensão perlocutória do enunciado.

Há um caso, porém, por sinal o segundo em ordem de frequência na coletânea, que apaga tanto o locutor como o alocutário, e não explicita por formas léxicas sua força ilocutória. Trata-se dos itens conjuntivos **οὕτω(ς)** e **οὕν**, que trazem implícita a instância enunciativa da fábula pelo fato de explicitarem que o enunciado introduzido por eles constitui uma etapa de um percurso argumentativo. Esses elementos conjuntivos permitem recuperar o processo de disposição dos argumentos realizado pelo enunciador, no ato da enunciação.

É por essa intenção manipulatória que se explica o fato de o locutor se dar o direito de apresentar, como enunciado moral, um enunciado imperativo, como se o ato de ordenar

emanasse do texto narrativo. É o que se nota em epimítios como o de Ch 279, que segue mais uma vez:

"Que você que é pobre e da ralé, não imite as atitudes dos ricos, nem seja, então, objeto de riso, nem corra perigos; pois o que é alheio é inadequado."

Deve-se considerar que, nesse caso, a conjunção que (ὅτι , no texto grego), que inicia esse epimítio, força a recuperação de um enunciado formular, que tanto pode ser "a fábula/ o discurso mostra " como "a fábula/ o discurso ensina". Assim, o locutor obriga que se requalifique como demonstração ou como ensinamento a ordem comunicada, o que lhe permite apresentar-se como um pretense observador do fazer de sua própria enun-
ciação . Em última análise, essa postura enunciativa nada mais pretende senão mascarar o estatuto de autoridade de que se reveste um locutor que decide transmitir ordens ou ensinamentos a um alocutário.

A recuperação da instância enunciativa enquanto ins
tância que organiza o discurso da fábula permite recompor, como seu esquema canônico, um esquema enunciativo constituído de um locutor (o agente do ato ilocutório), um alocutário (o des
tinatário da ação ilocutória), um conteúdo comunicado (o enun
ciado moral) e um enunciado instrumental (o texto narrativo), de que o locutor se serve para efetuar seu ato ilocutório. Enquanto instrumento verbal de uma enunciação performativa, ele faz parte dessa enunciação, estando, em consequência, investido da mesma performatividade confessada no epimítio que o segue.

A partir dessas constatações, é necessário rever a função que se tem, tradicionalmente, atribuído ao epimítio.

Nøjgaard considera que " o elemento moral da fábula pertence à estrutura da própria narração e não ao acaso de uma moralidade somente possível", pois, neste caso, a fábula não se distinguiria da anedota, do conto maravilhoso, da novela, da etiologia, etc., que podem ser segundo ele 'morais' no sentido de 'ligados a uma moralidade'. "Em última análise, continua, a moralidade se reduz a uma questão de contexto no qual o autor quer colocar sua fábula, e a fábula de nossas coleções não se

distingue em princípio da fábula aplicada: à moralidade geral corresponde o contexto especial." (1964:115).

Se Nøjgaard minimiza a importância da moralidade, Adrados (1982:35-37) parece ressaltar a sua importância quando supõe que o fato de as fábulas aplicadas terem sido inicialmente coligidas nas coleções da primeira época helenística, sem o contexto em que ocorreu a aplicação, alterava um tanto o seu caráter. "Às vezes, diz ele, certamente a ação da fábula e inclusive as palavras finais ("o fecho") de uma das personagens eram suficientes para manifestar sua intenção. Mas com o tempo se chegou a uma nova solução: a criação de promítios ou epimítios ("moralidades") que indicavam explicitamente essa intenção." Essa intenção, segundo Adrados, constituía uma advertência, uma crítica ou um ensinamento.

Essas suposições que os trabalhos de crítica textual permitiram a Adrados elaborar, a pesquisa lingüística parece confirmar. Não se trata das suposições que ele faz quanto ao modo de transmissão dos textos, ou quanto ao fato de as fábulas das primeiras coleções helenísticas terem sido ou não documentadas com epimítio. É bem provável que elas fossem, sim, coligidas com epimítio, haja vista o fato de Aristóteles ter mencionado com seus respectivos epimítios a fábula de Esopo e a de Estesícoro. Esse modo de exemplificar a fábula, apresentando seu texto narrativo e sua moralidade, pode ser tomado como testemunho de que, já na época de Aristóteles, o epimítio era visto como texto constitutivo da fábula.

O que merece ser destacado do comentário de Adrados, exposto acima, é que ele sugere que nem sempre o texto narrativo era suficiente para conferir a um enunciado o estatuto de fábula. Era necessário que viesse indicada a intenção que presidira a enunciação desse texto. Sem essa intenção, o caráter dos textos narrativos que constituíam fábulas, ou "fábulas-exemplos" como diz ele, alterava-se. Essa alteração decorria exatamente da diversidade de tipos de narrativas que podiam ser usados como enunciado instrumental da fábula.

Nøjgaard se empenhou em descrever a variedade de

tipos de narrativas que se podem encontrar como textos narrati-
vos de fábulas anônimas: narração zoológica, anedota, conto
maravilhoso, provérbio apológico, personificação, etiologia e
"fábula", no sentido restrito que ele deu a esse termo.

Além disso, verifica-se que qualquer ser pode
constituir-se personagem de texto narrativo de uma fábula anô-
nima: homens, animais, plantas (Ch 99), objetos (Ch 70), partes
diferentes de um mesmo corpo (Ch 159 e 288), entidades abstra-
tas (Ch 1), deuses (Ch 108) e heróis (Ch 130).

O que há de comum entre esses textos é que eles
constituem narrativas de fatos dados como fictícios. Admite-se,
mesmo, narrativa de fatos fictícios gerais, que se repetem,
pois dizem respeito não a um ser particular, mas a uma espé-
cie inteira. É o caso das narrações zoológicas de Ch 153 e
307, que se estruturam com verbos no presente do indicativo,
pois os fatos que narram são dados como fatos que ocorrem sem-
pre.

Muitos desses textos narrativos têm em si a marca
da alegoria como, por exemplo, os que apresentam personagens an-
tropomorfizadas. Outros, não, como as anedotas, que apresen-
tam tipos humanos. Mesmo que se queira ver, (nessa tipificação)
do humano ou, segundo A.D.Lima, nessa "desumanização", uma indi-
cação de estatuto alegórico, não se pode afirmar que ele seja
suficiente para dar a um enunciado a condição de fábula. A ale-
goria garante a condição de texto que precisa ser interpretado,
que "não vale pelo que ele diz, mas pelo que ele quer dizer".
Agora, o que ele quer dizer, isto é, como ele deve ser inter-
pretado, é sempre o epimítio que determina, através de seu
enunciado metalingüístico. Muitas vezes, além de determinar co-
mo deve ser interpretado, o epimítio ainda fixa, para o alocu-
tário, uma interpretação, no discurso moral.

É significativo que apenas dez fábulas da coletâ-
nea não tenham epimítio. Entre elas há duas—Ch 97 e 113—cujos
textos narrativos são anedotas. Deslocadas do contexto das fá-
bulas anônimas, elas, com certeza, deixam de ser fábulas e pas-
sam a constituir simples anedotas, enunciadas com intenção de

fazer rir. O mesmo se pode dizer de Ch 346, uma fábula cujo texto narrativo é uma etiologia. Uma vez integradas no contexto de fábulas anônimas, que se caracterizam por constituírem enunciados marcados por um esquema discursivo canônico, esses textos narrativos sem epímítio acabam assimilando esse esquema por mecanismos de intertextualidade. Estes, por sua vez, lhes conferem o estatuto de fábulas, obrigando, assim, o leitor a compor os textos que faltam para completar seu esquema discursivo (Suleiman, 1977:482).

Pode-se transferir para o nível do discurso o conceito de elipse que se usou para explicar os fenômenos de elipse textual. Observou-se, no capítulo anterior, que alguns epímítios apresentavam uma conjunção ou uma preposição, que funcionava como marcador de elipse do enunciado metalingüístico. Observou-se, também, que as formas possíveis para preencher o enunciado omitido eram buscadas no paradigma de fórmulas estocado na competência discursiva fabular do leitor/ouvinte. Fenômeno idêntico pode-se dizer que acontece quando um texto narrativo sem epímítio está incluído num contexto de fábulas. Tem-se que considerar que o epímítio está omitido, e que a marca da elipse é o próprio título do conjunto — Αἰσώπου μύθοι — "Fábulas de Esopo", que, segundo Chambry (1967: xxiv), consta de todos os manuscritos de fábulas anônimas. Orientado por esse rótulo, o leitor inclui os textos assim denominados em um dos tipos discursivos que estão armazenados em sua competência discursiva (Schaeffer, 1985: 357).

Constata-se, pois, que existe, subjacente aos textos de fábulas anônimas, um esquema discursivo, composto de três discursos, como havia apontado A.D.Lima. E conclui-se, da análise lingüística que se efetuou, que é o nível da sintaxe discursiva que organiza o texto da fábula, pois é nas articulações previstas por esse nível que o locutor inscreve o seu programa de enunciação, do qual consta seu fazer ilocutório. A relação semântica que se estabelece entre o texto narrativo e o texto moral, é comandada pela ilocução.

A fábula anônima, exatamente por ser anônima, pode

ser vista como documento de um conjunto de possibilidades de estruturação de textos de fábulas autônomas, já consideradas como um gênero literário. Não interessa, aqui, o grau de literariedade de que elas apresentam. No mínimo, elas devem ser consideradas um gênero em seu estágio popular. Enquanto conjunto de possibilidades que compunham o paradigma, isto é, os esquemas canônicos do gênero, a fábula anônima apresenta um conjunto de características gerais, que, se não são constantes, são, pelo menos, predominantes. Citam-se:

1. emprego do epítio como lugar de explicitação da força ilocutória que governa a enunciação da fábula, e do enunciado interpretativo, quando for o caso;
2. realização de atos ilocutórios diversos: conclusão, demonstração, ensinamento, denúncia, censura, recomendação (efetuados por meio do enunciado metalingüístico), ordem, prescrição e afirmação (efetuados por meio do enunciado moral);
3. explicitação lingüística da força ilocutória da enunciação, por meio de fórmulas, o que torna evidente não só que o locutor tem intenção de agir, como também que ele tem intenção de comunicar que está agindo;
4. uso de fórmulas que expressam a performatividade da enunciação por meio de itens lexicais (verbos de ação) e itens gramaticais (conjunções conclusivas);
5. uso de mecanismos discursivos que garantem o ocultamento do locutor; predomina, entre eles, o alçamento do enunciado narrativo (referido metalingüisticamente pelos termos **λόγος** e **μῦθος**) da posição hierarquicamente inferior que ocupa enquanto enunciado instrumental, para a posição privilegiada de agente do enunciado metalingüístico;
6. uso de enunciado instrumental representado por texto narrativo ficcional, com predominância de narrativas de fatos passados, vivenciados por animais antropomorfizados.

3ª PARTE:
FÁBULAS EM SITUAÇÃO

FÁBULAS EM SITUAÇÃO: A PRÁTICA DA FÁBULA

A fábula esópica das coleções anônimas são de natureza autônoma, isto é, são auto-suficientes, pois constituem um texto que se basta. À fábula autônoma contrapõe-se a "fábula-aplicada", como diz Nøjgaard (1964:442), a fábula vinculada a uma dada situação de discurso. Adrados (1984:137) a nomeia "fábula-exemplo".

O interesse em se considerar a fábula em situação está no fato de ela constituir documento da fábula como prática discursiva, em que não pesam fatores ligados à condição de literatura, pressupostos pela fábula anônima. Vale a pena examinar alguns desses textos, pois eles podem trazer novos dados para enriquecer a reflexão sobre o tipo discursivo que a fábula constitui, enquanto texto que se funda na instância de sua enunciação. A maioria dos textos que serão analisados a seguir são considerados fábulas, pela tradição. Há alguns, porém, que não estavam incluídos nesse gênero. O que se pretende mostrar é que, quando se examina a prática da fábula, é necessário estender-se o termo fábula para um conjunto muito mais amplo de textos do que aquele previsto para a fábula como gênero literário.

Parte-se do princípio de que uma mesma narrativa pode ser enunciada em circunstâncias diferentes, em situações diferentes, o que lhe traria mudanças de sentido. O que confer, pois, a uma narrativa, o estatuto de fábula, é uma orientação interpretativa apontada pela enunciação. Segundo Todorov (1980:47), o contexto de enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a quem ele se dirige, um tempo e um lugar, um discurso que precede e que segue.

A prática da fábula é comum na literatura grega antiga de todos os períodos, desde a época arcaica, com Hesíodo,

até a época imperial, com Luciano. Os dez textos que serão analisados, nesta terceira parte da dissertação, como fábulas em situação, foram extraídos de obras gregas que datam, no máximo, do século IV A.C., época em que Demétrio de Falera teria composto a primeira coleção de fábulas de que se tem notícia. A intenção, em se fazer esse recorte no tempo, é observar a prática da fábula antes de ela ter-se constituído em gênero literário.

Veja-se, então, como o texto da fábula se articula com seu contexto de situação e em que medida sua significação é determinada por ele.

1. HESÍODO

Predomina, entre os estudiosos da fábula grega, a opinião de que Hesíodo é o primeiro escritor grego a usar fábulas em sua obra (1). Ela apareceria documentada, pela primeira vez, no poema Os Trabalhos e os Dias. Veja-se a fábula e parte de seu contexto:

"Agora, um caso contarei aos reis, a eles, os
/sábios.

Assim um gavião disse a um rouxinol de pescoço ma
/lhado,

levando-o para bem alto, nas nuvens, preso nas gar
/ras;

ele, que, miserável, trespassado por garras recur-
/vas,

gemia. A ele o prepotente disse tais palavras:

"Demônio, por que gritas? Pertences a um mais for
/te!

Irás onde eu te levar, cantor que sejas.

Se eu quiser, farei de ti refeição ou te soltarei.

(1) Cf. Nbjgaard (1964:442); Adrados (1982:43); Chambry (1967: xxii).

Louco é aquele que quer resistir aos mais fortes:
frustra-lhe a vitória e, além do opróbrio, mágoas
/suporta.

Assim falou o gavião, de vôo veloz, pássaro de
/asas abertas.

Ó Perses, tu, ouve a justiça! Não fomentes a des-
/mesura.

Pois a desmesura é um mal para o homem pobre. E
/nem o grande

consegue fácil suportá-la. Antes, esmaga-se sob
/ela,

• ao chocar-se com desgraças. O caminho que leva
/pelo outro lado

a atos justos é melhor. A justiça vence a desme-
/sura,

quando chega o momento. Sofrendo é que o tolo
/aprende.

(v. 202-218)

Não se pode desconsiderar, ao se analisar a fábula acima, que ela está inserida num macrotexto representado pelo poema como um todo. Os Trabalhos e os Dias têm um alocutário explícito: o irmão de Hesíodo, Perses, a quem o poeta pretende dizer verdades (2) .

Após a narração do mito das lutas e do mito de Pandora, narração que o poeta coroa com o mito das raças, apresentado como um "outro relato" — **ἕτερον λόγον** — numa referência clara à condição de **λόγος** dos dois mitos que o precedem , Hesíodo avisa que vai contar um "caso" , um **αἶνος** , a alocutários muito especiais: "os reis sábios". Diz ele: **Νῦν δ' αἶνον βασιλεῦσι ἐρέω φρονέουσι και αὐτοῖς** - agora um caso contarei aos reis, a eles, os sábios" (v202).

(2) Cf. v.10: " E que eu possa dizer verdades para Perses "
("ἐγὼ δὲ κε Πέρσῃ ἐτήτυμα μυθησάμην) .

Vê-se, pois, que a enunciação do αἶνος vem introduzida por um verdadeiro promítio em que se localiza a explicitação linguística do locutor (expresso pela desinência de 1ª pessoa da forma verbal ἐρέω), do alocutário (βασιλεῦσι) do tipo de enunciado que será comunicado (αἶνος) e do tempo da enunciação, indicado pela desinência verbal de tempo futuro, o qual, segundo Benveniste (1976:271), não é mais que um "presente projetado para o porvir".

Particularizada como enunciado destinado aos reis, a fábula de Hesíodo, enquanto enunciado encaixado no macrodiscurso do poema, se põe como um enunciado destinado também a Perses. Por isso é que, ao texto narrativo da fábula, segue-se um epimítio, em que o poeta se permite interpelar tanto Perses como os reis, e exortá-los a "ouvir a justiça".

A narração da fábula se encerra com a fala prepotente do gavião, o mais forte, de cujo querer dependia a morte ou a vida do rouxinol. A ação da fábula, finalizada nesse momento de decisão, está de acordo com o contexto de situação a que os Trabalhos e os Dias remetem: a própria situação do poeta se equipara à situação do rouxinol; ele também está dependendo, como o rouxinol, dos mais fortes, dos "reis comedores de presentes", aos quais se associou seu irmão Perses, que se empenha em tomar do poeta a parte da herança que por direito lhe cabia.

Nojgaard (1964:446) observa que Hesíodo adaptou um texto que já existia, às necessidades do contexto de sua obra. É que a mesma narrativa, na versão conservada, entre as fábulas anônimas, por Ch8, desenvolve a ação do falcão até o fim: ele decide que o rouxinol deve morrer. Mas, ao contrário da fábula de Hesíodo, que toma o comportamento do falcão como exemplo de prepotência, a versão anônima sanciona positivamente a decisão que o falcão tomou, e o julga previdente, sensato, por ter decidido se alimentar com o que havia ao seu alcance.

Hesíodo se precata contra essa possibilidade de interpretação, fixada pelo epimítio da fábula anônima, e constrói, para o seu texto, um longo epimítio para fixar o modo co

mo a narrativa deve ser interpretada. Se, conforme Perses poderia interpretar, no plano dos nomens, a vida do fraco está nas mãos do forte, sobre os dois, forte e fraco, paira um mais forte, a Justiça, nascida de Zeus. Essa é a orientação para que seus alocutários interpretem o falcão como representação alegórica da Justiça, e o rouxinol, representação alegórica deles próprios, reis e Perses. A primeira frase do epimítio é decisiva para essa interpretação. "Ó Perses, —diz o poeta— tu, ouve a justiça" (v213), exortação reiterada aos reis, logo a seguir: "Ó reis, considerai também vós esta justiça"(v.248).

A narrativa do falcão e do rouxinol é usada por Hesíodo como argumento em favor de uma proposta de comportamento que ele apresenta aos alocutários. Ela visa a persuadir Perses e os reis a se comportarem de um determinado modo. O epimítio explicita essa intenção por meio de formas verbais imperativas.

Conclui-se, pois, que a narrativa que Hesíodo apresenta só tem seu sentido definido depois que o epimítio fixa o modo como ela precisa ser interpretada. A partir dessas indicações, retoma-se o texto narrativo e interpreta-se a alegoria que ele representa. Fica evidente, então, que a fábula não se restringe ao texto narrativo. A fábula resulta do ato de se dotar um texto narrativo de um determinado significado. Esse ato está explícito no epimítio. Logo, ele é parte constitutiva da fábula de Hesíodo.

2. HOMERO

Se, como se disse antes, a maioria dos críticos reconhece que Hesíodo foi o primeiro a registrar em sua obra uma fábula, há, por outro lado, quem pretenda transferir esse mérito a Homero (3).

(3) Tal é a opinião de Perry (Nbjgaard, 1964:92).

Um das passagens de Homero mais discutidas quanto à possibilidade de constituírem ou não fábulas, é um texto da Odisseia (XIV, 459 ss) em que Ulisses, já trazido a Ítaca pelos Feácios, dirige-se como mendigo à morada do porqueiro Eumeu, que o recebe com as honras da hospitalidade permitidas por sua condição social. À noite, como chovia e ventava muito, o mendigo Ulisses sentiu necessidade de um manto e solicitou um ao porqueiro, de um modo peculiar: por meio de uma narrativa. Ele começa seu discurso assim:

"Ouçam agora Eumeu e os outros companheiros todos. pedindo uma coisa vou contar uma história; é que o /vinho me incita." (v.462-463)

Sua "história", um **ἔπος**, é a narração de uma emboscada que empreendeu, ao lado dos chefes Ulisses e Menelau, sob as muralhas de Tróia. A noite era chuvosa e fria. Todos tinham mantos com que se agasalhar, menos ele. Então comunica a Ulisses que não vai conseguir suportar o frio e que acabará morrendo, cumprido, assim, os desígnios de uma divindade que o fizera esquecer-se do manto. Ulisses, então, concebe um artifício para arrumar-lhe um: ele diz aos companheiros que há pouco tivera um sonho divino que o alertara para a necessidade de se mandar vir a Tróia mais guerreiros. Era, pois, urgente que alguém fosse comunicar tal aviso a Agamenão. Imediatamente um companheiro se dispôs a fazê-lo, deixando-lhe, assim, seu manto. Terminado o **ἔπος**, Eumeu lhe responde:

"Ó velho, belo caso esse que contaste,
Nem uma palavra inútil ou descabida disseste.
Pelo menos nesta noite, não terás falta de agasalho." (v.508-510)

A enunciação do **ἔπος** de Ulisses é governada por uma intenção comunicativa que ele, antecipadamente, explicita: pedir. A narrativa, que Ulisses designa **ἔπος** e Eumeu, **ἀλυσος**, aparece como instrumento verbal usado para realizar o ato de pedir. Se pédir equivale a dizer um pe

dido, vê-se que a narrativa enunciada por Ulisses tem exatamente o valor de pedido. Esse valor do enunciado já estava explicitado no texto que o precedeu, um verdadeiro promítio, em que Ulisses comunica que vai pedir uma coisa contando uma história. A partir dessa indicação, coube a Eumeu fazer as devidas correspondências entre a situação narrada e a situação do momento da enunciação e "matar a charada".

Nesse mesmo canto XIV (v.192 ss.), há uma passagem em que Ulisses, ao ser interrogado pelo porqueiro sobre sua identidade, conta-lhe uma história mentirosa que explicava sua condição de mendigo. Nesse caso, sua história precisava ser coerente e convincente para não levantar suspeitas, para não denunciar que os fatos narrados eram inventados. Ela deveria ser aceita por Eumeu tal qual estava sendo enunciada por Ulisses, como discurso verdadeiro. Ela deveria ser interpretada como resposta a uma pergunta. Só assim Ulisses poderia dar continuidade ao projeto de retomada de seu reino.

Comparado com essa história mentirosa apresentada como verdade,⁽⁴⁾ o **ἔπος** anterior apresenta diferenças essenciais: ele é enunciado como discurso que deve ser interpretado, independentemente do fato de ser verdadeiro ou não; essa condição não importa para o enunciado realizar o ato que ele pretende. Os fatos narrados não valem por si mesmos, mas pelo que eles significam. O que eles significam, por sua vez, depende do que o locutor decidiu que eles deveriam significar. É Ulisses que decide que seu **ἔπος** significa um pedido. E para que isso se realize, é preciso que o alocutário seja comunicado a esse respeito, ou pelo próprio enunciado, ou por algum modo da situação de discurso.

Por todas essas características, isto é, pelo fato de o seu significado estar determinado pela força ilocutória

(4) Como todas as "palavras-fingidas" da Odisséia, essa também vem precedida de fórmula com que se invoca a verdade: "Ἐγὼ γὰρ οὐκ ἔστιν ἄρα μοι εἰπεῖν ἄληθες" (v.192ss). Segundo Todorov (1970:112-113), a invocação de verdade, na Odisséia, é sempre sinal de mentira.

que preside sua enunciação, pode-se dizer que também esse **ἔπος** de Ulisses constitui uma fábula como outra qualquer.

3. HERÓDOTO

Nas duas ocorrências de fábulas que foram analisadas, a força ilocutória do enunciado se encontrava explicitada ou no promítio, no caso da fábula de Ulisses, ou no epimítio, no caso da fábula de Hesíodo. Já o texto destacado da obra de Heródoto, e citado a seguir, dá um exemplo de ocorrência de fábula cuja força ilocutória não se explicita nem em promítio, nem em epimítio, mas se indica na própria situação discursiva.

Heródoto conta que "os jônios e os eólios, logo após a submissão dos lídios pelos persas, mandaram mensageiros a Ciro, em Sardes, oferecendo-se para ser súditos nas mesmas condições de que desfrutavam quando sujeitos a Cresos. Depois de ouvi-los, Ciro lhes respondeu contando-lhes uma fábula:

"certa vez um flautista, vendo peixes no mar, começou a tocar sua flauta, imaginando que os atrairia assim para a terra. Decepcionado em sua esperança ele apANHOU uma rede, lançou-a e capturou uma grande quantidade de peixes; ao vê-los saltando ele disse aos peixes: "Parem de dançar agora, pois vocês não saíram para vir dançar ao som de minha flauta." (5)

E Heródoto informa, em seguida, que "Ciro contou essa fábula aos jônios e eólios porque os jônios, quando ele mandou uma mensagem pedindo-lhes para se revoltarem contra Cresos, não se tinham deixado convencer anteriormente, mas agora, depois de tudo consumado, prontificavam-se a obedecer-lhe. Ele falou assim movido pela cólera. Tomando conhecimento dessa resposta, os Jônios começaram a fortificar suas cidades cercando

(5) Cf. a versão anônima desta fábula, preservada em Ch 24.

113

cada uma com muralhas (...)"(História, I, 141)(67).

Nessa passagem, Heródoto recompõe a situação em que se deu a enunciação da fábula por Ciro. Existe um locutor (Ciro), alocutários (jônios e eólios), um discurso anterior (a proposta dos jônios e eólios) e o discurso que segue (a interpretação que os alocutários fazem da fábula). Considerando-se que o discurso que precede a fábula era uma proposta, o enunciado de Ciro constitui a sua resposta àquela proposta. Ciro leva em conta a expectativa de resposta, por parte de seus interlocutores, e lhes responde com uma fábula, com um **λόγος**, como diz Heródoto. Uma vez fixado pela própria condição de interlocução que o enunciado valia como resposta, cabia aos alocutários interpretá-lo para identificar o tipo de resposta que estava sendo comunicado. A interpretação da fábula mostrou-lhes que Ciro estava dizendo não à proposta, isto é, que ele a recusava. Essa interpretação, vê-se, só foi possível pela orientação fornecida pelo contexto de situação. É este que indica a força ilocutória da enunciação da fábula. E é esta força que confere "coerência" à fábula, isto é, que faz que ela tenha sentido em relação à situação discursiva em que é enunciada.

Ciro deixa aos alocutários a tarefa de compor o epítio de sua fábula. E que eles o fizeram com propriedade de duz-se da providência que, segundo Heródoto, eles tomaram: fortificaram suas cidades.

Além dessa, há uma outra passagem de Heródoto (VI, 86) que, embora presente, como texto narrativo, um relato de fatos dados como "históricos", isto é, de ocorrência real, ela preenche todos os requisitos para ser considerada fábula.

Heródoto conta que Eutíquides, rei de Esparta, havia deixado alguns reféns sob guarda em Atenas. Quando, porém, foi buscá-los, os atenienses se recusaram a devolvê-los. Em face dessa recusa, disse Eutíquides:

"Atenienses: escolhei a maneira de proceder preferível para vós: entregai os reféns, agindo de acordo

com a lei sagrada, ou não os entregueis, agindo da maneira contrária; quero porém relatar-vos um fato ocorrido em Esparta a respeito de uma entrega em confiança."

E Eutíquides segue contando o caso de Glauco, um espartano que vivera duas gerações antes da sua, e que era famoso por seu espírito de justiça. Um dia ele foi procurado por um estrangeiro, um homem de Mileto, que, preocupado com a tamanha instabilidade em que vivia sua região, decidira confiar sua fortuna — uma certa quantidade de moedas — aos seus cuidados. Glauco aceitou o encargo e recebeu, junto com as moedas, algumas senhas, que serviriam para identificar, como legítimos, os futuros reclamantes do dinheiro. Muito tempo depois, o homem de Mileto mandou seus filhos a Esparta para buscar o dinheiro. Glauco, porém, se recusou a entregá-lo, alegando que não se lembrava de ter assumido tal compromisso, e pediu três meses para pensar no caso. Em seguida, ele foi a Delfos consultar a pítia para saber se deveria jurar em falso e apoderar-se definitivamente daquele dinheiro. A Pítia lhe informa, então, que a deslealdade é punida com a destruição tanto daquele que agiu sem lealdade como de todos os seus descendentes, e o previne de que "pôr o deus à prova" e "praticar a ação" eram faltas iguais. Diante disso, Glauco decide devolver o dinheiro aos donos. Então Eutíquides completa:

" Dir-vos-ei agora, atenienses, por que vos contei essa história: não existe atualmente qualquer descendente de Glauco, nem um lar que se possa apontar como seu: ele foi extirpado de Esparta até a raiz. Logo, é bom não pensar em outra coisa, quando se trata de uma entrega em confiança, senão em restituir o que é reclamado."

(7)

Há, nessa passagem, um contexto de enunciação perfeitamente delineado: Eutíquides, o locutor, enuncia aos atenienses, os alocutários, uma "história", um **λόγος**, como ele

(7) Tradução de Mário da Gama Kury (Heródoto, História, pp.321-322).

diz, seguido de um epimítio introduzido por uma fórmula muito freqüente nos epimítios das fábulas autônomas: **οὕτως**, que o tradutor preferiu traduzir por logo. Apresentado como conclusão do texto narrativo, o texto moral do epimítio predica um julgamento de valor a um modo de agir: "é bom...". Nesse sentido, o enunciado moral tem o valor de recomendação e indica que é como tal que se deve interpretar o texto narrativo.

O que chama a atenção nessa passagem é a natureza do texto narrativo. Ele é posto como se fosse constituído de fatos históricos, de ocorrência real. Nesse sentido, ele se aproxima do enunciado narrativo de que se servira Ulisses para fazer seu pedido. Ulisses também conta sua história como se ela tivesse realmente acontecido. Os leitores é que estão informados de que essa história era inventada por Ulisses, mas o porquero Eumeu não tinha como sabê-lo. Logo, ele a recebe como uma narrativa de fatos históricos, do mesmo modo como os atenienses o fizeram em relação à narrativa de Eutiquides.

Esses dados obrigam a reconhecer que, para que uma narrativa componha uma fábula enquanto prática discursiva, não é necessário que ela seja marcada pelo traço da ficticiedade. Basta apenas que ela seja uma narrativa.

4. ARISTÓFANES

Na comédia As Vespas, há uma série de ocorrências de fábulas. Elas se ligam, todas, à personagem Filocleão, cuja competência discursiva se limitava à enunciação de fábulas (= **μυθους**, v.1179). O que, para ele, não constituía problema algum, pois ele respondia, por meio de fábulas, às mais variadas situações embaraçosas em que se metia. Isso porque ele depositava total confiança na eficácia dos "discursos adequados", dos **λόγοι δεξιολοί**, como ele dizia (v.1393). Vejam-se, então, alguns desses empregos de fábulas realizados por Filocleão.

(1) Filocleão, bêbado, fizera uma padeira derrubar seus paões. Ao ser ameaçado por ela a pagar multas, ele lhe diz:

"Escuta, mulher, quero te contar
 uma história gozada (...)
 Esopo estava voltando, à noite, de um jantar,
 quando uma cadela safada e bêbada se pôs a latir.
 Então ele lhe disse: "Cadela, cadela,
 se, por Zeus, em troca de sua língua inútil você
 /pudesse
 comprar queijo, estaria agindo com acerto, me parece."

(v.1400-1405)

Nessa passagem, Filocleão usa sua narrativa para desqualificar as ameaças da padeira: assim como a cadela só produzia latidos inúteis, assim também as ameaças da mulher nada significavam para ele. E, naquela situação de discurso, sugerir à mulher que trocasse sua língua por queijo, era o tipo de recomendação absurda, que não era mesmo para ser levada a sério. Assim, o que a "história gozada", **λόγον χαρίζετα**, de Filocleão comunica à padeira é um deboche, uma zombaria. E a mulher, que apreendeu corretamente a força ilocutória da enunciação de Filocleão, lhe responde: "E você está zombando de mim?" (v.1406)

(2) Como a mesma padeira tivesse, em seguida, prometido que iria citar Filocleão em juízo, ele lhe diz:

"Não, por Zeus, mas escuta, a ver se te digo alguma
 /coisa:

Lasos disputava, certa vez, um prêmio com Simônides.

Então Lasos disse: "Pouco me importa."

(v.1409-1411)

Tem-se aí novamente uma desqualificação, feita por Filocleão, da ameaça da padeira. A enunciação do enunciado narrativo é presidida pela intenção, por parte do locutor, de informar. A informação que ele comunica à padeira é a mesma que Lasos comunciou a Simônides: "Pouco me importa."

(3) Pouco depois, Filocleão é ameaçado com processo judiciário por um homem a quem ele machucara com pedradas e golpes. Para

dissuadir o homem de recorrer à justiça, Filocleão lhe propõe, como indenização, este enunciado:

"Um sibarita despencou do carro
e rachou a cabeça seriamente.

É que acontecia de ele não ser traquejado na arte
/hípica.

Então veio um amigo seu e lhe disse:

"Que cada um faça o serviço que sabe fazer."

Assim, também você, corre à clínica de Pitalos."

(v. 1427-1432)

Esse enunciado de Filocleão é particularmente interessante pelo fato de compor-se de texto narrativo seguido de epimítio. A presença do epimítio, nesse caso, se explica porque a situação de discurso não deixava claro ao alocutário que o conselho que o enunciado narrativo estava lhe comunicando era justamente a indenização que Filocleão estava lhe propondo.

Vê-se, pois, que é por meio da força ilocutória, explicitada no epimítio, que a fábula se instaura com coerência naquela situação discursiva.

Com exceção dessa última ocorrência, as outras duas introduzem suas narrativas por meio de promítio, que interpela o alocutário, pede-lhe atenção e cria, para ele, expectativa em relação ao que vai ser dito a seguir. Um deles, o segundo, chega até mesmo a explicitar que o que vai ser dito a seguir tem a ver, de algum modo, com o alocutário. Os textos narrativos, quando precedidos de promítios, não são interpretados pelo locutor, que deixa essa tarefa para seus alocutários.

5. PLATÃO

No Fédon, há uma passagem em que Sócrates é apresentado como falante competencializado para compor fábulas à maneira de Esopo. Depois de ter comentado que o prazer e o seu contrário, o sofrimento, nunca estão presentes ao mesmo tempo no homem, mas quando um aparece, quase que obrigatoriamente o outro aparece também, como se constituíssem uma

uma cabeça única de duas naturezas, Sócrates diz:

" Parece-me que se Esopo tivesse pensado nisso, teria podido compor uma fábula: a divindade, que, embora desejasse, não conseguia pôr termo às lutas dos dois, juntou as cabeças deles em uma só. Por isso é que, onde está um, o outro em seguida logo aparece. Portanto, é assim que me parece também: por causa da corrente, a dor estava em minha perna, e agora chega, atrás dela, o prazer."

(§ 60 b-c)

Note-se que, apesar de esse enunciado de Sócrates vir logo após um comentário sobre o prazer e o sofrimento, Sócrates não dispensa o epimítio, que fixa o valor do enunciado narrativo — uma etiologia, por sinal —, em relação à situação. A intenção que preside a enunciação dessa fábula, desse **μῦθος**, é explicar um fato, que Sócrates, em particular, estava vivendo.

6. ARISTÓTELES

Aristóteles cita, na Retórica (20, 1393 b), duas fábulas, dois **λόγοι**, como ele diz, uma de Esopo, já apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, e uma de Estesícoro, que será citada a seguir.

Segundo Aristóteles, os habitantes de Himera tinham eleito Fálaris como general, a quem atribuíram plenos poderes. E como eles estivessem para lhe conceder, em acréscimo, uma guarda pessoal, Estesícoro lhes contou esta fábula:

"um cavalo ocupava sozinho um prado. Como tivesse chegado um veado, que estava destruindo a pastagem, aquele, no desejo de puni-lo, perguntou a um homem se este poderia ajudá-lo a punir o veado. Então o homem disse que sim, contanto que o cavalo permitisse que ele lhe pusesse freios e montasse nele, portando dardos. O cavalo consentiu e, uma vez montado, em vez de punir o veado, tornou-se ele próprio servo do homem. Assim, também vocês, disse Estesícoro, cuidem para que, querendo punir os inimigos, não sofram o mesmo que o cavalo; é que

vocês já estão com um freio, pois elegeram um general com plenos poderes; mas se lhe derem uma guarda e permitirem que ele monte em vocês, então vão se tornar servos de Fálaris."

Vê-se que o lógos de Estesícoro também está documentado por Aristóteles, como estava o de Esopo, como um enunciado composto de duas partes: uma narrativa e um epimítio, que faz a aplicação do texto narrativo à situação discursiva que o motivou.

Os epimítios das fábulas documentadas por Aristóteles são significativos por duas razões: primeiro, por constituírem, por sua própria presença, um testemunho seguro da antiguidade do epimítio; e depois, pelo fato de virem introduzidos por fórmulas preservadas pelas fábulas anônimas autônomas. O epimítio da fábula de Esopo se inicia com a fórmula ἀτὰρ καί, e a de Estesícoro, com οὕτω δὲ καί.

Além disso, cabe observar ainda que Aristóteles toma todas as providências para que se possa recompor a situação discursiva em que cada uma delas foi enunciada, permitindo, assim, que se recupere a dimensão ilocutória que as instituem como fábulas. Tanto a fábula de Estesícoro como a de Esopo realizam um mesmo ato ilocutório: elas advertem.

Como se disse anteriormente, esse conjunto de fábulas comentadas neste capítulo são fábulas vinculadas a uma situação discursiva. Esta situação discursiva constitui o contexto em relação ao qual o enunciado, que a fábula é, só adquire estatuto de texto, no sentido proposto por Halliday & Hasan (1976:2), se evidenciar "sentido" em relação a ele, isto é, de constituir com ele um todo coerente.

O exame que se fez dessas fábulas mostrou o quanto todos os componentes desse contexto de situação são recuperáveis, sendo possível recuperar-se até a identidade dos interlocutores das fábulas e o modo como os alocutários reagiam à sua enunciação.

Um outro aspecto que esse exame fez notar é a va-

riedade de tipos de narrativas que podem ser utilizadas como enunciado narrativo de fábula. Considerando-se a classificação proposta por Nøjgaard (1964), apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, pode-se dizer que nas fábulas analisadas encontram-se textos narrativos que são etiologias, como na fábula enunciada por Sócrates e na de Estesícoro, anedotas, encontradas na fábula de Ulisses e em duas fábulas de Filocleão, "fábulas", no sentido restrito que Nøjgaard dá a esse termo, presentes na fábula de Hesíodo, na de Esopo contada por Aristóteles, na primeira fábula de Filocleão, e em Heródoto (I,141), tendo-se encontrado até mesmo uma longa narrativa, como a de Heródoto (VI,86), que é um conto, segundo Nøjgaard (1964:505).

Longa, como a de Heródoto (VI,86), é também a narrativa de Ulisses (Od., XIV,459 ss). Aliás, ambas têm um ponto em comum: elas se diferenciam das narrativas das outras fábulas por não apresentarem, em suas estruturas, a marca da ficticidade.

Todos esses tipos de textos narrativos de fábulas, porém, exibem, como característica comum, o fato de constituírem narrativas, tanto pelo fato de serem resultados de um ato de narrar, quanto pelo fato, decorrente do anterior, de apresentarem conteúdo narrativo, isto é, uma sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios (Genette, 1972:24).

Contudo, para um enunciado narrativo constituir-se fábula, não basta que ele seja narrativa. É preciso que ele se faça interpretar de um determinado modo. "Ora, a interpretação é determinada, por um lado, pela frase que se enuncia, e por outro, por sua própria enunciação", diz Todorov (1980:47). No caso da fábula como prática discursiva, a interpretação do texto narrativo é determinada pela enunciação: esta não só informa que ele deve ser interpretado, pois lhe confere um estatuto alegórico, no sentido mais geral do termo, como também orienta como ele deve ser interpretado. Pela enunciação, o locutor firma um pacto com seu alocutário: se ele próprio não explicitar o discurso interpretativo de sua fábula, é sinal de que ele decidiu incumbir dessa obrigação o alocutário.

Na maior parte das fábulas selecionadas para compor essa amostra de fábulas em situação, o locutor decidiu explicitar o discurso interpretativo. Este se encontra textualizado em epítios, alguns deles introduzidos por fórmulas idênticas às que já foram apontadas nas fábulas autônomas, tais como: οὕτω(ς) , em Heródoto (VI,86) e em Aristófanes (v.1432), e οὕτω δὲ καί e ἀτὰρ καί , em Aristóteles, na fábula de Estesícoro e na de Esopo, respectivamente.

Constatou-se, também, que a enunciação de uma fábula pode ser impulsionada por diferentes forças ilocutórias. A través de uma narrativa, Hesíodo exorta, Ulisses pede, Ciro recusa, Eutiquides recomenda; através de narrativas, Filocleão zomba, desconsidera e aconselha; Sócrates usa uma narrativa para explicar, enquanto Estesícoro e Esopo o fazem para advertir.

CONCLUSÃO

Tudo indica que o gênero literário fábula coincide, na Grécia Antiga, com uma prática discursiva que também tinha, naquela cultura, existência não literária. Assim, todo estudo que pretende abordar a fábula grega deve, de início, fazer um recorte entre duas realidades discursivas: o gênero literário e a prática discursiva. Tais realidades constituem dois diferentes estados da fábula, que trazem implicações especiais para a estruturação dos enunciados que realizam cada uma delas.

Seja como gênero literário, seja como prática discursiva, a fábula pode ser definida como um tipo de discurso que se caracteriza por comunicar uma mensagem através de uma narrativa que se faz interpretar segundo orientações do próprio locutor. As condições de produção desse discurso é que vão determinar, para cada modalidade de fábula, as características de sua estruturação lingüística.

Como prática discursiva integrada em um contexto de situação, a fábula grega podia ocorrer em uma variedade muito grande de interações comunicativas. Halliday (1985:68) observa que, em eventos de interação lingüística, "o falante adota um papel de fala particular e indica, para o ouvinte, o papel de fala que espera que ele, por sua vez, adote." Do ponto de vista do falante, os papéis de fala realizam duas possibilidades comunicativas: dar ou pedir. Nessa interação, Halliday prevê que se podem trocar tanto "bens & serviços" como "informações". No primeiro caso, trocam-se bens de natureza não verbal, quando, por exemplo, uma pessoa pede a outra um objeto ou uma ação. No segundo, o bem trocado é verbal: o falante dá ou pede uma informação por meio de um ato de fala que tem, como resposta esperada, um outro ato de fala. Vê-se, então, que no caso de troca de "informações", a interação comunicativa se resolve em âmbito estritamente lingüístico, onde a linguagem é fim e meio do processo (Halliday, 1985:68).

Tudo indica que a prática da fábula na cultura grega antiga constituía uma opção discursiva utilizável em qualquer uma das possibilidades interativas previstas por Halliday. Era possível enunciar-se uma narrativa tanto para se dar ou pedir um objeto ou uma ação ("bens & serviços"), como para se dar ou pedir uma informação. Os poucos exemplos de fábulas em situação comentados na 3ª parte deste trabalho documentam quase todas essas possibilidades. Ulisses se serviu de uma narrativa para solicitar um manto, enquanto Filocleão se serviu de uma para propor uma indenização. Ciro, por sua vez, praticou uma fábula para dar aos jônios e eólios uma informação: sua resposta à proposta de aliança que eles lhe encaminharam.

Só não se encontra, entre as fábulas comentadas, exemplo de uso de narrativa para se pedir informação. Isso não significa, porém, que se deva concluir que essa possibilidade não existisse. Pelo contrário. Não se pode esquecer que os casos de fábulas aplicadas não foram selecionados com o intuito de se explorar esse aspecto do funcionamento delas. Logo, pode-se sugerir que, se for feito um levantamento exaustivo de todas as ocorrências de fábulas em situação documentadas na literatura grega, é possível que se encontrem ocorrências de fábulas que pedem informações. E é possível, também, que se encontrem novas situações de interação que não foram contempladas na análise dos casos comentados.

Para praticar uma fábula, o falante grego podia optar por qualquer tipo de narrativa, fosse ela curta ou breve, ficcional ou não. Bastava que fosse uma narrativa. Além disso, ele tanto podia atualizar os três discursos que compõem o esquema discursivo da fábula — discurso narrativo, discurso metalingüístico e discurso moral —, como podia atualizar somente o discurso narrativo, deixando implícito o metalingüístico, ou o moral, ou ambos ao mesmo tempo. A implicitação de um ou outro discurso era determinada pelas próprias características da situação em que a fábula era praticada.

Da fábula como gênero discursivo já institucionalizado na cultura grega como um tipo de ato de fala, é que deri-

da prática discursiva, não permitia ao locutor valer-se dos fatores situacionais para indicar ao seu interlocutor a intenção lingüística que presidia a enunciação de uma narrativa. Isso porque a fábula autônoma instaura, pela linguagem, sua própria situação discursiva. Esta, por sua vez, é marcada pela virtualidade, e se concretiza cada vez que o texto encontra um alocutário. Por isso, é necessário pressupor-se que, quando se torna gênero literário, a fábula se institucionaliza com um esquema discursivo discursivo canônico que prevê a explicitação, seja em promítios, seja em epimítios, do modo como o texto narrativo deve ser interpretado pelo seu alocutário. Assim, num primeiro momento de sua história, a fábula autônoma deve ter explicitado no mínimo o seu discurso metalingüístico, pois é nele que o locutor explicita o valor de sua enunciação. É só a partir da institucionalização desse esquema canônico, constituído, como o da fábula aplicada, de discurso narrativo, discurso metalingüístico e discurso moral, que se pode explicar a condição de fábula de certos textos que omitem um dos dois enunciados ou, mesmo, ambos. Nesse caso, é possível ao alocutário preencher o esquema discursivo canônico valendo-se das relações intertextuais que se estabelecem entre as fábulas. Considerando tais relações, o alocutário tem condições de identificar o discurso elíptico e realizá-lo, tornando-se, desse modo, co-elaborador do texto da fábula, que depende de sua competência para se realizar plenamente (Suleiman, 1977: 475).

O esquema canônico da fábula autônoma fixa, também, o conjunto de possibilidades de atos de fala que ela pode realizar. Esse conjunto parece ser bem mais restrito, quando comparado com as possibilidades que a fábula como prática discursiva comportava. Dentre as possibilidades de interação comunicativa que realizam trocas de "bens & serviços" ou de "informações", a fábula autônoma seleciona aquelas em que se oferecem "serviços" ou "informações". Oferecem "serviço" as fábulas que dizem uma recomendação. Já as que dizem uma demonstração oferecem "informação".

Verifica-se, pois, que a fábula autônoma anônima exclui do seu conjunto de possibilidades de interação comunicativa

tiva, aquelas em que se pedem "bens & serviços" ou "informações". Isso porque o ato de pedir implica que o seu locutor tenha alguma carência e permaneça na expectativa de receber algo de volta. Ora, não parece ser esta a situação de um locutor de fábula autônoma. Pelo contrário, ele assume, pelo discurso, a postura de quem é suficientemente sábio e experiente para comunicar aos homens recomendações e verdades.

Compõe, ainda, o esquema canônico da fábula autônoma a seleção de tipos de textos narrativos que podem ser enunciados para estruturar uma fábula. Nota-se que a fábula autônoma opta pelas narrativas ficcionais, eliminando, pois, a possibilidade de uso de narrativa de fatos apresentados como reais.

Ao se estruturar como discurso, a fábula autônoma apresenta uma característica constante que merece ser investigada como possível marca peculiar da fábula grega: seja qual for o ato ilocutório que realiza, seja qual for o tipo de narrativa ficcional selecionado, o locutor de fábulas autônomas anônimas sempre aciona mecanismos discursivos que lhe permitem ocultar-se. Essa característica salta à vista quando se compara a fábula grega com a fábula sânscrita, por exemplo(1). Pelo menos as dezenove fábulas que compõem uma seleta de fábulas do Hitopadexa, organizada por Maria Luiza Fernandez Miazzi, constituem discursos enunciados por um "eu" explícito, tendo sido extraídas, em sua maioria, do Pañcatantra, cujo autor supõe-se que tenha sido o brâmane Viṣṇuçarman (Miazzi, 1976:7). Ora, vê-se que tal locutor só se enuncia como eu porque se ampara em uma autoridade que lhe é conferida pelo prestígio e pela excelência de sua casta social. O locutor da fábula grega, ao contrário, mascara sua autoridade, transferindo-a para a própria narrativa de domínio popular, consagrando, assim, a eficiência do saber comum (Suleiman, 1976:483).

É necessário, pois, que se vejam as coleções de fábulas anônimas como testemunho de possibilidades de construção

(1) Cf. no Apêndice deste trabalho, a fábula "Os pássaros e os macacos".

de textos já institucionalizadas como gênero literário.

É importante salientar que um grande número de fábulas anônimas optam por expressar seus discursos metalingüísticos por meio de expedientes gramaticais (οὕτω, οὕτω καί, ἀταρ οὖν καί), tal qual o fazem as fábulas em situação. Assim, coexistem nas coleções anônimas discursos metalingüísticos expressos por itens gramaticais e por itens lexicais (ὁ λόγος e ὁ μῦθος). Estes últimos são predominantes, e, o que é significativo, parece que tendiam a sobrepor-se aos primeiros. É o que se verifica em dois epímítios, o de Ch 31 e o de Ch 356, que adicionam a fórmula ὁ λόγος δηλοῖ a outras fórmulas de natureza gramatical: οὕτω καί em Ch 31 e ἀταρ οὖν καί em Ch 356. Tais fatos, ao mesmo tempo em que denunciam as condições de oralidade que persistem no gênero, mostram um esforço no sentido de se configurar a fábula autônoma como texto escrito. Nøjgaard (1964:510) chamou a atenção para o fato de a fórmula ὁ λόγος δηλοῖ ser própria de um registro escrito da fábula. Pode-se pensar, também, se não seriam próprias desse registro escrito as construções elípticas de discurso metalingüístico marcadas por ὅτι, características das fábulas da Paráfrase Bodleiana. Se for assim, a coletânea organizada por Chambry documentaria diferentes tipos discursivos fixados em etapas diferentes, entre os quais já se estabelecem relações intertextuais.

Muitos dos resultados apresentados aqui apontam para a necessidade de se aprofundarem as investigações sobre a fábula grega, seja como prática discursiva, seja como gênero literário. A importância dessas investigações se justifica pelo fato de contribuírem para se explicar melhor o funcionamento e a estrutura não só da fábula grega, mas também da fábula moderna. Adrados (1982:34) observa que "a fábula é um gênero especialmente constante. Varia, de certo modo, de forma, adapta seu conteúdo às circunstâncias ideológicas ou sociais. Mas pertence aos níveis populares, inferiores, se se quer, da literatura, que são muito mais fixos e conservadores do que as grandes criações."

De fato, um exame, ainda que superficial, de algumas coleções de fábulas modernas mostra que o gênero fábula preserva, como possibilidades de estruturação de textos, muitas das alternativas previstas pela fábula grega anônima. Autores modernos como o brasileiro Millôr Fernandes e o guatemalteco Augusto Monterroso continuam presos ao modelo discursivo de fábula consagrado nas coleções anônimas. Encontram-se, nas obras desses escritores, fábulas que repetem tanto as alternativas freqüentes como as pouco usadas. Por exemplo: Monterroso (1983:43) constrói, em uma de suas fábulas, uma narrativa de fatos que se repetem, como a apresentada por Ch 153; Millôr (1977:131), por sua vez, constrói uma fábula usando, como texto narrativo, uma piada bastante conhecida, que só adquire estatuto de fábula pelo fato de estar integrada no contexto das "Fábulas Fábulosas", o que obriga o leitor a interpretá-la como tal.

Há que se dizer, ainda, que o recorte feito entre prática discursiva e gênero literário é operatório também para o estudo da fábula moderna, pelo menos da fábula produzida na cultura ocidental. Por acaso, encontraram-se dois exemplos de fábulas em situação que merecem ser comentadas, mesmo que de passagem.

O primeiro exemplo integra o famoso texto de Jakobson, "Lingüística e Poética", que, segundo indicações do próprio autor (1975:118 e 162), foi produzido como conferência. Nesse trabalho, Jakobson, ao discutir a "poeticidade" dos elementos que compõem a poesia, intercala, em suas considerações, esta fábula:

"Um missionário censurou seu rebanho africano por andar despido. 'E o senhor?', responderam os nativos, apontando-lhe para o rosto, 'não anda também despido em alguma parte?' 'Bem, mas é meu rosto.' 'Pois bem', retorquiram os nativos, 'conosco, tudo é rosto.' Assim tam bém, em poesia, qualquer elemento verbal se converte numa figura do discurso poético."

O segundo exemplo de prática de fábula foi extraído de uma entrevista que o violinista russo Vladimir Spivakov concedeu à Folha de São Paulo (13.11.88, E-3). Quando o repórter lhe perguntou se ele acreditava ter já atingido a harmonia entre o coração e a mente, Spivakov lhe respondeu assim:

"Quando tinha 80 anos, o pintor Ko Ku Sai disse que só então começava aprender como pintar as folhas das árvores. Disse que esperava, em outros dez anos, aprender a pintar os galhos da árvore. E em outros dez a árvore completa. Com isso ele mostrava que são necessários muitos anos e muito esforço para se conseguir a harmonia, mesmo quando se quer retratar algo aparentemente tão simples como uma árvore. É necessário tentar. O resultado não é garantido. Estou tentando."

Esses dois exemplos de fábula em situação sugerem que muitas das características da prática da fábula na Grécia Antiga persistem ainda hoje. O primeiro ponto que chama a atenção diz respeito aos epimítios das duas fábulas: nos dois casos os locutores optaram por itens gramaticais para expressar o discurso metalingüístico. E o interessante é que esses dois itens gramaticais recebem, em português, uma tradução que permite aproximá-los de itens gramaticais usados na fábula grega anônima: "assim também", expressão com que se traduziu a fórmula **οὕτω καί**, e "isso", pronome usado para se traduzir o pronome demonstrativo grego **τοῦτο**.

O segundo ponto diz respeito ao tipo de texto narrativo que cada uma delas apresenta. Jakobson usa uma narrativa ficcional, uma anedota, e Spivakov, ao contrário, usa narrativa de fatos apresentados como reais. Nota-se, contudo, que a distinção entre ficção e não-ficção não importa para a prática da fábula. Esses traços se anulam. Na verdade, nenhum leitor vai conferir se o pintor Ko Ku Sai disse mesmo que Spivakov disse que ele disse. Importa apenas o fato narrado a seu respeito. E é essa narrativa que cumpre uma função na situação discursiva em que é enunciada.

Tudo indica, pois, que ainda hoje a fábula como prá

tica discursiva continua a admitir, como alternativas para seu enunciado narrativo, um conjunto maior de tipos de narrativa do que o admitido pela fábula como gênero literário. Este continua a selecionar, para funcionar como enunciado narrativo, apenas as narrativas ficcionais.

Seria interessante investigar-se a prática da fábula existente ainda hoje para se verificar que tipos de interação comunicativa se mantiveram e que tipos foram excluídos das possibilidades dessa prática. Jakobson e Spivakov praticam fábulas para dar "informações": ambos dizem, por meio delas, verdades, o primeiro, com valor de conclusão, e o segundo, com valor de resposta.

Todos esses fatos instigam a que se faça uma pergunta: o que levaria o ser humano a aceitar, nas situações mais corriqueiras da vida, por comunicar mensagens por meio de narrativas? Arrisca-se, para encerrar este trabalho, uma resposta a essa pergunta, resposta que se funda mais na intuição do que em pesquisa: seria, talvez, um empenho do ser humano para tentar manter, em seus atos de fala, um estatuto de poesia. Afinal, dizer por meio de narrativas não deixa de ser um modo poético de dizer, em que o dizer realiza seu fazer comunicativo chamando a atenção do alocutário para a própria construção da mensagem. É provável que a popularidade da fábula e sua persistência como gênero discursivo se deva ao fato de ela constituir a alternativa de discurso poético mais acessível que existe, pois ela se funda numa técnica para a qual todo falante tem, sem dúvida, competência: dizer uma narrativa.

BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, F.R. (1948). Estudio sobre el léxico de las fábulas esópicas (en torno a los problemas de la koiné literaria). Theses et Studia Philologica Salmanticensia II. Salamanca Consejo Superior de Investigaciones científicas.
- _____ (1969). La tradition fabulistica griega y sus modelos metricos. Emerita (XXXVII): 235-315.
- _____ (1978). Prolegomenos al studio de la fabula en epoca helenistica. Emerita (XLVI): 1-81.
- _____ (1982). La Fabula griega como genero literario. in: J.A.F.delgado (Ed.), Estudios de forma y contenido sobre los generos literarios griegos. Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 33-46.
- _____ (1983). Fedro y sus fuentes. in: Bivium.Homenaje a Manuel Cecilio Díaz y Díaz. Madrid, Gredos, pp. 251-274.
- _____ (1984). Les collections de fables à l'époque hellénistique et romaine. in: La Fable. V. Entretiens sur l'Antiquité Classique, Genève, Fondation Hardt. (XXX): pp. 138-195.
- _____ (1986). Problemas de la crítica textual en la transmisión de la fábula greco-latina. in: La Crítica textual y los textos clasicos. Universidad de Murcia, pp.131-144.
- ARISTOPHANE. Les Guêpes. Texte établi par V.Coulon et traduit par H.van Daele. Septième tirage, Paris, "Les Belles Lettres", 1980.
- ARISTOTE. Rhétorique. Texte établi et traduit par M.dufour et A.Wartelle. Paris, "Les Belles Lettres", 1973.
- _____ Poétique. Texte établi et traduit par J.Hardy. Paris, "Les Belles Lettres", 1932.
- AUSTIN, J.L. (1970). Quand dire, c'est faire. Paris, Seuil.

BAILLY, A. Dictionnaire Grec-Français, Paris, Hachette, 1950.

BENVENISTE, É. (1969). Fas. Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes. vol.2. Paris, Minuit, pp.133-142.

_____ (1970). L'appareil formel de l'énonciation .
Langages (17): 12-18.

_____ (1976). Problemas de Linguística Geral. São Paulo, Nacional/EdUSP.

CHAMBRY, É. (1967). Esopo. Fables. Troisième tirage, Paris, "Les Belles Lettres".

CHERCHI, L. (1978). L'ellipse comme facteur de cohérence.
Langue Française (38): 118-128.

COELHO, N.N. (1984) A Literatura Infantil (História.Teoria . Análise). 3ª ed., São Paulo, Quíron.

DENNISTON, J.D. (1966). The Greek Particles. Oxford, At the Clarendon Press.

✓ DOMINGUES, M.A. (1968). Que és la fábula? Buenos Aires, Columbia.

DUCHEMIN, J. (1960). Aspects pastoraux de la poésie homérique: les comparaisons dans l'Illiade. Révue des Études Grecques, (LXXIII): 362-415.

ÉSOPE. Fables. Texte établi et traduit par É.Chambry. 3^e tirage, Paris, "Les Belles Lettres", 1967.

ESOPO. Favole. Traduzione di Elena Ceva Valla. 7ª ed. Milano, Rizzoli, 1976.

✗ FERNANDES, Millôr (1977). Fábulas Fabulosas. 5ª ed., Rio, Nórdica.

✗ FIGUEIRA, R.A. e VOGT, C. (1984). Dois verbos achar em Português? in: Estudos de Semântica Aplicada ao Português. Boletim do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, ano 1, (1): 94-146.

✗ FIORIM, J.L. (1984). A inauguração da inocência. Uma estratégia do discurso do poder: a alteração do algoritmo narrativo. Significação (4): 70-80.

✗ _____ (1986). Millôr e a destruição da fábula. Alfa, (30/31): 85-94.

- * GASPAROV, M.L. (1968). O tema e a ideologia das fábulas de Esopo (em russo). Vestnik Drevnej Istorii, Oskna, 1968:116-127.
- GENETTE, G. (1972). Discurso da Narrativa. Lisboa, Vega. (obs.: data da edição original: Discours du Récit).
- HALLIDAY, M.A.K. (1979). Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning. London, E. Arnold (Publishers).
- _____ (1985). An Introduction to Functional Grammar. London, Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. (1976). Cohesion in English. London, Longman.
- HERÔDOTOS. História. Trad. de M.da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.
- HÉRODOTE. Histoires. Texte établi et traduit par Ph.E.Legrand. Paris, Les Belles Lettres", (Livre I) 1956 e (Livre VI) 1948.
- HÉSIODE. Les travaux et les jours. Texte établi et traduit par P.Mazon. 8eme tirage, Paris, "Les Belles Lettres", 1972.
- HUMBERT, J. (1972). Syntaxe Grecque. 3eme édition. Paris, Klincksieck.
- JAKOBSON, R. (1975). Linguística e Comunicação. 8ª edição. São Paulo, Cultrix.
- KOCH, I.G.V. (1984). Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez.
- LECOINTRE, S. & LE GALLIOT, J. (1973) Le Je(u) de l'énonciation. Langages (31): 64-79.
- * LIDDELL, H.G. & SCOTT, F. (1968). A Greek-English Lexicon. Oxford, At the Clarendon Press.
- * LIMA, A.D. (1984). A Forma da Fábula. Significação, (4):60-69.
- L'ODYSSÉE. "Poésie Homérique". Texte établi et traduit par V.Bérard. Paris, "Les Belles Lettres", 1974.

- MAGNIEN, V. et LACROIX, M. (1969). Dictionnaire Grec-Français. Paris, Belin.
- MELELLA, O. (1945). Esopo y la fábula esópica. Anales del Instituto de Literaturas Clasicas, (3): 291-339.
- MIAZZI, M. Luiza F. (1976). Fábulas do Hitopadexa. São Paulo.
- X MONTERROSO, Augusto (1983). A ovelha negra e outras fábulas. Trad. de Millôr Fernandes. Rio, Record (obs.: data da ed. mexicana)
- MOISÉS, M. (1978). Dicionário de Termos Literários. 2ª ed., São Paulo, Cultrix.
- X NØJGAARD, M. (1964). La Fable Antique (vol.1). Copenhague, Nyt Nordish Forlag.
- PANNWITZ, R. (1967) Aesop. Antaios, (8): 47-65.
- X PASTOR, M.M. (1978) Fábula, epigrama y sátira. Estudios Clásicos, (XXII): 299-322.
- PERRY, B.E. (1975). Babrius and Phaedrus. Loeb Classical Library, London, Heinemann.
- PLATON. Phédon. Oeuvres Completes, tome IV. Texte établi et traduit par L.Robin. 11eme tirage. Paris, "Les Belles Lettres", 1970.
- X PORTELLA, O. (1983). A Fábula. Revista de Letras, Curitiba , (32): 119-138.
- SCHAEFFER, J-M. (1985). Aesopus auctor inventus. Naissance d'un genre: la fable ésopique. Poétique, (63): 345-364.
- SCHMIDT, S.J. (1978). Linguística e Teoria de Texto. São Paulo, Pioneira.
- STIERLE, K. (1972). L'Histoire comme Exemple, l'Exemple comme Histoire. Poétique, (10): 176-198.
- X SULEIMAN, S. (1977). Le récit exemplaire. Parabole, fable, roman à thèse. Poétique, (32): 468-489.
- TAVARES, H. (1974). Teoria Literária. 5ª ed. Belo Horizonte , Itatiaia.
- TODOROV, T. (1970a). Problèmes de l'énonciation. Langages, (17): 3-31.

Y _____ (1970b). As Estruturas Narrativas. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva.

_____ (1980). Os gêneros do discurso. São Paulo, Martins Fontes.

VERNANT, J-P. (1974). Raisons du Mythe. Mythe et société in: Grèce Ancienne. Paris, F.Maspero, pp. 195-250.

_____ (1983). Categorias de Agente e de Ação na Grécia Antiga. in: Jakobson et alii: Língua, Discurso, Sociedade. São Paulo, Global, pp.219-227.

APÊNDICE

Corpus de Fábulas esópicas anônimas
Anexos

1

Ἄγαθὰ καὶ κακά.

Ὑπὸ τῶν κακῶν τὰ ἀγαθὰ ἐδιώχθη ὡς ἀσθηνὴ ὄντα· εἰς οὐρανὸν δὲ ἀνήλθεν. Τὰ δὲ ἀγαθὰ ἠρώτησαν τὸν Δία πῶς εἶναι μετ' ἀνθρώπων. Ὁ δὲ εἶπεν (μη) μετ' ἀλλήλων πάντα, ἔν δὲ καθ' ἑν τοῖς ἀνθρώποις ἐπέρχεσθαι. Διὰ τοῦτο τὰ μὲν κακά συνεχῆ τοῖς ἀνθρώποις, ὡς πλησίον ὄντα, ἐπέρχεται, τὰ δὲ ἀγαθὰ βράδιον, ἐξ οὐρανοῦ κατιόντα.

Ὅτι ἀγαθῶν μὲν οὐδεὶς ταχέως ἐπιτυγχάνει, ὑπὸ δὲ τῶν κακῶν ἕκαστος καθ' ἑκάστην πλήττεται.

Os bens e os males

Os bens, por serem fracos, foram perseguidos pelos males. Então subiram ao céu. Lá os bens perguntaram a Zeus como deveriam comportar-se com os homens. Então ele lhes disse que não se aproximassem todos juntos dos homens, mas um de cada vez. Por isso, os males estão constantemente se aproximando dos homens, pois estão por perto, enquanto os bens o fazem mais espaçadamente, pois descem do céu.

() Que com bens ninguém depara rápido, mas pelos males cada pessoa é a cada passo atingida. (1)

(1) Nas traduções das fábulas, marcou-se a existência de elipses nos epimítios, por meio de espaços em branco entre parênteses.

Ἄετός καὶ κάρβαρος.

Ἄετός λαγῶν ἐδίωκεν· ὁ δὲ ἐν ἔρημίᾳ τῶν βοηθησόντων ὑπάρχων, ὅν μόνον ὁ καιρὸς παρέσχε, κάρβαρον ἰδὼν, τοῦτον ἰκέτευεν. Ὁ δὲ παραθαρούνας αὐτόν, ὡς ἐγγύς ἔλθόντα τὸν αἰτὸν ἐβέβαστο, παρεκάλει μὴ ἀπάγειν αὐτοῦ τὸν ἰκέτην. Κάκεινος ὑπεριδὼν τὴν μικρότητα ἐν ὄψει τοῦ καρβαρίου τὸν λαγῶν κατεβοιήσατο. Ὁ δὲ ἄπ' ἐκείνου μνησικακῶν διετέλει παρατηρούμενος τοῦ αἰτοῦ τὰς καλιὰς καί, εἴ ποτε ἐκείνος ἔτικτε, μετάρσιος αἰρόμενος ἐκύλιε τὰ ὠὰ καὶ κατέασσε, μέχρις οὗ πανταχόθεν ἐλαυνόμενος ὁ αἰτὸς ἐπὶ τὸν Δία κατέφυγεν (ἔστι δὲ τοῦ Διὸς ἱερὸς ὁ ὄρνις), καὶ αὐτοῦ ἐδεήθη τόπον αὐτῷ πρὸς νεοττοποιίαν ἀσφαλῆ παρασχεῖν. Τοῦ δὲ Διὸς ἐν τοῖς ἑαυτοῦ κόλποις τίκτειν ἐπιτρέψαντος αὐτῷ, ὁ κάρβαρος τοῦτο ἑωρακώς, κόπρου σφαῖραν ποιήσας, ἀνέπητῃ καὶ γενόμενος κατὰ τοὺς τοῦ Διὸς κόλπους ἐνταῦθα καθῆκεν. Ὁ δὲ Ζεὺς ἀποσεισάσθαι τὴν κόπρον βουλόμενος, ὡς διανέστη, ἔλαθεν τὰ ὠὰ ἀπορρίψας. Ἄπ' ἐκείνου τέ φασι περὶ ὅν καιρὸν οἱ κάρβαροι γίγνονται μὴ νεοττεύειν τοὺς αἰτούς.

Ὁ λόγος διδάσκει μηδενὸς καταφρονεῖν λογιζομένους ὅτι οὐδεὶς οὕτως ἐστὶν ἀδύνατος ὡς προπηλακισθεὶς μὴ δύνασθαι ποτε ἑαυτὸν ἐκδικῆσαι.

A águia e o escaravelho

Uma águia estava perseguindo uma lebre. Esta, achando-se privada de socorro, assim que avistou o único que a ocasião lhe oferecia - um escaravelho -, apresentou-se a ele como suplicante. Então ele lhe deu amparo e, ao ver que a águia estava se aproximando, pôs-se a exortá-la a não lhe arrancar a suplicante. Ela, porém, desconsiderou a pequenez de tamanho do escaravelho e devorou a lebre. Ressentido com a águia, o escaravelho passava o tempo a espreitar os seus ninhos e, cada vez que ela botava, ele se elevava lá no alto e fazia rolar os ovos, quebrando-os. Até que a águia, perseguida de todos os lados, buscou refúgio junto de Zeus (pois ela é a ave sagrada de Zeus) e pediu-lhe que lhe arrumasse um lugar seguro para a sua ninhada. E como Zeus lhe tivesse permitido botar em seu próprio regaço, o escaravelho, quando viu isso, fez uma bola de bosta, subiu voando até alcançar o regaço de Zeus e soltou-a lá. Então Zeus quis chacoalhar a bosta e, quando se levantou, deixou, sem perceber, cair os ovos. Por causa disso, diz-se que durante a época em que os escaravelhos aparecem, as águias não fazem ninho.

O discurso ensina a não se desprezar ninguém, considerando-se que ninguém é tão impotente a ponto de, uma vez ultrajado, não poder um dia vingar-se.

Ἄετός καὶ κολοῖός καὶ ποιμήν.

Ἄετός καταπτώας ἀπὸ τινος ὕψηλης πέτρας ἔρνα ἤρπασε· κολοῖός δὲ τοῦτο θεασάμενος διὰ ζήλον τοῦτον μιμήσασθαι ἠθέλησε· καὶ δὴ καθείς ἑαυτὸν μετὰ πολλοῦ ροίζου ἐπὶ κριὸν ἠνέχθη. Ἐμπαρέντων δὲ αὐτοῦ τῶν δυνύχων τοῖς μάλλοις, ἔξαρθῆναι μὴ δυνάμενος ἐπτερύσσετο, ἕως ὃ ποιμήν, τὸ γεγονός αἰσθόμενος, προσδραμῶν συνέλαβεν αὐτὸν καὶ περικόψας αὐτοῦ τὰ δευτερά, ὡς ἑσπέρα κατέλαθε, τοῖς ἑαυτοῦ παισὶν ἔκόμισε. Τῶν δὲ πυθθανομένων τί εἶη τὸ θρνεον, ἔφη. « Ὡς μὲν ἐγὼ σαφῶς οἶδα, κολοῖός, ὡς δὲ αὐτός βούλεται, ἀετός. »

Οὕτως ἡ πρὸς τοὺς ὑπερέχοντας ἄμιλλα, πρὸς τῷ μηδὲν ἀνύνειν, καὶ ἐπὶ συμφοραῖς προσκτᾶται γέλωτα.

A águia, a gralha e o pastor

Uma águia baixou de um rochedo elevado e arrebatou um cordeiro. Então uma gralha, ao ver isso, desejou, por inveja, imitá-la. E aí, precipitando-se com bastante estardalhaço, foi ter sobre um carneiro. Como suas garras se tivessem emaranhado nos tufos de lã, ela, não podendo alçar vôo, ficou batendo as asas até que o pastor, notando o fato, foi correndo apanhá-la, aparou suas asas rápidas e, quando caiu a noite, levou-a para seus filhos. E como eles perguntassem que pássaro era aquele, disse: "Pelo que eu sei bem, é uma gralha, mas pelo que ela deseja, é uma águia."

Assim, a competição com os superiores, além de não levar a nada, ainda faz rir das desgraças.

Ἄηδων καὶ Ἰέραξ.

Ἄηδων ἐπὶ τινος ὕψηλης ὀρυθὸς καθημένη κατὰ τὸ σὺνηθες ἦδεν. Ἰέραξ δὲ αὐτὴν θεασάμενος, ὡς ἠπόρει τροφῆς, ἐπιπτάς συνέλαβεν. Ἡ δὲ μέλλουσα ἀναιρεῖσθαι ἐδέξετο αὐτοῦ μεθεῖναι αὐτὴν, λέγουσα ὡς οὐχ ἱκανὴ ἔστιν Ἰέρακος αὐτὴ γαστέρα πληρῶσαι· δεῖ δὲ αὐτόν, εἰ τροφῆς ἀπορεῖ, ἐπὶ τὰ μείζονα τῶν ὀρνέων τρέπεσθαι. Καὶ ὅς ὀποτυχῶν εἶπεν· « Ἄλλ' ἔγωγε ἀπόπληκτος ἂν εἶην, εἰ τὴν ἐν χερσίν ἔτοιμην βορὰν παρῆς τὰ μηδέπω φαινόμενα διώκοιμι. »

Οὕτως καὶ τῶν ἀνθρώπων ἀλόγιστοί εἰσιν οἱ δι' ἐλπίδα μειζόνων [πραγμάτων] τὰ ἐν χερσίν ὄντα πρότενται.

O rouxinol e o falcão

Um rouxinol estava cantando, como de costume, pousado em um carvalho alto. Assim que o avistou, um falcão, que precisava de alimento, lançou-se sobre ele e o agarrou. E o rouxinol, prestes a ser morto, pôs-se a pedir-lhe que o soltasse, dizendo que ele era insuficiente para encher o estômago de um falcão. Este devia, já que precisava de alimento, atacar aves maiores. Então ele, em resposta, disse: "Só que eu seria estúpido se largasse o pasto que tenho nas mãos para ir atrás dos que ainda não apareceram."

Assim, também dentre os homens, irracionais são aqueles que, por esperança em negócios maiores, abandonam os que estão em suas mãos.

Ἄθηναϊος χρεωφειλέτης.

Ἄθηναϊ χρεωφειλέτης ἀνὴρ ἀπαιτούμενος ὑπὸ τοῦ δανειστοῦ τὸ χρέος τὸ μὲν πρῶτον παρεκάλει ἀναβολὴν αὐτῷ δοῦναι, ἀπορεῖν φάσκων. Ὡς δὲ οὐκ ἔπειθε, προσαγαγὼν ὃν ἦν εἶχε μόνην, παρόντος αὐτοῦ, ἐπώλει. Ὡνητοῦ δὲ προσελθόντος καὶ διερωτῶντος εἰ τοκάς ἢ τις εἴη, ἐκεῖνος ἔφη μὴ μόνον αὐτὴν τίκτειν, ἀλλὰ καὶ παραδόξως τοῖς μὲν γὰρ μυστηρίοις θήλεα ἀποκύειν, τοῖς δὲ Παναθηναίοις ἄρσενά. Τοῦ δὲ ἐκπλαγέντος πρὸς τὸν λόγον, ὁ δανειστής εἶπεν· « Ἄλλὰ μὴ θαύμαζε· αὕτη γὰρ σοὶ καὶ Διονυσίοις ἔριφους τέξεται. »

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι πολλοὶ διὰ τὸ ἴδιον κέρδος οὐκ ἀκνοῦσιν οὐδὲ τοῖς ἀδυνατοῖς ψευδομαρτυρεῖν.

O devedor ateniense

Em Atenas, um devedor, ao ter sua dívida cobrada pelo credor, primeiro pediu-lhe que lhe desse um prazo, dizendo-se em apuros. Como não o convencesse, trouxe uma porca, a única que possuía, e, em presença dele, colocou-a à venda. Então aproximou-se um comprador e pôs-se a especular se a porca era parideira. Então ele respondeu que ela não apenas paria mas, ainda, que o fazia de modo extraordinário: é que, nos mistérios, ela gerava fêmeas e, nas Panatenéias, machos. E como o comprador se mostrasse surpreso diante da explicação, o credor disse: " Mas não se espante, pois, nas Dionisias, ela até vai lhe parir cabritos!"

O discurso mostra que muitos, por interesse particular, não hesitam de modo algum em dar falso testemunho de coisas impossíveis.

Αιπόλος και αίγες άγριαι.

Αιπόλος τας αίγας αύτου άπελάσας επί νομήν, ώς έθεάσατο άγριας αυτάς άναμιγείσας, έσπέρας έπιλαβούσης, πάσας εις τὸ έαυτοῦ σπήλαιον εισήλασε. Τῆ δὲ ύστεραίᾳ χειμῶνος πολλοῦ γενομένου, μὴ δυνάμενος επί τὴν συνήθη νομήν αυτάς παραγαγεῖν, ένδον έτημέλει, ταις μὲν ίδίαις μετρίαν τροφήν παραβάλλον πρὸς μόνον τὸ μὴ λιμῶσκειν, ταις δὲ θβνεύσαις πλείονα παρασωρεύων πρὸς τὸ και αυτάς ίδιοποιήσασθαι. Πausaμένου δὲ τοῦ χειμῶνος, έπειδὴ πάσας επί νομήν έξήγαγεν, αἱ άγριαι έπιλαβόμεναι τῶν δρῶν έφευγον. Τοῦ δὲ ποιμένος άχαριστίαν αυτῶν κατηγοροῦντος, ειπε περιττοτέρας αυται τημελείας έπιτυχοῦσαι καταλείπουσιν αυτόν, έφασαν έπιστραφείσαι· « Ἄλλὰ και δι' αυτὸ τοῦτο μάλλον φυλαττόμεθα· ει γάρ ημῶς τας χθῆς σοι προσεληλυθυίας τῶν πάλαι σὺν σοι προετίμησας, δῆλον οτι, ει και έτεραί σοι μετὰ ταῦτα προσπελάσουσιν, εκείνας ημῶν προκρινεις. »

Ἵ λόγος δηλοῖ μὴ δεῖν τούτων άσμενίζεσθαι τας φίλιας οἱ τῶν παλαιῶν φίλων ημῶς τούς προσφάτους προτιμῶσι, λογιζομένους οτι, καν ημῶν έγχρονιζόντων έτέροις φιλιῶσιν, εκείνους προκρινουσιν.

O cabreiro e as cabras selvagens

Um cabreiro tocou suas cabras para o pasto e, ao ver que elas tinham se misturado com cabras selvagens, empurrou todas elas, quando anoiteceu, para a sua gruta. No dia seguinte, deu uma forte tempestade e ele, não podendo levá-las à costumeira pastagem, pôs-se a tratar delas lá dentro. E, às suas próprias cabras, oferecia alimento em quantidade suficiente apenas para não sentirem fome, mas, às outras de fora, adicionava muito mais, na intenção de torná-las suas também. Cessada a tempestade, ele conduziu todas elas para o pasto, mas as cabras selvagens, quando pegaram os montes, puseram-se a fugir. Então o pastor denunciou a ingratidão delas, já que o estavam abandonando após terem encontrado tratamento muito especial. Então elas se voltaram e lhe disseram: "Mas é por causa disso mesmo que mais estamos nos precavendo; é que se nós, que nos aproximamos de você ontem, gozamos de preferências em relação àquelas que o acompanham há muito tempo, é claro que, se ainda outras se achegarem de você, vão ter preferência."

O discurso mostra que não devemos acolher os afetos desses que concedem honras a nós, amigos recentes, de preferência aos antigos, pois consideramos que, mesmo que eles se envolvam com outros e mantenha nossa amizade, vão dar preferência para aqueles.

Ἄλιεύς ἀλλῶν.

Ἄλιεύς ἀθλητικῆς ἐμπειρὸς. ἀναλαβὼν ἀλλοῦς καὶ τὰ δίκτυα, παρεγένετο εἰς τὴν θάλασσαν καὶ στὰς ἐπὶ τινος προβλήτου πέτρας, τὸ μὲν πρῶτον ἦδε, νομίζων αὐτομάτους πρὸς τὴν ἠδουφώνιαν τοὺς ἰχθύας ἐξαλείσθαι πρὸς αὐτόν. Ὡς δὲ, αὐτοῦ ἐπὶ πολὺ διατεινομένου, οὐδὲν πέρας ἦνυτο, ἀποθέμενος τοὺς ἀλλοῦς ἀνείλετο τὸ ἀμφιβληστρον καὶ βαλὼν κατὰ τοῦ ἕδατος πολλοὺς ἰχθύας ἤγρευσεν. Ἐκβαλὼν δὲ αὐτοὺς ἀπὸ τοῦ δικτύου ἐπὶ τὴν ἡίονα, ὡς ἐθεάσατο σπαίροντας, ἔφη· « ὦ κάκιστα ζῆα, ὑμεῖς, ὅτε μὲν ἦδλων, οὐκ ὤρχεσθε, νῦν δὲ, ὅτε πέπαυμαι, τοῦτο πράττετε. »

Πρὸς τοὺς παρὰ καιρὸν τι πράττοντας ὁ λόγος εὐκαιρὸς.

O pescador que tocava flauta

Um pescador, hábil na arte de tocar flauta, apanhou flautas e redes e foi para o mar. Postado sobre uma rocha proeminente, pôs-se de início a tocar, julgando que os peixes saltariam por si mesmos até ele, atraídos pelo som agradável. E como não tivesse obtido sucesso, apesar de ter insistido muito, largou as flautas, pegou a rede, lançou-a na água e pescou muitos peixes. Depois, retirou-os da rede, na praia, e ao ver que eles estavam pulando, disse: "Ô bichos miseráveis, vocês, quando eu estava tocando flauta, não dançavam, e agora que eu já parei, estão fazendo isso?"

Para aqueles que fazem alguma coisa em hora inoportuna o discurso é oportuno.

Ἄλωπηξ καὶ βᾶτος.

Ἄλωπηξ φραγμὸν ἀνοβαίνουσα, ἐπειδὴ ὀλισθήσασα καταπίπτειν ἔμελλεν, ἐπελάβετο πρὸς βοήθειαν βᾶτου. Καὶ δὴ τοὺς πόδας ἐπὶ ταῖς ἐκείνης κέντροις αἰμάξασα καὶ ἀλγήσασα πρὸς αὐτὴν εἶπεν· « Οἴμοι! καταφυγοῦσάν με γὰρ ἐπὶ σέ ὡς ἐπὶ βοηθὸν σὺ χεῖρον διέθηκας. — Ἄλλ' ἐσφάλης. ὦ αὐτή, φησὶν ἡ βᾶτος, ἐμοῦ βουλευθεῖσα ἐπιλαβέσθαι, ἥτις πάντων ἐπιλαμβάνεσθαι εἴωθα. »

Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι οὕτω καὶ τῶν ἀνθρώπων μάταιοι ὄσοι βοηθοῖς προστρέχουσιν οἷς τὸ ἀδικεῖν μᾶλλον ἔμφυτον.

A raposa e a sarça

Uma raposa estava pulando uma cerca quando deu um escorregão e, prestes a cair, socorreu-se agarrando-se em uma sarça. E como suas patas, apoiadas nos espinhos, sangravam, ela, sentindo dor, disse para a sarça: "Ai de mim! A mim que recorri a você como a um defensor, você deixou em situação pior." Então a sarça disse: "Só que você se iludiu, minha cara, querendo agarrar-se bem em mim, que tenho o costume de agarrar-me em tudo!"

A fábula mostra que assim, também dentre os homens, tolos são quantos correm para junto de defensores nos quais a prática da injustiça é, antes, inata.

Ἄλωπηξ καὶ βότρυς.

Ἄλωπηξ λιμώτιονσα. ὡς ἐβράσατο ἀπὸ τινος ἀναθεν-
δράδος βότρυας κρεμαμένους, ἤβουλήθη αὐτῶν περι-
γενέσθαι καὶ οὐκ ἠδύνατο. Ἀπαλλακτομένη δὲ πρὸς ἑαυτὴν
εἶπεν· « Ὅμφακὲς εἰσιν. »

Ὅτι καὶ τῶν ἀνθρώπων ἐνίοι τῶν πραγμάτων ἐφικέσθαι
μὴ δυνάμενοι δι' ἀσθένειαν τοὺς καιροὺς αἰτιῶνται.

A raposa e o cacho de uva

Uma raposa faminta, ao avistar cachos de uvas suspen-
sos em uma videira, quis apoderar-se deles mas não conseguia.
Então, afastando-se, disse para si mesma: "São uvas verdes."

Assim, também certos homens que não conseguem reali-
zar seus negócios por incapacidade, culpam as circunstâncias.

Ἄλωπηξ καὶ δράκων.

[Συκέα παρ' ἑδὼν ἦν.] Ἄλωπηξ [δέ] θεασάμενη δράκοντα κοιμώμενον ἐζήλωσεν αὐτοῦ τὸ μήκος· βουλομένη δὲ αὐτῷ ἐξισθῆναι παραναπασσοῦσα ἐπειρᾶτο ἑαυτὴν ἐκτείνειν, μέχρις οὗ ὑπερβιαζομένη ἔλαβε βραγείσα.

Τοῦτο πάσχουσιν οἱ τοῖς κρείττοσιν ἀνθαμιλλώμενοι· θῶπτον γὰρ αὐτοὶ διαρρήγνυνται ἢ ἐκείνων ἐφικέσθαι δύνανται.

A raposa e a cobra

[Uma figueira ficava ao lado de uma estrada.] Então uma raposa avistou uma cobra adormecida e ficou com inveja de seu tamanho. Desejando igualar-se a ela, deitou-se ao seu lado e foi tentando esticar-se até o ponto em que, excedendo-se, sem perceber rebentou-se.

Isto sofrem os que lutam contra os superiores; é que eles próprios se arrebatam antes que consigam atingi-los.

*Αλώπηξ κολουρός.

*Αλώπηξ ὑπό τινος πάγης τὴν οὐρὰν ἀποκοπεῖσα, ἐπειδὴ δι' αἰσχύνην ἀβιωτὸν ἤγειτο τὸν βίον ἔχειν, ἔγνω δεῖν καὶ τὰς ἄλλας ἀλώπεκας εἰς τὸ αὐτὸ προαγαγεῖν, ἵνα τῷ κοινῷ πάθει τὸ ἴδιον ἐλάττωμα συγκρύψῃ. Καὶ δὴ ἀπάσας ἀθροίσασα παρῆνει αὐταῖς τὰς οὐράς ἀποκόπτειν, λέγουσα ὡς οὐκ ἀπρεπὲς μόνον τοῦτο, ἀλλὰ καὶ περισσόν τι αὐταῖς βάρος προσήρτηται. Τούτων δὲ τις ὑποτυχοῖσα ἔφη· « ὦ αὐτή, ἀλλ' εἰ (μὴ) σοι τοῦτο συνέφερον, οὐκ ἐν ἡμῖν τοῦτο συνεβούλευσας. »

Ὁστος ὁ λόγος ἀρμόττει πρὸς ἐκείνους οἱ τὰς συμβουλίας ποιοῦνται τοῖς πέλας οὐ δι' εὐνοίαν, ἀλλὰ διὰ τὸ ἑαυτοῖς συμφέρον.

A raposa cotó

Uma raposa tinha perdido o rabo em uma armadilha. Envergonhada, estava achando insuportável continuar vivendo e, por isso, decidiu que era preciso arrastar também as outras à mesma situação, para disfarçar, com o padecimento comum, a própria inferioridade. E assim, depois de reunir todas elas, pôs-se a exortá-las a cortarem seus rabos, dizendo que ele não era apenas inconveniente, mas também um tanto supérfluo, um peso grudado nelas. Então uma delas tomou a palavra e disse: "Ô minha cara, só que se isso não lhe conviesse, você não nos teria dado esse conselho."

Este discurso se aplica àqueles que dão conselhos aos vizinhos, não por bom senso, mas por sua própria conveniência.

Ἄλωπηξ πρὸς μορμολύκειον.

Ἄλωπηξ εἰς οἰκίαν ἔλθοῦσα ὑποκριτοῦ καὶ ἕκαστα τῶν αὐτοῦ σκευῶν διερευνωμένη, εὔρε καὶ κεφαλὴν μορμολυκείου εὐφυῶς κατεσκευασμένην, ἣν καὶ ἀναλαβοῦσα ταῖς χερσὶν ἔφη· « ὦ οἶα κεφαλὴ, καὶ ἔγκεφαλον οὐκ ἔχει. »

Ὁ μῦθος πρὸς ἄνδρας μεγαλοπρεπεῖς μὲν τῷ σώματι, κατὰ ψυχὴν δὲ ἀλογίστους.

A raposa e a máscara

Uma raposa foi à casa de um ator e pôs-se a vasculhar cada um dos seus figurinos, tendo encontrado até uma cabeça de máscara. Então ele segurou-a entre as mãos e disse: "Oh, que cabeça! mas não tem cérebro."

A fábula () para homens magníficos de corpo , mas irracionais de alma.

Ἄνθρωποι δειλοί καὶ κόρακες.

Ἄνθρωποι δειλοὶ ἐπὶ πόλεμον ἐξήκει. Φθγγαζόμενοι δὲ κοράκων, τὰ ὅπλα θοῆς ἠσύχαζαν, εἰτ' ἀναλαβὼν αἰθερὸς ἐξήκει, καὶ φθγγομένων πάλιν, ὁπέστη καὶ τέλος εἶπεν· « Ὑμεῖς κεκράξεσθε μὲν ὡς δύνασθε μέγιστον· ἐμοῦ δὲ οὐ γέλοσθε. »

Ὁ μῦθος περὶ τῶν σφόδρα δειλῶν.

O homem covarde e os corvos

Um homem covarde estava partindo para a guerra. Como corvos tivessem grasnado, ele depôs as armas e permaneceu parado. Em seguida, ergueu as armas e pôs-se de novo a partir. E como eles tornassem a grasnar, o homem parou e por fim disse: "Vocês vão ficar gritando o mais forte que conseguirem, mas a mim não vão saborear."

A fábula () a respeito dos covardes demais.

'Ανὴρ ναυαγός.

'Ανὴρ πλούσιος Ἀθηναῖος μεθ' ἑτέρων τινῶν ἔπλει. Καὶ δὴ χειμῶνος σφοδροῦ γενομένου καὶ τῆς νηὸς περιτρα-
 πείσης, οἱ μὲν λοιποὶ πάντες διενήχοντο, ὁ δὲ Ἀθηναῖος
 παρ' ἑκαστὰ τῆν Ἀθηναίων ἐπικαλούμενος μυρία ἔπηγ-
 γέλλετο, εἰ περισωθεῖη. Ἐὶς δὲ τις τῶν συννεναυαγῆκόντων
 παρανηχόμενος ἔφη πρὸς αὐτόν: « Σὺν Ἀθηναῖ καὶ σὺ
 χεῖρα κινεῖ. »

'Ατὰρ οὖν καὶ ἡμᾶς μετὰ τῆς τῶν θεῶν παρακλήσεως
 χρῆ καὶ αὐτοὺς τι ὑπὲρ αὐτῶν λογιζομένους δεῖν.

*Ὅτι ἀγαπητόν ἐστι καὶ ἐνεργοῦντας θεῶν εὐνοίας
 τυγχάνειν ἢ ἑαυτῶν ἀμελοῦντας ὑπὸ τῶν λοιπῶν περισώ-
 ζεσθαι.

Τοὺς εἰς συμφοράς ἐμπίπτοντας χρῆ καὶ αὐτοὺς ὑπὲρ
 ἑαυτῶν κοπιᾶν καὶ οὕτω τοῦ θεοῦ περὶ βοήθειας δέεσθαι.

O naufrago

Um ateniense rico estava navegando em companhia de ou-
 tras pessoas. E aí ocorreu uma forte tempestade e o navio so-
 cobrou. Enquanto todos os outros se empenhavam em nadar, o a-
 teniense invocava Atena a todo momento e lhe prometia mil coi-
 sas, caso ele se salvasse. Então um dos companheiros de nau-
 frágio, que nadava a seu lado, lhe disse: "Com a ajuda de Ate-
 na, mexe também você o braço!"

Pois bem. Portanto, também nós é preciso agirmos, jun-
 to com a invocação aos deuses, ainda que contemos com alguma
 ajuda em nosso favor.

() Que é desejável, mesmo quando agimos, obter a pro-
 teção dos deuses, ou, quando nos descuidamos, sermos salvos pe-
 las divindades.

Os que caem em desgraça, é preciso que, primeiro, se
 esforcem em favor próprio e, então, façam pedido de socorro ao
 deus.

* Ανθρωπος και σάτυρος.

* Ανθρώπων ποτε λέγεται πρὸς σάτυρον φίλιαν σπείσασθαι. Καὶ δὴ χειμῶνος καταλαβόντος καὶ ψύχους γενομένου, ὁ ἄνθρωπος προσφέρων τὰς χεῖρας τῷ στόματι ἐπέπνει. Τοῦ δὲ σατύρου τὴν αἰτίαν ἐρομένου δι' ἣν τοῦτο πράττει, ἔλεγεν ὅτι θερμαίνει τὰς χεῖρας διὰ τὸ κρύος. Ὑστερον δὲ παρατεθείσης αὐτοῖς τραπέζης καὶ προσφαγήματος θερμῆς σφόδρα ὄντος, ὁ ἄνθρωπος ἀναιρούμενος κατὰ μικρὸν τῷ στόματι προσέφερε καὶ ἐφύσα. Πυνθανομένου δὲ πάλιν τοῦ σατύρου τί τοῦτο ποιεῖ, ἔφασκε καταψύχειν τὸ ἔδεσμα, ἐπεὶ λίαν θερμὸν ἔστι. Κάκεῖνος ἔφη πρὸς αὐτόν· « Ἄλλ' ἀποτάσσομαί σου τῇ φίλιᾳ, ὧ οὗτος, ὅτι ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος καὶ τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν ἐξιεῖς. »

* Ἄτάρ οὖν καὶ ἡμᾶς περιφεύγειν δεῖ τὴν φίλιαν ὧν ἀμφιβολός ἐστιν ἡ διάθεσις.

O homem e o sátiro

Conta-se que, certa vez, um homem firmou um pacto de amizade com um sátiro. E aí, quando sobreveio o inverno e chegou o frio, o homem levava as mãos à boca e as soprava. Como o sátiro lhe perguntasse o motivo pelo qual fazia isso, disse ele que estava aquecendo as mãos por causa do frio. Mais tarde foi-lhes servida a mesa e, como a comida estivesse muito quente, o homem tomava uma pequena porção, levava-a à boca e a soprava. Quando o sátiro lhe perguntou de novo por que ele fazia isso, ele disse que estava esfriando o alimento, pois estava quente demais. Então aquele lhe disse: "Só que dispense sua amizade, meu caro, pois da mesma boca você lança tanto o frio como o calor."

Pois bem. Portanto, também nós é preciso que evitemos a amizade daqueles cuja postura é ambígua.

Ἄρκτος καὶ ἀλώπηξ.

Ἄρκτος μεγάλως ἔκαυχῆτο ὡς φίλάνθρωπος ὄν, ἐπεὶ νεκρὸν σῶμα οὐκ ἐσθίει· πρὸς δὲ ἡ ἀλώπηξ εἶπεν· « Εἶθε νεκροὺς εἴλκες, ἀλλὰ μὴ τοὺς ζῶντας. »

Οὗτος ὁ μῦθος πλεονέκτας τοὺς ἐν ὑποκρίσει καὶ κενοδοξίᾳ βιοῦντας ἐλέγχει.

O urso e a raposa

Um urso se vangloriava de ser amigo dos homens por que não comia corpos mortos. Então a raposa lhe disse: " Quem dera você arrastasse cadáveres e não gente viva."

Esta fábula censura os ambiciosos que passam a vida no fingimento e na presunção.

Ἄστρολόγος.

Ἄστρολόγος ἐξίων ἐνάστοτε ἑσπέρας ἔθος εἶχε τοὺς ἀστέρας ἐπισκοπῆσαι. Καὶ δὴ ποτε περιῶν εἰς τὸ προάστειον καὶ τὸν νοθὸν ὄλον ἔχων πρὸς τὸν οὐρανὸν ἔλαθε καταπεσὼν εἰς φρέαρ. Ὀδυρομένου δὲ αὐτοῦ καὶ βοῶντος, παριῶν τις, ὡς ἤκουσε τῶν στενάγμων, προσελθὼν καὶ μαθὼν τὰ συμβεβηκότα, ἔφη πρὸς αὐτόν· « ὦ οὗτος, σὺ τὰ ἐν οὐρανῷ βλέπεις πειρώμενος τὰ ἐπὶ τῆς γῆς οὐχ ἔρῃς: »

Τούτῳ τῷ λόγῳ χρήσασθε ἂν τις ἐπ' ἐκείνων τῶν ἀνθρώπων οἱ παραδόξως ἀλοζονεύονται, μηδὲ ἰὰ κοινὰ τοῖς ἀνθρώποις ἐπιτελεῖν δυνάμενοι.

O astrônomo

Um astrônomo tinha o hábito de sair de casa todas as noites para observar os astros. E aí, um dia, perambulando a caminho da periferia, com toda a atenção voltada para o céu, ele se descuidou e caiu num poço. E como ele gemia e gritava, uma pessoa que passava por ali ouviu seus gemidos, aproximou-se e, informada dos fatos, lhe disse: "Ô meu caro, você que se preocupa em contemplar as coisas lá do céu não enxerga as da terra?"

Deste discurso pode-se servir qualquer um daqueles homens que se vangloriam de modo extraordinário, mas não conseguem levar a termo ações banais para os homens.

Βάτραχοι (ἐν λίμνῃ).

Βάτραχοι δύο ἐν λίμνῃ ἐνέμοντο. Θέρους δὲ Ξηρανθείσης τῆς λίμνης, ἐκείνην καταλιπόντες ἐπεζήτουν ἑτέραν. Καὶ δὴ βαθεῖ περιέτυχον φρέατι, ὅπερ ἰδὼν ἄτερος·θατέρω φησί· « Συγκατέλωμεν, ὦ οὐτος, εἰς τόδε τὸ φρέαρ. » Ὁ δὲ ὑπολαβὼν εἶπεν· « Ἄν οὖν καὶ τὸ ἐνθάδε ὕδωρ Ξηρανθῆ, πῶς ἀναβησόμεθα ; »

Ὁ μύθος δηλοῖ ὅτι οὐ δεῖ ἀπερισκέπτως προσιέναι τοῖς πράγμασιν.

As rãs no brejo

Duas rãs viviam num brejo. Como no verão o brejo tivese secado, elas o abandonaram e puseram-se a procurar outro. E aí depararam com um poço fundo. Ao vê-lo, uma disse para a outra: "Vamos, minha cara, descer juntas neste poço." Mas a outra tomou a palavra e disse: "É que se também este poço aqui secar, como vamos sair?"

A fábula mostra que não se deve lançar-se, irrefletidamente, às tarefas.

Βόες και ἔξων.

Βόες ἀμαξαν εἰλκον. Τοῦ δὲ ἔξωνος τρίζοντος, ἐπιστραφέντες ἔφασαν οὕτως πρὸς αὐτόν· « ὦ οὗτος, ἤμῶν τὸ ἅλον βάρος φερόντων, σὺ κέκραγας; »

Οὕτω καὶ τῶν ἀνθρώπων ἔνιοι, μαχθούτων ἑτέρων, αὐτοὶ προσποιοῦνται κάμνειν.

Os bois e o eixo

Bois puxavam uma carroça. Como o eixo rangesse, eles se viraram e lhe disseram assim: "Ei meu caro, nós carregamos toda a carga e você é que fica gritando?"

Assim, também certos homens, enquanto outros se fatigam, fazem-se eles próprios de cansados.

Βουκόλος και λέων.

Βουκόλος βόσκων ἀγέλην ταύρων ἀπώλεσε μόσχον. Περιελθὼν δὲ καὶ μὴ εὐρῶν ἠῤῥατο τῷ Διί, ἂν τὸν κλέπτην εὐρῆ, ἔριφον αὐτῷ θύσαι. Ἐλθὼν δὲ εἰς τινα δρυμῶνα καὶ θεασάμενος λέοντα κατεσβιοντα τὸν μόσχον, περίφοδος γενόμενος, ἐπάρας τὰς χεῖρας εἰς τὸν οὐρανόν, εἶπε· « Ζεὺ δέσποτα, πάλαι μὲν σοι ἠῤῥάμην ἔριφον θύσαι, ἂν τὸν κλέπτην εὐρῶ. νῦν δὲ ταυρόν σοι θύσω, ἔάν τὰς τοῦ κλέπτου χεῖρας ἐκφύγω. »

Οὗτος ὁ λόγος λεχθεὶς ἂν ἐπ' ἀνδρῶν δυστυχοῦντων, οἵτινες ἀπορούμενοι εὐχονται εὐρεῖν, εὐρόντες δὲ ζητοῦσιν ἀποφυγεῖν.

O boieiro e o leão

Um boieiro pascia um rebanho de touros e perdeu um bezerro. E depois de ter percorrido os arredores e não o ter encontrado, prometeu a Zeus que lhe sacrificaria um cabrito , caso encontrasse o ladrão. Então, ao chegar em uma floresta, a viu um leão, que estava devorando o bezerro. Tomado de pavor, ergueu as mãos para o céu e disse: "Zeus soberano, antes eu lhe havia prometido sacrificar um cabrito, caso encontrasse o ladrão, mas agora um touro eu vou lhe sacrificar, se eu escapar das patas do ladrão."

Este discurso pode ser dito em relação a homens desventurados que, quando em dificuldades, suplicam encontrar uma solução, mas quando a encontraram, procuram evitá-la.

Γαλή και βίλη.

Γαλή εισελθοῦσα εἰς χαλκῶς ἐργαστήριον τὴν ἐκαὶ
κειμένην βίλην περιέλειχε. Συνέβη δέ, ἐκτριβομένης τῆς
γλώσσης, πολὺ αἷμα φέρεσθαι. Ἡ δὲ ἐτέρπετο ὀπνοοῦσά
τι τοῦ σιδήρου ἀφαιρῆσθαι, μέχρι παντελῶς ἀπέβαλε τὴν
γλῶσσαν.

Ὁ λόγος εἴρηται πρὸς τοὺς ἐν φιλονεικίαις ἑαυτοὺς
καταβλάπτοντας.

A doninha e a lima

Uma doninha entrou na oficina de um ferreiro e pôs-se a lambar uma lima que estava por lá. Então aconteceu que sua língua foi se esfolando e brotava muito sangue. Ela, porém, se alegrava supondo que estivesse tomando alguma coisa do ferro, até que, finalmente, perdeu a língua.

O discurso está dito para aqueles que prejudicam a si próprios em contendas.

Γεωργός και κύνες.

Γεωργός ὑπὸ χειμῶνος ἐναποληφθεὶς ἐν τῇ ἐπαύλει, ἐπειδὴ οὐκ ἠδύνατο προελθεῖν καὶ ἑαυτῷ τροφήν πορίσαι, τὸ μὲν πρῶτον τὰ πρόβατα κατέφαγεν. Ἐπειδὴ δὲ ἔτι ὁ χειμῶν ἐπέμενε, καὶ τὰς αἴγας κατεθουήσατο. Ἐκ τρίτου δέ, ὡς οὐδεμίαν ἄνεσις ἐγένετο, καὶ ἐπὶ τοὺς ἀροτήρας βοῦς ἐχώρησεν. Οἱ δὲ κύνες θεασάμενοι τὰ πρακτόμενα ἔφασαν πρὸς ἀλλήλους: « Ἄπιτέον ἡμῖν ἐνθένδε· ὁ δεσπότης γάρ, εἰ οὐδὲ τῶν συνεργαζομένων βοῶν ἀπέσχετο, ἡμῶν πῶς φείσεται; »

Ἄλλος δὲ λόγος δηλοῖ ὅτι δεῖ τούτους μάλιστα φυλάττεσθαι οἱ οὐδὲ τῆς κατὰ τῶν οἰκείων ἀδικίας ἀπέχονται.

O lavrador e os cães

Um lavrador ficou detido no estábulo por causa de um temporal. Como não podia sair para arranjar alimento, primeiro comeu os cordeiros. E visto que o temporal persistia ainda, devorou também as cabras. E depois, como não dava nenhuma estiada, atirou-se sobre os bois de trabalho também. Então os cachorros, que observavam os acontecimentos, disseram uns aos outros: "Precisamos dar o fora daqui, pois o patrão, se nem mesmo dos bois, seus colaboradores, se absteve, como vai nos poupar?"

O discurso mostra que é preciso precaver-se mutíssimo daqueles que não se abstêm de praticar injustiça para com os conhecidos.

Γεωργού παῖδες (στασιάζοντες).

Γεωργού παῖδες ἐστασίαζον. Ὁ δέ, ὡς πολλά παραινῶν οὐκ ἠδύνατο πείσαι αὐτοὺς λόγοις μεταβάλλεσθαι, ἔγνω δεῖν διὰ πράγματος τοῦτο πράξει, καὶ παρήνευσεν αὐτοῖς βάρβδων δέσμην κομίσαι. Τῶν δὲ τὸ προσταχθέν ποιησάντων, τὸ μὲν πρῶτον δοὺς αὐτοῖς ἀβρόας τὰς βάρβδους ἐκέλευσε κατεάσσειν. Ἐπειδὴ δὲ κατὰ πᾶν βιαζόμενοι οὐκ ἠδύναντο, ἐκ δευτέρου λύσας τὴν δέσμην, ἀνά μίαν αὐτοῖς βάρβδον ἐδίδου. Τῶν δὲ βραδίως κατακλώντων, ἔφη· « Ἀτὰρ οὐ καὶ ὑμεῖς, ὦ παῖδες, ἐάν μὲν ὁμοφρονήτε, ἀχειρώται τοῖς ἐχθροῖς ἔσεσθε· ἐάν δὲ στασιάζητε, ἐδάλωτοι. »

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι τοσοῦτον ἰσχυροτέρα ἐστὶν ἡ ὁμόνοια ὅσον ἐδκαταγώνιστος ἡ στάσις.

Os filhos do lavrador que viviam em discórdia

Os filhos de um lavrador viviam em discórdia. E ele, como não conseguia, embora os exortasse muito, persuadi-los com palavras a mudar de comportamento, concluiu que era preciso fazer isso por meio de uma ação, e convidou-os a trazer um fardo de lenha. Depois que eles cumpriram essa determinação, primeiro ele lhes deu o fardo amarrado e ordenou-lhes que o quebrassem. Depois, como eles faziam muita força e não conseguiam quebrá-lo, ele desamarrou o fardo e deu a eles um galho por vez. Como eles o quebrassem com facilidade, ele disse: "Pois bem. Portanto, também vocês, meus filhos, se permanecerem unidos, serão inatingíveis para os inimigos. Mas, se viverem em discórdia, serão fáceis de apanhar."

O discurso mostra que a concórdia é tão mais forte quanto fácil de vencer é a discórdia.

Δειλός κυνηγός και δρυτόμος.

Λεοντός τις κυνηγός ἴχνη ἐπεζήτη· δρυτόμου δὲ ἐρωτήσας εἰ εἶδεν ἴχνη λέοντος και ποῦ κοιτάζει, ἔφη· « Καὶ αὐτὸν τὸν λέοντά σοι ἤδη δείξω. » Ὁ δὲ ἀχρίασας ἐκ τοῦ φόβου και τοὺς δόντας συγκρούων εἶπεν· « Ἴχνη μόνα ζητῶ, οὐχὶ αὐτὸν τὸν λέοντα. »

[Ὅτι] τοὺς θρασεῖς και δειλοὺς ὁ μῦθος ἐλέγχει, τοὺς τολμηροὺς ἐν τοῖς λόγοις και οὐκ ἐν τοῖς ἔργοις.

O caçador covarde e o lenhador

Um caçador estava procurando pegadas de um leão. Então um lenhador, a quem ele perguntou se tinha visto pegadas de leão e onde ele estava deitado, respondeu-lhe: "Vou já te mostrar até o próprio leão." Então o caçador, amarelo de medo e batendo os dentes, disse: "Só as pegadas estou procurando, e não o próprio leão."

[Que] os atrevidos e covardes a fábula censura, os destemidos nas palavras e não nos atos.

Δελφίνες και φάλαιναι και κωβιός.

Δελφίνες και φάλαιναι πρὸς ἀλλήλους ἐμάχοντο. Ἐπὶ πολὺ δὲ τῆς διαφορᾶς σφοδρυνομένης, κωβιός ἀνέδν (ἔστι δὲ οὗτος μικρὸς ἰχθύς) και ἐπειράτο αὐτοὺς διαλύειν. Ἐὶς δὲ τις τῶν δελφίνων ὑποτυχὼν ἔφη πρὸς αὐτόν· « Ἄλλ' ἡμῖν ἀνεκτότερόν ἐστι μαχομένους ὑπ' ἀλλήλων διαφθαρηναὶ ἢ σοῦ διαλλακτοῦ τυχεῖν. »

Οὕτως ἔνιοι τῶν ἀνθρώπων οὐδενὸς ἄξιοι ὄντες, δταν παραχῆς λάδωνται, δοκοῦσι τινες εἶναι.

Os golfinhos, as baleias e o cobiós

Golfinhos e baleias estavam lutando uns contra os outros. Como a briga se mantivesse violenta por muito tempo , veio à tona um cobiós (este é um peixe miúdo) e tentou reconciliá-los. Então um dos golfinhos lhe disse, em resposta: "Só que para nós é mais admissível nos destruírmos uns aos outros numa luta, do que tomar você como mediador."

Assim, certos homens que nenhum valor possuem, to da vez que pegam uma agitação, acreditam ser alguém.

Δημάδης ὁ βήτωρ.

Δημάδης ὁ βήτωρ δημηγορῶν ποτε ἐν Ἀθήναις, ἐκείνων μὴ πᾶν τι αὐτῷ προσεχόντων, ἐδεήθη αὐτῶν ὅπως ἐπιτρέψωσιν αὐτῷ Αἰώπειον μῦθον εἰπεῖν. Τῶν δὲ συγχωρησάντων αὐτῷ, ἀρξάμενος ἔλεγε· « Δῆμητρα καὶ χελιδῶν καὶ Ἐγγελος τὴν αὐτὴν ὁδὸν ἐβάδιζον· γενομένων δὲ αὐτῶν κατὰ τινὰ ποταμόν, ἡ μὲν χελιδῶν Ἔπτη, ἡ δὲ Ἐγγελος κατέδυν· » καὶ ταῦτα εἰπὼν ἐσιώπησεν. Ἐρομένων δὲ αὐτῶν· « Ἦ οὖν Δῆμητρα τί ἔπαθεν; » ἔφη· « Κεχόλωται ὄμνιν, οἵτινες τὰ τῆς πόλεως πράγματα ἐάσαντες Αἰώπειον μῦθον ἀντέχεσθε. »

Ὅτω καὶ τῶν ἀνθρώπων ἀλόγιστοί εἰσιν ὅσοι τῶν μὲν ἀναγκαίων ὀλιγοροῦσι, τὰ δὲ πρὸς ἡδονὴν μᾶλλον αἰροῦνται.

O orador Demades

O orador Demades falava, certa vez, ao povo de Atenas. E como eles não lhe prestassem atenção de jeito nenhum, pediu-lhes permissão para contar uma fábula esópica. Tendo eles consentido, começou a dizer: " Uma andorinha, uma enguia e Deméter seguiam por um mesmo caminho. Quando chegaram a um rio, a andorinha voou e a enguia mergulhou." Disse isso e calou-se. Então eles perguntaram: "E o que aconteceu com Deméter?" E ele respondeu: "Ela está encolerizada com vocês, que deixaram de lado os negócios da cidade para se ligar em fábulas esópicas."

Assim, também dentre os homens, irracionais são quantos negligenciam os afazeres necessários e dão preferência às coisas que causam prazer.

Διογένης και φαλακρός.

Διογένης ὁ κυνικός φιλόσοφος λοιδορούμενος ὑπὸ τινος φαλακροῦ εἶπεν· « Ἐγὼ μὲν οὐ λοιδορῶ· μὴ γένοιτο· ἐπαινῶ δὲ τὰς τρίχας ὅτι κρανίου κακοῦ ἀπηλλάγησαν. »

Diógenes e o careca

Diógenes, o filósofo cínico, ao ser insultado por um careca, disse-lhe: "Eu, de minha parte, não te insulto. Longe de mim tal coisa! Mas eu elogio os teus cabelos, que foram embora de uma cabeça ruim."

Δρύες και Ζεύς.

Αἱ δρύες κατεμέμφοντο τοῦ Διὸς λέγουσαι ὅτι « μάτην παρήχθημεν ἐν τῷ βίῳ· ὅπερ πάντα γάρ τὰ φυτὰ βιαίως τὴν τομὴν ὀφιστάμεθα. » Καὶ ὁ Ζεὺς· « Ὑμεῖς αὐταὶ αἴτιοι τῆς τοιαύτης ἑαυταῖς καθεστήκατε συμφορᾶς· εἰ μὴ γὰρ τοὺς στελλειοὺς ἐγεννᾶτε, καὶ πρὸς τεκτονικὴν καὶ γεωργικὴν χρῆσιμοι ἦτε, οὐκ ἂν πέλεκυς ὄμας ἐξέκοπτεν. »

Αἴτιοί τινες ἑαυτοῖς τῶν κακῶν καταστάντες τὴν μέμψιν ἀφρόνως τιθέασι τῷ θεῷ.

Os carvalhos e Zeus

Os carvalhos recriminavam a Zeus, dizendo: "À toa fomos trazidos à vida; pois, mais que todas as plantas, suportamos o golpe violento." E Zeus: "Vocês mesmos é que acabaram arranjando para si tal desgraça. É que, se vocês não produzissem os cabos de machados e não fossem úteis para marceneiros e lavradores, machado algum iria cortá-los."

Certas pessoas que são responsáveis pelos próprios males direcionam tolamente a censura à divindade.

Ἑρμῆς καὶ ἀγαματοποιός.

Ἑρμῆς βουλόμενος γινῶναι ἐν τίνι τιμῇ παρὰ ἀνθρώποις ἐστίν, ἦκεν ἀφομοιωθεὶς ἀνθρώπῳ εἰς ἀγαματοποιῶν ἐργαστήριον. Καὶ θεασάμενος Διὸς ἀγαλμα ἐπυθάνετο πόσου. Εἰπόντος δὲ αὐτοῦ ὅτι δραχμῆς, γέλασας ἠρώτα τὸ τῆς Ἥρας πόσου. Εἰπόντος δὲ ἔτι μείζονος, θεασάμενος καὶ αὐτοῦ ἑγαλμα ὑπέλαβεν ὅτι αὐτόν, ἐπειδὴ καὶ ἀγγελός ἐστι καὶ ἐπικερδῆς, περὶ πολλοῦ ποιοῦνται οἱ ἀνθρώποι. Διόπερ ἐπυθάνετο ὁ Ἑρμῆς πόσου, καὶ ὁ ἀγαματογλύφος ἔφη· « Ἄλλ' ἐὰν τούτους ἀγοράσῃς, τοῦτόν σοι προσθήκην δώσω. »

Πρὸς ἄνδρα κενόδοξον ἐν οὐδεμίᾳ μοίρᾳ παρὰ τοῖς ἄλλοις ὄντα ὁ λόγος ἀρμόζει.

Hermes e o escultor

Hermes, querendo saber de que honra gozava entre os homens, tornou-se semelhante a um ser humano e veio à oficina de um escultor. E, quando viu a estátua de Zeus, perguntou quanto era. Como ele lhe dissesse que era uma dracma, riu e perguntou quanto custava a de Hera. E ele disse que era muito mais. Então Hermes, quando viu também a sua própria estátua, acreditou que, como ele era mensageiro e ainda propiciador do lucro, os homens o tivessem em grande conta. Por isso perguntou quanto era, e o estatuário respondeu: "Mas, se você comprar essas duas, esta eu lhe darei a mais."

A homem presunçoso que não goza de nenhuma consideração junto dos outros, o discurso se aplica.

Ἑρμῆς καὶ Τειρεσίας.

Ἑρμῆς βουλόμενος τὴν Τειρεσίου μαντικὴν πειρᾶσαι εἰ ἀληθὴς ἔστι, κλέψας αὐτοῦ τοὺς βόας ἐξ ἀγροῦ, ἦκε πρὸς αὐτὸν εἰς ἄστυ, δμοιωθεὶς ἀνθρώπῳ, καὶ ἐπεξενώθη παρ' αὐτῷ. Παραγγελλείσης δὲ τῷ Τειρεσίᾳ τῆς τοῦ ζεύγους ἀπωλείας, παραλαβὼν τὸν Ἑρμῆν, ἦκεν εἰς τὸ προαστεῖον, οἰωνόν τινα περὶ τῆς κλοπῆς σκεψόμενος, καὶ τοῦτῳ παρήνει λέγειν ὅ τι ἂν θεάσῃται ὄρνεον. Καὶ ὁ Ἑρμῆς τὸ μὲν πρῶτον θεασάμενος αἰτὸν ἐξ ἀριστερῶν ἐπὶ δεξιὰ παριπνύμενον, ἀπήγγειλεν αὐτῷ. Τοῦ δὲ εἰπόντος μὴ πρὸς αὐτοῦς τοῦτον εἶναι, ἐκ δευτέρου ἰδὼν κορώνην ἐπὶ τινος δένδρου καθήμενην, καὶ ποτὲ μὲν ἄνω βλέπουσαν, ποτὲ δὲ εἰς γῆν κύπτουσαν, ἐδήλωσεν αὐτῷ. Ὁ δὲ ὑποτυχὼν ἔφη· « Ἄλλ' αὕτη γέ ἢ κορώνη διόμνυται τὸν τε Οὐρανὸν καὶ τὴν Γῆν ὅτι, ἂν σὺ θέλῃς, τοὺς ἑμαυτοῦ βόας ἀπολήψομαι. » Τοῦτῳ τῷ λόγῳ χρῆσαιτο ἂν τις πρὸς ἄνδρα κλέπτην.

Hermes e Tirésias

No desejo de testar se a arte divinatória de Tirésias era verdadeira, Hermes surriprou do campo os seus bois, veio até a cidade e, transformado em homem, instalou-se como hóspede em sua casa. Então, quando se comunicou a Tirésias o desaparecimento da parelha, ele pegou Hermes, veio à periferia para observar algum presságio a respeito do roubo e pediu-lhe que, no caso de avistar algum pássaro, lhe dissesse qual era. Hermes viu, primeiro, uma águia que voava da esquerda para a direita. Comunicou o fato a Tirésias mas este disse que aquilo não era com eles. Então Hermes informou-lhe que tinha visto, pousada em uma árvore, uma gralha que ora olhava para cima, ora para baixo. Então ele disse em resposta: "Mas esta gralha está justamente jurando por Urano e por Gaia que, se você quiser, eu vou recuperar os meus bois."

Essa fábula alguém pode usar em relação a um homem ladrão.

Ευνουχος και Ιερεύς.

Ευνουχος προσήλθε Ιερεί, θυσίαν ὑπέρ αὐτοῦ ποιῆσαι πο-
ρακαλῶν εἰς τὸ γενέσθαι παίδων πατέρα. Ὁ δὲ Ιερεὺς ἔφη·
«Ὅτε μὲν πρὸς τὴν θυσίαν ἀπίδω, πατέρα σε γενέσθαι παι-
δων παρακαλῶ· δευτέραν δὲ τὴν σὴν ὄψιν ἴδω, οὐδ' ἀνὴρ φαίνη.»

O eunuco e o sacerdote

Um eunuco foi a um sacerdote e pediu-lhe que fizesse um sacrifício em seu favor para que ele se tornasse pai . Então o sacerdote lhe disse: "Quando ponho os olhos no sacrifício, eu peço que você tenha filhos; mas quando olho para sua cara, nem homem você parece!"

Ἔχιδνα καὶ ἀλώπηξ.

Ἔχιδνα ἐπὶ παλιούρων δέσμη ὑπὲρ ποταμὸν παρεφέρετο.
Ἀλώπηξ δὲ παριοῦσα, ὡς ἐθεάσατο αὐτόν, εἶπεν· « Ἄξιός
τις νηὸς δὲ ναύκληρος. »

Πρὸς ἄνδρα πονηρὸν μοχθηροῖς πράγμασιν ἐγχειρήσαντα.

A víbora e a raposa

Uma víbora descia rio abaixo, sobre um feixe de espinheiro. Então uma raposa que passava por ali, avistou-a e disse: "Digno do navio, o piloto."

Para homem perverso que empreende tarefas penosas.

Ζεὺς καὶ ἄνθρωποι.

Ζεὺς πλάσας ἄνθρώπους ἐκέλευσεν Ἑρμῆ νουὸν αὐτοῖς ἐγγέαι. Κάκεινος μέτρον ποιήσας ἴσον ἐνέχεεν ἑκάστῳ. Συνέβη δὲ τοὺς μὲν μικροφυεῖς πληρωθέντας τοῦ μέτρου φρονίμους γενέσθαι, τοὺς δὲ μακροὺς, ἅτε μὴ ἐφικομένου τοῦ ποτοῦ [μηδὲ μέχρι γονάτων] εἰς πᾶν τὸ σῶμα, ἀφρο-νεστέρους γενέσθαι.

Πρὸς ἄνδρα εὐμεγέθη μὲν σῶματι, κατὰ ψυχὴν δὲ ἀλόγιστον ὁ λόγος εὐκαιρος.

Zeus e os homens

Zeus moldou os homens e ordenou a Hermes que despejasse neles inteligência. Então ele a preparou e despejou u ma medida igual em cada um deles. Aconteceu que os de pequeno porte ficaram repletos com a medida e tornaram-se sensatos , mas os grandes, visto que o líquido não chegasse para todo o corpo (nem até os joelhos), tornaram-se mais insensatos.

Para homem bem crescido de corpo, mas irracional de alma, o discurso é oportuno.

Ζεὺς καὶ Ἀπόλλων.

Ζεὺς καὶ Ἀπόλλων περὶ τοξικῆς ἤριζον. Τοῦ δὲ Ἀπόλλωνος ἐντείναντος τὸ τόξον καὶ τὸ βέλος ἀφέντος, Ζεὺς τοσοῦτον διέβη ὅσον Ἀπόλλων ἐτόξευσεν.

Ὅστως οἱ τοῖς κρείττοσιν ἀνθαμιλλώμενοι, πρὸς τῶ ἐκείνων μὴ ἐφικέσθαι, καὶ γέλωτα δφλισκάνουσιν.

Zeus e Apolo

Zeus e Apolo discutiam a respeito da arte de manejar o arco. Como Apolo tivesse retesado o arco e lançado o dardo, Zeus esticou uma perna até o ponto que Apolo havia atingido.

Assim, os que competem com os superiores, além de não sobrepujá-los, ainda se expõem ao riso.

Ζεὺς καὶ χελώνη.

Ζεὺς γαμῶν πάντα τὰ ζῷα εἰστία. Μόνης δὲ χελώνης ὑστερησάσης, διαπορῶν τὴν αἰτίαν, τῆ ὑστεραία ἐπυνθά-
νετο αὐτῆς διὰ τί μόνη ἐπὶ τὸ δεῖπνον οὐκ ἦλθε. Τῆς δὲ
εἰπούσης: « Οἶκος φίλος, οἶκος ἄριστος, » ἀγανακτήσας
κατ' αὐτῆς παρεσκεύασεν αὐτὴν τὸν οἶκον αὐτῶν βαστάζου-
σαν περιφέρειν.

Ὅστω πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων αἰροῦνται μᾶλλον λιτῶς
οἰκεῖν ἢ παρ' ἄλλοις πολυτελῶς διαιτῆσθαι.

Zeus e a tartaruga

Zeus, ao se casar, ofereceu um banquete a todos os animais. E como só a tartaruga tivesse faltado, ele, que desconhecia o motivo da ausência, perguntou-lhe depois por que só ela não tinha vindo ao jantar. Então ela disse: "Casa da gente, casa excelente." E Zeus irritou-se com ela e dispôs que ela andaria por toda a parte carregando a própria casa.

Assim, muitos homens preferem morar com simplicidade a receber tratamento de luxo em casa alheia.

Ἡρακλῆς καὶ Πλοῦτος.

Ἡρακλῆς ἰσοθεωθεὶς καὶ παρὰ Διὶ ἐστιώμενος ἕνα ἕκαστον τῶν θεῶν μετὰ πολλῆς φιλοφροσύνης ἠσπάζετο. Καὶ δὴ τελευταίου εἰσελθόντος τοῦ Πλούτου, κατὰ τοῦ ἐδάφους κύψας ἀπεστρέψατο αὐτόν. Ὁ δὲ Ζεὺς θαυμάσας τὸ γεγονός ἐπυνθάνετο αὐτοῦ τὴν αἰτίαν δι' ἣν πάντας τοὺς δαίμονας προσαγορεύσας ἀσμένως μόνον τὸν Πλοῦτον ὑποβλέπεται. Ὁ δὲ εἶπεν· « Ἄλλ' ἔγωγε διὰ τοῦτο αὐτὸν ὑποβλέπομαι ὅτι παρ' ὅν καιρὸν ἐν ἀνθρώποις ἤμην, ἐδῶρων αὐτὸν ὡς ἐπὶ τὸ πλεῖστον τοῖς πονηροῖς συνόντα. »

Ὁ λόγος λεχθεὶς ἂν ἐπ' ἀνδρὸς πλουσίου μὲν τὴν τύχην, πονηροῦ δὲ τὸν τρόπον.

Héraclès e Pluto

Héraclès, depois que se tornou deus, estava jantando junto de Zeus e pôs-se a saudar um por um dos deuses com muita cordialidade. Mas, de Pluto, que chegara por último, ele se esquivava, abaixando a cabeça. Zeus, espantado com o fato, perguntou-lhe o motivo pelo qual havia cumprimentado, prazeroso, todos os deuses e só para Pluto estava olhando de esguelha. Então ele disse: "Só que eu olho assim para ele por causa disto: durante o tempo em que eu estava entre os homens, eu o via a maior parte das vezes em companhia dos perversos."

O discurso pode ser dito em relação a um homem rico de sorte, mas perverso de caráter.

Ἱατρὸς (ἄτεχνος).

Ἱατρὸς ἦν ἄτεχνος. Οὗτος ἀρρώστῳ παρακολουθῶν, πάντων ἱατρῶν λεγόντων αὐτὸν μὴ κινδυνεύειν, ἀλλὰ χρονίσαι ἐν τῇ νόσῳ, οὗτος μόνος ἔφη αὐτῷ πάντα τὰ αὐτοῦ ἐτοιμάσαι· « τὴν αὔριον γὰρ οὐκ ὑπερβήσῃ. » Ταῦτα εἰπὼν ὑπεχώρησε. Μετὰ χρόνον δὲ τινα ἀναστάς ὁ νοσῶν προήλθεν, ἄχρὸς καὶ μόλις βαίνων. Ὁ δὲ ἱατρὸς συναντήσας αὐτῷ· « Χαίρει, ἔφη· πῶς ἔχουσιν οἱ κάτω; » Κάκεινος εἶπεν· « Ἥρεμοσι πίνοντες τὸ τῆς Λήθης ὕδωρ. Πρὸ δλίγου δὲ ὁ Θάνατος καὶ ὁ Ἄϊδης δεινῶς ἠπειλοῦν τοὺς ἱατροὺς πάντας, ὅτι τοὺς νοσοῦντας οὐκ ἔδωκεν ἀποβησκειν, καὶ κατεγράφοντο πάντας. Ἐμελλον δὲ καὶ σὲ γράψαι, ἀλλ' ἐγὼ προσέειπα αὐτοῖς καὶ δυσωπήσας, ἐξωμοσάμην αὐτοῖς μὴ ἀληθεῖ ἱατρὸν εἶναι σε, ἀλλὰ μάτην διεβλήθης. » [Ὅτι] τοὺς ἀπαιδευτοὺς καὶ ἀμαθεῖς καὶ κομπολόγους ἱατροὺς ὁ παρὼν μῦθος στηλιτεύει.

O médico incompetente

Havia um médico incompetente que acompanhava um enfermo. Enquanto os outros médicos diziam ao doente que ele não corria perigo e que apenas iria continuar com a doença por um longo tempo, aquele lhe dizia que fizesse seus preparativos "pois, de amanhã você não vai passar". Disse isso e retirou-se. Depois de algum tempo, o doente levantou-se e saiu, pálido, caminhando com dificuldade. Então o médico o encontrou e disse: "Salve! Como vão os habitantes lá de baixo?" E o outro disse: "Estão tranquilos, pois beberam a água do rio Letes. Mas, de algum tempo para cá, a Morte e o Hades estavam ameaçando duramente todos os médicos, porque eles não deixavam os doentes morrer. Eles até estavam para anotar seu nome, mas eu me prostrei diante deles, em súplica, e jurei a eles que você não era um médico de verdade, e que tinha sido incriminado sem razão."

[Que] Os médicos despreparados, ignorantes e de conversa elaborada, a presente fábula denuncia.

Κάμηλος (ἀφοδεύουσα ἐν ποταμῷ).

Διέβαινε ποταμὸν κάμηλος δξὺ βροντα. Ἀφοδεύουσα δὲ καὶ τὴν κόπρον εὐθὺς ἔμπροσθεν αὐτῆς ἰδοῦσα διὰ τὸ δξὺ τοῦ βεύματος εἶπεν· « Τί τοῦτο; τὰ ἔμπροσθεν μου ἔμπροσθέν μου νῦν ὁρᾷ διερχόμενα. »

[Ἔστι] ἐν πόλει (ἐν) ἧ ἔσχατοι καὶ ἄφρονες κρατοῦσιν ἀντὶ τῶν πρώτων καὶ φρονίμων ἀρμόζει ὁ μῦθος.

A camela que cagou no rio

Uma camela estava atravessando um rio de forte correnteza. Aí ela deu uma cagada e, logo em seguida, viu a bosta passar à sua frente, devido à rapidez da correnteza. Então ela disse: "Que que é isso? O que estava atrás de mim, estou vendo agora à minha frente?"

[Que] Em uma cidade onde os últimos e os imbecis dominam em lugar dos primeiros e dos sensatos, a fábula se aplica.

Κάμηλος δρχουμένη.

Κάμηλος ἀναγκαζομένη ὑπὸ τοῦ ἰδίου δεσπότητος δρχή-
σασθαι εἶπεν· « Ἄλλ' οὐ μόνον δρχουμένη εἰμι ἔσχημος,
ἀλλὰ καὶ περιπατοῦσα. »

Ὁ λόγος εἴρηται ἐν παντὶ ἔργῳ ἀπρέπειαν ἔχοντι.

A camela que estava dançando

Uma camela, forçada por seu dono a dançar, disse:
"Só que não é só quando estou dançando que sou desengonçada ,
mas também quando estou caminhando."

O discurso está dito para qualquer atividade in-
conveniente.

Καρύα, παρά τινα ὄδῳ οὔσα καὶ ὑπὸ τῶν παριόντων λίθοις
βαλλομένη, στενάξασα πρὸς ἑαυτὴν εἶπεν· « Ἄθλια εἰμι
ἐγώ, ἥτις κατ' ἐνιαυτὸν ἑμαυτῇ ὕβρεις καὶ λύπας παρέχω. »
Ὁ λόγος πρὸς τοὺς ἐπὶ τῶν ἰδίων ἀγαθῶν λυπούμενους.

A noqueira

Uma noqueira que ficava à beira de um caminho e recebia pedradas dos que passavam por ali, deu um gemido e disse para si: "Infeliz sou eu, que ano após ano produzo para mim mesma insolências e aflições."

O discurso () para os que se afligem por causa de seus próprios bens.

Κάστωρ.

Κάστωρ ἐστὶ ζῷον τετράπουν ἐν λίμνῃ νεμόμενον. Τούτου λέγεται τὰ αἰδοῖα εἰς τινὰς θεραπείας χρήσιμα εἶναι. Καὶ δὴ, εἴ ποτέ τις αὐτὸν θεασάμενος διώκει ἐκτέμνειν βουλόμενος, εἰδὼς οὐ χάριν διώκεται, μέχρι μὲν τινος φεύγει τῆ τῶν ποδῶν ταχύτητι συγχρώμενος, πρὸς τὸ δλόκληρον ἑαυτὸν διαφυλάξαι· ἐπειδὴν δὲ περικατάληπτος γένηται, ἀποκόπτων τὰ ἑαυτοῦ αἰδοῖα βίπτει καὶ οὕτως τῆς σωτηρίας τυγχάνει.

Οὕτω καὶ τῶν ἀνθρώπων φρόνιμοὶ εἰσιν ὅσοι διὰ χρήματα ἐπιβουλεύομενοι ἐκεῖνα ὑπερορῶσιν ὑπὲρ τοῦ τῆ σωτηρίας μὴ κινδυνεύειν.

O castor

O castor é um animal quadrúpede que vive em lagos. Diz-se que suas partes vergonhosas são úteis para algumas curas. E assim, se uma pessoa o avista e o persegue, no desejo de decepá-las, ele, ciente do atrativo pelo qual o perseguem, foge até um certo ponto, para preservar-se inteiro, tirando partido da rapidez de suas patas. Mas quando se vê encurralado, corta suas próprias partes vergonhosas e as lança, conseguindo, assim, salvar-se.

Assim, também dentre os homens, sensatos são os que, ameaçados por causa de suas riquezas, fazem pouco delas para não pôr em perigo sua vida.

Κιθαρῳδός.

Κιθαρῳδός ἀφυής ἐν κεκονιαμένῳ οἴκῳ συνεχῶς ᾄδων, ἀντηχοῦσης αὐτῷ τῆς φωνῆς, ἐνόμισεν αὐτὸν εὐφῶνον σφόδρα εἶναι. Καὶ δὴ ἐπαρθεὶς ἐπὶ τούτῳ ἔγνω δεῖν καὶ εἰς θέατρον εἰσελθεῖν. Ἀφικόμενος δὲ ἐπὶ σκηνὴν καὶ πάνυ κακῶς ᾄδων λίθοις βαλλόμενος ἐξηλάθη.

Οὕτως καὶ τῶν βητόρων ἔνιοι ἐν σχολαῖς εἶναι τινες δοκοῦντες, ὅταν ἐπὶ τὰς πολιτείας ἀφίκονται, οὐδενὸς ἀξιοὶ εὑρίσκονται.

O citarista

Um citarista estava cantando em uma casa de paredes bem revestidas. Como sua voz ecoava, ele julgou que ela era melodiosa demais. Então, envaidecido com isso, concluiu que precisava apresentar-se em um teatro. Quando, porém, entrou no palco, cantou mal demais e foi enxotado a pedradas.

Assim, também certos oradores que pensam ser alguém nas escolas, quando entram na vida pública descobrem que não têm mérito nenhum.

Κίχλα.

Ἐν τινι μυρσινῶνι κίχλα ἐνεμετο· διὰ δὲ τὴν γλυκύτητα τοῦ καρποῦ οὐκ ἀφίστατο. Ἰξευτῆς δὲ παρατηρησόμενος ἐμφύλοχωροῦσάν Ἰξεύσας συνέλαβε. Καὶ δὴ μέλλουσα ἀναιρεῖσθαι ἔφη· « Δευλαία εἰμί, ἥτις διὰ τροφῆς γλυκύτητα σωτηρίας στερίσκομαι. »

ἽΟ λόγος πρὸς ἄνδρα ἄσωτον δι' ἠδυπάθειαν ἀπολωλότε εὐκαιρὸς ἔστιν.

O tordo

Em um bosque de mirtos vivia um tordo, que de lá não se afastava por causa da doçura dos frutos. Então um caçador notou que ele se deleitava naquele lugar, preparou o visgo e prendeu-o. E ele, prestes a morrer, disse: "Que desgraçado sou eu, que por causa da doçura de meu alimento estou perdendo minha vida."

O discurso é oportuno para um homem libertino que está perdido por causa da luxúria.

Κοιλία και πόδες.

Κοιλία και πόδες περι δυνάμεως ἤριζον. Παρ' ἕκαστα δὲ τῶν ποδῶν λεγόντων ὅτι τοσοῦτον προέχουσι τῇ ἰσχύϊ ὥς και αὐτὴν τὴν γαστέρα βαστάζειν, ἐκείνη ἀπεκρίνατο· « Ἄλλ', ὦ οὔτοι, ἐάν μὴ ἐγὼ τροφήν ὑμῖν παράσχωμαι, οὐδὲ ὑμεῖς βαστάζειν δυνήσεσθε. »

Οὕτω και ἐπὶ τῶν στρατευμάτων τὸ μηδὲν ἐπὶ τὸ πολὺ πλῆθος, ἐάν μὴ οἱ στρατηγοὶ ἄριστα φρονῶσιν.

O estômago e os pés

O estômago e os pés estavam discutindo a respeito de suas forças. Como, a todo instante, os pés dissessem que e ram tão superiores em vigor a ponto de carregarem até o próprio estômago, este respondeu: "Só que, meus caros, se eu aqui não lhes fornecer comida, vocês não vão conseguir carregar na da."

Assim, também no que concerne aos exércitos, quase sempre de nada vale um grande contingente se os generais não pensam com eficiência.

Κολοιός φυγᾶς.

Κολοῖον τις συλλαβῶν καὶ ὄησας αὐτοῦ τὸν πόδον λινῆ κάλῃ τῆ ἑαυτοῦ παιδί ἔδωκεν. Ὁ δὲ οὐχ ὑπομείνας τὴν μετ' ἀνθρώπων διαίταν, ὡς πρὸς εὐλίγον ἀδείας ἔτυχε, φυγῶν ἦκεν εἰς τὴν ἑαυτοῦ καλιάν. Περικυβηθέντος δὲ τοῦ δεσμοῦ τοῖς κλάδοις ἀναπήναι μὴ ἐπαμειβόμενος, ἐπειδὴ ἀποθνήσκειν ἐμελλεν, ἔφη πρὸς ἑαυτόν· « Ἀλλ' ἔγωγε δεύλαιος ὄστις τὴν παρὰ ἀνθρώπων δουλείαν μὴ ὑπομείνας ἔλαβον ἔμαυτον καὶ σωτηρίας στερήσας. »

Οὗτος ὁ λόγος ἀρμόσειεν ἂν ἐπ' ἐκείνων τῶν ἀνθρώπων οἱ μετρίων ἑαυτοῦς κινδύνων βύσασθαι βουλόμενοι ἔλαβον εἰς μείζονα δεινὰ περιπεσόντες.

A gralha fugitiva

Uma pessoa apanhou uma gralha e, depois de ter amarrado seus pés com uma corda de linho, deu-a ao filho. Mas ela não suportava o tipo de vida dos homens, e, assim que teve um pouco de liberdade, fugiu de volta para o seu ninho. Então, o cordão se enrolou nos galhos e ela, não conseguindo voar, disse para si, prestes a morrer: "Mas que desgraçada sou eu, que, por não suportar a escravidão junto dos homens, privei-me, sem perceber, também da vida."

Este discurso pode-se aplicar àquelles que, por desejarem defender-se de perigos banais, toparam, sem perceber, com pavores maiores.

Κύων και κόχλος.

Ὅτι τις κύων καταπίνειν εἰθισμένος, ἰδὼν τινα κόχλον, χάνας τὸ στόμα αὐτοῦ, μεγίστη συνολκῆ καταπέπωκε τοῦτον, οἰηθεὶς δὸν εἶναι. Βαρούμενος δὲ τὰ σιλάγγνα καὶ ἰδυνόμενος ἔλεγε· « Δίκαια ἔγωγε πέπονθα, εἶγε πάντα περιφερῆ δὲ πεπίστευκα. »

Διδάσκει ἡμᾶς ὁ λόγος ὅτι οἱ ἀδικάστως πρᾶγμα προσιόντες λαμβάνουσιν ἑαυτοὺς περιπεύροντες ἀτόποις.

O cão e o caramujo

Um cão, habituado a engolir ovos, assim que viu um caramujo, abriu bem a boca e engoliu-o numa enorme bocada, pois julgou que fosse um ovo. Então, ao sentir um peso nas entranhas, disse, aflito: " É bem feito para mim, se tudo que é redondo eu pensava que era ovo."

Ensina-nos o discurso que os que se atiram a uma tarefa irrefletidamente, metem-se, sem perceber, em situações inconvenientes.

Κώνωψ και λέων.

Κώνωψ πρὸς λέοντα ἔλθὼν εἶπεν· « Οὐτε φοβοῦμαι σε, οὔτε δυνατώτερός μου εἶ· εἰ δὲ μή, τί σοί ἐστιν ἡ δύναμις; ὅτι ζύεις τοῖς βυξί και δάκνεις τοῖς ὀδοῖσι; τοῦτο και γυνή τῆ ἀνδρὶ μαχομένη ποιεῖ. Ἐγὼ δὲ λίαν ὑπάρχω σου ἰσχυρότερος. Εἰ δὲ θέλεις, ἔλθωμεν και εἰς πόλεμον. » Και σαλπίσας ὁ κώνωψ ἐνεπήγετο, δάκνων τὰ περι τὰς βίνας αὐτοῦ ἄτριχα πρόσωπα. Και ὁ λέων τοῖς ἰδίοις βυξί κατέλυεν ἑαυτόν, ἕως ἀπηύδησεν. Ὁ δὲ κώνωψ νικήσας τὸν λέοντα, σαλπίσας και ἐπινίκων ἤσας, ἔπτατο· και ἀράχνης δεσμῶ ἐμπλακεῖς ἐσθιόμενος ἀπαδύρετο πῶς μεγίστοις πολεμῶν ὑπὸ εὐτελοῦς ζῆφου, τῆς ἀράχνης, ἀπώλετο.

O mosquito e o leão

Um mosquito chegou para um leão e disse: "Nem tenho medo de você, nem você é mais forte do que eu. Se não, que força você tem? Só porque você arranha com essas garras e morde com esses dentes? Isto até uma mulher faz, quando briga com o marido. Eu é que sou muito, mas muito mais forte que você. E, se quiser, vamos ao combate." E o mosquito soou a trombeta e investiu contra ele, picando sua cara sem pelo, ao redor das narinas. E o leão pôs-se a desvencilhar-se dele com as garras, até que se deixou abater. Então o mosquito, vitorioso, entoou o som de um epinício e ficou voando. E, laçado depois em uma teia de aranha, lamentava-se, ao ser devorado, de como ele, que lutava com animais enormes, estava sendo morto por um animal reles como a aranha.

Λέων (γηράσας) και άλώπηξ.

Λέων γηράσας και μη δυνάμενος δι' άλκης έαυτφ τροφήν πορίζειν έγνω δειν δι' έπινοίας τουτο πρβξαι. Και δη παραγενόμενος εις τι σπήλαιον και ένταθθα κατακλιθεις προσεποιείτο νοσειν· και ούτω τά παραγενόμενα πρς αυτών επί την έπίσκεψιν ζβα συλλαμβάνων κατήσθιε. Πολλών δε θηρίων καταναλωθέντων, άλώπηξ τδ τέχνασμα αυτού συνείσα παρεγένετο, και σάσα άποθεν του σπηλαίου έπυνθάνετο αυτού πδς έχοι. Του δε ειπόντος· « Κακός, » και την αίτιαν έρομένου δι' ην ούκ εΐσεισιν, έφη· « Άλλ' έγωγε εισήλθον αν, ει μη έώρων πολλών εισιόντων ίχνη, έξιόντος δε ουδενός. »

Ούτως οι φρόνιμοι των ανθρώπων εκ τεκμηρίων προορόμενοι τους κινδύνους έκφεύγουσιν.

O leão velho e a raposa

Um leão velho que não conseguia arranjar alimento, com o próprio esforço, entendeu que era preciso fazê-lo por meio da imaginação. E então, dirigiu-se para uma caverna e lá se deitou, fingindo-se doente. E assim, os animais que vinham fazer-lhe uma visita, ele agarrava e devorava. Como numerosas feras tivessem sido devoradas, uma raposa, ao deduzir qual era a sua tática, foi lá e, parada longe da caverna, perguntou a ele como estava. O leão disse --"Mal"-- e perguntou-lhe por que ela não entrava. Então ela falou: " É que por mim, eu entraria, se eu não estivesse vendo pegadas de muitos que entraram, mas de nenhum que saiu."

Assim, os homens sensatos, que se precavêem por indícios, escapam dos perigos.

Λέων και δελφίς.

Λέων ἐπὶ τινὶ αἰγιαλῷ πηλαζόμενος, ὡς ἐθεάσατο δελφίνα παρακύψαντα, [ὡς] ἐπὶ συμμαχίαν τοῦτον παρεκέλευσε λέγων ὅτι ἀρμόττει μάλιστα φίλους αὐτοῦς καὶ βοηθοὺς γενέσθαι· ὁ μὲν γὰρ τῶν θαλαττίων ζῴων, αὐτὸς δὲ τῶν χερσαίων βασιλεύει. Τοῦ δὲ ἀσμένως ἐπινεύσαντος, ὁ λέων ἐπὶ πολὺν χρόνον μάχην ἔχων πρὸς ταύρον ἄγριον ἐπεκαλεῖτο τὸν δελφίνα ἐπὶ βοήθειαν. Ὡς δὲ ἐκεῖνος καίπερ βουλόμενος ἐκβῆναι τῆς θαλάσσης οὐκ ἠδύνατο, ἤτιθέτο αὐτὸν ὁ λέων ὡς προδότην. Ὁ δὲ ὑποτυχὼν εἶπεν· « Ἄλλὰ μὴ ἐμὲ μέμφου, ἀλλὰ τὴν φύσιν, ἥτις με θαλάττιον ποιήσασα γῆς οὐκ ἔβ' ἐπιβαίνειν. »

Ὅτως καὶ ἡμᾶς δεῖ φίλιαν σπενδομένους τοιούτους ἐπιλέγεσθαι συμμάχους οἳ ἐν κινδύνοις παρῆναι ἡμῖν δύνανται.

O leão e o golfinho

Um leão zanzava em uma praia quando avistou um golfinho que tirava a cabeça para fora d'água. Então, chamou-o para uma aliança de guerra dizendo que convinha muitíssimo que eles se tornassem amigos e aliados; é que um reinava sobre os animais marinhos, e o outro, sobre os terrestres. Como ele, de bom grado, concordasse, o leão, que há bastante tempo estava em guerra contra um touro selvagem, chamou o golfinho em socorro. E como este, mesmo que quisesse, não conseguia sair do mar, o leão pôs-se a acusá-lo de traidor. Então ele, em resposta, disse: "Só que não censure a mim, mas à natureza que, ao me fazer marinho, não deixa andar em terra firme."

Assim, também nós, os tais que selamos pactos de amizade, é preciso que escolhamos aliados que possam, nos perigos, estar ao nosso lado.

Λέων και λύκος και άλῶπηξ.

Λέων γηράσας ἐνόσει κατακεκλιμένος ἐν ἀντροῦ. Παρήσαν δ' ἐπίσκεψόμενα τὸν βασιλέα, πλὴν ἀλώπεκος, τᾶλλα τῶν ζῴων. Ὁ τοίνυν λύκος λαβόμενος εὐκαιρίας κατηγορεῖ παρά τῷ λέοντι τῆς ἀλώπεκος, ἅτε δὴ παρ' οὐδέν τιθεμένης τὸν πάντων αὐτῶν κρατοῦντα, καὶ διὰ ταῦτα μὴδ' εἰς ἐπίσκεψιν ἀφιγμένης. Ἐν τοσοῦτῳ δὲ παρήν καὶ ἡ ἀλώπηξ, καὶ τῶν τελευταίων ἠκροάσατο τοῦ λύκου ῥημάτων. Ὁ μὲν οὖν λέων κατ' αὐτῆς ἐβρυχάτο. Ἡ δ' ἀπολογίας καιρὸν αἰτήσασα· « Καὶ τίς σε, ἔφη, τῶν συνελθόντων τοσοῦτον ὠφέλησεν ὅσον ἐγώ, πανταχόσε περιουσήσασα, καὶ θεραπείαν ὑπὲρ σοῦ παρ' ἰατρῶν ζητήσασα καὶ μαθοῦσα; » Τοῦ δὲ λέοντος εὐθὺς τὴν θεραπείαν εἰπεῖν κελεύσαντος, ἐκείνη φησὶν· « Εἰ λύκον ζῶντα ἐκδείρας τὴν αὐτοῦ δορὰν θερμὴν ἀμφιέσῃ. » Καὶ τοῦ λύκου αὐτίκα νεκροῦ κειμένου, ἡ ἀλώπηξ γελῶσα εἶπεν οὕτως· « Οὐ χρὴ τὸν δεσπότην πρὸς δυσμένειαν παρακινεῖν, ἀλλὰ πρὸς εὐμένειαν. »

Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι ὁ καθ' ἑτέρου μηχανώμενος καθ' αὐτοῦ τὴν μηχανὴν περιτρέπει.

O leão, o lobo e a raposa

Um leão velho e doente permanecia estirado em uma gruta. Então compareceram em visita ao rei todos os animais, exceto a raposa. Nessa ocasião, o lobo, aproveitando a boa oportunidade, denunciou a raposa ao leão, já que ela não tratava com distinção o governante de todos eles, e por isso nem vinha para uma visita. Nesse exato momento chegou a raposa, que ouviu as palavras finais do lobo. O leão, então, rugiu para ela. Mas ela pediu oportunidade de defesa e disse: "E quem, dentre esses que se reuniram aqui, se preocupou com você tanto quanto eu, que percorri todos os lugares à procura de médicos e de um remédio, e o encontrei?" E como o leão lhe ordenou que dissesse sem rodeios qual era o remédio, ela falou: "É só esfolar um lobo vivo e envolver-se com a pele dele ainda quente." O lobo, imediatamente, jazeu morto. Então a raposa riu e falou assim: "Não se deve instigar o chefe à hostilidade, e sim à benevolência."

A narrativa mostra que aquele que maquina contra os outros, reverte para si próprio a maquinação.

Λέων και θναγρος.

Θήρας ἐθήρευον λέων και θναγρος, δ μὲν λέων διὰ τῆς δυνάμεως δ δὲ θναγρος διὰ τῆς ἐν ποσὶ ταχύτητος. Ἐπει δὲ ζῆα τινα ἐθήρευσαν, δ λέων μερίζει και τίθησι τρεῖς μοίρας, και· « Τὴν μὲν μίαν, εἶπεν, λήψομαι ὡς πρῶτος· βασιλεὺς γάρ εἰμι· τὴν δὲ δευτέραν, ὡς ἐξ ἰσοῦ κοινωνός· ἡ δὲ τρίτη μοῖρα αὐτῆ κακὸν μέγα σοι ποιήσει, εἰ μὴ θελήσεις φυγεῖν. »

Ἔτι καλὸν ἑαυτὸν μετρεῖν ἐν πᾶσι κατὰ τὴν ἑαυτοῦ ἰσχὺν και δυνατωτέροις ἑαυτοῦ μὴ συνάπτειν μηδὲ κοινωνεῖν.

O leão e o onagro

Um leão e um onagro estavam caçando bichos, o leão usando a força, e o onagro, a rapidez das patas. Depois que caçaram alguns animais, o leão divide, dispõe três partes e diz: " Esta primeira vou pegar na condição de primeiro, pois sou rei; esta segunda, na condição de sócio com direitos iguais; e a terceira, esta vai lhe fazer um grande mal se você não quiser fugir."

() Que é bom medir-se em tudo de acordo com a própria força e não se juntar nem fazer sociedade com os mais poderosos.

Λέων και Προμηθεύς και έλέφας.

Λέων κατεμέμφετο Προμηθέα πολλάκις ότι μέγαν αδόν επλάσε και καλόν, και την μέν γένυν δπλισε τοις δδοουσι, τοδς δέ πόδας εκράτυνε τοις δυυξιν, έποησέ τε τδν έλλων θηρίων δυνατώτερον· « δ δέ τοιουτοσ, έφασκε, τδν άλεκτρυόνα φοβουμαι. » Και δ Προμηθεύς έφη· « Τι με μάτην αιτιξ; τά γάρ έμά πάντα έχεις δσα πλάττειν έδυνάμη· ή δέ σου ψυχή πρδς τοϋτο μόνον μαλακίζεται. » "Εκλαιεν ουν έαυτδν δ λέων και τής δειλίας κατεμέμφετο και τέλος αποθανείν ήβελεν. Ουτω δέ γνώμησ έχων έλέφαντι περιτυγχάνει, και προσαγορεύσασ ειστήκει διαλεγόμενος, και δρδν διαπαντός τά δωτα κινουοντα· « Τι πάσχεις; έφη, και τί ποτε οϋδέ μικρόν άτρεμεί σου τδ οθς; » Και δ έλέφας, κατά τυχήν περιπτάντος αυτδ κώνωπος· « Όρξς, έφη, τοϋτο τδ βραχύ, τδ βομβοδν; ήν εισδύνη μου (τη) τής άκοής δδδ, τέθνηκα. » Και δ λέων· « Τι ουν έτι αποβηήσκειν, έφη, με δει τοσοϋτον δντα και έλέφαντος εϋτυχέστερον δσφ κρείττων κώνωπος δ άλεκτρυών; »

Όρξς δσον ισχύος δ κώνωψ έχει, δς και έλέφαντα φοβείν.

O leão, Prometeu e o elefante

Um leão reclamava frequentemente com Prometeu porque ele o tinha plasmado grande e belo, munido com presas seu queixo, fortalecido com garras suas patas, tinha-o feito, en fim, mais poderoso que os outros animais, "mas eu, o tal -- falava -- tenho medo do galo." E Prometeu lhe disse: " Por que você está me culpando sem razão? Pois você tem de mim tu do quanto eu pude plasmar. E seu ânimo só afrouxa diante dis so!" Então o leão se deplorava, se recriminava por covardia e, por fim, queria morrer. Com tal idéia na cabeça, ele encontra por acaso um elefante. Dirige-lhe a palavra para começar uma conversa e, ao ver que suas orelhas se agitavam o tempo todo, disse: "O que há com você? por que é que você não sossega nem um pouco essa orelha?" E o elefante, por acaso com um mosquito voando ao seu redor, disse-lhe: "Você está vendo esta coisa minúscula, este barulhento? Se ele entrar no canal do meu ouvido, estou morto!" E o leão: " Por que, então, ainda deve morrer um tal como eu, mais bem sucedido que o elefante, porquanto o galo é bem mais que um mosquito?"

Você está vendo quanta força tem o mosquito, a ponto de amedrontar até um elefante.

Λύκος ἐν κλωψ̄ δεδεμένον ἄρῶν μέγιστον κύν̄α ἤρετο
 « Δίπας τις σ' ἐξέβριψε τοῦτον; » Ὁ δὲ ἔφη: « Κυνηγός
 — Ἄλλα τοῦτο μὴ πάθει: λύκος ἐραὶ φίλος: ἄκρος γὰρ ἔ-
 κλεισθ̄ βαρύτερος. »

Ὁ λόγος δὴλοι τὸ ἐν ταῖς συμφοραῖς οὐδὲ γαστρίζευσαι.

O lobo e o cão

Um lobo viu um cão enorme preso em uma coleira e perguntou-lhe: "Quem te prendeu e te nutriu assim?" E ele disse: "Um caçador." E o lobo: "Só que tomara que não padecesse dessa sorte um certo lobo que me é caro; . . . é que a fome é mais leve que a coleira!"

O discurso mostra o fato de o estômago não se regalar com nada nas infelicidades.

Λύκος και λέων.

Λύκος ποτέ ἔρας πρόβατον ἐκ ποιμνῆς ἐκόμιζεν εἰς κοίτην. Λέων δὲ αὐτῷ συναντήσας ἀφείλε τὸ πρόβατον. Ὁ δὲ πρόρωθεν σταθεὶς εἶπεν· « Ἀδίκως ἀφείλου τὸ ἐμόν. » Ὁ δὲ λέων γελάσας ἔφη· « Σοὶ γὰρ δικαίως ὑπὸ φίλου ἐδόθη; »

[*Ὅτι] ἄρπαγας καὶ πλεονέκτας ληροτάς ἐν τινι πταίσματι κειμένους καὶ ἀλλήλους μεμφομένους ὁ μῦθος ἐλέγχει.

O lobo e o leão

Certa vez um lobo estava levando para sua toca um cordeiro roubado de um rebanho. Aí um leão topou com ele e tomou-lhe o cordeiro. E o lobo, parado no lugar, disse de longe: " Você tomou injustamente o que era meu." Então o leão riu e disse: "E será que você o recebeu merecidamente de algum amigo?"

[Que] Larápios e bandidos arrogantes que, quando se encontram em alguma complicação, acusam-se uns aos outros, a fábula censura.

Λύκος (κεκορεσμένος) και πρόβατον.

Λύκος τροφής κεκορεσμένος, επειδή εθεάσατο πρόβατον επί γῆς βεβλημένον, αισθόμενος ὅτι διὰ τὸν ἑαυτοῦ φόβον πέπτωκε, προσελθὼν παρεθάρσυνεν αὐτό, λέγων ὡς, ἔάν αὐτῷ τρεῖς λόγους ἀληθεῖς εἴπῃ, ἀπολύσει αὐτό. (Τὸ) δὲ ἀρξάμενον ἔλεγε πρῶτον μὲν μὴ βεβουλησθαι αὐτῷ περιτυχεῖν, δεύτερον δὲ, εἰ ἴρα τοῦτο ἤμαρτε, τυφλῷ, τρίτον δὲ ὅτι «κακοὶ κακῶς ἀπόλοισθε πάντες οἱ λύκοι, ὅτι μηδὲν παθόντες ὑφ' ἡμῶν κακῶς πολεμεῖτε ἡμᾶς.» Καὶ ὁ λύκος ἀποδεξάμενος αὐτοῦ τὸ ἀψευδὲς ἀπέλυσεν αὐτό.

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι πολλάκις ἀλήθεια καὶ παρὰ πολεμίοις ἰσχύει.

O lobo (saciado) e a ovelha

Um lobo já estava saciado de alimento quando avistou uma ovelha jogada ao chão. Ao perceber que ela tinha caído de medo dele, aproximou-se e pôs-se a encorajá-la dizendo que a libertaria se ela lhe dissesse três sentenças verdadeiras. En tão ela começou e disse, em primeiro lugar, que não quis encontrá-lo; em segundo, que, como isso foi inevitável, queria tê-lo encontrado cego, e, em terceiro lugar, acrescentou: "pe reçam de morte cruel todos os lobos, pois vocês, cruéis, nada sofrem de nossa parte e nos combatem com crueldade." E o lobo, reconhecendo sua sinceridade, libertou-a.

O discurso mostra que, muitas vezes, a verdade tem força até junto dos inimigos.

Μέλισσαι και Ζεϋς.

Μέλισσαι φερονησασαι ανθρωπους του υιου μελιτος ηκον προς τον Δία και τουτου εδεοντο οπως αυταις ισχυν παρασχηται παρυσσασ τοις κεντροις τους προσιοντας τοις κηραιοις αναιρειν. Και ο Ζεϋς αγανακτησας κατ' αυτων δια την βασκανιαν παρεσκευασεν αυτας, ηνικα αν τυπτωσι τινα, το κεντρον εποβαλειν, μετα δε τουτο και της σωτηριας στερισκοσθαι.

Ουτος ο λογος αρμοσειεν αν προς ευδρας βασκανους οι και αυτοι βλαπτεσθαι υπομενουσιν

As abelhas e Zeus

As abelhas sentiam ciúme dos homens por causa do próprio mel. Então foram até Zeus pedir-lhe isto: que ele lhes concedesse força para golpear, com seus ferrões, os que se aproximam das colmeias para roubar mel. E Zeus, irritado com elas por causa dessa malignidade, dispôs que elas, nem bem picassem alguém, perderiam o ferrão e, em seguida, ficariam sem a vida também.

Este discurso pode-se aplicar para homens malignos que aceitam que até eles próprios saiam prejudicados.

Ξυλευόμενος ται Ἑρμῆς

Ξυλευόμενός τις παρα ποταμῷ τὸν οἰκίον ἀπέβαλε πέλεκυν. Ἀμηχανῶν τοῖνον παρα τὴν ἐχθρὴν καθίσας ὠδύρετο. Ἑρμῆς δὲ μαθὼν τὴν αἰτίαν καὶ οἰκτεῖρας τὸν ἀνθρώπον, καταδύς εἰς τὸν ποταμὸν χρυσοῦν ἀνήνεγκε πέλεκυν, καὶ εἰ οὐτός ἐστιν ὃν ἀπώλεσεν ἦρετο. Τοῦ δὲ μὴ τοῦτον εἶναι φαιμένου, αὐθις καταβάς ἀργυροῦν ἀνεκόμισε. Τοῦ δὲ μὴδὲ τοῦτον εἶναι τὸν οἰκίον ἐλπόντος, ἐκ τρίτον καταβάς ἐκείνον τὸν οἰκίον ἀνήνεγκε. Τοῦ δὲ τοῦτον ἀληθῶς εἶναι τὸν ἀπολωλότα φαιμένου, Ἑρμῆς ἀποδεξάμενος αὐτοῦ τὴν δικαιοσύνην, πάντας αὐτῷ ἔδωρήσατο. Ὁ δὲ παραγενόμενος πρὸς τοὺς ἑταίρους τὰ συμβάντα αὐτοῖς διεξέηλυθεν· ὃν εἰς τις τὰ ἴσα διαπράξασθαι ἐβουλεύσατο, καὶ παρά τὸν ποταμὸν ἐλθὼν καὶ τὴν οἰκίαν ἀξινην ἐξεπίτηδες ἀφελὺς εἰς τὸ βεῦμα κλαίων ἐκάθητο. Ἐπιφανείς οὖν ὁ Ἑρμῆς κάκεινῳ καὶ τὴν αἰτίαν μαθὼν τοῦ θρήνου, καταβάς ὁμοίως χρυσοῦν ἀξινην ἐξήνεγκε καὶ ἦρετο εἰ ταύτην ἀπέβαλε. Τοῦ δὲ σὺν ἡδονῇ· «Ναὶ ἀληθῶς ἦδ' ἐστὶ» φήσαντος, μισήσας ὁ θεὸς τὴν τοσαύτην ἀναίδειαν, οὐ μόνον ἐκείνην κατέσχεν, ἀλλ' οὐδὲ τὴν οἰκίαν ἀπέδωκεν.

Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι, ὅσον τοῖς δικαίοις τὸ θεῖον συναίρεται, τοσοῦτον τοῖς ἀδίκτοις ἐναντιοῦται.

O lenhador e Hermes.

Um homem estava cortando lenha às margens de um rio e perdeu seu machado. Sem saber o que fazer, sentou-se no barranco, aos prantos. Então Hermes, quando soube do motivo, compadeceu-se do homem, mergulhou no rio e retirou de lá um machado de ouro. Aí Hermes lhe perguntou se era aquele que ele tinha perdido. Como ele falou que não era aquele, Hermes foi para o fundo de novo e trouxe um machado de prata. E como o homem lhe disse que nem aquele era o seu, Hermes foi para o fundo uma terceira vez e retirou o seu machado. E como ele falou que aquele era, de verdade, o que ele tinha perdido, Hermes ficou impressionado com a sua honestidade e lhe deu os três de presente. Em seguida, o homem foi ter com seus companheiros e lhes contou detalhadamente o ocorrido. Um deles resolveu fazer a mesma coisa e, então, foi à beira do rio, jogou ac acaso seu machado na correnteza e sentou-se a chorar. Então Hermes apareceu também para ele e, quando soube do motivo de seu pranto, mergulhou do mesmo modo e retirou de lá um machado de ouro. Quando Hermes lhe perguntou se era aquele que ele tinha perdido, ele falou com alegria: "Sim, é este, de verdade!" Então o

deus se horrorizou com tal aproveitamento e não só guardou o dinheiro como nem lhe entregou o que lhe pertencia.

A fábula mostra que a divindade favorece os justos tanto quanto castiga os injustos.

Ὄνος βαστάζων ἄγαλμα.

Ὄνος τις ἐπιβείς ἄγαλμα ἤλαυνεν εἰς ἄστυ. Τῶν δὲ συναντώντων προσκυνούντων τὸ ἄγαλμα, ὁ ὄνος ὑπολαβὼν ὅτι αὐτὸν προσκυνοῦσιν, ἀναπτερωθεὶς ὠγκᾶτό τε καὶ οὐκέτι περαιτέρω προΐεναι ἐβούλετο. Καὶ ὁ ὄνηλάτης αἰσθόμενος τὸ γεγονός τῷ βροτάῳ αὐτὸν παίων ἔφη·
 « ὦ κακὴ κεφαλῆ, ἔτι καὶ τοῦτο λοιπὸν ἦν ὄνον ὑπ' ἀνθρώπων προσκυνεῖσθαι. »

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι οἱ τοῖς ἀλλοτρίοις ἀγαθοῖς ἐπαλαζο-
 νεύομενοι παρὰ τοῖς εἰδόσιν αὐτοὺς γέλωτα ἀφλισκάνουσιν.

·O asno que estava carregando uma estátua

Uma pessoa colocou uma estátua sobre um asno e pôs-se a levá-lo à cidade. Como os que topavam com ele reverenciavam a estátua, o asno, julgando que o estavam reverenciando, encheu-se de orgulho e, todo enfundado, não queria seguir adiante. E o condutor, percebendo o que se passava, pôs-se a surrá-lo com o porrete, dizendo: "Ô cabeça oca, só isso ainda estava faltando: um asno ser reverenciado por homens!"

O discurso mostra que os que se engrandecem com bens alheios se expõem à zombaria junto daqueles que o conhecem.

ὄνος καὶ ἡμίονος (ἔξ ἴσου ἐμπεφορτισμένοι).

ὄνος καὶ ἡμίονος ἐν ταύτῳ ἐθάδιζον. Καὶ δὴ ὁ ὄνος δρῶν τοὺς ἀμφοῖν γόμους ἴσους ὄντας ἠγανάκτει καὶ ἐσχετλίαζεν, εἶγε διπλάσιονος τροφῆς ἠξιωμένη ἢ ἡμίονος οὐδὲν περιττότερον βαστάζει. Μικρὸν δὲ αὐτῶν τῆς δόσος προϊόντων, ὁ ἀνηλάτης δρῶν τὸν ὄνον ἀντέχει μὴ δυνάμενον, ἀφελόμενος αὐτοῦ τὸ φορτίον τῇ ἡμίονῳ ἐπέθηκεν. Ἔτι δὲ αὐτῶν πόρρω προβαίνοντων, δρῶν ἐτι μᾶλλον ἀποκάννοντα, πάλιν ἀπὸ τοῦ γόμου μετετίθει, μέχρι τὰ πάντα λαθῶν καὶ ἀφελόμενος ἀπ' αὐτοῦ τῇ ἡμίονῳ ἐπέθηκε. Καὶ τότε ἐκείνη ἀποβλέψασα εἰς τὸν ὄνον εἶπεν· « ὦ οὗτος, δρᾶ σοι οὐ δοκῶ δικαίως τῆς διπλῆς τροφῆς ἀξιωθῆναι; » Ἄτάρ σὺν καὶ ἡμᾶς προσήκει μὴ ἀπὸ τῆς ἀρχῆς, ἀλλ' ἀπὸ τοῦ τέλους τὴν ἐκάστου δοκιμάζειν διάθεσιν.

O asno e o burro carregados do mesmo modo

Um asno e um burro seguiam um mesmo caminho.

E aí o asno, vendo que as cargas de ambos eram iguais, ficou irritado e pôs-se a reclamar, visto que o burro, considerado digno de dupla quantia de alimento, não estava carregando mais que ele. Depois que avançaram um pedaço do caminho, o condutor viu que o asno não estava conseguindo resistir. Então tirou dele uma parte da carga e depositou-a sobre o burro. Quando tinham percorrido mais um pedaço, ele viu que o asno estava ainda mais cansado. Então ele pôs-se de novo a repartir a carga, até que retirou-a toda do asno e colocou-a sobre o burro. E aí o burro se virou para o asno e disse: "E então, meu caro, não lhe parece justo que eu mereça uma razão dupla?"

Pois bem. Portanto, também a nós convém julgar a postura de cada pessoa não pelo princípio, mas pelo fim.

ὄνος (νομιζόμενος λέων εἶναι).

ὄνος δὸράν λέοντος ἐπενδυθεὶς λέων ἐνομίζετο πᾶσιν, καὶ φυγὴ μὲν ἦν ἀνθρώπων, φυγὴ δὲ ποιμνίων. Ὡς δὲ ἀνέμου πνεύσαντος ἡ δὸρὰ περιηρέθη καὶ γυμνὸς ὁ ὄνος ἦν, τότε δὴ πάντες ἐπιδραμόντες ξύλοις καὶ βροπάλαις αὐτὸν ἔπαιον.

Ὅτι πένης καὶ ἰδιώτης ἂν μὴ μιμοῦ τὰ τῶν πλουσίων, μὴ ποτε καταγελασθῆς καὶ κινδυνεύσῃς· τὸ γὰρ ξένον ἀνοίκειον.

O asno que passava por leão

Um asno, vestido com uma pele de leão, passava, para todo mundo, por leão, e punha em fuga tanto homens como rebanhos. Mas, assim que soprou uma rajada de vento, a pele se despegou e o asno ficou nu. Aí então todos acorreram e o espancaram com pedaços de pau e com porretes.

() Que você, que é pobre e da ralé, não imite as atitudes dos ricos, nem seja, então, objeto de riso, nem corra perigos, pois o que é alheio, é inadequado.

Οὐρα και μελι θεως

Οὐρα ποτε θεως ηξειου πρωτη προαγειν και λαδιζειν.
 Τα δε λοιπα μελι ελεγον· « Πως χωρις ομματαυ και βινου
 ημας δεεις, ως και τα λοιπα ζωα ; » Ταυτην δε ουκ
 επειδον, εως τε φρονσιν ενικιθη. *Η ουρα δε ηρχε και
 ηγε, συρουσα τυφλη παν το σωμα, εως, εις βαροειραν πετρων
 ενσχευσης, (ε θφισ) την βαχιν και παν το ομα επιληθη.
 Σαιουσα δε ικατεσε την κεφαλην λαγουσα· « ζωσον ημας,
 ει θελεις, δεσποιναι της γης κακης εριδος επιφρασην. »
 *Ανδρας δουλιου και κακου και τοις δεσποταις επο-
 νισταμενουσ ο μυθος ελεγγει.

A cauda e o corpo da cobra

Certa vez a cauda de uma cobra decidiu ir na frente como condutora. Então o resto do corpo dizia: " Como é que você vai nos conduzir, sem olhos e sem nariz, como os outros animais?" Mas não a convenciam, até que o bom senso foi vencido. Então a cobra pôs-se a comandar e conduzir, puxando, cega, o corpo todo, até que caiu num buraco pedregoso. A cobra machucou a espinha e o corpo todo. Então a cauda, agitando-se, suplicava à cabeça, dizendo: "Salve-nos, patroa, se você está querendo; é que eu fiz cair em um buraco sua rival."

Homens traquinas e perversos que se revoltam contra os patrões, a fábula censura.

Ὄφις καὶ καρκίνος.

Ὄφις καὶ καρκίνος ἐν ταύτῃ διέτριβον. Καὶ ὁ μὲν καρκίνος ἀπλῶς τῷ ὄφει καὶ εὐνοικῶς προσεφέρετο· ὁ δὲ αἰεὶ ἕπουλός τε καὶ πονηρὸς ἦν. Τοῦ δὲ καρκίνου συνεχῶς αὐτῷ παραινοῦντος ἐξαπλοῦσθαι τὰ πρὸς αὐτὸν καὶ τὴν αὐτοῦ διάβειν μισεῖσθαι, ἐκεῖνος οὐκ ἐπέιθετο. Διόπερ ἀγανακτήσας, παρατηρησάμενος αὐτὸν κοιμώμενον, τοῦ φάρυγγος ἐπιλαβόμενος ἀνεῖλε καὶ ἰδὼν αὐτὸν ἐκτεταμένον, εἶπεν· « ὦ οὗτος, οὐ νῦν σε ἐχρῆν ἀπλοῦν εἶναι, ὅτε τέθνηκας, ὅτε δὲ σοὶ παρήνουν· καὶ οὐκ (ἄν) ἀνήρησο. »

Οὗτος ὁ λόγος εἰκότως ἂν λέγοιτο ἐπ' ἐκείνων τῶν ἀνθρώπων οἱ παρά τὸν ἑαυτῶν βίον εἰς τοὺς φίλους πονηρευόμενοι μετὰ τὸν θάνατον εὐεργεσίας κατατίθενται.

A cobra e o caranguejo

Uma cobra e um caranguejo viviam em um mesmo lugar. E o caranguejo tratava a cobra com sinceridade e benevolência, mas ela era sempre fingida e perversa. E o caranguejo constantemente a exortava a ser reta em suas atitudes para com ele, a imitar seu comportamento, mas aquela não se deixava persuadir. Por isso, irritado com ela, aguardou o momento em que ela dormia, agarrou-a pelo pescoço e matou-a. Então, ao vê-la esticada, disse: "Ô minha cara, não é agora, que você está morta, que precisava ficar direita, mas quando eu a exortava. Aí eu não teria matado você."

Este discurso pode ser dito, com razão, em relação àqueles homens que durante a vida são perversos para com os amigos e depois da morte prestam benefícios.

Παιδίον έσθιον σπλάγχνα.

Βοτῆρες ἐπ' ἀγρῆ θύοντες αἶγα τοὺς σύνεγγυς ἐκάλεσαν. Σὺν αὐτοῖς δέ ἦν καὶ γυνή πεινχρά, μεθ' ἧς καὶ ὁ παῖς αὐτῆς. Προϊούσης δέ τῃς εὐωχίας, τὸ παιδίον ὀγκωθὲν τὴν γαστέρα ἐκ τῶν κρεῶν, δδυνώμενον ἔλεγεν· « ὦ μήτηρ, τὰ σπλάγχνα ἐμῶ. » Ἡ δὲ μήτηρ αὐτοῦ εἶπεν· « Οὐχὶ τὰ σά, τέκνον, ἀ δὲ κατέφαγες. »

Ὁ μῦθος οὗτος πρὸς ἀνδρα χρεωφειλέτην, ὅστις ἐτοιμῶς τὰ ἀλλότρια λαμβάνων, δταν ἀπαιτηθῆ ταῦτα, οὕτως ἀχῦεται ὡσπερ ἐὰν οἴκοθεν ταῦτα ἐδίδου.

O menino que estava comendo tripas

Uns pastores estavam, no campo, imolando uma cabra e convidaram os vizinhos. Entre eles havia uma mulher pobretona e, com ela, seu filho também. Como a festa se prolongasse, o menino, que já estava com o estômago empanturrado de carne, disse, entre dores: "Mãe, estou vomitando as tripas!" E a mãe lhe disse: "Não as suas, menino, mas as que você comeu."

Esta fábula () para um homem devedor, que se apressa em tomar os bens de outrem, mas quando esses são exigidos de volta, aflige-se de um modo como se lhe estivessem tirando essas coisas de sua casa.

Παῖς (ἀκρίδας θηρεύων) καὶ σκορπίος.

Παῖς πρὸ τοῦ τείχους ἀκρίδας ἐθήρευε. Πολλὰς δὲ συλλαβῶν, ὡς ἐθεάσατο σκορπίον, οἰηθεὶς ἀκρίδα εἶναι, κοιλάνας τὴν χεῖρα, ὅς τε ἦν καταφέρειν αὐτόν. Καὶ δεῦρ τὸ κέντρον ἐπάρας εἶπεν· « Εἴθε γὰρ τοῦτο ἐποίησας, ἵνα καὶ ἄς συνείληφας ἀκρίδας ἀπολίσης. »

Οὗτος ὁ λόγος διδάσκει μὴ δεῖν πᾶσι τοῖς χρηστοῖς καὶ τοῖς πονηροῖς κατὰ ταῦτὰ πρροσφέρεσθαι.

A criança que estava caçando gafanhotos e o escorpião

Uma criança estava caçando gafanhotos em frente da muralha. Tinha colhido muitos quando avistou um escorpião e, pensando que era um gafanhoto, aconcheou a mão, pronto para apanhá-lo. Mas este levantou o ferrão e disse: "Oxalá você ti vesse feito isso, pois assim teria perdido até os gafanhotos que apanhou."

Este discurso ensina que não se deve comportar-se da mesma maneira em relação a todas as pessoas, as boas e as perversas.

Παῖς κλεπτης καὶ μητήρ.

Παῖς ἐκ διδασκαλείου τὴν τοῦ συμφοιτητοῦ δέλτον ὑφελόμενος τῆ μητρὶ ἐκόμισε. Τῆς δὲ οὐ μόνον αὐτῷ μὴ ἐπιπληξάσης, ἀλλὰ μᾶλλον ἐπαινεσάσης αὐτόν, ἐκ δευτέρου ἱμάτιον κλέψας ἤνεγκεν αὐτῇ. Ἔτι δὲ μᾶλλον ἐπαινεσάσης αὐτόν ἐκείνης, προτῶν τοῖς χρόνοις, ὡς νεανίας ἐγένετο, ἤδη καὶ τὰ μείζονα κλέπτειν ἐπεχείρει. Ληφθεὶς δὲ ποτε ἐπ' αὐτοφώρῳ καὶ περιαγκωνισθεὶς ἐπὶ τὸν δῆμιον ἀπήγετο. Τῆς δὲ ἐπακολουπούσης αὐτῷ καὶ στερνοκοπούμενης, εἶπε βούλεσθαι τι αὐτῇ εἰπεῖν πρὸς τὸ οὖς· καὶ ἐπεὶ τάχιστα αὐτῷ προσῆλθε, τοῦ ὠτίου ἐπιλαβόμενος, κατέδακεν αὐτό. Τῆς δὲ κατηγορούσης αὐτοῦ δυσσέβειαν, εἶπερ μὴ ἄρκεσθεὶς οἷς ἤδη πεπλημμέληκε, καὶ τὴν μητέρα ἐλωθήσατο, ἐκεῖνος ὑποτυχῶν εἶπεν· « Ἀλλὰ τότε ὅτε σοι πρῶτον τὴν δέλτον κλέψας ἤνεγκα, εἰ ἐπέπληξάς μοι, οὐκ ἂν μέχρι τούτου ἐχώρησα, ὡς καὶ ἐπὶ θάνατον ἀπάγεσθαι. »

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι τὸ κατ' ἀρχῆς μὴ κολαζόμενον ἐπὶ μείζον ἀβέηται.

O menino ladrão e sua mãe

Um menino roubou, na escola, a tabuinha de seu colega de classe e trouxe-a para sua mãe. E como ela não só não o repreendeu, mas, antes, o elogiou, numa segunda vez ele roubou um manto e o levou para ela. E ela, mais uma vez, o elogiou. E ele foi, com o tempo, crescendo, e quando se tornou rapaz, já empreendia roubos mais importantes. Certa vez, porém, ele foi apanhado em flagrante e, de mãos amarradas para trás, foi conduzido à prisão. E como sua mãe ia seguindo atrás dele esmurrando o próprio peito, o rapaz disse que queria lhe falar uma coisa ao pé do ouvido. E quando ela, bem depressa, chegou perto dele, ele arrancou sua orelha com uma mordida. Então ela reprovou sua impiedade, visto que, não satisfeito com os erros que já tinha cometido, até a mãe ele mutilara. Então ele disse, em resposta: "Só que se antes, quando eu lhe trouxe aquela tabuinha que roubei primeiro, você tivesse me repreendido, eu não teria chegado até o ponto de ser conduzido à morte."

O discurso mostra que o que não se corrige desde o início, aumenta cada vez mais.

Παις λουόμενος.

Παις ποτε λουόμενος ἐν τινι ποταμῷ ἐκινδύνευσεν ἀποπνιγῆναι. Ἰδὼν δὲ τινα ὄδοιπρόν, τοῦτον ἐπὶ βοήθειά ἐκάλει. Ὁ δὲ ἐμέμφετο τῷ παιδί ὡς τολμηρῷ. Τὸ δὲ μειράκιον εἶπε πρὸς αὐτόν· « Ἄλλὰ νῦν μοι βοήθει, ὕστερον δὲ σωθῆντι μέμψῃ. »

Ὁ λόγος εἴρηται πρὸς τοὺς ἀφορμῆν καθ' ἑαυτῶν διδόντας ἀδικεῖσθαι.

O menino que estava tomando banho

Certa vez um menino que tomava banho no rio estava correndo perigo de se afogar. Nisso ele viu um viajante e chamou-o em socorro. Então ele se pôs a censurar o menino por ser atrevido. E o rapazinho lhe disse: "Só que me salve, agora, e depois que eu estiver salvo, me censure."

O discurso está dito para aqueles que dão pretexto de serem maltratados.

Πίθηκος και δελφίς.

*Εθους δντος τοίς πλέουσι Μελιταία κυνίδια και πιθήκους επάγεσθαι προς παραμυθίαν του πλοου, πλέων τις ειχε συν εαυτῷ και πίθηκον. Γενομένων δ' αυτών κατά τῷ Σούνιον, τῷ τῆς Ἀττικῆς ακρωτήριον, χειμῶνα σφοδρῶν συνέθη γενέσθαι. Τῆς δὲ νεῶς περιτραπίσης και πάντων διακολυμβώντων, ἐνήχето και ὁ πίθηκος. Δελφίς δὲ τις αυτῶν θεασάμενος και ανθρωπον εἶναι υπολαβῶν, υπελθῶν ανεἶχε διακομίζων ἐπὶ τὴν χέρσον. Ὡς δὲ κατά τον Πειραιᾶ ἐγένετο, τῷ τῶν Ἀθηναίων ἐπίνειον, ἐπυθάνετο του πιθήκου εἰ τὸ γένος ἐστὶν Ἀθηναῖος. Του δὲ εἰπόντος και λαμπρῶν ἐνταῦθα τετυχηκέναι γονέων, ἐπανήρετο εἰ και τον Πειραιᾶ ἐπίσταται. Ὑπολαβῶν δὲ ὁ πίθηκος περι ανθρωπου αυτῶν λέγειν, ἔφη και μάλα φίλον εἶναι αυτῷ και συνήθη. Και ὁ δελφίς ἐπὶ τοσούτῳ ψεύδει ἀγανακτήσας, βαπτίζων αυτῶν ἀπέκτεινεν.

*Ο μῦθος προς ανδρας οἱ τὴν ἀλήθειαν οὐκ εἰδότες ἀπατᾶν νομίζουσιν.

O macaco e o golfinho

Como era costume entre os navegantes levar cães malteses e macacos para distrair a viagem, um navegante levava consigo um macaco. Quando chegaram a Súnion, o promontório da Ática, ocorreu uma tempestade violenta. O navio soçobrou e, como todos se puseram a nadar, o macaco também mergulhou. Então um golfinho o avistou e, tomando-o por um homem, veio por baixo, ergueu-o e pôs-se a levá-lo para a terra firme. Quando estavam perto do Pireu, o porto dos atenienses, ele perguntou ao macaco se ele era ateniense. O macaco respondeu que sim e que pertencia a uma família ilustre. Então o golfinho perguntou se ele também conhecia o Pireu. E o macaco, pensando que ele estivesse falando de um homem, disse que era muito seu amigo, e íntimo. Então o golfinho, irritado com uma tal mentira, deu um mergulho e matou-o.

A fábula () para homens que ignoram a verdade mas pensam que enganam.

Πιθήκων παῖδες.

Τοὺς πιθήκους φασὶ δύο τίκτειν καὶ τὸ μὲν ἐν τῶν γεννημάτων στέργειν καὶ μετ' ἐπιμελείας τρέφειν, τὸ δὲ ἕτερον μισεῖν καὶ ἀμελεῖν. Συμβαίνει δὲ κατὰ τινα θείαν τύχην τὸ μὲν ἐπιμελούμενον ἠδέως καὶ στερρῶς ἀγκαλιζόμενον παρὰ τῆς μητρὸς ἀποπνίγεσθαι, τὸ δὲ ὀλιγωρούμενον ἐκτελειοῦσθαι.

Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι πάσης προνοίας ἡ τύχη δυνατωτέρα καθέστηκε.

Os filhotes da macaca

Dizem que as macacas geram dois filhotes e que um de les elas estimam e amamentam com cuidado, mas do outro elas desgostam e descuidam. Acontece que, por uma fatalidade divina, aquele que é tratado com carinho e abraçado com vigor pela mãe, morre sufocado, enquanto o outro, desprezado, desenvolve-se bem.

O discurso mostra que a fatalidade é mais poderosa que qualquer providência.

Ποιμήν και θάλασσα.

Ποιμήν ἐν παραθαλασσίῳ τόπῳ ποιμνιον νέμων, ἑωρακῶς γαληνῶσαν τὴν θάλατταν, ἐπεθύμησε πλεῖσαι πρὸς ἔμποριαν. Ἄπεμπολήσας οὖν τὰ πρόβατα καὶ φοινίκων βαλάνους πριάμενος ἀνήχθη. Χειμῶνος δὲ σφοδροῦ γενομένου καὶ τῆς νεῶς κινδυνευούσης βαπτίζεσθαι, πάντα τὸν φόρτον ἐκβαλὼν εἰς τὴν θάλατταν, μόλις κενῆ τῆ νηὶ διεσώθη. Μετὰ δ' ἡμέρας οὐκ ὀλίγας παριόντος τινὸς καὶ τῆς θαλάττης (ἔτυχε γὰρ αὕτη γαληνῶσα) τὴν ἡρεμίαν θαυμάζοντος, ὑπολαβὼν οὗτος εἶπεν· « ὦ λῆστε, φοινίκων αὖθις, ὡς ἔοικεν, ἐπιθυμεῖ, καὶ διὰ τοῦτο φαίνεται ἡσυχάζουσα. »

Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι τὰ παθήματα τοῖς ἀνθρώποις μαθήματα γίνονται.

O pastor e o mar

Um pastor pascia um rebanho num lugar à beira-mar e, de ficar olhando o mar sereno, ficou com vontade de navegar para praticar comércio. Vendeu, então, as ovelhas, comprou tâmaras de palmeiras e pôs-se ao mar. Como ocorresse uma forte tempestade e o navio perigasse afundar, lançou ao mar toda a carga e salvou-se, penosamente, com o navio vazio. Muitos dias depois chegou por lá uma pessoa que ficou admirada com a tranquilidade do mar (este, de fato, acontecia de estar sereno). Então o pastor tomou a palavra e disse: " Ó excelente amigo, parece que ele está de novo com vontade de tâmaras, e por isso se mostra calmo."

A fábula mostra que os sofrimentos se tornam, para os homens, ensinamentos.

Πρόβατον κειρόμενον

Πρόβατον άφύως κειρόμενον προς τόν κείροντα έφη:
 « Εί μόν έρισ ζητείς, άνωτέρω τέμνε· εί δε κρεδόν έπιθυ-
 μείς, άτιμής με καταθύσας τού κατά μικρόν βασανίζειν
 άπάλλαξον. »

Πρός τούς άφύως τούς τέχνους προαφερομένους έ λόγος
 άρμόδιός έστι.

A ovelha que estava sendo tosquiada

Uma ovelha que estava sendo tosquiada de modo impró-
 prio disse ao tosquiador: "Se você quer lã, corte mais acima,
 mas se deseja carne, sacrifique-me de uma vez e pare de me
 torturar aos poucos."

Para os que se comportam de modo impróprio em relação
 às habilidades, o discurso tem aplicação.

Σφήκες καὶ πέρδικες καὶ γεωργός.

Σφήκες καὶ πέρδικες δίψῃ συνεχόμενοι πρὸς γεωργὸν ἦλθον παρ' αὐτοῦ αἰτοῦντες πιεῖν, ἐπαγγελλόμενοι ἀντὶ τοῦ ὕδατος ταύτην τὴν χάριν ἀποδώσειν· οἱ μὲν πέρδικες σκάπτειν τὰς ἀμπέλους, οἱ δὲ σφήκες κύκλῳ περιιόντες τοῖς κέντροις ἀποσοβεῖν τοὺς κλέπτας. Ὁ δὲ γεωργὸς ἔφη· « Ἄλλ' ἔμοιγέ εἰσι δύο βόες, οἳ μηδὲν ἐπαγγελλόμενοι πάντα ποιοῦσιν· ἀμεινον οὖν ἔστιν ἐκείνοις δοῦναι ἢ περ ὑμῖν. »

Ὁ μῦθος πρὸς ἄνδρα ἐξώλεις ὠφελεῖν μὲν ἐπαγγελλομένους, βλάπτοντας δὲ μεγάλα.

As vespas, as perdizes e o lavrador

Vespas e perdizes, premidas pela sede, vieram até um lavrador pedir-lhe de beber, prometendo compensá-lo, em troca da água, com este serviço: as perdizes lavrariam as videiras e as vespas fariam ronda para afugentar, com seus ferreões, os ladrões. Então o lavrador disse: "Só que eu aqui te nho dois bois que nada me prometem e me fazem tudo. Logo, é melhor dar para eles do que para vocês."

A fábula () para homens perniciosos que prometem ajudar, mas que atrapalham muito.

Τὰς θάϊνας φασὶ παρ' ἑνιαυτὸν ἀλλάττειν τὴν φύσιν καὶ ποτὲ μὲν ἄρρενας γίνεσθαι, ποτὲ δὲ θηλείας. Καὶ δὴ ποτε θαινα ἔρσην (πρὸς) θαιναν θήλειαν παρὰ φύσιν διετέθη. Ἡ δὲ ὑποτυχούσα ἔφη· « Ἄλλ', ὦ οὗτος, οὕτω ταῦτα πράττει ὡς ἐγγὺς τὰ αὐτὰ πεισόμενος. »

Τοῦτο εἰκότως εἶποι ἂν τις πρὸς τὸν ἤδη ἄρχοντα ὁ μετ' ἐκείνων μέλλων, εἰ πλημμελὲς τι πάσχοι.

As hienas

Dizem que as hienas de ano em ano mudam de natureza e ora se tornam machos, ora, fêmeas. E assim, certa vez uma hiena macho se comportou, com uma hiena fêmea, de modo contrário à sua natureza. Então ela, tomando a palavra, disse: " Ô meu caro, mas faça isso mesmo, que logo a tratamento idêntico você vai se sujeitar."

Isto pode dizer, com razão, em relação à que já está governando, uma pessoa que está para sucedê-la, caso recebesse, da parte dela, um desaforo.

Χαλκεύς και κυνάριον.

Χαλκεύς εἶχε κύνα, καὶ ὅτε μὲν ἐχάλκευεν, ὁ κύων ἐκοιμήτο· ὅτε δὲ ἤσθιεν, παρίστατο αὐτῷ. Ὁ δὲ ὁσοῦν βίψας αὐτῷ εἶπεν· « Ταλαίπωρε, ὑπνώδες, ὅταν μὲν τὸν ἄκμονα κρούω, ὑπνοῖς· ὅταν δὲ τοὺς ὀδόντας κινήσω, εὐθὺς ἐγείρη. »

[Ὅτι] τοὺς ὑπνώδεις καὶ ἀργούς καὶ ἐξ ἄλλοτρίων πόνων τρεφομένους ὁ μῦθος ἐλέγχει.

O ferreiro e o cachorrinho

Um ferreiro tinha um cão que ficava dormindo enquanto ele trabalhava, mas enquanto ele estava comendo, ficava ao seu lado. Então o ferreiro lançou-lhe um osso e disse: "Seu miserável, dorminhoco, quando eu estou batendo a bigorna, você dorme, mas quando estou mastigando, logo você acorda."

()|Que| os dorminhocos e preguiçosos que até do esforço alheio se alimentam a fábula censura.

Ψύλλα καὶ ἀθλητῆς.

Ψύλλα ποτε πηδήσασα ἐκάβισεν ἐπὶ ταρσοῦ ποδὸς ἀνδρὸς ἀθλητοῦ νοσοῦντος καὶ ἀλλομένη ἐνήκε δῆγμα. Ὁ δ' ἀκροχολήσας εὐτρεπίσας τοὺς ὀνυχας οἷός τε ἦν συνθλάσαι τὴν ψύλλαν. Ἡ δὲ ὑφ' ὀρμῆς φυσικὸν πηδῆμα λαβοῦσα ἀπέδρα τοῦ θανεῖν ἀπαλλαγείσα. Καὶ ὅς στενάξας εἶπεν· « ὦ Ἡράκλεις, ὅταν πρὸς ψύλλαν οὖτω (σὺμμαχῆς), πῶς ἐπὶ τοὺς ἀνταγωνιστὰς συνεργὸς ἔση; »

Ἄτάρ οὖν καὶ ἡμᾶς ὁ λόγος διδάσκει μὴ δεῖν ἐπὶ τα ἐλάχιστα καὶ ἀκίνδυνα πράγματα ἐπευθῆς τοὺς θεοὺς ἀνακαλεῖν, ἀλλ' ἐπὶ τὰς μείζους ἀνάγκας.

A pulga e o atleta

Certa vez, uma pulga deu um salto, pousou no dedo do pé de um atleta doente e, saltitante, aplicou-lhe uma mordida. Então ele se enfureceu e preparou as unhas, pronto para esmagar a pulga. Ela, porém, num impulso, deu um salto habitual e desapareceu, escapando da morte. Então ele deu um gemido e disse: "Ὁ Héracles, quando contra uma pulga você me assiste desse jeito, como é que vai colaborar contra os meus adversários?"

Pois bem. Portanto, o discurso nos ensina que não se deve invocar imediatamente os deuses nas tarefas insignificantes e sem riscos, mas só nas grandes precisões.

ANEXO I

Hesíodo, Os Trabalhos e os Dias

vv. 200-285

ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ 94

δέττων δ', αἰ κ' ἐθέλω, ποιήσασμαι ἤε μεθήσω.
 "Ἀφρων δ', δε κ' ἐβέλη πρὸς κρείσσονας ἀντιφρίζειν" 210
 νίκτης τε στέρεται, πρὸς τ' εἰσχεῖσι ἔλγεα πείσχει ἢ.
 "Ὡς ἔφατ' ἀκυπέτης Ἴρις, ταυνοσίτερος ἔρινος.
 "Ὡ Πέρση, σὺ δ' ἔκουε δίκης, μῆδ' ὕβριν ἔφελλε
 ὕβρις γάρ τε κακῆ δαυλῶ βροτῶ· οὐδὲ μὲν ἐσθλός,
 βηίδως φερέμεν δύναιται, βαρῦβει δέ θ' ὄπ' αὐτῆς 215
 ἐγκύρσας ἀέτησιν· ὀδὸς δ' ἐτέρηφι παραλθεῖν
 κρείσσων ἔς τὰ δίκαια· δίκη δ' ὄπερ ὕβριος ἴσχει
 ἔς τέλος ἐξελεῖσθαι· παθὼν δέ τε νήπιος ἔγνω.
 Αὐτίκα γάρ τρέχει Ὀρκος ἄμα σκολιῆσι δίκῃσιν·
 τῆς δὲ Δίκης ῥόθος ἐλκομένης ἢ κ' ἔνδρας ἄγῃσι
 δωροφάγοι, σκολιῆς δὲ Δίκης κρύψουσι θέμιστας·
 ἢ δ' ἔπειτα κλαίοντα πόλιν καὶ ἦβρα λαῶν
 [ἠέρα ἔσσαιμένη κατὸν ἀνθρώποισι φέρουσα]
 σὺ τε μιν ἐξελάσῃσι καὶ οὐκ ἰδέσθαι ἐνεύμιαν. 220
 Οἷ δὲ Δίκας ἔτινοισι καὶ ἐνδῆμοισι διδοῦσιν
 ἰθείας καὶ μὴ τι παρακαθαίνουσι δικαίου,
 τοῖσι τέθηλα πόλις, λαοὶ δ' ἀνθεύουσιν ἐν αὐτῇ·
 εἴρηγῃ δ' ἀνά γῆν κούροτρόφος, οὐδὲ ποτ' αὐτοῖς
 ἀργαλέον πόλεμον τεκμείραται ἐδρόσπα Ζεὺς·
 οὐδὲ ποτ' ἰθυδέκησι μετ' ἀνδράσι λιμὸς ὀπηδεῖ 225
 οὐδ' ἀάτη, θαλῆς δὲ μεμηλότα ἔργα νέμονται.
 τοῖσι φέροι μὲν γαῖα πολλὸν βίον, οὖρκοι δὲ δρόος
 ἔκρη μὲν τε φέροι βολάνους, μέσση δὲ μελίσσας
 εἰροτόκοι δ' οἷες μαλλοῖς καταθεβρίζουσι·
 τίκτουσιν δὲ γυναικας ἐκούκτα τέκνα γονεῦσι·
 θάλλουσιν δ' ἀγαθοὶσι διαμυτρές· οὐδ' ἐπι νηῶν 235

209 κ' ἐθέλω : κα θέλω || 210 κ' ἐβέλη (εἰς κα θέλη) : ἄμ' εἰς σου ἄμ' ||
 κρείσσονας (par. 4) : -να testis || 215 ἀόρης : ἀπόθ par. 4 || 216 ἀέτησιν
 Neuek (of. 35a) : ἀτ- || παραλθεῖν (par. 4 testis) : μεταλθεῖν (testis) || 223
 εὐκλείη || 230 ἰθυδέκησι : -οισι Tz || 231 ἀάτη Neuek : ἀτη ||
 θαλῆς : ἄτης || 233 ἀρη... μέσση (Plato testis) : ἀρη... μέσση || 235
 γονεῦσι (testis) : γονεῦσι.

ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ 95

οὐδὲ ἔτινος ἐπινοῶσα καὶ ἐταίρος ἐταίρῃ,
 οὐδὲ κωσῆγητος φίλος ἔσεται, ὡς τὸ πάρος περ·
 εἴψα δὲ γηράσκοντα ἀτιμῶσιναι τοκίφας
 μέμψονται δ' ἔρα τοὺς χαλεποὺς βέλωντας ἔπισσι,
 σφέτωλοι, οὐδὲ θεῶν ἔπιν εἰδότες· οὐδὲ κεν σὺ γε
 γηράσκουσι τοκεῦσιν ἀπὸ θρηπτήριας δοῖαν·
 [Χειροδύκται· ἔταρος δ' ἐτέρου πόλιν ἐξελεπιάξει.]
 οὐδὲ τις εὐθρόου χάρις ἔσεται οὔτε δικαίου
 οὐτ' ἀγαθοῦ, μέλλον δὲ κακῶν βεκτήρια καὶ ὕβριν
 ἀνέρα τιμήσουσι· δίκη δ' ἐν χερσὶ, καὶ αἰδώς
 οὐκ ἔσται· βλάψει δ' ὁ κακὸς τὸν ἀρεῖονα φάτω
 μύθοισιν σκολιῶς ἔνέπων, ἐπι δ' ἔρκον θμεῖται·
 ζῆλος δ' ἀνθρώποισιν διζυροῖσιν ἄπαισι
 δυσκέλευδος κακόχαρτος θμερτήσαι στυγερῶτης·
 Καὶ τότε θῆ πρὸς Ὀλυμπον ἀπὸ χθονὸς εὐρωδεῆτης
 λαυκόλοισιν φέρεσαι καλυψαμένα χρῶα καλῶν
 ἀθανάτων μετὰ φύλλον ἴκον προλιπόντ' ἀνθρώπους
 Αἰδώς καὶ Νέμεσις· τὰ δὲ λαΐψεται ἔλγεα λυγρὰ
 βνητοῖς ἀνθρώποισι· κακοῦ δ' οὐκ ἔσεται ἀλική.
 Νῦν δ' εἶνον βασιλευσὶ ἔρα φρονέουσι καὶ μῦτοισι.
 "Ὄδ' ἴρηξ προσέειπεν ἀηδόνα ποικιλόδειρον
 ὕψι μάλ' ἐν νεφέεσσι φέρον δούχεσαι μεμφορῶς·
 ἢ δ' ἔλεόν, γναμπίτοισι πεπαρμένη ἀμφ' δούχεσαι,
 μῦρτο· τῆν δ' ὕ' ἐπικρατέως πρὸς μύθον ἔειπεν·
 ε Δαιμονίη, τί λλήθηκας; ἔχει νῦ σὺ πολλὸν ἀρεῖων·
 τῆ δ' εἰς ἢ σ' ἦν ἐγὼ περ ἄγω καὶ δοῖδαν ἐδοῦσαν·

189 βέλωντας ἔπισσι (testis) : βέλωντ' ἔπεισι || 187 οὐδὲ θεῶν Αἰδῖαν :
 οὐτ' εἶνον || κεν Brunck : μὲν (testis) || 189 εσεί. Hagena || 190 οὐτα :
 οὐδὲ || 191 οὐτ' : οὐδ' testis || 198 φέροντα τίτλους quidam Acharman-
 nis : φέροντες (testis) || καλυψαμένα τίτλους : -νω (testis) || 199 ἔκον
 τίτλους : τῆν (testis) || 200 καὶ Νέμεσις : Εὐνομήη τε τίτλους || 201 βασι-
 λῶσιν οὐδὲ : ἄδων σὺν ἄδω || 205 τραπύτοισι : γνάτω· (sub.) || 206 τῆν
 Pappaniliot : τῆν δ'.

ANEXO I (cont.)

96 →

ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

γιγρύνει' ανθρώπων άδικών νόον, εφρ' άποταίση
 260 δημος άσεβασίας βασιλέων οφ' λυγρά νοούντες
 265 άλλη περιελίωσι δίκας σκολιδς ένέποντες.
 Ταυτα φυλασσόμενοι, βασιλίας, ιδύνετε μύθους,
 δωροφάγοι, σκολιδν δέ δικέων επί πάγχι λάθεσθε·
 270 οτ' γ' αυτῶ κακά τεύχει άνήρ άλλφ κακά τεύχων,
 ή δέ κακή βουλή τῶ βουλευόμενι κακίστη·
 πάντα ιδών Διδς θφβαλμῶς και πάντα νοήσας
 και νυ τად', ατ' κ' εθέλησ', επιδέρκεται, οδδε ε λήθει
 275 οην δή και τήνδε δίκην πόλις έντῶς έργει.
 Νυν δή έγῶ μήτ' αυτῶς έν ανθρώποισι δικαιοσ
 κτην μήτ' έμῶς υιδῶς· έπει κακῶν άνερα δικαιο
 έμμεναι, εί μελλῶ γε δίκην άδικώτερος έξει.
 'Αλλά τά γ' ούπω έολπα τελείν Δία μητιέντα.
 280 "Ω Πέροη, οδ δέ ταυτα μετά φρεσι βάλλω σφισι,
 και νυ δικης έπάκουε, βίης δ' έπιλήθεο πέμπαν.
 Τόνδε γάρ ανθρώποισι νόμον διάταξε Κρονίων,
 ίχθῶσι μὲν και θηροί και οίωνοίς πιετηνοίς
 285 έσθέμεν άλλήλους, έπει οδ δίκη έστι μετ' αυτοίς·
 ανθρώποισι δ' έδωκε δίκην, ή πολλῶν έρίστη
 γίνεται· εί γάρ τις κ' έβέλη τά δίκαι' άγορεύσαι
 γινώσκων, τῶ μὲν τ' άλλον διδοί εδρόσπια Ζεός·
 290 δε δέ κε μερτυρήσει εκῶν έπίτορκον όμῶσας
 ψεύσεται, έν δε δίκην βλάψας νήκστον άσθβή,
 τσο δέ τ' άμαυροτέρη γενεή μετόπισθε λέλειπται·
 295 άνδρῶς δ' εδρόσκου γενεή μετόπισθεν έμαίνων.
 260 αδικων : αδικον || άποταίση add. : -τιση || 261 βασιλέων : -λίων
 262 περιελίωσι (uel -ουσι Ττ) (pap.) : παρακαλ- || 263 βασιλίας :
 -λίς (-λῆς pap.) || μύθους : δίκας || 264 δικέων pap. : δικῶν || 265
 γ' αυτῶ Risch : τ' αυτῶν seu θ' αυτῶ (τ' om. Ττ testis) || 270 δὴ : δὴ ||
 278 μητιέντα (pap. scb.) : τεπικέρωνον || 278 έσθέμεν testis : έσθαι ||
 έστι μετ' αυτοίς pap. : pap. : testis (έστι μετ' αυτόν testis) : έστι
 έν αυτοίς (testis) uel έπ' αυτοίς Ττ testis || 280 άγορεύσαι (pap. γ) :
 -ρεύσαι (testis) || 282 μερτυρήσει : -εν || 283 άσθβή Schüfer : άσθβή ||
 284 μετόπισθε : κατωσπίσθη pap. || 285 μετόπισθεν : κατωσπίσθην pap. .

95

ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

νίσονται, καρπῶν δέ φέροι ζειδωρος έρουρα.
 260 Οτς δ' υβρις τε μίμηλα κακή και σχέτλια έργα,
 τούς δε δίκην Κρονίδης περιαιφέρεται εδρόσπια Ζεός·
 265 πολλάκι και ερύπτασα πόλις κακοσ άνδρῶς άπηύρα,
 δε τις άλιτραίην και άτάσθαλα μηχανάσται·
 τούσιν δ' ούρανῶθεν μέγ' έπήγαγε πήμα Κρονίων,
 λιμῶν όμοσ και λοιμών· άποφθινύθουσι δε λαοί,
 270 οδδε γυναίκες τίτουσιν, μιυύθουσι δε οίκαι
 Ζηνός φραδυσόμενι "Ολυμπίου· άλλοτε δ' αυτε
 ή τῶν γε στρατῶν εϋρόν άπόλασεν· ή δ γε τείχος
 275 ή νέας έν πόντη Κρονίδης άποστείνεται αυτῶν.
 "Ω βασιλίας, όμεις δε καταφράζεσθε και αυτῶι
 τήνδε δίκην· έγρῶς γάρ έν ανθρώποισιν ένόντες
 280 εθάνετοσι φράζονται όσοι σκολίφει δίκησιν
 άλλήλους τρῖβουσι θεῶν όπιν οδε άλλροντας.
 Τρις γάρ μύριοι είσιν επί χθονί πολυυδοτείρη
 285 εθάνετοσι Ζηνός φύλακες θνητῶν ανθρώπων·
 οτ' βα φυλάσσοσύν τε δίκας και σχέτλια έργα
 ήέρα έσπόμενοι, πάντη φοιτῶντας έπ' αταν,
 "Η δε τε παρθένος έστι Δίκη, Διδς έκρηγαυία,
 290 κωρή τ' αιδοίη τε θεοίς οτ' "Ολυμπον έγυσοι·
 και β' όπότ' έν τις μιν βλάπτει σκολιδς άνοτάζων,
 295 αυτίκα τῶρ Διι πατρι καθεζομένη Κρονίωνι

260 και : τοι Aeschines II 155 δὴ Aeschines III 135 || άπηύρα (testis):
 άποφαί (άποφαί Ττ) || 261 δε : τε άλιτραίην Götting (εξ αν άλιτραίην
 Aeschines II 158, III 155) : δε τις άλιτραίην || μηχανάσται (Aeschines
 II 156) : φητιάσται Aeschines III 135 || 263 μέγ' έπήγαγε πήμα : μέγ'
 έπίλασε πήμα Chryseippus apud Piatarchum μέγα πήμα (uel πήμα
 μέγα) όμοσ (uel όμοσ) Aeschines codd. pluralis || 264 sq. om. Aeschi-
 nis codd. pluralis et iam in Hesiodi codd. nonnullis desesse Proclo
 testis videtur || 267 Κρονίδης άποστείνεται αυτῶν : άποστίν(γ)εται εδρό-
 σπια Ζός Aeschines || άποστίνεται add. : -τίσ(γ)εται (testis) || αυτῶν :
 αυτοίς D. port. corr. || 268 βασιλίας Risch (-λίς G ante corr.): -λίς ||
 καταφράζομαι : -φράζ(ε)σθε testis || 250 φράζονται : λέουσσοσιν Ττ ||
 258 τῶς : τρις pap. || ρόμοι : χλιες pap. || 259 εθίνετοσι Ζηνός
 (pap.) : έθίμωτος εθίνετοσι testis || 258 τε : γε Piatarchus || 257 κωρή:
 κωρή testis.

ANEXO II

Homero, Odisseia, vv. 462-512

193

Ξ ΟΥΣΣΕΙΑ ΧΙΥ

193 ἄλλοι πάντες χλαίνας ἔχον ἡδὲ χιτῶνας,
 194 εὐδον δ' εὐκηλοὶ, σάκεσσι εὐλυμένοι δῆμους
 195 εὐτόρ' ἔγδ' χλαίταν μὲν ἰὼν ἐτάροισιν ἔλειπον
 196 ἀφροδίησ', ἐπεί οὐδε ἐφέμην βιωσόμεν ἔμπτῃς,
 197 ἀλλ' ἐπόμην σάκος οἷον ἔχων καὶ ζῶμα φαεινόν.
 198 ἀλλ' ὅτε δὴ τρίχα νυκτὸς ἔην, μετὰ δ' ἄστρα βεβήκα,
 199 καὶ τότε' ἔγδ' Ὀδυσθα προσηύδαυ ἔγγυς ἔδοντα
 200 ἀγκῶνι νόξας δ' δ' ἄρ' ἐμμιπέως ὀπίκουσε·
 201 — Διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ,
 202 οὐ τοι ἔτι ζωοῖσι μετέσομαι, ἀλλὰ με χεῖμα
 203 δάμναται· οὐ γὰρ ἔχω χλαίταν. παρά μ' ἤταφε δαίμων
 204 οἰοχίτων' ἔμμεναι· νῦν δ' οὐδέτι φουτὰ πέλονται.
 205 — Ὡς ἐφέμην· δ' δ' ἔπειτα νόον σκέθε τόνοδ' ἐνὶ θυμῷ, ἄρ' οἶος
 206 κείνος ἔην βουλευόμεν ἡδὲ μάχεσθαι·
 207 φθιγγόμενος δ' ἄλιγ' ἔπι με πρὸς μῦθον ἔειπε·
 208 — Σίγα νῦν, μή τίς σου Ἀχαιῶν ἄλλος ἀκούσῃ.
 209 — Ἢ καὶ ἐπ' ἀγκῶνος κεφαλῇν σκέθε εἰπέ τε μῦθον· ἄρ' οἶος
 210 — Λίην γὰρ νῆδ' ἐκὰς ἤλαθον· ἀλλὰ τί(ν') εἴην;
 211 εἴπειν Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι, ποιμένι λαῶν,
 212 εἰ πτόνοας παρὰ ναοφιν ἐπιτρόνευα νέεσθαι.
 213 — Ὡς ἔφατ'· ὄρτο δ' ἔπειτα Θόας, Ἀνδραίμονος υἱός,
 214 καρπαλίμως, ἐπὶ δὲ χλαίταν θέτο φοινικέσσων, ὅσ' οἶος

495 εἰδὸς φῶσαι· οἶός μοι ἐνύπνιον ἦλθεν ὄνειρος
 496 — 498 Eustath.
 497 Dazma. — 495 Schol.: ἀπαίτια ὡς ἐκ τῆς Ἰλιάδος μετανηγημέναι... τῆς
 498 φασὶν εἶδος ἠγωνίας τὸ ἶσος τοῦ Πηλεΐδου, ὅτι ἶσος ἴσῃν εὐτόρ' ἐπὶ τοῦ γὰρ
 499 ἀφροδίτῃ, διὰ τοῦτο περιλάμβανεν τὸν στίχον cf. Schol. B 56.
 500 Var. — 478 ἄλλοι μὲν || 481 Schol.: ἀφροδίτῃς γρ. ἀφροδίτῃ || 485 ἀπόρρητος
 501 cf. X 163 || 482-489 Schol.: Καλλίστατος παρὰ μ' ἦλασται... ἴσεται || 490 γρ.
 502 σκέτο εἰ δ. 309 β 126 || 491 Eustath.: γρ. οἶος ἰσάτωρ ἔην πτόνοας ἴσῃν τε
 503 ἴσος τε εἰ β 372 || 494 στίχ. 6 ἴσος || 495 εἰδὸς — ἐνύπνιος || 500 ἴσος : βλά.
 504 Corr. — 498 Bernard : τὸ εἰδος γὰρ εἰνε σενσε τῆς Ἰλιάδος Agat || 498 νέεσθαι
 505 νεόεσθαι verbum hic non aptum videtur; fortassis error scribae ΕΠΙ-
 506 ΤΡΥΦΝΕΝΙΚΕΣΘΑΙ = ἰσάσθαι.
 507 F. — 479 Πεφύμενοι || 484 στίχ. X : σκέτο γὰρ.

192

Ξ ΟΥΣΣΕΙΑ ΧΙΥ

192 Ἀσπὴρ ἔπει τάσιος καὶ ἐδῆτύος δὲ ἔρον ἔντο,
 193 ἔστων μὲν σφιν ἀφείλα Μισαύλιος· οἱ δ' ἐπὶ κοίτων,
 194 οἴστω καὶ κραιῶν κεκορημένοι, ἐσσεύοντο·
 195 νόξ δ' ἄρ' ἐπιήθε κακῇ, σκοπομήνιος· θε δ' ἄρα Ζεὸς
 196 πᾶνυχος εὐτόρ' ἔη Ζέφυρος μέγας, αἰὲν ἐφύρορ.
 197 Τότε' Ὀδυσσεὺς μετέειπε, σὺδῶταο περὶ τριζῶν
 198 εἰ πως εἰ ἐκείθε χλαίταν πόροι ἢ τιν' ἔταρῶν
 199 ἄλλων ἐπιτρόνευεν, ἐπεί ἐο κήδετο λίην·
 200 ΔΔΥ. — Κέλευθι νῦν, Εἰθμαε, καὶ ἄλλοι πάντες ἔταρροι
 201 εὐξέμενός τε ἔπος ἔρει· οἶνος γὰρ ἀνάγει
 202 [ἡλῶς, ὅς τ' ἐφέμης πολυφρονά περ μάλ' ἀείσαι
 203 καὶ θ' ἐπιπλῶν γαλάσαι, καὶ τ' ἐρχήσασθαι ἀνίηαι,
 204 καὶ τὸ ἔπος ἠρόηκεν, β πέρ τ' ἄρρητον ἔμεινον.
 205 ΔΔΥ' ἔπει οὐδ' τὸ πρῶτον ἀνέτραγον, οὐδε ἐπιπέουσ' εἴη,
 206 εἰθ' ὅς ἠβῶμι βίη τέ μοι ἔμπεδος εἴη,
 207 ὡς ὅθ' ὀπὸ Τροίην λόχον ἤγομεν ἄρτόνυκας·
 208 ἠγείσθη δ' Ὀδυσσεὺς τε καὶ Ἀτρεΐδης Μενέλαος·
 209 τοῖσι δ' ἄμα τρίτος ἤρχον ἔγδ'· αὐτοὶ γὰρ ἄνωγον,
 210 ἡμῆς μὲν προτὶ ἄστυ κατὰ βωπήμα πυκνά,
 211 ἐν δόνακας καὶ ἔλας, ὀπὸ τεύχεσι πεπηθῆτες
 212 κειμαθα· νόξ δ' ἄρ' ἐπιήθε κακῇ Βορέας πασόντος,
 213 πηγυλῆς· εὐτόρ' ἔπερθε χιδῶν γένετ' ἤρτε πάχην
 214 ψυχρή, καὶ σπᾶεσσι περιτρέφετο κρύσταλλος.

478 ἀλλ' ὅτι δὴ β' ἰσάσθαι τοῖσι πτόνοας εἰπὶ τὸ νύχτος cf. Z 307 A 18:
 479 Om. — 487 post 485 pos. H corrux. II || 469 P || 478 (1).
 480 Dazma. — 455-458 Duentzer Nauck || 457-584 Reichert La Roche || 487-533
 484 Benninge || 482-506 Nietzsche || 464-467 Bernard cf. Jabrot.
 485 Var. — 485 κείτων || 486 καὶ κορημένοι Apollon. Lez. || 487 νόξ γὰρ — γρ.
 488 ἀπόρρητος Eustath. || 488 τοῖς M : τοῖς δ' εἰσῆται || 481 γρ. κήδετο βουλήν γρ.
 489 163 μέλιντα || 484 παρ χαλεπήναι E. Magn. || 485 ἀνάρα ταῖσιν || 496 Schol.:
 497 ἀφροδίτῃς οἶος αἰ Ἀφροδίτῃς δ' οἰ Ἀφροδίτῃς παρῆται, δ καὶ ἔμεινον ||
 498 Τροίην cf. 474 || 478 ἠγείσθη || 478 παρὰ τοῖσι καὶ ἄστυ || 474 Schol. I τὸ
 499 κεν γρ., οὐ πτόνοας || 478 εὐτόρ' ἔπειτα || 477 ψυχρὴ γὰρ || 477 ἠγείσθη Vind. B.
 500 Corr. — 478 ἄρ' ἔπειτα Agat — ἄλιγ' (1) Naber || 477 ἠγείσθη Naber.
 501 F. — 488 οἶος καὶ οἶος Apollon. Lez. || 488 τοῖσι ἔπει DLWZ Eustath. —
 502 ἴσος τ' D || 496 τοῖσι ἔπει LW — ἴσος P || 478 προπύργον P.

ANEXO II (cont.)

βη δὲ θέλαν ἐπι νηας ἔγθ δ' ἐνι αἴματι κείνου
 κείμην ἀπασιώς· φάε δὲ χρυσόθρονος Ἥρας.
 Τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφηρι, Εἰδμεα σὺδ' αὖτε·
 ΕΥΜ. — Ὡ γέρον, αἶνος μὲν τοι ἀμόμων, δὲν κατέλεξας.
 [ὁδδὲ τί ποτ παρὰ μοῖραν ἔπος νηκερδὲς ἔειπες.]
 τῷ οὐτ' ἐσθθητος θαυησκα οὐτά τευ ἄλλου,
 θὲν ἐπέσιχ' ἱετέην ταλασπείριον ἀντίλαοντα
 νόον· ἀτὰρ ἡδ' ἄβέν γε τὰ σά βάρκα δνοπαλίξαις.
 οὐ γὰρ πολλὰι χλαῖναι ἐπημοῖδοι τε χιτῶνες
 ἐνθάδε ἐκνυσθαι, μία δ' οἷη φῶτι ἀκέστωφ.
 Ὡς εἰπόν ἀνόρουσε, τίθει δ' ἄρα οἱ πυρὸς ἔγρῶς
 εὐνήν, ἐν δ' ἔλιον τε καὶ αἰγῶν δέρματ' ἔβαλλον.
 ἔνθ' Ὀδυσσεὺς κατέλακτ'· ἐπι δὲ χλαῖναν βάλαν αὐτῷ
 πυκνήν καὶ μεγέλην, ἧ οἱ παρεκόκετ' ἀμοιβάς,
 ἐκνυσθαι δτε τις χειμῶν ἐκπαγλος ἔβροτο.
 Ὡς δ' μὲν ἐνθ' Ὀδυσσεὺς κοιμήσατο· τοὶ δὲ παρ' αὐτῶν
 ἔνοδρος κοιμήσαντο νηγῖναι· οὐ δὲ σὺδ' αἴτη]

509 δὲ νῦν ἡβόοιμι βῆη τὴ μοι ἔμπροσ ἐῖη·
 οὐκ ἂν τις χλαῖναν ἐπὶ σταθμοῖσι σφωροδῶν,
 ἀμφοτέρων, φιλότητι καὶ αἰδοῖ φροτὸς ἤθος.
 νῦν δὲ μ' ἀπαμείβουσι κατὰ χροῖ εἰματ' ἔχοντα
 515 εὐνὴν ἐπὶ τὴν Πόλησιν Ὀδυσσεὺς πρὸς υἱός,
 εὐπὸς τοῖ χλαῖνας τε χιτῶνάς τε εἴματα δάσσι,
 τίμαται δ' ἔστη σι κροδίη θυμῶς τε κλοῦσαι
 == 418 cf. H 187
 cf. ψ 95 vs 156
 == e 337
 338
 339

Opt. — 509 U add. Ὡ' | 515-517 complete.
 Duxan. — 509-506 Blass cf. Schol. ; (ἀτὰρ Ἀρίστηρχος) καὶ δ' Ἀθηναῖος
 κροδίτην ἀφανίζουσι γὰρ τὸ χροῖον κ.τ.λ. cf. Schol. 508 | 509 Nitzsch | 509
 Flak ob digamma neglectam.
 Digza. — 509-506 obelium X (U) Q | 504-506 anelium M Q (M').
 Var. — 504 δὲ νῦν ; δ' ἴναν | 508 ἔνοδος cf. γ 101 | 515 ἔνοα | 519 αἰγῶν τε
 καὶ αἰγῶν | 521 καλοῦσιν· παρ' ἑαυτῶν· καὶ παρ' ἑαυτῶν, Schol. ; ἐν τῶν δὲ τῶν μ...
 ἔνοδος δὲ· οὐ γὰρ ἡ χλαῖνα παρ' ἑαυτῶν τὰς ἀμοιβάς, ἀλλ' αὐτῆς κροδίτην κ.τ.λ.
 Corr. — 518 γε τὰν P. Kaiῖγαί.
 F. — 504 ἐκνυσθαι P | 508 μοῖραν ἔπος digam. neglect. in versu interrup-
 tivo | 518 τὸ σά... σάσσι | 515 ἐν τε ἐπὶ Bentley | 516 ἴνα δ' D | 518 εἴματα
 ἔνοα L W | 508 ἀνοδος Nitzsch Aristophanes.

Και τότε ἄλλο σφι δδε συμπέπτακε γίνεσθαι, τὸ Πέρσας
 μὲν αὐτοὺς λήληθε, ἡμέας μὲντοι οὐ· τὰ οὐνόματά σφι
 ἰόντα ὁμοία τοῖσι σώμασι· καὶ τῇ μεγαλοπρατικῇ τελευτῶσι
 πάντα ἐς ταῦτὸ γράμμα, τὸ Δωριῆς μὲν σὺν καλέουσι,
 Ἴωνες δὲ σίγμα. Ἐς τοῦτο διζήμενος ἐρήσεις τελευτῶντα
 τῶν Περσῶν τὰ οὐνόματα, οὐ τὰ μὲν, τὰ δὲ οὐ, ἀλλὰ
 πάντα ὁμοίως.

Ταῦτα μὲν ἀτρακέως ἔχω περὶ αὐτῶν εἰδὼς εἰπεῖν.
 Τὰδε μὲντοι ὡς κρυπτόμενα λέγεται καὶ οὐ σαφηνέως περὶ
 τοῦ ἀποθανόντος, ὡς οὐ πρότερον θάπτεται ἀνδρὸς Πέρσας
 ὃ νέκυσ πρὶν ἂν ὄπ' ἔρηνος ἢ κυνὸς ἔλκουσθῃ. Μάγους μὲν
 γὰρ ἀτρακέως οἶδα ταῦτα ποιῶντας· ἐμφανέως γὰρ δὴ
 ποιεῖσιν. Κατακηρώσαντες δὲ δὴ τὸν νέκυν Πέρσαι γῆ
 κρόπτουσι. Μάγοι δὲ καχωρίζονται πολλῶν τῶν τε ἄλλων
 ἀνθρώπων καὶ τῶν ἐν Αἰγύπτῳ ἱερέων· οἱ μὲν γὰρ ἀγνεύουσι
 ἔμφυχον μηδὲν κτείνειν, εἰ μὴ δσα θόουσι· οἱ δὲ δὴ μάγοι
 αὐτοχειρῆ πάντα πλὴν κυνὸς καὶ ἀνθρώπου κτείνουσι, καὶ
 ἀγνίσμα μέγα τοῦτο ποιεῖνται, κτείνοντες ὁμοίως μύρ-
 μηκῆς τε καὶ βφίς καὶ τῆλλα ἔρπετά καὶ πατεινά. Καὶ
 ἀμφὶ μὲν τῷ νόμῳ τοῦτῳ ἔχεται ὡς καὶ ἀρχὴν ἐνομισθῆ·
 ἐνεῖμι δὲ ἐπὶ τὸν πρότερον λόγον.

Ἴωνες δὲ καὶ Αἰολῆες, ὡς οἱ Λυδοὶ τάχιστα καταστρά-
 φασε ὑπὸ Περσῶν, ἐπαμπον ἀγγέλους ἐς Σάρδις ἵπαρα
 Κύρον, ἐθέλοντας ἐπὶ τοῖσι αὐτοῖσι εἶναι τοῖσι καὶ Κροίσῳ
 ἦσαν κατήκοι. Ὁ δὲ ἀκούσας αὐτῶν τὰ προείχοντο Διεξέ-

139 δ τοῖσι σώμασι ABP : τοῖσι καὶ σώμασι C || 5 ἐς τοῦτο... ἐς
 (δ. 140 l. 3) om. DRSV.

140 δ-4 θέσεται ἀνδρὸς Πέρσας (-ων C) ὃ νέκυσ ABCP : δὲ παρ'
 αὐτῶν θέσεται νέκυσ DRSV || 4 ἔλκωσθῃ DRSV : -θήσθαι ABCP ||
 μάγους μὲν εἰ sequantia τῶνος ad ἀμνησσεῖν (ο. 177 l. 5) om.
 DRSV, nisi haec tantummodo leguntur : ταῦτα μὲν νῦν οὕτως τελείως
 || 5 ταῦτα π. ABP : π. ταῦτα C || κτείνοντας : -όντας codd. || 6
 κτείνει ABP : -ίοντι C || βι βίαιη : δι codd. || 12 βφίς : -ίς codd.

141 1-2 καταστράφασε A² : -στράφασε A¹BP -στράφασε C || 4 αὐτῶν
 C : -ων ABP || προείχοντο E : -έχοντο P προείχοντο ABC.

σφι λόγον, ἀνδρα φὰς ἀδλητὴν ἰδόντα ἰχθὺς ἐν τῇ θαλάσῃ
 ἀλέειν, δοκούντ᾽ ὄψεας ἐξελεύσεσθαι ἐς γῆν. Ὡς δὲ ψευ-
 σθῆναι τῆς ἐλπιδος, λαβεῖν ἀμφιβληστρον καὶ περιβαλεῖν
 τε πλῆθος πολλῶν τῶν ἰχθύων καὶ ἐξεκρύσαι, ἰδόντα δὲ
 παλλομένους εἰπεῖν ἄρα αὐτῶν πρὸς τοὺς ἰχθὺς· « Πάυσθε
 μοι ὀρχόμενοι, ἐπεὶ οὐδ' ἔμμο ἀλλέοντος ἠθέλατε ἐκβαίνειν
 [ὀρχόμενοι]. » Κύρος μὲν τοῦτον τὸν λόγον τοῖσι Ἴωσι καὶ
 τοῖσι Αἰολαῖσι τῶνδε εἵνεκα ἔλαξε, ὅτι δὴ οἱ Ἴωνες πρό-
 τερον αὐτοῦ Κύρου δεηθέντος δι' ἀγγέλων ἀπίστασθαι
 ὄψεας ἀπὸ Κροίσου ὄρκ ἐπαίθοντο, τότε δὲ καταργασμένων
 τῶν πρηγμάτων ἦσαν ἔτοιμοι παῖσθαι Κύρῳ. Ὁ μὲν δὴ
 ὀργῇ ἐχόμενος ἔλαξέ σφι τὰδε. Ἴωνες δὲ ὡς ἤκουσαν
 τούτων ἀνενοιχθέντων ἐς τὰς πόλεις, τείχεά τε περιεβά-
 λοντο ἕκαστοι καὶ συναλέγοντο ἐς Γιανιώνιον οἱ ἄλλοι πλὴν
 Μιλησίων· πρὸς μούους γὰρ τούτους ἔρκιον Κύρος ἐποίη-
 σατο ἐπ' οἷσι περὶ ὁ Λυδός· τοῖσι δὲ λοιποῖσι [Ἴωσι] ἔδοξε
 κοινῶ· λόγῳ πέμπειν ἀγγέλους ἐς Σπάρτην δεησομένους
 Ἴωσι τιμαρτέειν.

Οἱ δὲ Ἴωνες οὕτοι, τῶν καὶ τὸ Γιανιώνιον ἔστι, τοῦ μὲν
 οὐρανοῦ καὶ τῶν ἀράων ἐν τῷ καλλιστῷ ἐτόγγανον ἰδρυσά-
 μενοι πόλεις πάντων ἀνθρώπων τῶν ἡμεῖς ἴδμεν· οὕτε γὰρ
 τὰ ἄνω αὐτῆς χωρία τῶντο ποιεῖ τῇ Ἴωνίῃ οὕτε τὰ κάτω,
 οὕτε τὰ πρὸς τὴν ἡδ οὕτε τὰ πρὸς τὴν ἐσπέρην, τὰ μὲν

141 γ τῆς ἐλπιδος ABCP : τῶν ἐλπίδων E || 8 ἐξεκρύσαι ABCP :
 -κρύσαι E || 9 παύσθε AB²ECP : -σθαι B¹ || 11 [ὀρχόμενοι] seclasi ||
 τοῖσι ABCP : τοῖσιν E || 12 οἱ om. E || 13 δι' ἀγγέλων ABC : δι' ἀγγέ-
 λου P om. E || 17 ἀνενοιχθέντων codd. pl. : ἀνενοιχθ- B¹ || πόλεις : -ας
 codd. || 17-18 περιεβάλλοντο codd. pl. : -βάλλοντο P || 20 [Ἴωσι] seclasi.

142 2 ἄρτων ABC : οὐρ- P || 3 πόλεις : -ας codd. || 4 ποίει ABP :
 -ειν C || 5 οὕτε τὰ πρὸς τὴν ἡδ... ἐσπέρην Stein Fritsch Hude alii
 secludunt. Si vero sicere velis omnia quae inutilia sunt vel ultra
 veritatem procedant, non illa verba tantummodo sed totam orationem
 inde abe οὕτε γὰρ (l. 3) usque ad αὐχμαῖος (l. 7) eicias oportet ;
 sunt enim infra et supra Ioniam, i. e. meridiem versus et septem-
 trionem, multas regiones quae neque frigore nimisne pluviae neque
 solis aestu vel siccitate laborant. Locum in'actum reliqui.

ANEXO IV

Herodoto, História, VI, 86

92 ΕΡΑΤΟ VI 87

βούλεσθε αὐτοί· καὶ γὰρ ἀποδιδόντες ποιεῖτε δῶκα καὶ μὴ ἀποδιδόντες τὰ ἐναντία τούτων· ὅκοιόν μέντοι τι ἐν τῇ Σπάρτῃ συννηαίβη γενέσθαι περὶ παρακαταθήκης, βούλομαι ὁμῖν εἶπαι. Λέγονται ἡμεῖς οἱ Σπαρτιῆται γενέσθαι ἐν τῇ Λακεδαιμονίᾳ κατὰ τρίτην γενεὴν τῆν ἀπ' ἑμέο Γλαοκὸν Ἐπιπέδεος παῖδα. Τοῦτον τὸν ἀνδρα φημὲν τὰ τε ἄλλα πάντα περιήκων τὰ πρῶτα καὶ δὴ καὶ ἀκούειν ἔριστα δικαιοσύνης περὶ πάντων ὅσοι τὴν Λακεδαιμονίαν τοῦτον τὸν χρόνον ὄκκων. Συνενειχθῆναι δὲ οἱ ἐν χρόνῳ ἰκνεομένοι τὰδε λέγομεν· ἔνδρα Μιλήσιον ἀπικόμενον ἐς Σπάρτην βούλεσθαι οἱ ἄλλων ἐς λόγους, προϊσχυόμενον τοιῶδε· εἰ μὲν Μιλῆσιος, ἦκα δὲ τῆς σφῆς, Γλαοκῆ, δικαιοσύνης βουλέμενος ἀπολαύσαι. Ὡς γὰρ δὴ ἀνὰ πῖθον μὲν τὴν ἄλλην εἰ λόγος πολλός, ἀμικνωτὸς λόγους εἰδίδουν καὶ δεῖ ἐπιτινδυνός εἰστι εἰεῖ κατὰ ἡ ἰωνίη, ἡ δὲ Πελοπόννησος ἀσφαλῆως εἰσρυμένη, καὶ διότι χρήματα οὐδαμὰ τοὺς αὐτοὺς ἔστι ὄραν εἶχοντας. Ταῦτά τε ὧν ἐπιλεγόμενον καὶ βουλευόμενον εἶδοξέ μ' εἰ μοι τὰ ἡμίση πάσης τῆς οὐσίης ἐξαργυρόσαντα θῆσθαι εἰ παρὰ σέ, εἰ ἐξπιστοσάμενον ὡς μοι καίμενα ἔσται παρὰ σοὶ εἰ σέ. Σὺ δὲ ἡ μοι καὶ τὰ χρήματα ὀξέσαι καὶ τὰδε τὰ σύμβολα

86 8 ποιῆτε... ἀποδιδόντες om. RSV || 9 μέντοι codd. pl. : μὲν C || 10 συννηαίβη codd. pl. : -νέβη SV || παρακαταθήκης ABCP : παραβ- BDRSV Stob. Flor. XXVII 14 || 11 εἶπαι codd. (εἶπα C) : εἶπαι Stob. || 12 τῇ om. Stob. || γενεὴν codd. pl. : -γενὴν V || 14 alt. καὶ om. RV Stob. || 15 περὶ ABPD'S : περὶ GDIRV || τὴν Λακεδαιμονίαν codd. : περὶ Λακεδαιμονίας Stob. || 16 συνενειχθῆναι codd. pl. : -χθῆναι AB Stob. || ἐν om. Stob. || ἰκνεομένοι : ἰκνω- BDRSV ἰκνω- ABC || 17 λέγομεν codd. pl. : -γόμμενα C || Μιλῆσιον codd. pl. : Μιλῆ- Di || 18 οἱ om. ABC || 19-20 δικαιοσύνης βουλευόμενος PDRSV Stob. : βουλ. δὲ. ABC || 21 καὶ om. C || 22 αἰεὶ CPS : αἰεὶ codd. || ἀσφαλῆως codd. pl. : -ας R || 24 διότι codd. pl. : δεῖ SV || 26 πάσης om. Stob. || κατὰς τῆς οὐσίης ἐξεργ. codd. pl. : ἔξεργ. κ. τῆς οὐσίης D || 27 εἰ DRVS Stob. : εἰ ABC || ἐξπιστοσάμενον ABCP : ἐπιστ- DRSV || κίματα ἔσται ABCP : ἔσται κ. DRSV || 28 εἶσα codd. pl. : εἶσα CPS || θῆ codd. pl. : θῆ SV || μοι om. DRSV || τὰδε τὰ ABCP : τὰδε DRSV.

93 ΕΡΑΤΟ VI 84

Κλαομένης λέγουσι· ἔμοι δὲ δοκεῖαι τίσιν ταύτην δὲ Κλαομένης Δημητρίῳ εἰσεῖλαι. Τελευτήσαντες δὲ Κλαομένηας ὡς ἐπύθοντο Αἰγυπτίαι, ἔπειθον ἐς Σπάρτην ἀγγέλους καταθεσομένους Αετυχιῶσα περὶ τῶν ἐν Ἀθήνῃσι ὁμήρων ἔχομένων. Λακεδαιμόνιοι δὲ δικαστήριον συναγαγόντες ἔγνωσαν περιουδρίσθαι Αἰγυπτίας ὑπὸ Αετυχιῶσα, καὶ μὴ κατέκριναν ἔκδοτον δὲ ἔγχεσθαι ἐς Αἴγυπτον ἀντὶ τῶν ἐν Ἀθήνῃσι ἔχομένων ἀνδρῶν. Μαλλόντων δὲ ἄγειν τῶν Αἰγυπτίων τὸν Αετυχιῶσα, εἰπέ σφι Θεοσίδης δὲ Λεωπρίσκος, ἔδωκεν ἐν Σπάρτῃ ἀνὴρ δόκιμος· εἰ τὶ βουλεύεσθε ποιεῖν, ἔνδρας Αἰγυπτίαι; τὸν βασιλέα τῶν Σπάρτηντων ἔκδοτον γενόμενον ὑπὸ τῶν πολυπύλων ἄγειν; Εἰ νόον ὀρθῶν χρησόμενοι ἔγνωσαν οὕτω Σπαρτιῆται, ὅπως ἐξ ὑστέρης μὴ τι ὁμῖν, ἦν ταῦτα ποιήσεται, παυώλεθρον κακὸν ἐς τὴν χάριν ἐσθάλωσι. Ταῦτα ἀκούσαντες οἱ Αἰγυπτίαι ἔσχοντο τῆς ἀγωγῆς, ὁμολογῆναι δὲ ἐχρήσαντο τοιῶδε, ἐπιστάμενον Αετυχιῶσα εἰς Ἀθήνας ἀποδοῦναι Αἰγυπτίαι τοὺς ἀνδρας. Ὡς δὲ ἔπειθ' ἀπικόμενος Αετυχιῶσος ἐς τὰς Ἀθήνας ἀπαίτεται τὴν παρακαταθήκην, οἱ Ἀθηναῖοι προφάσις εἶλοντο εἰ βουλόμενοι ἀποδοῦναι, φάντες δύο σφίτας κόντας βασιλέας παραθεῖσθαι καὶ εἰ δικαιοῦν τῷ ἑτέρῳ ἔκτου τοῦ ἑτέρου ἀποδιδόναι.

Ὁ δὲ φημὲνον δὲ ἀποδοῦσαι τῶν Ἀθηναίων Εὐαξά σφι δὲ Αετυχιῶσος τὰδε· εἰ Ὡ Ἀθηναῖοι, ποιῆσατε μὲν ἐκότερα 84 17 δὲ om. C || ὁ om. DRSV || 18 ἐκτεῖσαι : -τεῖσαι codd. 85 5 κατέκριναν ABCP'S : -κριναν DRV || 8 Θεοσίδης codd. pl. : -σίδης B' -σίης C || ἐν τῇ P || 9-10 ἀνὴρ δόκιμος DRSV : δόκ. ἐν. ABCP || 9 βουλεύεσθε codd. pl. (-εῖσαι B) : βουλεύεσθε CP || ποιεῖν ABCP : ποιήσεται DRSV || κ., ἀνδρας Αἴγ. ABCP : ὡ ἀνδρας Αἴγ., κ. DESV || εἰ χρησόμενοι codd. pl. : χρεῖ- P || 12 ὅπως ABCP : τὴν ἔκτου DRSV || 13 ποιήσεται DRSV : πρόσσει ABCP || παραθεῖσθαι codd. pl. : παρα- SV || ἐσθάλωσι PDR : ἑμ- AB ἐκ- GSV || 15 ἐπιστάμενον codd. pl. : -μνοσι C. 86 3 Αετυχιῶσος ABCP : δ Α. DRSV || 3-8 παρακαταθήκην ABCP : παραβ- BDRSV || 8 οἱ Ἀθηναῖοι PDRSV : οἱ δ' Αἴ. ABC || ἀπαίτεται : -τεῖσαι codd. || 5 δικαιοῦν ABCP : δίκαιοι DRSV.

ANEXO IV (cont.)

VI 86

ΕΡΑΤΟ

94

συμμέριμνος δὲ ἀνὰ γενεὴν καὶ οἶκον ἀπαντα·
ἀνδρὸς δ' ἐπόρου γενεῆ μετόπισθεν ἑμείνων. »

Ταῦτα ἀκούσας ὁ Γλαῦκος συγγνώμην τὸν θεὸν παραϊτέτο
αὐτῷ ἵσχειν τῶν βηθέντων· ἢ δὲ Γιούβη ἔφη τὸ πεφρηθῆναι ὅς
τοῦ θεοῦ καὶ τὸ ποιῆσαι ἴσον δύνασθαι. Γλαῦκος μὲν δὴ ἢ
μεταπεψήμενος τοὺς Μιλησίους ἑξέινους ἀπεδίδοι σφι τὰ
χρήματα. Τοῦ δὲ εἰνκα ὁ λόγος ὅδε, ὁ Ἄθηναιοι, ὀρθήθη
λέγεσθαι ἐς ὕμεις, εἰρήσεται· Γλαῦκου γὰρ οὐτε τι ἀπό-
γονον ἔσται οὐδὲν οὐτ' ἰσότη οὐδέμια νομιζομένη εἶναι ὅς
Γλαῦκου, ἐκτέρανται τα προέρριζος ἐκ Σπέρτης. Οὕτω
ἔφαθον μὴδὲ διανοέσθαι περὶ παρακαταθήκης ἕλλο γε ἢ
ἀπαιτούντων ἐποδιδόναι. »

Λευτυχίδης μὲν εἶπας ταῦτα, ὅς οἱ οὐδὲ οὕτω ἐσήκουον ὅς
οἱ Ἄθηναιοι, ἀπαλλάσσο· οἱ δὲ Αἰγυψίται, πρὶν τῶν
πρότερον ἀεικημάτων δοῦναι δίκας τῶν ἐς Ἄθηναιούς
ἕδρισαν Θεβαίταισι χαρίζεμενοι, ἐποίησαν τοιόνδε. Μεμφό-
μενοι τοῖσι Ἄθηναιοσι καὶ ἀξιοῦντες ἀδικέσθαι, ὅς τιμο-
ρησόμενοι τοὺς Ἄθηναιούς παρεσκηνάζοντο· καί, ἦν γὰρ δὴ
τοῖσι Ἄθηναιοσι πεντατηρίς ἐπὶ Σουλῷ, λοχίσαντες δὲν
τὴν θεωρίδα νέει εἶλον πλήρη ἀνδρῶν τῶν πρώτων Ἄθην-
αίων, λαθόντες δὲ τοὺς ἀνδρας ἔδησαν.

Ἄθηναιοι δὲ παθόντες ταῦτα πρὸς Αἰγυπτέων οὐκέτι ὅς

86 52 δλ. γιν. codd. : γιν. ὀλ. Stob. XXVIII 15 H. || ὄλησθ PDR :
-σι ABCS V ino. || 53 μετόπισθεν ABCP Stob. XXVIII 15 H. : κατ-
DRSV Stob. XXVII 14 H. || ἑμείνων codd. : ἄριστων Paus. VIII 7 6 ||
54 παραϊτέτο PDRSV : παραίτη- ABC || 55 ἵσχειν ABC Stob. :
σχέιν PDRSV || τὸ πεφρηθῆναι codd. : τὸ τε φησῆναι Clem. Alex.
Strom. VII p. 749 || 56 τὸ om. DRSV Stob. || δύνασθαι codd. :
δύνεσθαι Stob. γινέσθαι Clem. Alex. || 57 ἀποδίδοι codd. pl. : -δῶν
RV || 58 ὀρθήθη ABCP : ὀρθῆ- DRSV || 59 λέγεσθαι codd. pl. :
-γεται R || οὔτε τι codd. : οὐκέτι Stob. || 60 ἰσότη codd. pl. : ἴση- AB ||
οὐδέμια ABC : -μῆ PDRSV || 61 τε om. D || πρόέρριζος codd. pl.
(πρόέρριζος A) : -ρίζος S -ρίζος V || 62 διανοέσθαι PDRSV : -εἰσέθαι
ABC || παρακαταθήκης ABICP : παραθ- B'DRSV Stob.
87 1 οἱ om. S || οὕτω S : -ως codd. || ἐποίησαν B'PDRSV : ἴση- ABICP || 3
ἐς om. R || 6 καὶ om. ABIC || 7 πεντατηρίς B'PDRSV : πεντήρης ABICP

94 οὐδὲ λαθόν· ὅς δ' ἂν ἔχον ταῦτα ἀπαιτή, τούτω ἀπο-

ε δοῦναι. » Ὁ μὲν δὴ ἀπὸ Μιλήτου ἦκον ἑξέως τοσαῦτα ὅς β

Ἐλέα, Γλαῦκος δὲ ἐδέξατο τὴν παρακαταθήκην ἐπὶ τῷ

εφημέριον λόγῳ. Χρόνου δὲ πολλοὶ διαβάντος ἦλθον ἐς

Σπέρτην τοῦτου τοῦ παραθεμένου τὰ χρήματα οἱ παῖδες,

ἄδρόντες δὲ ἐς λόγους τῷ Γλαῦκῳ καὶ ἀποδεικνύντες τὰ

σύμβολα ἀπαίτεον τὰ χρήματα. Ὁ δὲ διαβάτε ἀντυποκρι-

35 νέμενος τοῖσδε· « Οὐτε μέμνημαι τὸ πρήγμα οὐτε με περι-

ε φέρι οὐδὲν εἰδέναι τούτων τῶν ὑμῶν λέγεται· βούλομαι δὲ

ε ἀναμνηθεὶς ποιῆσαι πᾶν τὸ δίκαιον, καὶ γὰρ εἰ ἔλαθον,

ε ὀρθῶς ἀποδοῦναι, καὶ εἰ γε ἀρχὴν μὴ ἔλαθον, νόμοισι τοῖσι

ε Ἐλλήνων χρήσομαι ἐς ὕμεις. Ταῦτα δὲν ὄμην ἀναβάλλομαι ὅς

ε κωλύσων ἐς τέταρτον μῆνα ἀπὸ τοῦδε. » Οἱ μὲν δὴ γ

Μιλήται συμφορὴν ποιούμενοι ἀπαλλάσσοντο ὅς ἀπεστειρη-

μῆνοι τῶν χρημάτων, Γλαῦκος δὲ ἐπορεύετο ἐς Δελφοὺς

χρησόμενος τῷ χρηστηρίῳ. Ἐπειρωτῶντα δὲ αὐτὸν τὸ

χρηστήριον εἰ ὄρκῳ τὰ χρήματα ληίστηται, ἢ Γιούβη ὅς

μετέρχεται τοσαῦτα τοῖσι ἔπειτα·

ε Γλαῦκε Ἐπικυδαεῖδη, τὸ μὲν αὐτίκα κέρβιον οὕτω

ὄρκῳ νεφέσαι καὶ χρήματα ληίσασθαι·

ὄμνυ, ἔπειθ ἰάνετός γε καὶ εὐορκον μῆναι ἄνδρα.

Ἄλλ' ὄρκου πάς ἔστιν, ἀνόνυμος οὐδ' ἐπὶ χεῖρας

οὐδὲ πόδας· κρατινὸς δὲ μετέρχεται, εἰς δ κε πῶσον

86 39 ταῦτα codd. An τούτῳ || ἀπαιτή PHS : -τίαι celi. || 31
παρακαταθήκην ABICP : παραθ. B'PDRSV || 32 κολλῶς om. Stob. ||
88 Σπέρτην codd. pl. : τὴν Σπ. CP || τούτου om. Stob. || 34-35 καί...
εἰσέβαλε om. Stob. || 36 ἀποδεικνύντες ABCP : -δεικνύντες DRSV
|| 37 τῶν DRSV : ὅν ABCP || 38 Krüger : τι codd. pl. om. R || 41
ποιέμενοι PDRSV Stob. : ποιήμενοι ABC || 42-43 ὅς... τῶν χρε-
μῶν om. Stob. || ἀπεστειρημένοι ABCPD : ἀπεστειρη- R ἀπεστη- V
ἀπερημη- S || 44 εὐτόν om. S || 44-45 τὸ χρηστήριον om. Stob. || 45
ληίστηται ABCDR : -τα PSV Stob. || 46 τοῖσδε τοῖσι ABCP (cf.
Paus. 320) : τοῖσδε τοῖσι Laur. LXX 6 τοῖσι τοῖσιν D'R τοῖσι(ς)
PDRSV || 48 ληίσασθαι BP : ληίσασθαι celi. || 60 ἀνόνυμος ABCP :
εἰσέρος DRY ἐπιμάλας S || 51 πραιπὸς ABCPD : -πὸς DRSV Stob.

ANEXO V

Aristófanes, As Vespas ,

VV. 1399-1432

79

ΣΦΗΚΕΣ

- Έγώ γάρ ὅτις ἐπιπρὸς αὐτὸν εἶπεν εἰδομὲν σοι, ἦν ἔν σοι τάξῃς, καὶ χέριν πρὸς εἴσομαι. 1420
- Φι. Ἐγὼ μὲν οὖν αὐτῷ διαλλαχθήσομαι ἐκὼν ὁμολογῶ γὰρ πατάξαι καὶ βαλεῖν. 1421
- Ἄλλ' ἔλαθ' ἐκεῖν' ἰσχυρὸν ἐπιπρὸς αὐτῷ εἶπεν ὅτι χεῖρ' ἐμὴν ἔπεισεν ἄφρονον τοῦ πρῶτου εἶναι φίλον τὸ λοιπὸν, ἢ σὺ μοι φράσεις; 1425
- Ἄνῃρ Σουδαρτίης ἐξέτισεν ἐξ ἄρματος, Σὺ λέγε. Διὸν γὰρ σὸ δέειμ' οὐδὲ πρῶτα φησὶν καὶ πῶς καταέγη τῆς καφάλης μέγα σφόδρα; 1430
- Φι. Ἐτύχαιεν γὰρ σὸ τρίβων ἄν ἱππικῆς. Κἄπειτ' ἔπιστάς εἴπ' ἄνῃρ αὐτῷ φίλος; 1431
- Ἐρδοί τις ἦν ἕκαστος εἰδείη τέχνην. » Οὕτω δὲ καὶ σὸ παρὰ τῆς εἰς τὰ Πιττάλων. 1432
- Ὅμοιά σου καὶ ταῦτα τοῖς ἄλλοις τρώπαις. 1433
- Ἄλλ' ὄν σοι μέμνησ' οὕτως ἀπεκρίνατο. 1434
- Φι. Ἄκουε, μὴ φροῦγ'. Ἐν Σουδαρτίῳ γυνὴ ποτε κατὰξ' ἔχθινον. 1435
- Ἄνῃρ ἔγὼ μεμνῶμαι. 1436
- Φι. Οὐχίτις οὖν ἔχων τιν' ἐπιμαρτύρατο; 1437
- εἶδ' ἢ Σουδαρτίης εἶπεν; » Εἰ καὶ τὸν Κόριον τὴν μεμνῶμαι ταύτην ἔλασεν ἔν τάξει ἐπίβασμον ἐπιπρὸς, νοῦν ἔν σῆχος πλάσινα. » 1438
- Ἄνῃρ ἔγὼ, ἔσας ἔν τὴν Διμήτηρ' ἔτ' ἐνταυθοῖ μενεσίς, 1439
- Ἄλλ' ἀράμενος εἶσα σὺ — 1440

1420 τοῖς Dindorf; προσ - RV || 1421 διαλλαχθήσομαι V; διαλλαχθήσομαι R || 1422 πρότερον Bentley; πρότερον RV || 1423 πρῶτος RV Αἰδ.; πρότερος B || 1428 ἄν; cf. ad 1417; par. R Ker. V || 1428 μέγα B Αἰδ.; μεγαλὴ RV || 1438 σοῦ V; σοῦ R || 1439 ἄν; cf. ad 1417; om. R Ker. V || ὄντος Melncke; ὄντος RV || 1438 Σουδαρτίης VSB.; βάρβα. R δόξα SMC || 1438 εἶπεν RV; εἶπεν V || 1441 ἄν; cf. ad 1417; om V Ker. R || 1443 Διμήτηρ' R; Διμήτηρας V || 1443 εἶσα σὺ — Reiske; εἶσα σὺ RV Αἰδ. εἶπες B.

79

ΣΦΗΚΕΣ

- τῆς Ἀγκυλιανῆς θυγατρὸς καὶ Σουδαρτίης, οὕτω διαφθαίρας ἐμοῦ τὰ φορτία. 1440
- Φι. Ἄκουσον, ὃ γόνει· λόγον σοι βοόλομαι λέξαι χερσίναντα. 1441
- Μὰ Δία μὴ μοι γ', ὃ μέλα. 1442
- Φι. Ἄκουσον ἐπὶ δακτύλου βαδίζων ἄσπερος θρασεία καὶ μεθύση τις θλάσσει κόπον. 1443
- Κἄπειτ' ἔκτινος εἶπεν; » Ὡ κόν, κόν, εἰ νῆ Δι' ἀντι τῆς κειρῆς γλώττης ποδῶν πύρρος πρῶται, σφρονεῖν ἔν μοι δοκέει; » 1444
- Καὶ κατατάξαις μου; Προκαλοῦμαι σ' ὅστις εἰ πρὸς ποδὸς ἐγορανόμους βλάβης τῶν φορτίων, κλητήρ' ἔχουσα Χαιραφθίνα τούτων; 1445
- Φι. Μὰ Δι', ἄλλ' ἄκουσον, ἦν τί σοι δόξα λέγειν. Ἀσπὸς ποτ' ἀντεδίδασκε καὶ Σιμωνίδης; 1446
- ἔπειθ' ὃ Ἄσπας εἶπεν; » Ὀλίγον μοι μέλα. » 1447
- Ἄληθες, οὕτως; Καὶ σὸ δὲ μοι, Χαιραφθῶν, γυναικὶ κλητῶντιν εὐκείας θαψίνῃ. 1448
- Ἴνοι φραμαμένη πρὸς ποδῶν Εδραπίδου. 1449
- Ὅδὲ τις ἔταρος, ὃς εὐκριν, ἔρχεται καλούμενός σε τόν γέ τοι κλητήρ' ἔχει. 1450

1397-1404 desunt in Γ || 1404 ἄκουσον RS; ἄκουσον V || 1408 ὀλίγου S (μεθύση κόπον); ὀλίγου RVB (ἄσπερος S) || 1408 προσ - RV; πρὸς - S || 1412 Γν. Coelian; cf. ad 1399; om. VB Bde. ἢ φερ. R Bde. Αἰδ. ἄφρ. Τυρναβίτ || φλ. Reiske; om. RV || 1413 κλητῶντιν RV Αἰδ. S; κλητῶντιν B || εὐκείας SV, ubi ὀλίγου; εὐκείας θαψίνῃ ex ὀλίγου εὐκείας restitit. Reiske; εὐκείας RVB Αἰδ. S || 1415 Bde. V; φερ. R || 1417 ἄνῃρ Coelian; par. RV ἄνῃρ τῆς Εδρ. Στ. μ. Ἄλλως κατ. SV || 1418 καλλῆρ Reiske; καλλῆρ RV.

ΑΝΗΡ

· Ὅμοι ἐκκοδείμων. Προκαλοῦμαι σ', ὃ γόνει, θέρως.

ΒΔ.

· Ἄνῃρ εἶπεν; Μῆ, μὴ καλέσῃ, πρὸς τῶν θεῶν.

ANEXO VI

Platão, Fedon, 60 b-c

60 e

ΦΑΙΔΩΝ

6

τὸ ἀγαθόν, ἥτιν δὴ φαίνεται ἐπικολουθῶν τὸ ἴδιον. »
 Ὁ οὖν Κλέης ὑπολαβὼν· « Νῆ τὸν Δία, ὁ Σώκρατες, ἔφη, εὖ γ' ἐποίησας ἀναμνήσας με. Περὶ γὰρ τοι τῶν ποιημάτων, ἃν πεποήκεις ἐνταίνας τοῦ Αἰσώπου ἄ λόγους καὶ τὸ εἰς τὸν Ἀπόλλω προοίμιον, καὶ ἄλλοι τινὲς με ἤδη ἤρουντο, ἀτὰρ καὶ Εὐρηος πρόφηγ, ὅτι ποτὲ διανοηθεὶς, ἐπειδὴ δεῦρο ἦλθες, ἐποίησας αὐτὰ πρότερον οὐδὲν ἰσχυρῶς ποιήσας. Εἰ οὖν τί σοι μέλει τοῦ ἔχειν ἐμὲ Εὐρύφω ἀποκρίνασθαι ὅταν με αὖθις ἐρωτῆ, εἰ οἶδα γὰρ ὅτι ἐρήσεται, εἰπὲ τί χρὴ λέγειν. — Λέγε τοίνυν, ἔφη, αὐτῷ, ὃν Κλέης, τῶληθθ, ὅτι οὐκ ἀκαίρως βουλόμενος οὐδὲ τοῖς ποιήμασιν αὐτοῦ ἀντίτεχνος εἶναι ἐποίησα ταῦτα, ἥδων γὰρ ὡς οὐ βέβαιον εἶη, ἀλλ' ἐντυπῖον τινῶν ἀποπειρώμενος ἔ τι λέγοι καὶ ἀφουσιούμενος, εἰ ἔρα πολλάκις ταύτην τὴν μουσικὴν μοι ἐπιτέττοι ποιεῖν. Ἦν γὰρ δὴ ἔττα τοιάδε. Πολλάκις μοι φοιτῶν τὸ αὐτὸ ἐνύπνιον ἐν τῷ παρελθόντι βίῳ, ἄλλοτ' ἐν ἄλλῃ ὕμνῳ φαινόμενον, τὰ αὐτὰ δὲ λέγων· « Ὁ Σώκρατες », ἔφη, « μουσικὴν ποίει καὶ ἐργάζου, » Καὶ ἐγὼ, ἐν γε τῷ πρόσθεν χρόνῳ, ὅπερ ἔπρασσον, τοῦτο ὑπελάμβανον αὐτὸ μοι παρακαλεῖσθαι τε καὶ ἐπικαλεῖσθαι, ὅσπερ οἱ τοῖς θεοῖσι διακαλεσόμενοι, καὶ ἔμοι οὕτω τὸ εἶ ἐνύπνιον ὅπερ ἔπρασσον τοῦτο ἐπικαλεῖσθαι, μουσικὴν ποιεῖν, ὡς φιλοσοφίας μὲν οὕσης μεγίστης μουσικῆς, ἔμοι δὲ τοῦτο πρᾶττοντος. Νῦν δ' ἐπειδὴ ἦ τε δίκη ἐγένετο καὶ ἡ τοῦ θεοῦ ἐρωτὴ διεκόλυκ με ἀποδηῆσκαίν, ἔδοξε χρῆσθαι, εἰ ἔρα πολλάκις μοι προστέττοι τὸ ἐνύπνιον ταύτην τὴν δημόδιη μουσικὴν ποιεῖν, μὴ ἀπειθῆσαι αὐτῷ ἀλλὰ ποιεῖν· ἀσφαλέστερον γὰρ εἶναι μὴ ἀπιάναι τριῖν ἀφοσιώσασθαι

ο γ ἀγαθόν: ἀγαθὸν TY Stob. || 9 γ' ἐποίησας: γι ποιήσας W || δ β ἀποκρίνασθαι: -ιεσθαι TY || ἐρωτῆ: ἐρήται B¹ (i. m.) T¹ (η αι α. u.) W || 7 χρὴ: χρῆ με B¹ (α. u.) W || 9 ἥδων: ἦδη Burnet || ο ι ὡς: ὡς οἱ B || α λῆτοι T¹ (om.): -τοι B¹ (i. m.) T¹ γαν BW || ἀρα B¹ (α. u.): om. B || 3 ἐπιτέττοι: -ττοι W || 5 ἄλλοτ': -τοι WY || 61 α δ δ': δὲ W || 8 εἶναι: εἶ. ἐνόμενον (α. u.) B¹ W || πρὶν: πρὶν-τρον (i. m.) π. ἢν (α. u.) B¹ W.

60 e

ΦΑΙΔΩΝ

6

ἐνδεκα Σωκράτη καὶ παρεγγύλλουσι ὅπως ἔν τῆδε τῇ ἡμέρᾳ τελευτῆ. » Ὁ πολλὸν δ' οὖν χρόνον ἐπιωχὼν ἦεν καὶ ἀέκων ἡμῶς εἰσέναι.
 Εἰσέντας οὖν καταλαμβάνουσι τὸν μὲν Σωκράτη ἔρτι λαλοῦντα, τὴν δὲ Σανθίπτην (γυνώσκεις γάρ) ἔχουσαν τε ὅθι τὸ παιδίον αὐτῷ καὶ περικρατῆμένην. Ὡς οὖν εἶδεν ἡμῶς ἡ Σανθίπτη, ἀνασημῆσέ τε καὶ τοιαῦτ' ἔττα εἶπεν οἷα δὴ εἶδεναι αἱ γυναῖκες, ὅτι· « Ὁ Σώκρατες, ὕστατον δὴ σε προσεσθαι νῦν οἱ ἐπιτέθειται καὶ σὸ τούτους. » Καὶ ὁ Σωκράτης, βλέψας εἰς τὸν Κρίωνα, « Ὁ Κρίτων », ἔφη, « ἀπηγάτε τὴς αὐτῆν οἰκᾶδα. » Καὶ ἀκείνην μὲν ἀπηγάγοντας τὴν τοῦ Κρίτωνος, βοδῶσαν τε καὶ κοπιωμένην.
 Ὁ δὲ Σωκράτης ἀνεκαθιζόμενος εἰς τὴν κλίνην συνέ- κ α κμήσά τε τὸ σκέλος καὶ ἐξέτριψε τῆ χειρὶ, καὶ πρὶθων ἔμα· « Ὡς ἔσπετον, ἔφη, ὁ ἄνδρας, εἰκαέ τι εἶναι τοῦτο β καλοῦσιν οἱ ἄνθρωποι ἴδιον ὡς θαυμασιῶς πέφυκα πρὸς τὸ δοκεῖν ἐνεντίον εἶναι, τὸ λυπηρόν. Τὸ ἔμα μὲν αὐτῷ μὴ ἐθέλων παρεγγύλασθαι τῷ ἀνθρώπῳ, ἔαν δὲ τις διώκῃ τὸ ἔσπερον καὶ λαμβάνῃ, σφαλὲν τι ἀναγκάσεισθαι αὐτὸ λαμβάνειν καὶ τὸ ἔσπερον, ὅσπερ ἐκ μίθης κορυφῆς ἡμμένω δὲ ὕστα. Καὶ μοι δοκεῖ, ἔφη, εἰ ἐνενησεν αὐτὸ Αἰσώπος, μῦθον ἂν ο συνθέσθαι, ὡς δ θεός, βουλόμενος αὐτὰ διαλλάξαι πολε- μούσκα, ἐπειδὴ οὐκ ἐδόνατο, συνηψεν εἰς ταῦτόν αὐτοῖς τὰς κορυφάς· καὶ διὰ ταῦτα ἔ ἂν τὸ ἔσπερον παραγνήσται, ἐπικαλοῦσθαι ἕσπερον καὶ τὸ ἔσπερον. Ὡσπερ οὖν καὶ αὐτῷ μοι δοκεῖν· ἐπειδὴ ὅτι τοῦ διασημοῦ ἦν ἐν τῷ σκέλει

ο γ τελευτῆ: -τήρη BW || 8 εἰσέναι: -εν W || 9 εἰσέντας: -αλόγους B¹ (om.) W || 60 α ι γυνώσκεις: γινώσκεις BWY || 8 ἀναμνήσας: ἀμνησ. Burnet || ἔττα: om. TWY || 7 αὐτῆν: ταύτην TWY || β ι εἰς W¹ (α. u.) ἐπὶ B¹ (α. u.) T¹ (i. m.) WY || α ἐξέτριψε: ἐτριψε TY || 3 τι (et Thesam. M.): om. W Stob. || 5 τὸ ἔμα: τῷ δ. B¹ T¹ (α. u.) Stob. || εἰδὴ (et Stob.): -τὸ Y || 6 ἐθέλων: θέλων W Stob. || 7 αὐτὸ (et Stob.): αὐτὸ ἀναγκάσει. W om. B || 8 ἡμμένω (et Stob.): συνηψ. BW || 9 ε ἰθὺστρο (et Stob.): ἴθ. W || συνηψεν: συν. W || εἰς ταῦτόν: om. Stob.¹ || αὐτοῖς: -των TY Stob. || 4 ψ: ἂν Stob. || 6 αὐτῷ (et Stob.¹ αὐτῷ): -τῷ W || αὐτῶν (et Stob.): αἱ. ἀπρότερον B¹ (i. m.) W. IV. — 7

ANEXO VII

Aristóteles. Retórica, 1393 b

105 ΤΕΧΝΗΣ ΡΗΤΟΡΙΚΗΣ Β (30) 1393 b

κατείχε λιμώνα μόνος, ελθόντος δ' ελέφου και διαφθείροντος την νομήν βουλόμενος τιμωρήσασθαι τὸν Ελαφον ἥρῳτα τινά κύνρωπον εἰ δύναται ἐν μετ' αὐτοῦ τιμωρήσασθαι τὸν Ελαφον, ἵς δ' ἔφησεν, ἐὰν λάβῃ χαλινὸν και αὐτὸς ἀναβῆ ἐπ' αὐτὸν ἔχων ἀκόντια· συνομιλοῦσαντος δὲ και ἀναβάντος ἀντὶ τοῦ τιμωρήσασθαι αὐτὸς ἐδούλευσε τῷ ἀνθρώπῳ. κ Οὗτω δὲ και ὁμεις », ἔφη, « ὄρατε μὴ βουλόμενοι τοὺς πολέμιους τιμωρήσασθαι τὸ αὐτὸ πάθητε τῷ ἵππῳ· τὸν μὲν γὰρ χαλινὸν ἔχετε ἐν ἡδῇ, ἐλόμενοι στρατηγὸν αὐτοκράτορα· ἐὰν δὲ φυλακὴν δότε και ἀνασθῆναι ἐάσητε, δουλεύσετε ἡδῇ Φαλάρει ». Αἴσωπος δὲ ἐν Σάμῳ δημηγορῶν κρινόμενος δημηγοροῦσθαι περὶ θανάτου ἔφη ἀλώπεκα ἀπιδένουσαν ποταρὸν ἀπωσθῆναι εἰς φάραγγα, οὐ δύναμένῃ δὲ ἐκθῆναι πολλὸν χρόνον κακοπαθεῖν και κυνοραϊσ- τὰς πολλοὺς ἔχεσθαι αὐτῆς. ἔχινου δὲ πλανώμενον, ὡς εἶδεν αὐτὴν, κατοικτεῖραντα ἔρωτῶν εἰ ἀφέλοι αὐτῆς τοὺς κυνοραϊσ- τὰς, τὴν δὲ οὐκ ἔδαν· ἐρομένου δὲ διὰ τί, ὅτι οὗτοι μὲν φάναι ἡδῇ μου πλήρεις εἶσι και ὀλίγον ἔλκουσιν αἶμα, ἐὰν δὲ τούτους ἀφέλῃ, ἔτεροι ἐλθόντες πεινῶντες ἐκπιθούναί μου τὸ λοιπὸν ἐν αἶμα. κ Ἀτὰρ και ὄρατε, ἄνδρες Σάμιοι, οὗτος μὲν οὐδὲν ἐτι βλάμει (πλοῦσιος γὰρ ἔστιν), ἐὰν δὲ τούτων ἀποκτείνῃτε, ἔτεροι ἕξουσι πένητες, οἱ ὄρην ἀναλόσουσι τὰ λοιπὰ κλέπ- τόντες. »

13 διαφθείροντος : διαφθείραντος DEQZ || 14 τινά ΑΓ : τὸν Ω || 15 ἐν ὄμ. || αὐτὸ Α corr. : αὐτὸν Α' || τιμωρήσασθαι εκ ΑΓ Speng. : κολάζει Ω || 16 κύνρωπον : φωνὴ ΘΔΕ, ὁ δὲ φωνὴ C || λάβῃ : λάβῃς DEYZ || 17 ἀκόν- τια : ἀκόντιον Γ || συνομιλοῦσαντος : συνομιλοῦσατο Q || 18 ἡδῇ post ἐδούλευσεν Ω || οὗτω δὲ Α' : δ' οὐ Α. rec. || 19 ἔφη ὄρατε : ὄρατε φησὶ || τιμωρήσασθαι ταῦτο : μὴ τοὺς πολέμιους βουλόμενον τιμωρ. ταῦτά Ω || 20 τὸν : τὸ Α || ἔχετε ἡδῇ : ἡδῇ ἔχ. Ω ἡδῇ del. Usang || 21 και ἀναβ- ούσασθαι Ω || 22 δουλεύετε : δουλεύετε ΗQZ || 23 δημηγορῶν : συνομιλοῦν ΘΔΕ || δημηγοροῦ κρινόμενος ΘΔΕ κριν. δημ. Α || 28 ὅτι — πλήρεις εἶσι : φάναι (φάναι μὲν Ζ) ὅτι οὗτοι μὲν πλήρεις μου φῆναι Ω || 30 ἀπιδέναι Α, ἀπιδέναι Speng. || 31 ἀτὰρ και : ita et nos Guil., ἀτὰρ οὐν και Ω (ἀτὰρ οὐν om. D) || 17 ὡ om. ΑΓ del. Speng. || 32 βλάμει : βλάμ- νει Ω || τούτων om. Γ. || 94 κ ὄρην — κλέκτοντες : εκ nos ἀποκτείνουσας relique furantes Guil., ὡς ἀναλ. τὸ λοιπὸ κ. Romm.

106 ΤΕΧΝΗΣ ΡΗΤΟΡΙΚΗΣ Β (30) 1393 a

ἔστιν. Πρῶτον μὲν οὐν περὶ παραδείγματα λέγωμεν· ὅμοιον γὰρ ἐπαγωγὴ τὸ παράδειγμα, ἡ δ' ἐπαγωγὴ ἀρχή.

Παραδείγματα δὲ εἶδη δύο· ἓν μὲν γὰρ ἔστιν παραδείγμα- τος εἶδος τὸ λέγειν πράγματα προγεγενημένα, ἓν δὲ τὸ αὐτὸν ποιεῖν. Τούτου δὲ ἓν μὲν παραβολὴ ἓν δὲ λόγοι, οἷον οἱ Αἰσώ- σοιοι και Λιβυκοί.

Ἔστιν δὲ τὸ μὲν πράγματα λέγειν τοιούδε τι, ὡπερ εἰ τις λέγοι ὅτι δεῖ πρὸς βασιλέα παρασκευάζεσθαι και μὴ ἔδαν Αἴγυπτον χερύσασθαι· και γὰρ πρότερον Δαρείος οὐ πρότερον διέβη πρὶν Αἴγυπτον ἔλασεν, λαβὼν δὲ διέβη, και πάλιν Ξέρξης οὐ πρότερον ἐπεχείρησεν πρὶν ἔλασεν, λαβὼν δὲ διέβη, ὡστε και οὗτος ἐὰν λάβῃ, διεθήσεται, διὸ οὐκ ἐπι- τρεπτόν.

Παραβολὴ δὲ τὰ Σακρατικά εἶναι εἰ τις λέγοι ὅτι οὐ δεῖ κληρωτοὺς ἔρχειν. Ὅμοιον γὰρ ὡπερ ἓν εἰ τις τοὺς 5 ἀθηναίους κληροῖ μὴ οἱ δύναται ἀκονίζεσθαι ἀλλ' οἱ ἔδαν λάχουσιν, ἢ τῶν πλοσῆρων οὐ τινα δεῖ κυβερνᾶν κληρώσειεν, ὡς οὐ δέον τὸν ἐπισητάμενον ἀλλὰ τὸν λαχόντα.

Λόγος δὲ, οἷος ὁ Στρηιχόρου περὶ Φαλάρειδος και Αἰσώπου ὕπερ τοῦ δημαγω- γοῦ. Στρηιχόρος μὲν γὰρ ἐλαμένον στρατηγὸν αὐτοκράτορα 10 τῶν ἡμερῶν Φάλαριν και μελλόντων φυλακὴν δίδουαι τοῦ σώματος, τᾶλλα διαλεχθεὶς εἶπεν αὐτοῖς λόγον ὡς ἵππος

26 μὲν om. ΘC. || 28 δύο : δύο ἐστὶν Ω || 31 Λιβυκοί : Λιβύης EQ. Αἰσώης YZ || πράγματα Speng. : παραδείγματα Α, ἔστι δὲ τὸ μὲν παράδειγμα τοιούδε τι Ω || 33 πρότερον ἀπὲ Δαρείος ΑΓ. || 93 b 1 ἔλασεν : λαβὼν Ω || και πάλιν — διέβη om. ΘΔΕ (?) || 3 αὐτὸς τὸν ΑΓ : οὐν ἔδαν ΘBCD || λάβῃ : λάβῃς BYZ ομοίως διεθήσεται, quod om. ei C || 4 δὲ : δὲ και Ω || τὰ Σακρατικά om. Γ (M) del. Rossm. || ὅτι post λάχοι om. Ω || 5 κληρωτοὺς : τοὺς κλ. ΘΒDE || ἔδαν post ὡπερ om. Ω || 6 μὴ οἱ δύναται Speng. Rossm. : οἱ μὴ δύν. ΑΓ, μὴ οἱ ἔδαν δύναται Ω || 8 ὡς — λαχόντα Valhton Speng. Rossm. : ὡς οὐ δύν. τὸν λαχ. ἀλλὰ τὸν ἐπιστ. Α, ὡς δέον τὸν λαχ. ἀλλὰ μὴ ἐπιστάμενον Ω, δέον δὲ... DE(?)QZ || δὲ post λόγος om. Ω || 9 ὁ ὅ ante Στρηιχόρου Α rec. || περὶ Φαλάρειδος : πρὸς Φάλαριν Ω || δημαγωγὸς ΑΓ : δημηγόρον DQYZ.

ANEXO VIII

OS PÁSSAROS E OS MACACOS

Existe na beira do rio Narmadá, ao pé de uma montanha, uma frondosa árvore de paina. Nela os pássaros haviam construído seus ninhos e procuravam abrigo na estação das chuvas. Um dia, quando o céu estava coberto de escuro véu de nuvens, caiu um tremendo aguaceiro com jatos violentos. Então os pássaros, notando que havia sob a árvore macacos transidos de frio, tremendo, disseram: "Olá, macacos! Escutai:

"Nós mesmos nos fizemos os ninhos com ervas que trouxemos para cá apenas com o auxílio de nossos bicos; e vós, que possuis mãos, pés, etc., por que estais aflitos?"

Ouvindo isso, os macacos, irados, refletiam: "Oh! esses pássaros, porque estão no seu conforto, bem protegidos no interior dos ninhos, zombam de nós. Pois seja: esperem só que a chuva passe..." Então, quando a chuva parou, os macacos subiram na árvore e quebraram todos os ninhos, jogando os ovos dos pássaros. Então eu digo:

"Deve-se ensinar uma pessoa sábia, e não uma tola. Por haver instruído os macacos ignorantes, os pássaros perderam sua morada."

(Fábulas do Hitopadexa, L.III,1.
Trad. de Maria Luiza Fernandez
Miazzi; São Paulo, 1976, p.72)

